nossa vida  
dominicana

F.-D. Joret, O. P.

nossa vida  
dominicana



com um prefácio  
do Rev. Padre Motte, O.P.  
Prior Provincial da Província da França

*Sal da Terra*

Lemos o trabalho do Padre F.-D. Joret, intitulado *Nossa Vida Dominicana*, e o achamos digno de publicação.

|  |  |
| --- | --- |
| 10 de março de 1936  Ir. R. Bernard, O.P. Lector em Teologia Sagrada | 10 de março de 1936  Ir. M.-V. Bernadot, O.P. Lector em Teologia Sagrada |
| **Nihil obstat**  Fr. J. Padé, O. P. Pr. Prov. | |
| **Imprimatur**  Poitiers, 6 de junho de 1936  J. Braudv . g. | |

## Prefácio

Um livro bem feito é apenas tão bom quanto a verdade que serve. Este é o caso com este. Para seus elogios bastará mencionar brevemente a causa à qual se dedica: é mérito do Padre Joret ter subido ao seu nível, ou melhor, ter-se revelado perfeitamente à vontade, como um verdadeiro filho falando da casa de seu pai.

É uma verdade banal hoje que uma vasta mobilização espiritual deve convocar todas as almas de boa vontade para uma reconstrução urgente. Os católicos, mais do que qualquer outra pessoa, não podem escapar da chamada. Em particular, todas as famílias espirituais que estão agrupadas na grande Igreja devem tomar consciência do papel que lhes cabe. Não são as forças das quais eles são os guardiões entre aquelas de que o país - e o mundo - mais necessitam urgentemente? As forças dos ideais, as forças da devoção, as forças do auto-sacrifício, os recursos - que maravilha para aqueles que compreendem! - de fé, esperança, caridade, prudência, justiça, força, temperança, pobreza, castidade e obediência. E toda Ordem religiosa encontra na situação atual um novo motivo para mostrar-se plenamente, já que só pode servir melhor ao bem público sendo mais fiel a sua própria vocação.

A recuperação da França quer Irmãos que sejam educadores perfeitos e Irmãs Visitantes capazes de fazer honra à assistência social. Não quer menos o espetáculo da pobreza franciscana e a majestade pacífica dos escritórios beneditinos, a labuta e a austeridade dos trapistas, a contemplação do Carmelo apontando para Deus e proclamando o único necessário.

Ele também quer o brilho luminoso de "nossa vida dominicana". E se não nos cabe colocar este pedido à frente dos outros na ordem das necessidades públicas, é nosso dever, como filhos de São Domingos, dar-lhe o primeiro lugar em nossa atenção pessoal.

Portanto, a honra de um belo papel a desempenhar apenas denuncia a gravidade da obrigação correspondente: não podemos medi-la por nossa parte sem sentirmo-nos imediatamente levados a mais modéstia em nosso ardor, a mais humildade em nossa confiança.

Ninguém teria dificuldade em admitir o quanto nossos tempos conturbados carecem de tudo o que o lema dominicano "Veritas" evoca.

Se não é necessário ter sido aluno de Arcueil para 'odiar as mentiras que nos fizeram tanto mal', acontece que a agora famosa frase veio para destacar, com toda a autoridade necessária, a atualidade deste querido 'mot d'Ordre' que sempre foi para nós a Verdade.

Um mundo de enganadores e enganados não pode ser um mundo longo ou profundamente feliz. As vozes que se espalham semeiam inevitavelmente a discórdia e a infelicidade. Onde não há honestidade, não pode haver reconciliação dos homens. É uma tarefa primordial e urgente para promover a luz.

Mas a luta contra as mentiras não esgota este programa. O erro, mesmo de boa fé, é um mal com conseqüências desastrosas. Como um feliz ajuste dos homens às condições reais da vida poderia ser possível sem o conhecimento da verdade? A primeira condição para qualquer sucesso individual ou coletivo é o respeito pelo que é, pelo que somos, pelo que os outros são e, finalmente, pelo que Deus é. O mundo só será salvo do erro negro cujas conseqüências sangrentas estamos registrando com horror, pela sabedoria.

Nem toda a sabedoria pode aspirar a este papel salvador. A paz precisa de fundamentos inabaláveis, e se a justiça e o amor, que são seus principais pilares, têm apenas fundamentos superficiais, o braço de um Sansão é suficiente para fazê-los vacilar. Para encontrar a rocha sobre a qual descansar, devemos descer até as profundezas, até o imutável, até Deus.

É claro que a fé que nos faz tocá-la e as virtudes sobrenaturais que nos adaptam a ela não são as únicas condições para uma cidade terrestre harmoniosa e pacífica. Habilidades técnicas, economia, política, ciências positivas e todas as virtudes naturais são indispensáveis. Mas mesmo que fossem perfeitos, o essencial ainda está faltando. Toda construção humana é frágil, que não se conecta com as subestruturas espirituais do mundo; toda habilidade é curta e perigosa cujos caminhos não se conectam com os da Providência soberana que governa o universo.

Mas como podemos penetrar no mistério daqueles pensamentos de Deus que "não são nossos pensamentos", daquela obra divina da qual só podemos desvendar os elementos superficiais, e ainda muito mal? A verdadeira sabedoria só pode ser um dom gratuito de Deus.

E este presente nos foi dado. Se ao menos soubéssemos! *Si scires donum Dei*! O Filho unigênito, que está no seio do Pai, é ele quem o fez conhecido para nós. O Verbo eterno, a verdadeira luz dos homens, ele chegou a completar, encarnando-se, aquela primeira iniciação à sabedoria que ele dispensa com o germe da inteligência a todo homem que vem a este mundo. Ele nos ensinou na verdade os caminhos de Deus, unindo o testemunho do exemplo ao da palavra e o testemunho do sangue ao do exemplo. E para que sua doutrina não seja apenas uma luz externa para nossas almas, mas se torne em nós espírito e vida, um princípio de ação reta e fecunda, ele nos legou seu Espírito, que espalha o amor de Deus em nossos corações.

Assim, do Pai para nós, através de Jesus, em seu Espírito comum, flui a sabedoria luminosa e ardente que por si só responde plenamente às formidáveis e sublimes exigências de nosso destino.

Ela é pelo menos capaz de restaurar a ordem, tanto na sociedade como nas almas, porque ao ordenar todas as coisas em relação ao próprio Deus, ela fixa cada ser em seu lugar e papel, e assim garante a perfeita harmonia do todo, bem como o equilíbrio feliz das partes.

A verdadeira justiça, da qual a paz é a obra - "opus justitiæ pax", como nosso Pontífice tem o prazer de recordar em seu lema - pressupõe esta visão profunda e hierárquica do mundo. Fora disso, o homem é fatalmente limitado, mesmo quando é exaltado: o ideal terreno que lhe é atribuído mascara um ideal maior; a expansão da civilização material oprime nele o cidadão da cidade espiritual; a liberdade morre e a ordem não nasce.

Portanto, a ordem pressupõe, em última instância, o amor, o vínculo dos seres. Ajustes ditados de fora e impostos por restrições permanecem vãos se não encontrarem em alguma aspiração de almas uma cumplicidade secreta. Mas que instinto poderia reunir todos os homens para além de tantas características que os diversificam e interesses que se lhes opõem, se não o sentido de sua comunidade fraterna em Deus? A revelação do Evangelho é o fundamento do verdadeiro amor, assim como da verdadeira justiça, e se o mundo atual nos parece assustadoramente impiedoso e duro, assim como iníquo, este ainda é um mal que só a sabedoria cristã tem o poder de curar: "Aquele que não ama não conheceu Deus, porque Deus é amor", escreveu São João. Para saber amar, devemos conhecer Deus, e conhecê-lo por seu verdadeiro nome, aquele que Jesus nos ensinou: Pai, o Pai que une todos os homens em sua ternura e assim os abre ao amor mútuo.

Com que ímpeto, se entendermos isso, não deveriam concentrar-se todos os nossos desejos em favor de nossa dolorosa e querida humanidade na súplica que a Igreja lança para o Cristo esperado no tempo do Advento: "O Sapientia... O Oriens... Ó Sabedoria, que procede da boca do Altíssimo, que chega de um extremo ao outro do mundo com força e dispõe de tudo com doçura, venha e nos ensine o caminho da prudência! Ó Levante, Esplendor de luz eterna e Sol de justiça, venha iluminar aqueles que se sentam na escuridão e na sombra da morte!

Mas esta Luz divina brilhou em nossa escuridão, e os homens não a receberam. Veio, esta Sabedoria celestial, e eles zombaram sob um manto de zombaria daquele em quem ela habitava em transbordante plenitude.

A Palavra de Deus se fez ouvir, e o povo, os príncipes, os sacerdotes, conspiraram para afogar sua voz: Se ainda ressoa, apesar da cruz, da lança, da pedra do sepulcro e dos guardas, se conseguiu por sua virtude divina passar pela morte, difundir-se até os confins do universo e fazer-se ouvir por todas as gerações, atraindo para ele multidões de almas eretas e a santa elite da humanidade, permanece que a grande tristeza do mundo é a ignorância na qual ainda é mantida pela maioria dos homens.

A suprema ingratidão e irreverência para com Deus, a fonte primária de todos os males que nos assolam, fechamos nossos ouvidos à Verdade divina, abrindo-os a todas as outras vozes, as mais cruéis, as mais vãs, as mais falsas, e afundamo-nos na condenação visível.

*Veritas*! Ah! como se entende São Domingos, tremendo diante da devastação do erro e deixando tudo para ir e fazer os homens ouvirem mais uma vez a Verdade que entrega! Como se entende quem o seguiu, de Reginald de Orleans e Jordânia da Saxônia a Pedro de Verona, de Vincent Ferrier a Fr. Lacordaire, para se tornar em sua escola os "campeões da fé e das verdadeiras luzes do mundo"! Como entendemos as inumeráveis almas que, movidas pelo instinto de uma graça muito especial, ao longo do tempo e do espaço se uniram à estrela na testa, querendo em toda parte, tanto na vida de casada como atrás das portas dos mosteiros, na oficina ou no humilde trabalho doméstico, entre os grandes e os pequenos, os fiéis e os infiéis, fazer brilhar a mesma virtude luminosa diante de Deus e diante dos homens, sob a salvaguarda da penitência!

Como entendemos bem a santa ambição que anima hoje seus filhos e filhas de prolongar em nosso tempo sua presença benéfica e sua obra de salvação, e assim verificar, revivendo as virtudes de seu grande coração, que eles de fato representam, nas exaltadas palavras de seu setenta e oitavo sucessor, "o melhor das forças espirituais que a Europa de hoje, como a do início do século XIII, mais precisa para levantar suas ruínas, curar as feridas sangrentas de seu pobre corpo espancado e recuperar sua alma perdida[[1]](#footnote-2)".

Mais do que qualquer outro país, o nosso parece exigir o benefício da influência dominicana. Nossa Ordem é uma daquelas cujo berço tem a honra de ter sido; foi aqui que nasceu, aqui que gozou de seu maior prestígio no século XIII, e aqui que recuperou uma nova vitalidade há cem anos: entre os Mestres Gerais que se sucederam desde então, três dos sete são franceses, e vinte dos setenta e dois eram antes.

Estes não são fatos fortuitos. Quem pode deixar de ver o parentesco entre a franqueza do nome de nosso país e a verdade que enfeita o brasão dos pregadores? Se nossa cultura foi definida por sua afinidade típica com a luz, com o heroísmo e com o humanismo, não deveríamos considerar esta Ordem de médicos e virgens, missionários e mártires, estudiosos e artistas, como sendo muito francesa? esta Ordem cuja graça original é rica de uma só vez na luz que brilhou no rosto de nosso Patriarca, no sangue que correu sobre seu corpo flagelado e na sabedoria misericordiosa com a qual ele salvou nosso país "da mais desumana de todas as heresias[[2]](#footnote-3)".

"Nada se parece mais com o gênio francês do que o gênio dominicano", disse o Padre Lacordaire em seu Mémoire pour le rétablissement en France de l'Ordre des Frères Prêcheurs[[3]](#footnote-4) . Num momento em que o gênio francês é chamado a se mostrar igual a si mesmo diante das grandes reconstruções necessárias, não deveria o gênio dominicano estar presente, na plenitude de seus recursos, para lhe dar seu apoio? Nosso amor pela França e nosso amor pela Ordem estão unidos aqui no amor à Verdade que salva.

O que é necessário para que a família dominicana responda desta forma às exigências particulares da época e, ao mesmo tempo, a sua vocação permanente?

Antes de tudo, que todos os seus filhos conheçam e amem o Pai de quem nasceram, o espírito que ele lhes legou, o patrimônio de grandeza e santidade que lhes caiu ao longo dos séculos, aumentado a cada geração por novas riquezas, e aqueles de seus irmãos do passado que lhes deixaram o exemplo mais brilhante e lhes oferecem a ajuda mais eficaz: um São Tomás de Aquino, uma Santa Catarina de Sena, e todo aquele exército de santos e beatos cujos nomes preenchem gloriosamente nosso calendário.

Sem um contato espiritual lúcido e fervoroso com nossa tradição, corremos o risco de nos degenerarmos. Como filhos de São Domingos, devemos estar constantemente conscientes do que nosso Pai queria, do que nossos santos fizeram em seu seguimento. Quanto mais o mundo muda, mais seu clima muda, mais a árvore velha deve se adaptar e desenvolver novos ramos, mais é necessário que a seiva autêntica circule nela para manter o elo vital entre os últimos ramos e a venerável raiz.

Só cumpriremos nosso papel ao preço desta fidelidade. Somente aqueles que são inspirados por um verdadeiro espírito dominicano poderão ser os propagadores da luz, os defensores das almas, os treinadores dos homens, os trabalhadores pela ordem, concórdia e paz, que o mundo tem o direito de pedir à Ordem da Verdade. Pregadores, monjas, irmãs dos diversos grupos da Ordem Terceira Regular, professores, missionários, internados, irmãos e irmãs da Ordem Terceira Secular, só teremos influência sobre o destino da França e do Cristianismo, como queremos e devemos para a honra de nosso Pai, se compreendermos com toda a verdade e amor com todo fervor "nossa vida dominicana".

É exatamente isso que o livro do Padre Joret nos ajuda a fazer, porque procede de tal conhecimento e amor, consagrado por toda uma vida.

Um conhecimento familiar da Ordem é revelado em toda parte, tanto teórico quanto prático, rico em fatos e reflexões. A história, a hagiografia e a liturgia são abundantemente exploradas, evocando muito concretamente a fisionomia do Fundador e da fundação, desde a origem até a última geração, da qual se tem o prazer de ver mais de um representante nomeado de passagem. Mas nesta realidade viva e complexa, um pensador e um teólogo a examinaram, que sabe analisar, pesar, ordenar e destacar à luz de princípios muito sólidos.

Nossos terciários compreenderão melhor, por exemplo, seu estado de vida, vendo-o exatamente situado em relação aos personagens sacramentais, à virtude da religião e a todo o organismo sobrenatural. A mortificação, melhor explicada do ponto de vista das afinidades da graça e da cruz, parecerá mais amigável para todos, e a percepção mais exata do espírito que anima toda a Ordem tornará a economia interna de sua vida mais inteligível. Uma pequena síntese da espiritualidade dominicana é oferecida aqui, precisa e firme ao ponto, rica e sóbria ao mesmo tempo, para o maior benefício daqueles que querem vivê-la sem poder se engajar em longos estudos.

Tudo isso é descrito e apresentado com amor. O amor de São Domingos resplandece no belo capítulo dedicado a ele e muitas vezes em outros lugares. O amor à Virgem, nossa fundadora também, não é nem menos sensível nem menos delicado. O amor da Ordem, "verdadeira família", transparece em cada página, nunca indiscreto, mas sempre tão profundo quanto lúcido. E como não reconhecer nos preciosos comentários dedicados, entre outras coisas, à oração dominicana e ao nosso ofício canônico, a experiência de alguém que os praticou com amor?

O que torna esta apresentação muito simples tão valiosa é precisamente o testemunho de uma vida.

O Pe. Joret morreu menos de um ano após a sua conclusão. A medida em que ele tinha se empenhado totalmente, as frases com as quais seu sono foi misturado na própria noite de sua morte dizem bem: "Era nossa vida dominicana que ele estava retrabalhando em espírito[[4]](#footnote-5).

Não podemos duvidar: é de fato um testamento espiritual que temos aqui, e o de um verdadeiro Pregador. Como não esperar que todas as crianças e amigos da Ordem a leiam, meditem sobre ela, assimilem seu conteúdo de história e doutrina, e se deixem penetrar pelo fervor contido que a anima? Na escola de um mestre tão puramente dominicano, eles só podem crescer em estima e amor por nosso ideal, e na vontade de realizá-lo cada vez melhor.

Que assim seja, com a ajuda de Deus, e a influência da Ordem responderá às necessidades profundas do nosso tempo. São Domingos viverá novamente em nós, sob a proteção sempre materna da Santíssima Virgem, a fim de arrebatar muito mais almas do erro e trazê-las "das trevas para a luz admirável" da Sabedoria divina.

O Padre Joret não tinha outro sonho quando escreveu este livro. Ouçamo-lo repetir para cada um de nós, com toda sua alma dominicana, em nome de Cristo Salvador e dos homens em perdição, esta simples e urgente palavra de ordem que foi uma de suas últimas palavras: "Sede fiéis à vossa vocação![[5]](#footnote-6)

Paris, 11 de fevereiro de 1942.

Fr. A. Motte, O. P.  
 Prieur Provincial

## Prefácio

Dirijo-me primeiramente a vocês, queridos irmãos e irmãs da Terceira Ordem que, no meio do mundo, participam de nossa vida dominicana. Minhas primeiras páginas são direcionadas diretamente a você. E elas são precedidas pela própria Regra, que foi composta expressamente para você.

Mas então, quando tento caracterizar o espírito de nossa família religiosa, aquele espírito dominicano do qual sempre falamos, que sem dúvida sentimos, mas que temos dificuldade em definir claramente, tenho a ambição de ser útil a todos os meus irmãos e irmãs em São Domingos, especialmente às irmãs da Terceira Ordem Regular.

Qualquer que seja o ramo da Ordem a que pertençamos, devemos estar conscientes desta nossa grande família, que estamos unidos na adoração do mesmo Patriarca, que estamos imbuídos de seu espírito.

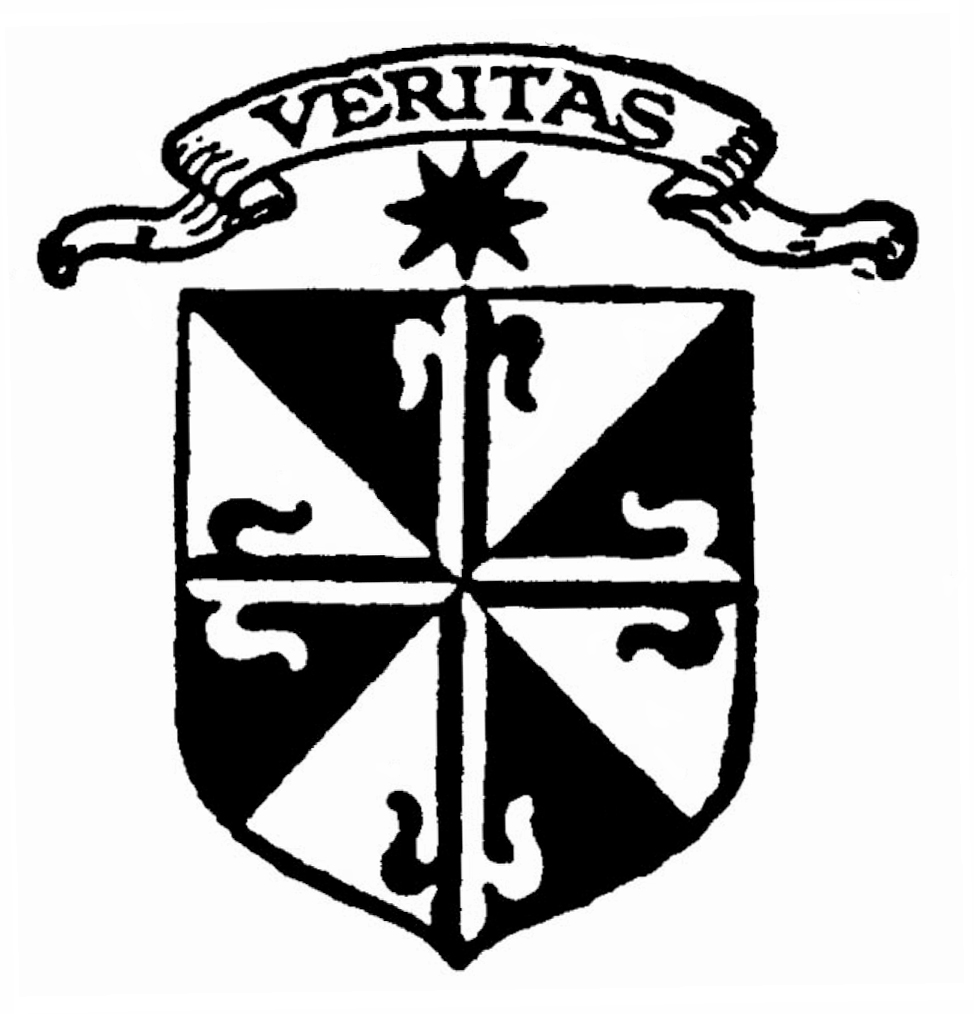
Todos precisamos saber onde estão as altas fontes de nossa vida e a maneira tradicional de tirar delas, especialmente como uma alma dominicana deve praticar a oração.

É o dever de todos nós marcar nossa vida inteira com o selo da verdade. Veritas! Esta prestigiosa palavra, que brilha acima de nosso brasão, resume toda a nossa regra de conduta.

Ao evocar a vida da grande Ordem, onde o espírito dominicano é realizado com uma plenitude especial, não arrisco perder o interesse de nossos terciários. Um deles não fez este discurso uma vez antes de uma assembléia de seus irmãos? "Não é tanto a Terceira Ordem que deve ser explicada e celebrada diante de potenciais postulantes. É a grande Ordem em si, é São Domingos, seu exemplo, sua vida, seus atos, seu espírito. Não é o verdadeiro terciário definido desta forma: uma alma verdadeiramente dominicana, a alma de um monge dominicano, a quem razões, circunstâncias, obrigações inescapáveis não permitem a observância da Regra da grande Ordem? [[6]](#footnote-7)»

Permitam-me, através deste pequeno livro, facilitar o recrutamento de nossa querida Ordem Terceira e, mais ainda, contribuir, à minha modesta maneira, para ajudar todos os nossos irmãos e irmãs em São Domingos a viver no espírito de nosso Pai comum.

Passe-Prest, 7 de março de 1936.



# Regra dos Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Secular de São Domingos **[[7]](#footnote-8)**

### I. - Natureza e objetivo da Terceira Ordem

1- A Terceira Ordem Secular dos Frades Pregadores ou Ordem de Penitência de São Domingos, também chamada Milícia de Jesus Cristo, é uma associação de cristãos que vivem no mundo e que, participando da vida religiosa e apostólica da Ordem dos Frades Pregadores segundo uma Regra expressamente aprovada para eles pela Santa Sé, se esforçam sob a direção desta mesma Ordem para lutar pela perfeição cristã.

2- O objetivo da Terceira Ordem é a santificação de seus membros, ou seja, a prática de uma vida cristã mais perfeita, bem como a salvação das almas a serem promovidas, de acordo com a modalidade que se adequa ao estado dos fiéis que vivem no mundo.

Para atingir este objetivo, além dos preceitos comuns a todos os cristãos e dos deveres de Estado próprios de cada um, os meios propostos são as observâncias prescritas nesta Regra, principalmente a oração assídua e, na medida do possível, a oração litúrgica, a prática da penitência, as obras de apostolado a serviço da fé e da Igreja e as obras de caridade de acordo com a própria condição.

4- A Terceira Ordem é dividida em associações chamadas Fraternidades. No entanto, por uma razão particular, pode-se admitir na Terceira Ordem sem pertencer a nenhuma Fraternidade.

5. as fraternidades não podem ser validamente erigidas sem o consentimento da autoridade episcopal local; na medida do possível, devem ser separadas para homens e para mulheres.

6- Tudo o que é dito dos terciários, embora expresso na forma masculina, aplica-se igualmente às mulheres, a menos que o contrário resulte do contexto ou da própria natureza das coisas.

7. na medida do possível, devem ser estabelecidas fraternidades de sacerdotes seculares que, sob a direção de um Pai da Ordem, devem esforçar-se para levar uma vida apostólica mais perfeita.

### II. - Recepção terciária e exigências

8 - Acima de tudo, como a continuidade e perpetuidade do progresso desta Ordem na perfeição depende em grande parte das boas disposições dos sujeitos recebidos, ninguém deve ser admitido na Terceira Ordem a menos que após um exame sério e um julgamento suficiente, de modo que, no juízo prudente do Diretor, possa ser estabelecido que o postulante é católico, de vida honesta e boa reputação, que é fortemente animado por um desejo sincero de lutar pela perfeição e que dá uma esperança bem fundamentada, especialmente se for jovem, de que perseverará em seu bom propósito. Além disso, como verdadeiro filho de São Domingos no Senhor, que ele seja, à sua maneira, um apóstolo muito zeloso da verdade da fé católica e demonstre uma devoção especial à Igreja e ao Romano Pontífice.

9 Estas boas disposições são suficientes para que todos os fiéis de ambos os sexos, clérigos ou leigos, solteiros ou casados (com exceção dos religiosos ou leigos engajados em outra Ordem Terceira), sejam admitidos na Ordem dos Frades Pregadores ao final de seu décimo oitavo ano, ou mesmo ao final de seu décimo sétimo ano com a permissão justificada do Padre Provincial. No caso de uma pessoa casada, ela não deve normalmente ser recebida sem o consentimento de seu cônjuge, a menos que de ambos os lados, ou mesmo de um só lado, haja uma razão razoável para fazer o contrário.

10- Pode receber a Terceira Ordem:

a- O Mestre Geral da Ordem, ou o Prior Provincial dentro de sua jurisdição;

b- O Diretor da Ordem Terceira legitimamente instituída em sua Fraternidade, ou seu delegado para cada caso particular;

c. Qualquer sacerdote delegado pelo Mestre Geral da Ordem ou pelo Prior Provincial. Entretanto, em lugares onde já existe uma Fraternidade regularmente estabelecida, ninguém pode, sem o consentimento do Diretor dessa Fraternidade ou sem a permissão especial do Superior que o delega, usar os poderes que lhe foram concedidos.

A delegação dada pelo Mestre Geral é vitalícia, a dada pelo Provincial deve ser confirmada por seu sucessor.

11 Para a admissão de um sujeito a uma fraternidade, é necessário o consentimento da fraternidade, além do parecer favorável do Diretor.

### III. - O hábito dos Irmãos e Irmãs

12. o hábito completo da Terceira Ordem deve ser de tecido de lã comum. Consiste em uma túnica branca, um cinto de couro amarrado na cintura e um manto preto com capuz para os Irmãos, com véu de linho e borbulha para as Irmãs.

13. os terciários usarão ordinariamente, sob suas vestes seculares, pelo menos um pequeno escapulário de lã branca como hábito da Ordem.

14 Nas cerimônias religiosas, os terciários podem, com a permissão da autoridade episcopal, obtida de uma vez por todas, usar o hábito completo da Terceira Ordem ou alguma insígnia especial, de acordo com os costumes da localidade. Se intervêm em um corpo, devem caminhar com suas insígnias atrás da cruz da Fraternidade.

15. é proibido usar o hábito da Terceira Ordem publicamente, fora das cerimônias religiosas, sem a autorização especial do Mestre Geral da Ordem e a permissão do bispo local.

16. após sua morte, todos os terciários podem ser vestidos com o hábito pleno da Terceira Ordem ou mesmo o dos Irmãos e Irmãs da Grande Ordem.

17 Quanto ao vestuário secular, ele deve ser tal como a idade e a condição de cada um requer. No entanto, que a modéstia cristã brilhe; que toda a vaidade mundana seja banida deles, especialmente na forma, como convém aos servos de Cristo.

### IV. Modo de recepção na Terceira Ordem e bênção do hábito

18 Após seu período probatório, o Postulante é recebido pelo Diretor ou seu delegado diante do altar da igreja ou em algum outro lugar apropriado, de acordo com o cerimonial da Terceira Ordem, na presença de pelo menos alguns membros da Fraternidade. Mas o postulante pode ser recebido sem testemunhas se ele não pertencer a uma Fraternidade.

19 Uma vez que o hábito tenha sido legitimamente recebido, a pessoa participa de todos os bens espirituais dos Irmãos e Irmãs da Ordem.

20. o escapulário deve ser abençoado cada vez que for renovado. A bênção pode ser dada por aqueles que estão autorizados a receber o hábito, e por todos os sacerdotes da Ordem. Em lugares onde não há frades pregadores ou diretores de Fraternidades, qualquer padre aprovado para confissões tem esse poder.

### V. - Noviciado e Profissão

21 Antes de serem admitidos à Profissão, os Noviços devem, durante um ano de experiência, sob a direção de um Mestre de Noviços, dedicar-se ao estudo da Regra, a fim de conhecer suas obrigações pessoais e estar imbuídos do espírito de São Domingos.

22 Depois do ano de experiência, ou mesmo antes, se circunstâncias particulares parecerem exigi-lo, o noviço será recebido em profissão pelo Diretor, com o consentimento da maioria do Conselho da Fraternidade.

23 Aqueles que são admitidos na Terceira Ordem como indivíduos podem ser recebidos na Profissão, sujeitos ao julgamento prudente daqueles que são regularmente habilitados.

24 A profissão consiste na promessa formal, sem votos, de viver de acordo com a Regra da Terceira Ordem dos Frades Pregadores.

25- É feito com a seguinte fórmula: "Em honra de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, da Bem-Aventurada Virgem Maria e do Bem-aventurado Domingos, eu, N...Diante de vocês, Diretor e Prior da Fraternidade da Terceira Ordem de Penitência do Beato Domingos estabelecida neste lugar, que ocupa o lugar do Reverendo Mestre da Ordem, faço profissão de meu desejo de viver doravante de acordo com a Regra e forma de vida dos Irmãos e Irmãs desta mesma Ordem de Penitência do Beato Domingos, até a morte.

26 Em cada Fraternidade deve haver um livro no qual seja registrado o nome de cada beneficiário, juntamente com o dia da posse e da profissão. Aqueles que recebem terciários individuais devem enviar esta informação ao Prior Provincial da região onde o Terciário tem seu domicílio habitual, ou ao Superior de quem recebem seus poderes.

27 Os Irmãos da Terceira Ordem, depois de terem feito tal profissão, que é perpétua, são obrigados a perseverar na Ordem e não podem sem justa causa passar para outra Ordem Terceira.

### VI. - Recitação do Escritório

28 Os Terciários dirão diariamente ou o antigo Ofício dos Patenostles, ou o Pequeno Ofício da Santíssima Virgem Maria de acordo com o ritual da Ordem, ou todo o Rosário da Santíssima Virgem Maria, ou, se não o puderem fazer, outro dos Pequenos Ofícios aprovados na Ordem, ou um terço do Rosário.

29 Na recitação do antigo Ofício, os frades devem dizer em Matins 28 *Pater* e *Ave*, em Vésperas 14, e em cada uma das outras horas 7. Devem também dizer o Credo dos Apóstolos *em Deum no* início de Matins, antes de Prime, e depois de Compline. As matinas são geralmente recitadas na noite antes ou pela manhã, as pequenas horas antes do meio-dia, e as Vésperas e as Vésperas e as Vésperas e as Vésperas de conclusão antes do final do dia. Entretanto, o Escritório pode ser dito a qualquer hora do dia, desde que a ordem do horário seja respeitada.

30 Quanto aos sacerdotes e aos que estão em ordens sagradas, é suficiente que recitem o Ofício Divino para cumprir esta obrigação. No entanto, eles deveriam dizer uma vez por dia o responsável *O spem miram*, com o verso e a oração em honra de São Domingos.

31 Os padres terciários podem, com a permissão do Reverendo Padre Mestre Geral, usar o Breviário e o Missal de acordo com o calendário da Ordem.

### VII. Confissão, comunhão e outros exercícios de piedade

32. que os Irmãos se aproximem dos Sacramentos da Penitência e da Eucaristia pelo menos duas vezes por mês, a menos que sejam legitimamente impedidos de fazê-lo. Se eles desejam se alimentar com mais freqüência, mesmo todos os dias, com o Corpo Santíssimo de Cristo, sua devoção só pode ser elogiada.

33 Os terciários farão todos os dias o máximo para assistir ao Santo Sacrifício da Missa, seguir o sacerdote no altar com atenção e piedade, dedicar-se à oração mental e dedicar-se às práticas de piedade que estejam de acordo com o espírito da Ordem.

34 Eles rodearão especialmente com sua devoção e afeto a padroeira mais fiel de toda a Ordem, a Virgem Maria e São José, seu esposo, o Patriarca Domingos, a Virgem de Sena, Catarina, padroeira da Ordem Terceira, e todos os Santos e Beatos da Ordem.

35 Deixem-nos permanecer com grande respeito nas igrejas, especialmente na época dos Escritórios divinos, e sejam um exemplo para todos os fiéis.

36 É fortemente recomendado que cada Fraternidade faça um retiro de pelo menos três dias, pelo menos uma vez por ano.

### VIII. - Jejum

37 Além dos jejuns e abstinências instituídos pela Igreja, os terciários que não estão legitimamente impedidos de fazê-lo jejuarão na véspera das festas do Santíssimo Rosário, de nosso Pai São Domingos e de Santa Catarina de Sena. Além disso, de acordo com o espírito de penitência da Ordem e da antiga Regra, eles farão o louvável trabalho de jejum todas as sextas-feiras do ano e de outras práticas de mortificação, mas com a permissão do Diretor ou de um confessor discreto.

### IX. - Que se deve evitar os prazeres do mundo e os passeios

38 Os terciários não se deixarão sair desnecessariamente ou por curiosidade. Eles não irão a bailes, nem a refeições mundanas, nem a espetáculos vaidosos. Se for impossível para eles se absterem totalmente dessas coisas, eles devem saber fazer uma virtude da necessidade e, se tiverem tempo, devem pedir permissão ao Diretor-Pai ou pelo menos adverti-lo.

### X. - Respeito devido aos prelados e eclesiásticos

39 Os terciários devem ter o maior respeito por seus Bispos e Sacerdotes e devem cumprir fielmente suas obrigações para com eles, de acordo com as prescrições ou costumes de cada país. Deixe-os também tratar com honra os outros eclesiásticos de acordo com sua categoria e funções.

### XI. - Obras do Apostolado e da Caridade

40 Seguindo os passos do Patriarca Apostólico Domingos e da Virgem Seráfica Catarina de Sena, que todos os terciários passem a vida altruísta para a glória de Deus e a salvação do próximo, num espírito de ardente e generoso zelo.

41 Fiéis às tradições de nossos Padres, eles colocarão sua atividade e sua palavra a serviço da verdade da fé católica, a serviço da Igreja e do Romano Pontífice; em tudo e sempre, eles se mostrarão intrépidos defensores de seus direitos. Também darão seu apoio às obras apostólicas, especialmente as da Ordem.

42 Devem dedicar-se a obras de caridade e misericórdia, de acordo com as condições do momento e as necessidades do ambiente, seja individualmente ou em grupos, de acordo com sua capacidade e possibilidades, e sob a direção dos Superiores.

Eles ajudarão de bom grado o pároco nas obras piedosas da paróquia e, especialmente, onde a necessidade for sentida, na instrução religiosa das crianças.

### XII. - Visitar e ajudar os doentes

44. os membros da Fraternidade devem ser nomeados para cuidar dos Irmãos doentes. De acordo com o regulamento estabelecido pelo Diretor, eles os visitarão caridosamente e se encarregarão de receber ajuda espiritual e material.

### XIII. - Morte dos irmãos e sufrágios

45. no falecimento de um membro da Fraternidade, os demais serão informados em tempo hábil de sua morte, e todos, exceto no caso de impedimento legítimo, comparecerão ao funeral.

46 Além disso, dentro de oito dias após a notificação do óbito, cada Irmão da Fraternidade recitará um terço do Rosário pela alma do falecido, ouvirá uma missa e oferecerá a Comunhão.

47 Todos os dias, cada Irmão dirá um *Pai Nosso* e uma *Avó,* seguido do *Réquiem* pelos vivos e pelos mortos de toda a Ordem.

48 Além disso, durante o ano, cada Irmão deveria ter três missas celebradas ou pelo menos ouvidas para Irmãos e Irmãs vivos e mortos.

### XIV. - Governo da Terceira Ordem

49 A Terceira Ordem dos Frades Pregadores é colocada sob a direção e correção imediata do Mestre da Ordem, do qual dependem, portanto, tanto as Fraternidades e cada um dos Terciários, como os Diretores, em tudo o que em suas vidas se relaciona com a Regra.

50 Além do Mestre da Ordem, os Provinciais, dentro dos limites de sua Província, são, em virtude de seu cargo, responsáveis pela Terceira Ordem.

51 O Mestre da Ordem e os Priores Provinciais têm o direito de visitar cada Fraternidade, sozinhos ou por delegados, uma vez por ano, e ainda mais freqüentemente, se necessário. O que julgarem oportuno no Senhor, seja conselho, advertência, ordem, correção ou mesmo o depoimento de algum dignitário, deve ser aceito por todos e por cada um num espírito de gratidão e humildade.

52 Os terciários que não pertencem a uma fraternidade terão como superiores o Mestre Geral da Ordem ou o Prior Provincial; os demais, que estão inscritos em uma fraternidade, estarão sujeitos à autoridade do Diretor e dos demais superiores da fraternidade.

53 A instituição do Diretor de Fraternidades estabelecido nas igrejas da Ordem é reservada exclusivamente ao Mestre Geral da Ordem ou ao Provincial. Nas igrejas fora da Ordem, é necessário o consentimento prévio da autoridade episcopal.

54- O cargo de Diretor dura três anos, no final dos quais o mesmo Diretor pode receber uma nova instituição.

55 O Diretor responsável pode, em virtude de seu cargo, fazer tudo o que se relaciona com a formação e direção espiritual dos Confrades. Nos sermões a serem dirigidos a eles, as leis da Igreja devem ser observadas.

56 Os Diretores Seculares enviarão uma vez por ano ao Provincial um relatório sobre o estado e o progresso da Fraternidade confiada aos seus cuidados.

### XV. - Dignitários da Fraternidade

57. que em cada Fraternidade haja um Prior, um Sub-prior, um Mestre de Noviços e outros Irmãos encarregados ou membros do Conselho.

58 O Conselho da Fraternidade não deve ter mais de doze membros. São membros por direito: o Prior, o Sub-prior e o Mestre de Noviços.

59 Quando uma Fraternidade é instituída pela primeira vez, é responsabilidade do Provincial prover todos os cargos; e o mesmo se aplicará após uma dissolução do Conselho, o que aconteceria pelo simples fato de que todos ou a maioria dos Conselheiros, por uma razão ou outra, não poderiam cumprir suas funções.

60. os diversos cargos e funções dos Conselheiros durarão três anos; no entanto, a cada ano, um terço do Conselho será renovado pelo Diretor com os Conselheiros restantes. Mas no ano em que os cargos forem renovados, o Conselho deverá primeiro ser concluído; depois o Diretor, com o Conselho assim concluído, instituirá o Prelado e os demais dignitários. Em caso de dissensão entre o Diretor e o Conselho, o Prior Provincial deve ser consultado.

### XVI. Gabinete do Prior e outros dignitários da Fraternidade

61 O gabinete do Prelado deve zelar para que todos observem a Regra. Ele tomará muito cuidado para que ninguém, por seu andar, seu vestido ou sua roupa, possa causar uma má impressão em ninguém. Se ele notar qualquer falha ou negligência por parte de alguns, ele os reprovará caridosamente e os corrigirá, ou, se achar mais conveniente, ele recorrerá ao Diretor da Fraternidade.

62- O Subprior substitui o Prior ausente.

Os outros dignitários preencherão os diversos cargos que, de acordo com os costumes particulares, parecem ser os mais adequados às necessidades de cada Fraternidade.

63- O Conselho será convocado pelo Diretor e ele o presidirá, sempre que a votação do Conselho for exigida pela Regra, ou quando, de acordo com a prática particular, for necessário tratar de assuntos mais importantes.

### XVII. - Reunião dos Irmãos

64. uma vez por mês, no dia e na hora fixados, os membros da Fraternidade se reunirão para ouvir o Diretor dirigir-lhes a palavra de Deus, e para assistir à Missa se a hora permitir.

65 O Diretor deve ler a Regra para eles e explicá-la a eles, e informá-los de seus deveres, e corrigi-los por sua negligência, como lhe parece útil de acordo com Deus e a Regra.

Os sufrágios para os vivos e para os mortos também são recitados, e a absolvição de culpa por violação da Regra é dada.

### XVIII. - Correção dos Irmãos

67 Se alguém cometeu uma falta notável e, apesar da admoestação do Diretor, não faz reparações, deixe-o ser punido de forma mais severa ou mais leve, de acordo com sua condição pessoal e a natureza da falta. Ele também pode ser excluído por um tempo da companhia de Irmãos; ele pode até ser excluído para sempre, mas com o consentimento do Conselho, se após uma ou duas advertências ele não tiver se corrigido e não puder ser admitido novamente sem o consentimento do Conselho.

68 Apenas o Mestre Geral da Ordem ou o Prior Provincial pode excluir qualquer pessoa da Terceira Ordem por motivos graves e, no caso de escândalo grave, pode fazê-lo sem aviso prévio.

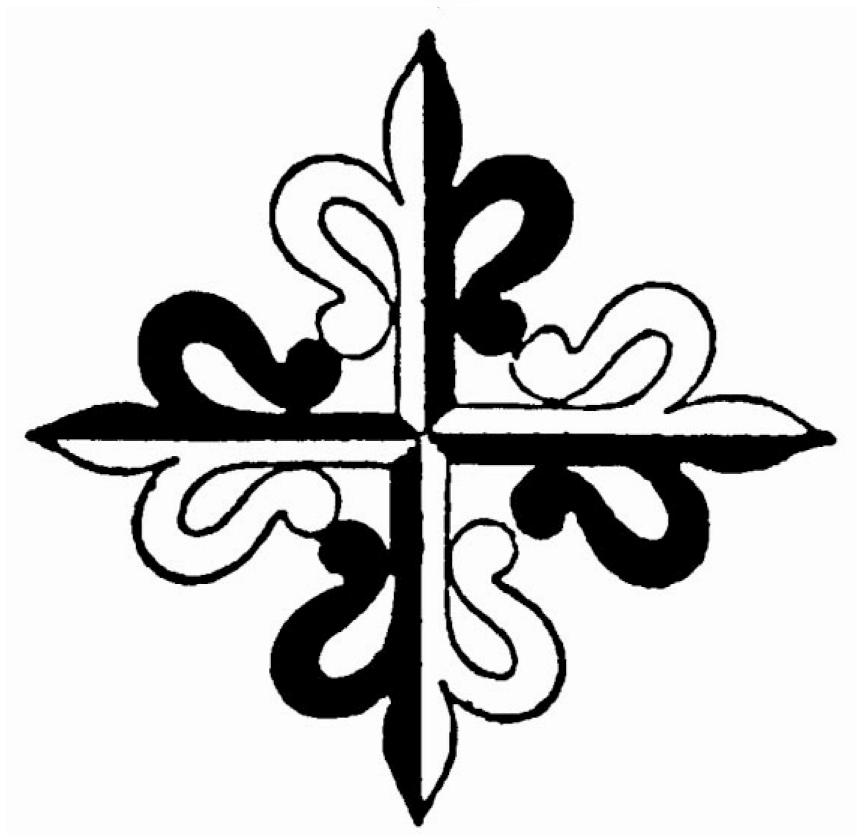
### XIX. - Compensações

69 O Mestre Geral tem o poder de dispensar qualquer uma das prescrições da Regra. Além disso, o Provincial em sua Província, o Diretor em sua Fraternidade, ou seu delegado, em um caso particular ou por uma causa razoável, pode dispensar seus terciários.

### XX. - Obrigação desta Regra

70 As prescrições desta Regra, além das ordens de Deus e da Igreja, não vinculam os Irmãos e Irmãs sob pena de pecado perante Deus, mas somente à pena fixada pela Regra ou determinada pelo Diretor, de acordo com o capítulo xviii.

71 No entanto, que os Irmãos, lembrando-se de sua profissão, cumpram fielmente todas as ordenanças desta Regra, com a ajuda da graça de Jesus Cristo, nosso Senhor e Redentor, que, sendo Deus, vive e reina com o Pai e o Espírito Santo pelos séculos dos séculos. Que assim seja.



### Decreto

Nosso Santíssimo Padre Pio XI, Papa da Divina Providência, na audiência concedida ao Reverendo Padre Secretário da Congregação dos Religiosos, em 23 de abril de 1923, dignou-se ouvir a súplica do Reverendo Mestre dos Frades Pregadores, e gentilmente aprovou e confirmou a Regra dos Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Secular de São Domingos Já aprovada pelos Pontífices Soberanos Inocêncio VII e Eugênio IV, mas agora adaptada às exigências dos tempos atuais e examinada pela Sagrada Congregação, esta Regra é encontrada na presente cópia, cujo autógrafo original é preservado nos Arquivos desta mesma Congregação. A reserva é feita em tudo segundo as prescrições dos cânones sagrados.

Dado em Roma, da Secretaria da Sagrada Congregação dos Religiosos, 23 de abril de 1923.

C. Cardeal Laurenti

*Prefeito*

Maur Serafini

Abade de Saint-Benoît

*Secretário*

# Capítulo IA Terceira Ordem

## Artigo I A finalidade da Terceira Ordem

### I levar à perfeição

A lei canônica elogia os fiéis que aderem às associações que a Igreja fundou ou aprovou a fundação de (Cânon 684).

Essas associações são de diferentes tipos, de acordo com o propósito que perseguem. Foram criados para promover a prática de algum trabalho de piedade ou caridade? São geralmente chamadas de "uniões piedosas" e, em alguns casos, têm direito ao nome especial de confrarias (Cânon 707). Assim temos a Obra da Propagação da Fé, as Confrarias do Rosário e do Santíssimo Sacramento.

Acima destas associações, em um grupo bastante separado, a Igreja coloca as Ordens Terceiras seculares. Ordens Seculares Terceiras", diz ela, "são os fiéis que, no mundo, sob a direção de uma Ordem religiosa e de acordo com seu espírito, lutam pela perfeição cristã de maneira coerente com a vida secular, seguindo as regras aprovadas para eles pela Sé Apostólica" (Cânon 702).

A diferença é imediatamente aparente. Não se trata mais apenas de se dedicar a algum trabalho caritativo ou piedoso como este: apoiar a propagação da fé com esmolas e orações, recitar um rosário a cada semana, adorar o Santíssimo Sacramento em determinados momentos. Todos estes são trabalhos louváveis e um terciário pode se dedicar a eles. Mas o motivo de sua agregação à Terceira Ordem é a preocupação com sua perfeição. Por este meio, ele quer se aplicar com mais sucesso na aquisição da perfeição cristã.

\*

\* \*

Uma alma permanece no mundo. Talvez um dia possa deixá-lo para entrar numa Ordem religiosa onde a conquista da perfeição cristã será facilitada: esta é sua esperança.

Também pode ser que obstáculos de vários tipos impeçam completa e permanentemente a execução de seu desejo. Por exemplo, saúde precária, "obrigações inevitáveis".

Talvez não seja sequer um desejo. Mas ela gostaria de se aproximar de tal e tal Ordem, de seguir sua direção, de se imbuir de seu espírito, enquanto permanece no mundo. Quaisquer que sejam as diversas circunstâncias em que os candidatos à Terceira Ordem se encontrem, a principal preocupação que deve guiá-los é a da perfeição cristã.

A Regra dos Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Secular de São Domingos indica este objetivo em seu primeiro parágrafo. Em seguida, volta a ela formalmente na segunda: "O objetivo da Terceira Ordem é a santificação de seus membros, ou seja, a prática de uma vida cristã mais perfeita" (I, 2). Antes de receber alguém em uma fraternidade, é necessário "que no julgamento esclarecido e prudente do Diretor seja estabelecido que o postulante seja fortemente animado por um desejo sincero de lutar pela perfeição" (II, 8).

Se, por acaso, alguém foi admitido na Terceira Ordem por uma razão menos grave, sob a influência de algum impulso simpático, não se perde toda a esperança para ele e para aqueles que têm a carga de sua alma. Vale lembrar a reflexão de Santa Catarina de Siena em seu Diálogo, a respeito daqueles que assim entraram na religião. O importante", diz ela, "é que eles pratiquem a virtude e perseverem nela até a morte". (Sim, o importante não é tanto começar bem, mas terminar bem)... Não são poucos os que se apresentaram depois de terem observado perfeitamente os mandamentos, e que depois olharam para trás, ou permaneceram na Ordem sem fazer nenhum progresso na perfeição. As circunstâncias ou disposições com as quais eles entraram no barco são preparadas e desejadas por mim, que as chamo de várias maneiras (é Deus quem fala). Mas não é destas condições primárias, mais uma vez, que se pode julgar sua perfeição: depende inteiramente do sentimento interior com o qual, uma vez na Ordem, se persevera em verdadeira obediência[[8]](#footnote-9).

\*

\* \*

Somos todos seres imperfeitos, seres que carecem de muitas coisas, e temos, ao longo de nossas vidas, a tarefa de nos completarmos, de nos completarmos plenamente, de nos aperfeiçoarmos.

Fazer obras externas, descobrir e organizar o mundo ao nosso redor, através da colaboração das ciências, das artes e do artesanato, é bom. Também é bom conhecer, defender e melhorar este assunto que está tão próximo de nós que ele se torna um conosco, e a saúde tem seu próprio valor importante. Seremos capazes de cultivar o esporte e, acima de tudo, respeitaremos as regras de higiene. Mas, acima de tudo, sou encarregado por Deus de me desenvolver moralmente, de completar o ser que sou no meu íntimo, aquilo que é verdadeiramente eu. Devo, por um esforço contínuo e progressivo, fazer-me "tal como em mim mesmo, finalmente, me muda na eternidade".

Meu objetivo, meu único objetivo, é este: tornar-se perfeito, finalmente desabrochar no que sou apenas em germes. Deixado ao meu conselho para este fim, posso desviar-me desta direção. Então eu serei um fracasso, terei perdido meu destino.

Deus concebeu meu ser e o trouxe ao mundo com a vontade de que ele se cumprisse, de que ele superasse até mesmo a si mesmo em beleza sobrenatural. Razão e graça, através das quais participo pessoalmente da idéia e vontade de meu Criador, exigem interiormente que eu me realize na perfeição, apesar de todas as tendências contrárias. Estes me empurram para o mal. A voz profunda da minha consciência exige o bem. Seja o que você é!

Veremos em que consiste realmente esta perfeição. Mas lembremo-nos por ora deste grande princípio que domina e regula tudo em nossa vida de terciário como em toda a vida moral.

Não se trata de acrescentar mais práticas às que já temos e fazer uma lista de prescrições detalhadas. Não, caros Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem, o que importa acima de tudo é tornar-se mais claramente, mais fortemente, conscientes do propósito da vida, para ter uma maior preocupação com sua perfeição.

### IIOnde está a perfeição?

Vamos entender de que perfeição estamos falando. Se há apenas uma perfeição absolutamente falando, há uma abundância relativa de perfeições, mesmo na ordem do espírito.

Aqui está um homem que se diz ser perfeitamente educado, para ter um perfeito domínio de sua arte; a perfeição de sua ciência é elogiada, e se proclama, por exemplo, que ele é um teólogo perfeito. Estas são aperfeiçoamentos relativos a objetivos particulares. Eles significam que neste ou naquele ponto não lhe falta nada, que ele é realizado, que ele chegou ao fim do desenvolvimento que é possível nas habilidades da vida, nesta arte ou naquela ciência.

Mas o que é tudo isso em comparação com a perfeição absoluta que consiste na conclusão do que essencialmente nos constitui? Tudo o mais, mesmo sendo um excelente artista, um grande cientista, um eminente teólogo, é mera infantilidade, comparado com aquela perfeição que merece ser chamada de perfeição tout court.

\*

\* \*

É importante ter uma idéia correta desta mesma perfeição. Não falemos disso, nós cristãos, como se fosse apenas uma questão de realizar um ideal com o qual sonhamos, que o maior, o mais clarividente entre os homens, concebeu para os outros. Nem tudo nesta maneira de ver as coisas está errado, e voltaremos a isto mais tarde. Mas sejamos claros e afirmemos com força: o fim que devemos perseguir não é um puro ideal. Nosso fim é um ser concreto, que existe antes de nós, do qual procedemos e ao qual devemos retornar. Nosso fim supremo é idêntico ao nosso primeiro princípio. Existe alguém que nos fez inteiros e que nos exige inteiros. Foi Deus quem me criou", disse a abençoada Osanna de Mântua, "é somente a Ele que devo pertencer[[9]](#footnote-10). Não há conclusão para nós a menos que nos aproximemos mais dele, que é a fonte de nosso ser. *Mihi adhærere Deo bonum est.* Meu bem é unir-me a Deus. Serei perfeito quando o tiver alcançado.

Mas é a caridade que nos une a Deus, a caridade pela qual amamos a Deus com todo o nosso ser e acima de tudo. É aqui que reside a perfeição. Fora dele, não há nada na vida espiritual. As outras perfeições não contam[[10]](#footnote-11). Mesmo se eu fosse um profeta e conhecesse todos os mistérios e possuísse todo o conhecimento, se eu não tivesse caridade", diz São Paulo, "eu não sou nada".[[11]](#footnote-12) A Beata Osanna tinha apenas seis anos quando, caminhando ao longo das margens do Pó, ouviu uma voz sussurrando para ela: "Criança, vida e morte consistem em amar a Deus".

É por meio da caridade, e somente pela caridade, pelo menos no presente, que aderimos a este espírito puro, a este ser infinitamente perfeito. Chegará o dia em que será através de nossa própria inteligência que a veremos e tomaremos posse dela por toda a eternidade. Seguir-se-á um imenso amor, que completará o estabelecimento de nossa bem-aventurança. Mas aqui na Terra, enquanto nos falta a luz que revela a beleza divina, nosso coração vai mais longe do que nossa mente, nosso amor já agarra imediatamente esse Deus do qual só podemos formar idéias limitadas. Graças à caridade, possuímos em nós mesmos nosso Deus, com a certeza de vê-lo quando chegar o momento. "Quem permanece no amor permanece em Deus e Deus permanece nele[[12]](#footnote-13).

\*

\* \*

Também das virtudes morais, devemos dizer o que foi dito acima sobre as ciências ou as artes: elas nos dão apenas aperfeiçoamentos relativos. Mas estas perfeições não são menos necessárias, pois não é aceitável que um filho de Deus seja intemperado, debochado, covarde, etc. É até apropriado que ele tenha, na medida do possível, uma cultura científica e artística. É bom que ele se desenvolva fisicamente. Mas tudo isso, que é cada vez mais relativo e secundário como perfeição, derivará, com ordem, da caridade na qual reside a perfeição absoluta. É o princípio deste desenvolvimento harmonioso de todo o nosso ser. Ela envolve todas as outras virtudes que juntas formam o ideal cristão e humano, e que aparecem como tantas manifestações de sua vida profunda. A caridade é paciente", diz São Paulo, "ela é gentil; a caridade não é invejosa, a caridade não é irrefletida, não se ensoberbece de orgulho; não faz nada de impróprio, não busca seu próprio interesse, não se irrita, não leva em conta o mal; não tem prazer na injustiça, mas se alegra com a verdade; desculpa todas as coisas, acredita todas as coisas, espera todas as coisas, suporta todas as coisas[[13]](#footnote-14).

Em outro lugar, o mesmo apóstolo, depois de enumerar várias virtudes, misericórdia, benignidade, humildade, etc., termina dizendo: "Mas acima de tudo tenham caridade, que é o vínculo da perfeição[[14]](#footnote-15)". Ela une todas as outras virtudes em perfeita unidade[[15]](#footnote-16).

Para dizer melhor, a caridade é a mãe das outras virtudes. Não há virtude que não tenha origem em seu seio através da intenção de agir bem para Deus, que comanda todos eles, cada um em seu próprio domínio particular.

E é por isso que Santo Agostinho poderia escrever "Ama e faz o que quiseres". "Peter, você me ama? Esta foi a única pergunta que Jesus fez a São Pedro, e se ele lhe fez uma segunda e terceira vez, foi apenas para repetir o mesmo pedido.

Meus amados irmãos", disse São Domingos quando estava morrendo, "esta é a herança que vos deixo como meus verdadeiros filhos: tenham caridade.

### IIThe dever de alcançar a perfeita caridade

A preocupação com a perfeição que deve nos animar é a caridade, pois nela reside a essência da perfeição espiritual. Portanto, é para a plena realização da caridade que devemos nos aplicar. Deus fez disso o objeto de seu grande preceito: "Amarás o Senhor teu Deus".

Amar a Deus tanto quanto Ele é amável, não podemos. Esta é uma perfeição que só Deus pode alcançar, pois ninguém mais tem a capacidade de amor infinito. A única perfeição que está ao alcance da criatura é amar a Deus com todo o poder que Deus lhe deu. Para nos ordenar a fazer isso, a Sagrada Escritura lista todas as faculdades que temos. "Amarás a Deus com todo teu coração, com toda tua alma, com toda tua força, com toda tua mente". Ele acumula palavras capazes de designar nossos poderes, de modo que sabemos que nenhum deles pode escapar da obrigação de amar a Deus. Além disso, cada um de nossos poderes deve ser inteiramente dedicado a ele, e não uma parte dele tem o direito de se esquivar dele. Em resumo, tudo em nós deve ser dedicado inteiramente ao amor divino. Não há exceções, não há medidas.

Em relação ao fim a que nos propomos, que domina e dirige todas as nossas preocupações, como poderia haver alguma medida a ser mantida? O médico não coloca uma medida na saúde que ele procura restaurar ao paciente. Quanto aos remédios, sim, ele os dá em medida, e é a cura para a qual ele tende que estabelece a dose. Mas a cura em si, ele a quer absolutamente. Se ele tem que ser moderado, é porque ele não é apenas um médico. A ordem da saúde não ocupa todo o campo de sua consciência. A saúde não é o fim supremo. Sendo apenas um fim subordinado, ele se classifica entre os meios por sua vez. É por isso que Blanche de Castela, que cuidava da vida de seu filho tanto quanto uma mãe pode, lhe disse: "Prefiro vê-lo morto do que culpado de um pecado mortal. O pecado mortal é a ruína da caridade, é o abandono do fim supremo. Qualquer coisa ao invés disso. Viver na caridade é nosso dever absoluto. Aplicar-nos-emos a ela sem medida.

\*

\* \*

Isso significa que devemos dar a Deus nosso amor a tal ponto que estejamos ocupados com Ele sozinhos sem interrupção? Sim, o preceito de Deus se estende até esse ponto. Mas isso não nos obriga a consegui-lo agora. Isso só é possível no céu. Mas nosso dever é lutar por isso hoje, mantendo-nos no caminho para esse objetivo.

Devemos, pelo menos, recusar, por amor de Deus, parar nossas indulgências em qualquer objeto que seja absolutamente repugnante para Ele. A maioria dos preceitos divinos que são acrescentados ao grande mandamento tem esta razão de ser, para proibir todos os pecados que destroem a caridade. Mas se for possível dizer que isto é suficiente, é na condição de que, enquanto realizamos esta perfeição elementar, continuemos lutando pela perfeição total que será alcançada no céu.

A perfeição total não está apenas no final, como um presente que nos será dado sem que tenhamos que pensar sobre isso. É o objetivo que somos obrigados a desejar sempre e para o qual toda nossa vida deve ser dirigida. Não devemos confundir o objetivo com o fim. Esta confusão é feita por aqueles cuja vida espiritual é toda negativa, que acreditam que basta evitar todos os pecados mortais, um após o outro, para permanecer em estado de graça até o fim. Como se fosse suficiente não cair nos precipícios para chegar em casa! O objetivo deve ser visto constantemente como um ponto de atração. Não é admissível perder o interesse por ela, ela deve ser positivamente desejada.

Este desejo positivo será traduzido em ação. Devemos progredir em direção ao objetivo. Ninguém está isento deste imposto. Mas quanto à forma de cumpri-la, nada é determinado de uma forma geral. O programa muda de acordo com o indivíduo, e mesmo para um indivíduo ele pode mudar de um dia para o outro. Os preceitos negativos de que falamos anteriormente são claramente delineados, uniformemente para todos e de uma vez por todas. Mas o grande preceito positivo da caridade mantém sempre sua flexibilidade e diversifica suas exigências. Diz a cada pessoa: "Você amará o máximo que puder no estado em[[16]](#footnote-17)". Agora, este estado varia.

Ela varia externamente de acordo com as condições em que nos encontramos providencialmente fixados. O casamento em que estamos noivos, a ordem sagrada que recebemos, a carga de almas que assumimos, os votos de religião que fizemos, a profissão que fizemos de seguir a regra de uma Terceira Ordem e quantas outras circunstâncias menos importantes, diversificam nosso estado de vida e, portanto, o programa positivo de nossos deveres. Além do dever imposto a toda a raça humana, existem diferenças específicas de acordo com os diferentes tipos de estado em que os homens são colocados. Os terciários dominicanos, por exemplo, constituem uma dessas espécies.

E em cada espécie, por menor que seja, ainda existem diferenças, tantas quantas são individuais, diferenças que surgem sobretudo do estado interior em que cada um se encontra. Em cada alma, a graça, tendo atingido um certo nível, e a caridade, tendo atingido um certo vigor, tendem, em virtude de sua própria vitalidade, a produzir atos que correspondem ao seu poder. Negligenciar a realização destes atos quando surge a oportunidade e quando nenhum motivo razoável justifica sua omissão, é fugir por tudo o que o império do fim supremo, roubar um pouco da própria vida da atração do grande objetivo, deixar de lutar por ele como se deve. O ato proposto a mim pode ser rotulado em geral como um trabalho de conselho e não de preceito, mas não tenho o direito de negligenciá-lo assim que vejo em minha consciência que é adequado para mim no estado em que estou agora. Devo obedecer ao convite que me leva a ele em minha alma. "Não apaguem o Espírito", disse São Paulo.

\*

\* \*

O dever individual pode mudar de um dia para o outro. Uma omissão que uma vez foi justificada, e portanto não um pecado venial, seria culpada hoje, porque meu coração cresceu. Sou como um viajante que começou sua viagem quando criança. É normal que ele tome medidas mais longas uma vez que se torne um homem. Ele avança de acordo com o comprimento de suas pernas. Eu devo amar a Deus com todo o meu coração. E se meu coração é mais capaz do que antes, ele deve amar mais e dar provas disso. Sem dúvida, nem todo ato que seja menos do que nossa capacidade de amar é defeituoso. Uma progressão cada vez maior é praticamente impossível. Além disso, atos inferiores ao nosso poder de caridade preparam misteriosamente o futuro florescimento de um ato mais perfeito que determinará um aumento de poder. Entretanto, com demasiada freqüência este ato tem permanecido inferior devido a nossa negligência e somos culpados por isso.

Sejamos almas vivas, sempre subindo sob a inspiração do grande objetivo. Ó doce Jesus", disse a Beata Osanna de Mântua no final de uma bela oração, "concedei que eu possa crescer incessantemente em vosso amor, que eu possa progredir nele com um passo firme e constante; que meu coração seja intoxicado por ele, que ele seja inundado por ele". Ah! longe de temer tal submersão, eu a convido com todos os meus desejos e meu único desejo é ser engolido nas profundezas deste abismo.

Uma noite, após as matinas e durante a oração, a Irmã Adelaide de Rheinfelden, em Unterlinden, ouviu uma voz sussurrando suavemente nos ouvidos de sua alma: "Eu sou seu último termo", e sua alma compreendeu o significado destas palavras. Eles queriam dizer: "Eu te atraí tanto, toda tua vida e todos os movimentos de teu coração, eu te consolidei tão efetiva e irrevogavelmente em mim, fiz tua vontade tão conforme a minha, que em pouco tempo, cessando tua provação terrena, estarás unido a mim, teu eterno termo, sem demora, sem obstáculo, imediatamente e para sempre.

## Artigo II A profissão terciária

### IC é uma verdadeira profissão

Um cristão realiza diariamente os atos virtuosos que são exigidos pela situação em que a Providência o colocou. O que mais ele faria se fosse um terciário? Este outro cristão, que pertence a uma Terceira Ordem, é melhor?

- Deixemos, por amor de Deus, todas as comparações entre um homem e outro. Só Deus é o juiz. Consideremos apenas o primeiro de quem você falou e comparemos a situação em que ele se encontra atualmente e aquela em que se encontraria se se tornasse um terciário.

Duas coisas pelo menos lhe dariam uma superioridade do ponto de vista da perfeição cristã. Em primeiro lugar, sua situação receberia, devido a sua entrada na Terceira Ordem, uma nova determinação que especificaria seus deveres e os ampliaria. Em segundo lugar, ele se sentiria mais estritamente obrigado a esses deveres e correria menos riscos de falhar neles. Assim, sua profissão lhe traria um duplo título para maiores méritos.

Uma palavra que a Igreja consagrou caracteriza tanto esta melhor situação quanto esta obrigação mais forte. O Terciário é, pelo próprio fato de sua profissão, introduzido, fixo, em um estado de vida mais elevado. E se este ainda não é o estado em que aqueles que fazem o triplo voto de religião se estabelecem e se estabilizam, eles pelo menos o imitam em qualidade e duração.

Diante da perfeição à qual ele deve tender, como todo cristão, em meio aos deveres de sua vida secular, o Terciário tem à sua disposição meios particulares que há muito provaram seu valor e que a Igreja canonizou. Esta é a Regra e a forma de vida da Terceira Ordem da qual ela faz parte. "Além dos preceitos comuns a todos os cristãos e dos deveres de Estado próprios de cada um, há observâncias especiais, principalmente a oração assídua e, na medida do possível, a oração litúrgica, a prática da penitência, as obras de apostolado a serviço da fé e da Igreja, assim como as obras de caridade segundo a própria condição" (I, 3).

Sem dúvida, um simples cristão pode, em um dia de fervor, fazer resoluções semelhantes, impor penitências semelhantes a si mesmo, realizar exercícios religiosos idênticos, dedicar-se às mesmas obras de apostolado ou de caridade. Mas enquanto estes atos serão mais ou menos improvisados, por capricho da ocasião e do impulso do momento, e as circunstâncias e a própria mobilidade do caráter podem fazer com que eles sejam abandonados mais cedo ou mais tarde, o Terciário, por uma longa escolha ponderada e verdadeiramente pessoal, por uma decisão tomada em um dia em que ele mesmo era altamente, professou levar esta vida até a morte.

Eu teria o cuidado de não comparar o simples cristão que se preocupa com sua perfeição com uma pessoa autodidata e, deixe-me passar a palavra, a um funileiro na vida espiritual. Mas para o terciário, não há dúvida de que ele é admitido em uma escola normal de espiritualidade e é um profissional de perfeição cristã. Se ele está plenamente consciente de sua profissão, se leva a sério a insígnia que deve usar, eu ia dizer o sinal que ele exibe, ele se aplicará continuamente, de acordo com os princípios e práticas de sua escola, para tender à perfeição. "Os irmãos de nossa Ordem Terceira, depois de terem feito esta profissão, que é perpétua, são obrigados a perseverar na Ordem. Eles não podem, sem uma razão justa, passar para outra Terceira Ordem" (V, 27). Mais uma razão é proibida a "volta ao século", de acordo com a expressão da antiga Regra. "Ordenamos que nenhum dos irmãos e irmãs desta Ordem ou Fraternidade possa, após sua profissão, deixar a Ordem ou retornar ao mundo. É permitido, entretanto, passar para uma das religiões aprovadas, onde os três votos solenes são professados.

Então, de fato, a pessoa ascende a uma condição de vida mais perfeita e se apega mais firmemente a ela pelo voto religioso de obediência, que é uma promessa feita a Deus. Na Terceira Ordem, não há promessa feita ao próprio Deus, mas um compromisso de honra. E isso já é muito. Mesmo no mundo, qualquer um que quebre sua palavra é severamente julgado. Acrescente-se a isto que este compromisso é, como o voto de um momento atrás, público, regulado pela Igreja e oficialmente aceito por ela. É, portanto, sério. Não se deve amarrar de ânimo leve.

"Que ninguém seja admitido na Terceira Ordem, exceto após um exame sério e provas suficientes, para que se possa estabelecer que o postulante... dá uma esperança bem fundamentada de perseverança em seu bom propósito. *Maxime si sit juvenis.* Se ele for jovem, será particularmente circunspecto (II, 8). Além disso, não se pode matricular alguém na Terceira Ordem antes dos 18 anos de idade. No máximo, com a permissão do Prior Provincial dada por razões justas, é possível receber um postulante a partir dos dezessete anos de idade (II, 9). Finalmente, antes de serem admitidos à profissão, os noviços devem, durante um ano, dedicar-se ao estudo da Regra, sob a direção de um Mestre, a fim de conhecer suas próprias obrigações e de se impregnar do espírito de São Domingos (V, 21).

Posso entender a Beata Osanna de Mântua, que, tendo entrado no noviciado da Terceira Ordem com a idade de quatorze anos (naqueles dias era permitida), adiou sua profissão por quarenta anos. Mas não posso desculpar aqueles que, depois de terem assumido tais compromissos, um dia acabam não os levando em conta. Não se deixa uma fraternidade como se deixa de ir a um salão. E não é porque se perdeu de vista o religioso que recebeu a profissão que se é libertado da obrigação contraída "até a morte".

### IIL a obrigação assumida

O Terciário solenemente "professou seu desejo de viver doravante de acordo com a Regra e forma de vida dos Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem de Penitência do Beato Domingos" (V, 25).

Estas palavras da profissão delimitam o conjunto de observâncias que se pretende praticar: quer-se viver de acordo com a Regra Dominicana. Eles também especificam a natureza exata da obrigação contratada: a pessoa se compromete de acordo com esta Regra.

Agora, a Regra da Terceira Ordem de São Domingos termina com uma observação muito importante: "As prescrições desta Regra, além dos mandamentos de Deus e da Igreja, não obrigam os Irmãos e Irmãs sob pena de culpa diante de Deus, mas somente à penitência fixada no próprio texto da lei ou determinada pelo Diretor, de acordo com o Capítulo XVIII.

No entanto, não sejamos precipitados em contar a profissão do terciário como uma profissão pequena. O que acabamos de ler não se encontra também nas Constituições dos Frades Pregadores e suas Irmãs da grande Ordem? No Capítulo de Bolonha", diz o Beato Humbert de Romanos[[17]](#footnote-18), "São Domingos declarou, para consolação dos fracos de coração, que as próprias regras não obrigavam sob pena de pecado. Assim escreve São Tomás na Summa Theologica: "Há uma religião, a da Ordem dos Frades Pregadores, na qual a transgressão ou omissão não implica em si mesma nenhuma falta, nem mortal nem venial, e é punível apenas com uma pena fixa. A razão para isto é que eles se obrigaram desta forma à observância deste tipo de regulamentação. Este regime que São Tomás achou tão sábio e que São Domingos tinha inventado, a lei eclesiástica se estendeu desde então a todas as famílias religiosas. Naturalmente, a questão dos três votos de religião é colocada à parte, assim como o caso de um preceito formal imposto a alguém que fez um voto de obediência. Mas isto não existe para os terciários. Pelo contrário, o que segue no texto de São Tomás se aplica a si mesmos: "Permanece que eles podem pecar, venialmente ou mortalmente, se sua conduta procede ou de negligência ou de paixão, ou de desprezo[[18]](#footnote-19).

Então os próprios terciários pecariam mortalmente? Sim, em caso de desprezo. Recusar-se a ter a mínima consideração por esta Regra, que é uma forma autêntica de perfeição cristã, aprovada como tal pela Igreja, e da qual se fez profissão, é ir diretamente contra o dever de lutar pela perfeição, de fazer injustiça à Igreja santa e de comportar-se como um apóstata.

Mas tal desprezo é raro, pensa São Tomás, mesmo em quem frequentemente falha em sua Regra. Uma transgressão ou omissão", diz ele, "implica desprezo quando a vontade daquele que a comete se rebela contra a prescrição da lei ou regra, e quando é precisamente esta rebelião que o faz agir contra a lei ou regra". Por outro lado, quando se trata de um motivo particular, como concupiscência ou raiva, que o impele a violar as prescrições da lei ou regra, ele não peca por desprezo, mas por algum outro motivo, mesmo que frequentemente repita sua culpa pelo mesmo motivo ou por algum outro motivo semelhante. Santo Agostinho também observa que nem todos os pecados têm sua origem no desprezo do orgulho. No entanto, a freqüência da falha dispõe de um a desprezo.

Se não houver desprezo, o pecado só pode ser venial, nunca se tornará mortal, e isto deve colocar em paz as almas que são muito tímidas. No entanto, o pecado venial existe, mais ou menos importante, às vezes muito menor, mas existe quando alguém voluntariamente e sem nenhum motivo razoável se afasta da Regra da qual se fez uma profissão.

Por que, já que a Regra não obriga sob pena de pecado? - Por sua própria natureza, as prescrições da Regra não obrigam sob pena de pecado, isso é entendido. Mas minha conduta deve estar sempre de acordo com as ordens da minha razão, o reflexo em mim da ordem eterna. Não devo assumir a responsabilidade por nenhuma ação ou omissão que minha razão não possa justificar em vista do meu fim final. A fim de direcionar minha vida mais eficazmente para seu objetivo supremo, fiz uma profissão desta Regra e, a partir daí, continuo obrigado a levá-la sempre em consideração. Pode acontecer, por outro lado, que eu tenha uma razão razoável para não observar uma determinada prática no momento, e eu ajo bem ao omiti-la. Mas se, por outro lado, eu omitir sob a influência da paixão, peco contra a virtude que deveria tê-la disciplinado e feito reinar a ordem racional em minha conduta.

Se não houvesse paixão, talvez houvesse simples negligência. Sou descuidado em omitir uma oração recomendada pela Regra, ou a observo sem tomar os devidos cuidados. Em qualquer caso, a culpa é minha por não ter cumprido minha conduta de acordo com a ordem da minha razão.

Além disso, o Terciário deve fazer a penitência que a Regra ou o Superior impõe para as transgressões. Diz-se às vezes que se é obrigado a fazer isto pelo menos sob pena de pecado. Por que isto é assim? Não é um artigo da Regra como os outros? Não mais do que os outros, não obriga sob pena de pecado, já que não nos é dito que é uma exceção. Este é o ensinamento de Cajetan, que está particularmente autorizado nesta matéria[[19]](#footnote-20). Mas aqui novamente, uma omissão voluntária, provocada por negligência ou paixão, não está isenta de pecado venial. E menos facilmente, desta vez, o pecado poderia ser mortal, devido ao desprezo ao qual ele está mais exposto, que se recusa até mesmo a fazer as penalidades que lhe são impostas regularmente por suas transgressões.

Quão bem se entende, então, o último artigo da Regra da Terceira Ordem Dominicana! Depois de ter dito que suas prescrições não obrigam sob pena de culpa diante de Deus, mas somente à penitência fixada pela Regra ou determinada pelo Diretor da Fraternidade, acrescenta: "Todavia, lembrando-se de sua profissão, que os frades cumpram fielmente todas as ordenanças desta Regra com a ajuda da graça de Jesus Cristo, nosso Senhor e Redentor".

Os terciários terão, portanto, a preocupação de reler de tempos em tempos, a fim de observá-los bem, as prescrições da Regra que eles abraçaram no passado. Talvez tenham ouvido, no dia de sua profissão, o Diretor da Fraternidade Dominicana dirigir-lhes estas palavras de uma fórmula antiga. Eles não dizem nada além da verdade: "Receba, meu irmão, esta Regra como uma memória e um memorial perpétuo da promessa que você fez hoje". Saiba que será representado a você no último julgamento pelos santos anjos, por sua glória e segurança, se você o tiver observado; mas se você o tivesse negligenciado, seria voltado contra você no mesmo julgamento por seus acusadores, e isso por seu desespero e desonra. Receba-o, portanto, em suas mãos, abrace-o no espírito e, quando o tiver cumprido com suas obras, ele o servirá para a vida eterna.

### Riscos e benefícios espirituais

Tal é, portanto, a vida do Terciário, que os perigos espirituais aos quais está exposto são reduzidos ao mínimo e as vantagens são imensas.

Há riscos, não vale a pena escondê-los. O fato de ter se colocado em um estado que faz mais exigências significa que há mais espaço para o fracasso.

Entretanto, as falhas particulares dos terciários só podem ser veniais. Sempre que a Regra exigir que eu faça algo que Deus ou a Igreja não ordenou, nunca farei mais de um pecado venial por não observá-lo. O caso do desprezo, por si só, é mortal, já dissemos, mas este caso é raro. E deve ser notado, além disso, que não é peculiar ao Terciário. O cristão simples, ou seja, qualquer homem que despreza formalmente um preceito, coloca sua alma em um estado de anarquia que lhe é fatal[[20]](#footnote-21).

Sem dúvida, o cristão mais do que o infiel, o terciário mais do que o cristão, é culpado de ingratidão ao cometer este desprezo. Da mesma forma, o pecado do terciário, ainda mais que o do simples cristão, pode ser motivo de escândalo e assim assumir uma gravidade especial.

Todos estes são os riscos espirituais a que se expõe ao fazer uma profissão. Na prática, elas são mínimas.

Pelo contrário, as vantagens são imensas e mais do que compensam as possíveis desvantagens. Quem teria a idéia de declarar que todos os meios modernos de locomoção rápida são ruins, sob o pretexto de que às vezes dão origem a acidentes? Para chegar ao destino distante para o qual quero ir, a ferrovia é melhor do que viajar a pé. É assim que a Regra da Terceira Ordem me levará melhor ao meu fim final.

Além disso, ela traz dentro de si um seguro contra acidentes. Àquele que a abraçou, podemos, de fato, aplicar em boa medida as observações feitas por São Tomás sobre os Religiosos. "Seu pecado, se é leve, é absorvido, por assim dizer, pelas muitas boas obras que ele realiza". E se seu pecado é mortal, ele é mais facilmente aliviado dele. Em primeiro lugar, por causa de sua intenção, que normalmente ele tem dirigido para Deus e que, por um momento, se desviou, se recupera como se por si só... Assim fez aquele que acabara de dizer: "Não conheço este homem" e que, um pouco mais tarde, tendo o Senhor olhado para ele, começou a derramar lágrimas amargas... Além disso, seus irmãos o ajudam a se levantar, segundo este ditado: "Se um cair, o outro o apoiará". Mas ai daquele que cai, não há ninguém que o ajude[[21]](#footnote-22).

Não sejamos como essas almas medrosas que só vêem os riscos envolvidos. São Tomás falou antes de todas aquelas boas obras que absorvem os pecados a que se está exposto. Aquele que fez profissão, mesmo sem votos religiosos, participa, na medida em que a profissão o estabiliza, das vantagens que a perpetuidade dos votos traz. A realização de boas obras é, para ele, mais segura e mais meritória.

Mais seguro, de fato, porque ele se comprometeu com isso e, conseqüentemente, falhará com menos facilidade.

Mas será realmente mais meritória? Não é mais meritório oferecer este trabalho a Deus espontaneamente, com minha liberdade ainda intacta? - Vamos distinguir. Não se age pela força quando se age em virtude de uma promessa feita livremente. E pelo fato de ter consagrado seu poder de ação a Deus para sempre, você se submeteu a Ele muito mais do que se você apenas oferecesse a Ele atos sucessivos. Não é aquele que abandona a árvore sem retornar mais generoso do que aquele que traz o fruto ano após ano? E então, quando, após profunda reflexão, eu tenho professado fazer o bem sempre, minha vontade é exercida com um apego mais forte a esse bem do que se meu ato for improvisado em um movimento de fervor fugaz e superficial. Além disso, o voto não impede que se continue se dedicando alegremente, se as boas disposições persistirem. Mesmo em momentos de tentação e fraqueza, existe uma certa satisfação em se sentir refreado pelos compromissos do passado. Como uma pessoa doente e insegura que foi obrigada a passar por uma operação dolorosa até o final[[22]](#footnote-23).

Finalmente, ao mérito da virtude particular que exerço ao fazer esta ou aquela ação - a virtude da penitência, por exemplo, quando jejuo - acrescenta-se o mérito superior da alta virtude da obediência. Pois esta é a grande vantagem de uma profissão deste tipo. Ao não observar a Regra, não se peca contra a obediência, e ao observá-la se tem o mérito da obediência. Se o preceito não entra em jogo quando nos colocaria em perigo de pecar, ele permanece válido para facilitar e conceder mérito. E que mérito! Como São Tomás ensina, o mérito de um ato de virtude consiste em o homem desconsiderar um bem criado a fim de aderir a Deus. Portanto, após as virtudes teológicas, que nos fazem aderir a Deus, dificilmente se vê qualquer virtude moral que possa ser mais meritória do que a obediência. Não nos faz desprezar, com o único propósito de aderir a Deus, o melhor de todos os bens criados, ou seja, a nossa própria vontade[[23]](#footnote-24)?

Não consigo pensar em ninguém melhor para comparar nosso Terciário do que um filho de família que trabalha para seu pai. Seu pai não o obriga. Mas será que o filho, portanto, negligenciará o bem da casa? Irá ele desconsiderar os desejos do pai que preside este bem? Isso seria mostrar estupidez, mostrar-se indigno de seu título de filho e revelar uma alma mercenária e escrava. O filho, portanto, trabalha, e geralmente faz ainda mais do que o criado. Mas seu trabalho é feito com a boa vontade de um voluntário. Mas ele ainda tem todo o mérito da obediência. Sua obediência é ainda melhor porque parece estar mais impregnada de amor, baseando-se no carinho que sente por seu pai e no interesse que ele tem pelo bem da casa.

## Artigo III Um estado religioso

Cada profissão nos coloca em um estado. A profissão de terciário como outras. Mas enquanto a maioria dos homens está estabelecida, pelo fato de sua profissão, em uma situação profana, o terciário está fixado em um estado religioso.

O que você quer dizer com o estado religioso? Não são apenas aqueles que fazem os três grandes votos neste estado? Se estendemos o significado desta palavra, não deveríamos dizer que todo homem, assim que é cristão, está em estado religioso? Qual é o lugar especial dos terciários entre os simples cristãos e aqueles aos quais o nome de religiosos é geralmente reservado?

Todas estas são perguntas que surgem e às quais eu gostaria de responder. Não levando-os um a um, mas definindo os princípios que permitem resolver estes problemas.

Na verdade, todo cristão, desde o dia de seu batismo, é fixado em um estado religioso. Ele pertence para sempre à religião da qual Nosso Senhor Jesus Cristo é o soberano pontífice.

Desde a própria concepção de sua humanidade, Nosso Senhor foi ordenado sacerdote. Pelo simples fato de que a pessoa do Verbo assumiu esta humanidade, ele foi separado dos outros homens, totalmente consagrado a Deus por toda a eternidade, e confiado poderes para trazer a ele a homenagem da raça humana e para descer sobre nós as bênçãos divinas.

É através do sacrifício da cruz que a religião de Jesus Cristo é plenamente expressa. Como todos os sacrifícios antigos eram apenas a figura e a preparação deste sublime Sacrifício, assim o sacrifício da Missa é apenas sua lembrança e expansão pelo mundo até o fim dos tempos. Agora é um dos objetivos da instituição sacramental colocar os cristãos em condições de participar deste culto eucarístico que, doravante, constitui o centro da verdadeira religião. Os três sacramentos, que deixam uma marca indelével na alma, prevêem isso[[24]](#footnote-25).

### O caráter sacramental e a virtude da religião

O caráter sacramental nos dá um reflexo deste sacerdócio conferido a Jesus por sua união hipostática. Desde o momento do batismo, e cada vez mais até o cume da ordem, também nós somos separados pelo caráter, consagrados ao culto cristão e habilitados a participar dele.

Assim distinguido de outros homens, o cristão é fixado em um estado do qual nunca sairá. Ele não recebeu uma mera delegação nominal, externa e revogável. Como a carne dos escravos e soldados já foi marcada com a efígie do mestre ou líder, sua alma carrega uma impressão que não passará mais do que ela mesma. A graça, que também afeta a alma imortal, pode ser perdida pelo pecado. Mas nenhum pecado, por mais doloroso que seja, pode apagar o caráter. Pois, embora a graça seja um bem pessoal cuja posse está sujeita às flutuações do livre arbítrio, o caráter participa da imutabilidade do sacerdócio de Nosso Senhor, do qual ele é um reflexo em nós. Como sacerdote para a eternidade, Cristo agora nos mantém em suas mãos como seres colocados à sua disposição e qualificados pelo caráter para servir como seus instrumentos.

Se existe um estado de espírito que realmente merece o nome de estado, é este. Onde você pode encontrar tal estabilidade? E este estado é religioso. Pelo caráter que lhe foi eternamente impressionado, a alma se encontra verdadeiramente consagrada a Deus no seguimento do próprio Cristo. Ela traz em sua mente um poder de realização prática que é como aquele possuído em plenitude pelo Sumo Sacerdote da religião cristã. No cenáculo, ele falou a palavra pela qual o grande Sacrifício da Cruz, que a Missa perpetua, foi antecipado. "Este é meu corpo entregue por você, este é meu sangue derramado pela multidão de homens...

"Fazei isto em memória de mim", acrescentou Cristo. E os apóstolos, assim designados para realizar sua ação e colocar em condições de fazê-lo, repetiram suas palavras, reproduzindo seus gestos. Graças ao caráter sacramental que receberam do Senhor, eles foram inseridos naturalmente em sua grande atividade sacerdotal, sempre real, embora invisível. Eles foram vistos assumindo sua atitude, foram ouvidos para pronunciar suas palavras, e realizaram, sob sua influência como Sacerdote Chefe, o mesmo sacrifício.

Esta função dos apóstolos é continuada por todos os padres cristãos. Além deste grande momento em que ele realiza o rito essencial da religião cristã, ele permanece qualificado para oferecer a Deus a homenagem dos homens e conceder-lhes as graças divinas que fluem através dos vários sacramentos e através da mais simples de suas bênçãos.

Se o sacerdote recebeu a plenitude do caráter sacramental, o próprio batizado já possui um início desse poder, que a confirmação fortalecerá ainda mais. Não é já uma participação no sacerdócio de Nosso Senhor ter a possibilidade de se submeter consciente e frutuosamente aos ritos sagrados celebrados pelos líderes do culto cristão? Digamos que os padres são, na sociedade religiosa, agentes de poder, tendo recebido a procuração do Senhor para agir em seu lugar; mas é preciso reconhecer que todo batizado é pelo menos um membro da sociedade e, como tal, capaz de receber sua parte do bem social acumulado por Cristo Jesus.

\*

\* \*

Mas é importante que os cristãos, e ainda mais os sacerdotes, que são assim separados da humanidade, sejam distinguidos em todos os sentidos, que suas almas sejam elevadas ao auge da consagração que receberam, que honrem seu título e exerçam dignamente seus poderes.

O caráter religioso exige a virtude da religião. Ela o exige cada vez mais à medida que nos tornamos cada vez mais marcados com a efígie de Cristo à medida que nos elevamos na hierarquia. Pois não é suficiente para desempenhar um papel na religião cristã. Devemos ter a alma desse papel. Devemos nos conformar intimamente com aquele cujas ações estamos fazendo, e que por todas suas ações, em toda sua vida, honrou seu Pai. Não é apropriado que nós também vivamos o tempo todo como alguém que uma vez celebrou ou participou da missa nesta mesma manhã, e que o fará novamente em breve?

Toda pessoa lógica fica naturalmente surpresa quando um padre, ou mesmo um simples cristão, não tem a santidade que seu caráter exige. Sem dúvida as pessoas do mundo são muito severas com aqueles que são homens pobres como eles e que têm que lutar contra os mesmos obstáculos acumulados pelo pecado. Estes críticos não declaram, quando necessário, que tais obstáculos são intransponíveis? Nisso eles exageram mais e vão para o outro extremo. O mal pode ser vencido com a graça de Deus. Se conhecemos essas dificuldades, sabemos também que os sacramentos, ao mesmo tempo em que nos consagram ao culto cristão, conferem a graça das virtudes e dons e adaptam essa graça tão bem às nossas diversas necessidades que remediam todas as misérias resultantes do pecado.

Mestres da vida espiritual, particularmente dóceis aos conselhos do divino Mestre, deram toda sua atenção à grande virtude da religião, que a graça sacramental deve fortalecer especialmente, e procuraram fazer de seus discípulos profissionais desta virtude, para que sentimentos conformes ao seu caráter religioso possam florescer constantemente em suas almas. Além disso, como esta virtude da religião ocupa um lugar verdadeiramente central na economia da vida espiritual, uma vez que ela se beneficia da influência imediata das três virtudes teológicas e mantém todas as virtudes morais sob seu domínio, era de se esperar que através dela toda a vida estivesse perfeitamente organizada. A história das ordens religiosas testemunha a excelência e a fecundidade desta concepção.

### IIThe virtude da religião e das virtudes teologais

A virtude da religião nos volta para Deus, não para nos unir a Ele como as virtudes teologais, que têm como objeto o próprio Deus, mas para dirigir a Ele certos atos interiores ou exteriores que realizamos a fim de dar testemunho de nossa consciência de sua excelência incomparável, e para assumir a atitude de um servo diante de sua autoridade benéfica.

Pela fé aderimos à verdade de Deus, pela esperança confiamos em seu poder, pela caridade o amamos em si mesmo e por si mesmo. Assim, o exercício das virtudes teologais é apenas um abraço de Deus, uma vida em Deus.

A virtude da religião encontra seu objeto de estudo fora dele, mas é aplicada a ele. Seu objetivo imediato é oferecer-lhe adoração, dar-lhe honra. Devido a este caráter, que o distingue de todas as outras virtudes morais, ele está próximo das virtudes teológicas. Como se preocupa em prestar nossos respeitos a Deus, ela se beneficia mais diretamente de sua influência e até se insinua nestas altas virtudes a fim de colocar a nota religiosa de respeito nos atos de nossa fé, nossa esperança e nosso amor.

Desde o primeiro artigo de seu tratado sobre religião, São Tomás cuidou, sem parecer e sob o pretexto da etimologia, de marcar perfeitamente estas relações entre as três virtudes teológicas e a religião.

A religião, diz ele, vem de *relegere*, o que significa reler. A religião nos faz *reler* assiduamente, como um livro amado, incessantemente retomado, aberto diante dos olhos de nossa alma, reler e meditar sobre o bom Deus mesmo. "Em todos os seus esforços, pense nele", recomenda o Sábio no livro de Provérbios. "Eu cuidei para que o Senhor estivesse sempre diante dos meus olhos", disse David. "O Senhor estava lá e eu não pensava nele", gritou Jacob em um grande reavivamento do sentimento religioso[[25]](#footnote-26). Pensando em Deus na fé, nos tornamos como Moisés, de quem a Epístola aos Hebreus disse que parecia ver o invisível.

Desde Moisés, uma grande graça tem sido concedida ao mundo. A Palavra se tornou carne. O grande livro divino foi traduzido para nossa linguagem humana e ilustrado com imagens, pois precisávamos delas para compreendê-lo e saboreá-lo. Os homens têm tido a revelação sensível do que Deus é. "Nós vimos, ouvimos e tocamos a Palavra da vida", escreve São João.

"Eu sou Aquele que é,... Pense em mim sempre. Nosso Senhor, falando a Santa Catarina de Sena, poderia repetir a mesma definição que Deus havia dado de si mesmo a Moisés. Mas hoje temos a impressão de que uma ternura comovente, uma simpatia encorajadora, brilha no olhar divino que repousa sobre nós e no qual lemos o pensamento de nosso Criador e Redentor, sua idéia de nossa vida.

Aos seis anos de idade, Santa Catarina viu Nosso Senhor no céu acima da igreja de São Domingos, vestida como o Papa, olhando para ela e a abençoando. Durante toda sua vida, ela manteve diante dos olhos de sua alma esta primeira página do livro divino, que simbolizava tudo o que Deus esperava dela. Sua vocação era dedicar-se ao serviço de Jesus na pessoa do Soberano Pontífice, chefe da Igreja, através da Ordem dos Pregadores.

Neste olhar para Deus, cheio de respeito soberano e dependência absoluta, nesta meditação sobre Deus, a religião age sob a influência imediata da fé. Mas veremos que ela não está menos intimamente ligada à caridade.

\*

\* \*

Santo Agostinho pensava que a palavra religião vem de *reeligere*, para reeleger. E como estamos sempre falando de Deus quando falamos de religião, é Deus que a religião nos faz reeleger uma e outra vez. Depois de tê-lo escolhido uma vez como aquele que amamos acima de tudo, nós o escolhemos novamente, tantas vezes quanto descobrimos uma nova e mais profunda razão para amá-lo; e começamos a escolhê-lo novamente com um vivo sentimento de pesar e firme propósito, quando negligenciamos procurá-lo ou talvez, através de um pecado grave, nos tenhamos afastado dele.

"Eu pequei contra o céu e contra ti, Pai, não sou digno de ser tratado como teu filho, pelo menos toma-me como teu servo". - Tu ainda és meu filho", responde o Pai. Mas o filho estará ainda mais ansioso, amorosamente ansioso para servir a ele que quer ser seu Pai, bem como seu Senhor. Este anseio em torno de Deus é devoção, um ato fundamental da virtude da religião que o fervor da caridade torna cada vez mais viva.

Como o filho que se afastou de Deus, e melhor ainda, aquele que permaneceu fiel sentirá sua devoção aumentar conforme seu amor filial cresce.

Sob o impulso de não sei que fonte secreta eles se sentem impelidos a buscar incessantemente o que pode ser agradável a Deus, eles se multiplicam para dar-lhe marcas de honra, para se colocarem às suas ordens. "Sempre pronto para servi-lo, amado Senhor!

Ao sentimento interior, que realiza a essência da religião em espírito e em verdade, serão unidos no momento próprio os vários gestos nos quais o corpo expressa as disposições da alma e ele mesmo presta sua homenagem de adoração. Os homens fazem oferendas a Deus de bens externos dos quais poderiam ter retido o uso, e até mesmo sacrificar coisas que lhes são profundamente queridas. Não contentes em dar seu presente no dia a dia, alguns se comprometem antecipadamente com o futuro através de votos.

E estes são belos atos de religião, impulsionados pelo amor de Deus, pela caridade.

\*

\* \*

Se adotarmos outra etimologia, novamente proposta por Santo Agostinho, a religião derivaria de *religare*, para se conectar. Na verdade, a religião nos conecta a Deus Todo-Poderoso. Sabendo quão fracos somos e o quanto precisamos de ajuda, é a ele que nos apegamos, buscamos seu pacto antes de qualquer outro. E estamos certos em fazê-lo, pois ele é o princípio inabalável, o ponto de apoio inabalável, pelo qual não sucumbiremos. "Meu bem é apegar-me a Deus e colocar nele minha esperança".

Conectar-se a Deus desta forma é o trabalho da virtude teológica da esperança, assim como reler foi o ofício da virtude da fé, e reeleger, a função da virtude da caridade. E o que se seguirá desta vez será, antes de mais nada, a prática assídua da oração.

Após a devoção que mencionamos, a oração ocupa o primeiro lugar entre os atos de religião. Assim como nossa vontade se submete a Deus com devoção, desta vez é nossa inteligência que se submete a Ele, implorando a ajuda necessária. A oração é um ato religioso, mas que é diretamente inspirado pela esperança.

Também através dos sacramentos, através dos sacramentos devotamente recebidos, juntamente com a oração, a alma tem recurso religioso à onipotência divina, que é o grande motivo de nossa esperança. A freqüência dos sacramentos pertence, em primeiro lugar, à prática da religião cristã.

Assim, a virtude da religião se beneficia da proximidade e do brilho das virtudes teológicas para exercer perfeitamente os atos que estão dentro de sua competência.

### IIILuz da religião e das virtudes morais no estado religioso

Além dos atos que a caracterizam adequadamente e que produz por seus próprios recursos, a virtude da religião, assumindo a liderança das outras virtudes morais, pode fazer de todas as obras de nossa vida, sejam elas quais forem, uma liturgia perpétua. "Quer você coma ou beba, faça o que fizer, faça tudo para a glória de Deus".

Para ser chamado de homem religioso, pode ser suficiente adorar a Deus de tempos em tempos por meio de certos atos, por exemplo, assistindo à missa todos os domingos. No entanto, o nome Religioso é reservado, diz São Tomás, a certos homens que dedicam toda sua existência ao culto a Deus e para este fim se libertam dos embaraços do mundo[[26]](#footnote-27).

O nome de Religioso lhes convém por excelência: eles são o próprio tipo de "religioso". Pois eles não se contentam em participar, mesmo que apenas todas as manhãs, do Sacrifício que nosso Sumo Sacerdote renova no altar, nem em acrescentar a ele um dia ou outra oferta, ou mesmo algum voto em particular. Eles se oferecem como um holocausto a Deus, não reservando nada para o presente ou para o futuro. Seja qual for o bem que tenham, eles o sacrificam a Deus Todo-Poderoso[[27]](#footnote-28). Pois o que resta àquele que renuncia a toda propriedade terrena, ao gozo corporal e até mesmo a sua própria livre vontade para Deus? Reconhecemos aqui os três votos que formam a base do estado religioso no sentido pleno da palavra. Eles constituem em si mesmos, e duplamente, atos notáveis da virtude da religião, sendo ao mesmo tempo um sacrifício holocausto, no qual a vítima é inteiramente consumida, e votos que comprometem todo o resto da vida. Eles oferecem tudo para sempre.

Graças a esta oferta que não reserva nada para si, graças a esta promessa que compromete toda a existência, todos os atos que doravante se realizarão serão revestidos de caráter religioso. Eles já são religiosos em sua própria fonte, aquela vontade que é consagrada pelo voto de obediência e que comanda todo o resto.

Aos votos se acrescenta, a fim de assegurar sua prática e aperfeiçoá-los se necessário, separando mais os religiosos do mundo e colocando os detalhes de seus dias a serviço de Deus, todo um sistema organizado de vida regular. Uma obra amadurecida lentamente pela tradição monástica e que cada patriarca adaptou-se ao fim da Ordem fundada por ele: o hábito, o recinto, o silêncio, o coral, o estudo da ciência sagrada, as obras penitenciais, a maneira de comer, de se recrear, de se entregar ao sono. Chamam-se observâncias, e devemos ter cuidado, se quisermos entender o significado desta palavra, que observar significa originalmente respeito. Não é uma questão de cumprir, em vão, uma série de prescrições, mas de fazê-lo para honrar a Deus. Deve-se notar, além disso, [[28]](#footnote-29)que o termo observância se aplica apenas às prescrições de uma lei religiosa. Eles são observados por consideração a Deus, que está sempre presente, para mostrar-lhe atenção, reverência ou dependência. Assim, tudo, mesmo o silêncio, torna-se, nas palavras das Constituições dominicanas, uma bela cerimônia litúrgica.

O Dominicano Terciário "participa da vida religiosa da Ordem dos Frades Pregadores" (I, 1). Esta é a conseqüência da profissão que ele fez "em honra de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo". Embora esta profissão não inclua nenhum voto, ela estabelece em "uma ordem sagrada" aquele que a fez. A partir de então, ele permaneceu sujeito aos superiores e teve que seguir uma regra. Esta regra contém um conjunto de observâncias, escolhidas de modo a levar sua vida ao século do próprio espírito do estado religioso.

"Peço que me seja dada... para levar para o túmulo... a Regra da Ordem, assinada pelos meus superiores, que será encontrada na minha mala de viagem". A Duquesa de Alencon, que foi queimada viva no Bazar da Caridade e cuja vida exemplar os terciários de São Domingos há muito apreciavam, havia escrito estas linhas em seu testamento. Ela nunca se separou da Regra da Terceira Ordem, mesmo quando viajava. Ela a havia usado, com as explicações de seus superiores, durante o noviciado preparatório para sua profissão, e a manteve desde então para ajustar sua vida religiosamente.

O Terciário, como os Religiosos da grande Ordem, recita seu Ofício Divino "sete vezes ao dia" e talvez "se levante no meio da noite" para realizá-lo novamente. Não há sequer o hábito característico do estado religioso em que ele entrou que o terciário não tenha também recebido e deve doravante usar. Com a criação da Terceira Ordem", diz Pe. Lacordaire, "Dominic trouxe a vida religiosa para o seio da família doméstica e para a beira do leito nupcial".

"Proteger-se contra o contágio do mundo" faz parte da religião, de acordo com São Tiago. Sem dúvida, este é o trabalho da virtude da temperança ou de outras virtudes similares. Mas a virtude da religião eleva este trabalho à dignidade que ele mesmo caracteriza[[29]](#footnote-30). Ele nos exorta a excluir de nossas vidas tudo que é feio, tudo que é frívolo, tudo que é vaidoso[[30]](#footnote-31), e a colocar em seu lugar a honra que o Deus em cuja presença estamos querendo encontrar, a fim de tirar dele a glória.

Há todo tipo de virtudes morais para moderar os impulsos de nossas luxúrias, para nos dar coragem apesar de nossos medos, e para regular nossas relações com os outros. Acima dessas virtudes de temperança, força e justiça, há a prudência, que determina e comanda os atos que devem ser realizados em cada ordem. Mas mesmo acima desta virtude do governo, a grande virtude da religião se eleva para permeá-la e, através dela, espalhar-se a todas as nossas outras virtudes morais.

A honra de Deus, que ela contempla constantemente e pela qual dá à alma uma preocupação constante, é uma ajuda poderosa para tomar decisões razoáveis e manter resoluções firmes. Respeito pela Presença Divina, que freio para as paixões! O pensamento de que Deus pode estar orgulhoso de nós, que estímulo para lutar por um ideal elevado e para persegui-lo sem egoísmo! Sob a influência da caridade que a anima tão de perto, a virtude da religião soa constantemente nos ouvidos da alma o grito de São Paulo: Tudo para a glória de Deus! E nos impele constantemente para alturas que de outra forma não atingiríamos[[31]](#footnote-32). Numa vida assim levada, qualquer obra de renúncia ou devoção, como as de conter a língua ou cuidar de órfãos, das quais São Tiago fala expressamente, torna-se na verdade "uma religião pura e imaculada diante de nosso Deus e Pai[[32]](#footnote-33)".

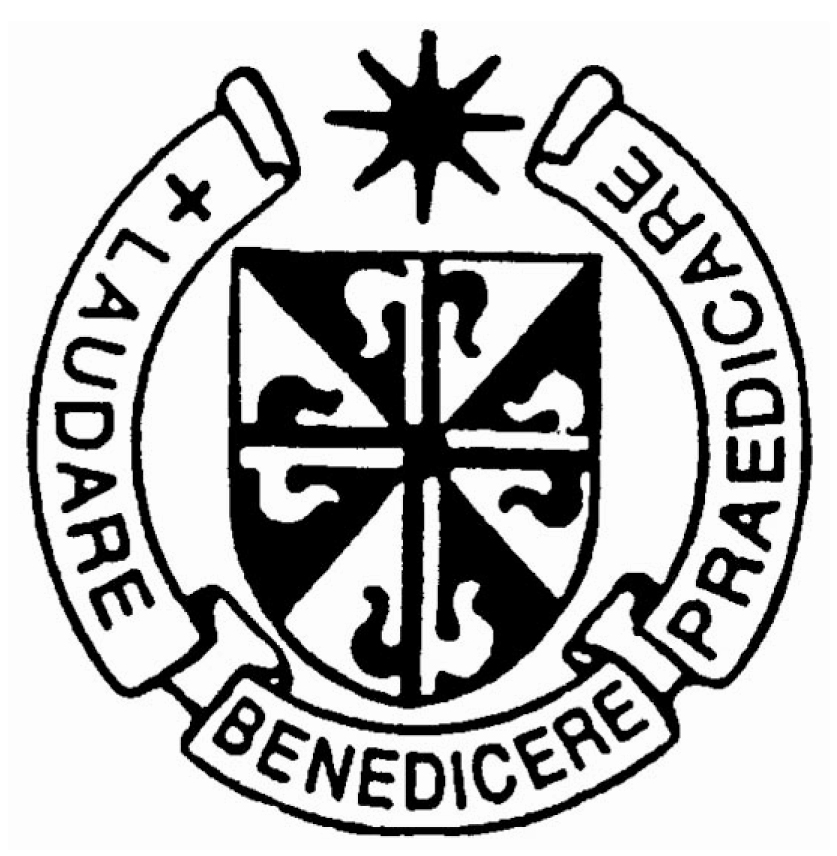
A docilidade aos mandamentos de Deus não é suficiente. Embarca-se no caminho dos conselhos evangélicos. O Terciário, que não pode fazer os três votos, está pelo menos inspirado por seu espírito de fazer sacrifícios nestes mesmos assuntos. Deus é tão preferível a toda a riqueza, a todo o prazer, a toda a independência! Por ele, a fim de homenageá-lo, nós nos desprendemos dos bens terrenos.

Acabaram-se estas grandes preocupações de previsão, que são duplamente excessivas, porque não contamos o suficiente com Deus e muito com dinheiro! Haverá cada vez menos ganância para ganhar e, no entanto, não será desperdiçado tempo sem trabalho útil. Saberemos gastar cada vez melhor no interesse de todos, lembrando que a propriedade nos foi dada por Deus para facilitar a exploração, mas não para reservar para nós mesmos os frutos da mesma. Devemos saber dar o que é supérfluo. E se às vezes falta o que é necessário, acolheremos a verdadeira pobreza que nos chega providencialmente.

Por outro lado, acostumamo-nos a uma vida austera na qual a alegria existe apenas no conteúdo, não procurada com paixão nem saboreada à vontade, mas saboreada apenas e quando Deus a dá, sem que ela tenha sido pedida, dificilmente desejada.

Finalmente, nos sentiremos tão bem que Deus é o Mestre, nos manteremos tão cuidadosamente no caminho de Sua Senhoria, que sempre obedeceremos a Sua própria autoridade, paternalisando a dos superiores visíveis. E se é nosso dever exercer um comando, o faremos dentro do espírito de obediência a Suas ordens.

Assim entendida, a religião, diz São Tomás, é identificada com a santidade, pois ela não só prevê o cumprimento de funções propriamente culinárias, mas abrange toda a vida e a organiza em perfeição, sendo para este fim o melhor instrumento da virtude da caridade[[33]](#footnote-34).



# Capítulo I Nossa família religiosa

## Artigo I Uma verdadeira família

### I A Ordem de São Domingos

A criança que nasce não nasce apenas da união de um pai e de uma mãe, ela é fruto de toda uma sociedade que há muito se formou e se espalhou em torno dela. Como ele tem vivido sobre a substância da mãe, ele continua a viver dentro deste grupo humano. Depois de vários anos de inconsciência em que ele permanece confuso na massa, se ele gradualmente se elevar ao sentimento de sua individualidade, não será para se isolar de seus semelhantes. Ele só vegetaria corporal e espiritualmente. Pelo contrário, ele terá que se esforçar para sancionar e compreender melhor aquela vida social que sua razão entendeu ser necessária. Para alcançar seu desenvolvimento perfeito e encontrar finalmente a felicidade, o indivíduo humano precisa permanecer constantemente unido a seus irmãos. Não é bom para o homem estar sozinho, disse o Criador.

Agora é o homem, como ele é normalmente constituído, que Deus o levou para elevá-lo ao estado sobrenatural. Na instituição desta nova ordem, Deus não poderia, sem continuidade em seus desígnios, contradizer a aspiração natural no coração de sua criatura e se recusar a responder à necessidade que sente. Assim, a Igreja Católica não é mais que uma realização social da religião, expressamente querida e preparada pelo próprio fundador divino do cristianismo. Todo o Evangelho dá testemunho disso, apesar do que os protestantes possam pensar. E quando lemos as numerosas passagens das epístolas onde São Paulo fala do corpo místico de Cristo, é fácil ver que ele tem em mente, antes de tudo, este encontro de homens em uma corporação bem organizada onde eles devem se ajudar uns aos outros, cada um cumprindo suas funções particulares de acordo com o lugar que ocupam e todos colaborando juntos para o bem comum. Entende-se que cada um vive pela graça do líder. Mas é a comunidade desta participação, a solidariedade de todos os membros de Cristo e a ajuda que eles devem dar uns aos outros, que São Paulo está especialmente preocupada.

Como a Idade Média era verdadeiramente cristã, bem como profundamente humana, eles cultivavam este espírito de associação em todos os lugares. Ela a cultivou do ponto de vista civil, e sabemos como as guildas floresceram. Ele o cultivou do ponto de vista religioso, e a Ordem de São Domingos é um dos mais belos sucessos deste movimento. Dentro de uma pátria comum, um pertenceu a esta ou aquela corporação de acordo com o serviço temporal ao qual foi dedicado. Nossa Ordem é uma corporação espiritual onde os membros desta imensa sociedade que é a Igreja estão agrupados em uma comunidade mais íntima. Eles não querem sair desta Igreja, fora da qual não há salvação. Eles não fingem se elevar acima dele. Eles permanecem dentro dela. Somente eles formam um grupo especialmente homogêneo. Eles não poderiam ser melhores comparados a uma família real no meio de uma grande cidade. E a própria Igreja só pode se beneficiar de ter tais famílias, que estão ainda mais vivas porque seus membros estão mais unidos entre si.

Quanto mais e melhores almas estiverem associadas, mais e melhor elas serão protegidas contra suas fraquezas individuais e resgatadas do desânimo que espreitava em seu relativo isolamento. Se eles encontrarem apenas pessoas fracas como eles, suas vontades solidárias são apoiadas e fortalecidas mutuamente. Mas, muito mais se eles se sentem rodeados de almas enérgicas que lhes mostram o caminho e os atraem. Informados e estimulados pelos líderes, animados e apoiados por uma emulação fraterna, eles finalmente dão tudo de si. Por que eu não deveria fazer o que meus irmãos e irmãs fazem? Sim, eu posso, meu superior religioso e meu diretor espiritual me dizem isso e me mostram os meios.

A União tem a vantagem adicional de permitir a divisão do trabalho. Os indivíduos que se agrupam, cada um se dedicando a uma parte especial da tarefa comum, obtêm um resultado muito superior à soma de todos aqueles que produziriam separadamente. São Domingos pensou nisso na concepção de sua Ordem, cujos diferentes ramos se complementam, e até mesmo na organização de cada um de seus conventos.

\*

\* \*

Entre os dominicanos, o isolamento não está previsto, nem mesmo por períodos, como acontece entre outros religiosos, os franciscanos ou os carmelitas, por exemplo. Dominic se estabeleceu no meio de uma cidade populosa, e fez de sua casa de pregadores uma cidade real e não uma mera aglomeração de indivíduos. Para ele, o convento perfeito não é aquele em que cada um cumpre tudo o que a Regra exige. O objetivo é alcançado coletivamente. Há uma partilha prevista pelas Constituições e organizada pelo superior. Ele concede a cada um as dispensas necessárias em certos pontos para que ele possa fornecer melhor a fruta especial que se espera dele.

A própria Ordem se forma no universo como uma grande cidade. Desde o início, o núcleo da Ordem foi semeado na terra de Prouille, e já estava claramente especificado. Sob o nome de "santa pregação", incluía um mosteiro de irmãs contemplativas, próximo ao qual os frades tinham sua base. As longas orações destas irmãs e sua vida de imolação no claustro compensaram o que os irmãos, tantas vezes arrastados para o turbilhão do mundo, não puderam realizar. Foi um contrapeso, do lado da contemplação, para equilibrar a vida mista dos pregadores.

Havia outro, do lado da ação, ao qual os irmãos só podiam se dedicar com moderação se desejassem permanecer fiéis à soma da vida monástica, canônica e estudiosa, fixada por seu fundador. Já em 1206, os leigos tinham se reunido, a pedido do Bispo Foulques, amigo de nosso Beato Padre, sob o nome da "Milícia de Jesus Cristo", verdadeiros cavaleiros que também se distinguiam pela túnica branca e pelo manto negro e cujo objetivo era defender a fé, os direitos da Igreja e todos os interesses católicos. Este título de cavaleiro se beneficiou da orientação de São Domingos. Introduzido na Lombardia, floresceu ali, e o Papa Gregório IX, em 1235, recomendou ao Beato Jordão da Saxônia, o primeiro sucessor de São Domingos, que fornecesse cuidadosamente sua orientação espiritual. Com o Beato Raimundo de Cápua (na *Vida de Santa Catarina de Siena*), esta "Milícia de Jesus Cristo" é geralmente vista como a primeira forma da Terceira Ordem.

Mas também inauguraram, e mais seguramente, a vida dos terciários dominicanos, aqueles outros leigos e leigas que, sofrendo com o afrouxamento da moral cristã em meados do século, agrupados sob o nome de "penitentes" ou "continentes", freqüentavam a igreja dos pregadores, Eles foram inspirados por suas observâncias religiosas, ajudaram-nos com sua amizade, seus bens, seu poder temporal e, em troca, beneficiaram-se de sua ajuda espiritual, de seus conselhos autorizados, do exemplo de suas virtudes, e assim aumentaram em dez vezes sua ação benéfica no mundo. Quando a "Milícia de Jesus Cristo" não tinha mais razão de existir como uma ordem militar, ela se permitia ser absorvida por essas fraternidades de um tipo ligeiramente diferente, a fim de combater o mal e promover o bem apenas com armas espirituais.

O Mestre Geral, Muño de Zamora, o sexto sucessor de São Domingos (1285), para constituir definitivamente a Terceira Ordem, só unificaria e aperfeiçoaria os regulamentos há muito utilizados naquelas fraternidades de penitência que a influência dos conventos dominicanos havia atraído desde o início e que estavam sob a orientação dos pregadores.

O mesmo havia sido organizado sob influência franciscana. Nas queixas que o clero da Inglaterra dirigiu ao Rei Henrique III por volta de 1255 contra os Frades Pregadores e Menores, encontramos esta reprovação: "Eles criaram novas confrarias nas quais entram homens e mulheres em tão grande número que dificilmente é possível encontrar alguém que não seja membro.

Isto foi provavelmente um exagero. Outras fraternidades foram mesmo formadas, que permaneceram independentes. Mas, além do benefício sobrenatural que todos esses penitentes poderiam encontrar ao se agruparem em um território, à sombra de uma capela, as fraternidades que acabamos de ouvir criticar de forma inadequada, as fraternidades de São Domingos, em particular, tinham todas as vantagens que a entrada em uma Ordem como a dos Pregadores lhes dava. É uma "Ordem sagrada", animada por um espírito que a Igreja sempre aprovou como sendo da melhor qualidade cristã, enquanto outros grupos, nascidos da mesma boa intenção, logo foram suspeitos de heresia, sofreram as condenações da Igreja e pereceram miseravelmente. Que graça é pertencer àquelas Fraternidades dominicanas que triunfaram sobre a provação de sete séculos, sentirmo-nos conduzidos a caminho do céu por todos os santos que nos precederam lá em cima no fervor deste espírito, ver-nos apoiados por uma multidão de pais, irmãos e irmãs que ainda vivem na terra!

### II Solidariedade dominicana

Ao pertencer a uma Ordem como a de São Domingos, desfruta-se das vantagens que qualquer associação produz naturalmente em cada um de seus membros. Não insisto na partilha e especialização do trabalho que permite a toda a Ordem realizar seu imenso e complexo trabalho.

Recordo em poucas palavras apenas o apoio moral dado pelo exemplo dos irmãos que se uniram, a luz e a coragem extraídas dos ensinamentos dos mestres autorizados que presidem e dirigem sua vida espiritual, o benefício que derivam da herança incomparável deixada na terra pelos antepassados veneráveis cujos filhos se tornaram. Que herança a família acumulou ao longo de tantos séculos!

Lemos todos esses livros que explicam as origens e a história de nossa Ordem, a vida dos santos que a ilustraram, o pensamento de seus médicos, com tanto lucro quanto alegria. Para alimentar nossas almas, temos, se me permitem, apenas para comer o bom pão de nossa casa e beber o vinho de nosso vinhedo.

E aquelas imagens artísticas que nos mostram os traços de nosso Bem-aventurado Pai e o melhor de seus filhos e filhas, que bela galeria de retratos, com os quais é bom e útil rodear-nos e que nos ajudam a não esquecer! Feliz por termos tido um Fra Angelico para pintar esses rostos queridos, para nos mostrar nossos santos participando dessas grandes cenas do Evangelho que devemos reviver em seus passos, e entrando com os anjos na bem-aventurança do paraíso onde esperamos nos unir a eles.

Mas eu gostaria de explicar um pouco sobre alguns efeitos maravilhosos de natureza sobrenatural que só são realizados em fraternidades religiosas como a nossa. Nessas sociedades, realmente nos merecemos uns aos outros, rezamos efetivamente uns pelos outros, satisfazemos estritamente os pecados uns dos outros. E a própria morte não põe fim a esta comunicação benéfica que a Igreja chama de comunhão dos santos.

\*

\* \*

Aproveitar o mérito dos outros é mais do que receber um estímulo psicológico do espetáculo de seus bons exemplos, o que nos impele a imitá-los, é obter em nós mesmos uma espécie de valor agregado pelo simples fato das boas obras que eles realizam.

Sem dúvida, cada um merece o aumento da vida sobrenatural para si mesmo. Assim, o fruto é dado à própria planta da qual se levanta a seiva, e o conhecimento é dado apenas à mente que se aplicou ao estudo. O ato dos outros não pode dispor formalmente minha alma à infusão de graça santificadora.

Mas existe um mérito menor, mas real, que é comunicável. Deus está naturalmente inclinado a estender aos amigos daqueles que o amam o prazer que ele tem por eles. É justo que Ele faça a vontade daqueles que vivem no cumprimento de Sua vontade. Mas será que estes não desejam que todos os membros de sua família espiritual sejam santificados? Deus, portanto, faz disso seu próprio desejo. Por causa deles, ele envia a todas as almas que estão unidas a eles ajuda presente que, se eles não resistirem, traz consigo uma conversão, uma maior santificação.

Assim, a caridade, ao mesmo tempo em que produz um aumento da vida em uma alma à medida que é exercida, também leva, por esses desvios, à perfeição de todos aqueles que lhe são próximos. Entre membros de um mesmo corpo místico de Jesus Cristo, especialmente entre células que estão mais intimamente ligadas umas às outras, nos beneficiamos mutuamente de nossas boas obras. Não é sequer necessário que formemos uma intenção expressa a este respeito, embora seja útil para estimular nossos esforços e distribuir seus frutos.

A Beata Stephanie era filha de um excelente cristão, um terciário de nossa Ordem, e seu pai a levou consigo quando foi pedir conselho a seu diretor espiritual, o Beato Matthew Carreri. Sabemos o quanto os méritos dessas duas almas o beneficiaram. O Beato Mateus disse-lhe uma vez que ela seria sua herdeira. Ela herdou, de fato, sua ardente caridade e sua participação nos sofrimentos de Nosso Senhor. Ele carregava os estigmas sagrados em seu corpo, e ela participava todas as sextas-feiras da Sagrada Paixão.

\*

\* \*

A oração pode ser acrescentada à intenção de mérito para os outros. E a oração acrescenta um novo valor ao mérito. O mérito foi baseado na própria justiça de Deus. A oração, além disso, apela à sua misericórdia para que ele possa distribuir as esmolas de suas graças.

Em suas cartas à Beata Diana e suas filhas no mosteiro de Bolonha, o Beato Jordão da Saxônia recomenda com confiança que rezem pela Ordem, para que os frades possam crescer em número e em virtude. Algum tempo depois, ele relatou a eles os magníficos resultados de suas orações. "Alegrai-vos e dai mil graças ao Pai de todos os bons... Apreendido com repulsa quando vi que havia pregado durante muito tempo em vão, ou mais ou menos, aos estudantes da Universidade, estava pensando em partir, quando de repente Deus se dignou sacudir os corações de um grande número e tornar fecundo o ministério de minha palavra pela efusão de sua graça. Dez já tomaram o hábito. Mais tarde, ele escreveu: "Suas orações e as das irmãs foram maravilhosamente atendidas, nossos irmãos estão se multiplicando em todo o mundo e estão crescendo em número e em mérito em todos os lugares".

A teologia nos diz que a oração só é infalível se for sobre nós mesmos. Pois é a nós mesmos que nossa oração humilde, confiante e perseverante nos coloca em posição de receber os dons de Deus. Mas os outros, neste caso, são um com nós mesmos, pertencem à mesma família espiritual, chegaram a ela e permanecem nela com os mesmos sentimentos. Raramente se interpõem no caminho daquelas graças que lhes pedimos, assim como para nós mesmos.

\*

\* \*

Na medida em que nos esforçamos para fazê-lo, nossas orações e boas obras têm um terceiro valor, chamado satisfatório, e este é reversível de um para o outro sem nenhuma perda. A rigor, este é o momento em que podemos suportar a dor dos pecados de nossos irmãos em seu lugar. Substituímos nossos próprios atos pelos deles, pagamos por eles, e o credor divino está satisfeito. São Tomás até observou que Deus é menos exigente quando a pena é oferecida por outro do que quando o culpado paga por si mesmo, porque a caridade, que dá valor acima de tudo à satisfação, geralmente é maior quando consentimos em nos doar por outro.

Gostaria de citar aqui uma página em movimento do formulário utilizado em algumas Fraternidades para a profissão. Em nome da Sé Apostólica e do Reverendo Padre Geral, o Diretor da Fraternidade afirma solenemente que o novo Irmão participará "das boas obras que são feitas diante de Deus, exercidas e praticadas em nossa Ordem, sejam elas quais forem, onde e por quem forem". Que vocês se beneficiem", diz ele, "dos sacrifícios de todos os nossos sacerdotes, das orações de todos os nossos irmãos que cantam os louvores de Deus de noite e de dia, dos homens apostólicos que evangelizam, dentro e fora da cristandade, os hereges e idólatras: de seu suor, de suas peregrinações e viagens, das provações dos jovens, dos votos das virgens, das lágrimas dos penitentes e do trabalho de nossos irmãos leigos...".

\*

\* \*

Não contente em derramar sobre o novo frade as bênçãos espirituais que os membros vivos da Ordem lhe trazem, ele invoca sobre sua alma as graças que lhe serão concedidas por todos os bem-aventurados do céu, dos quais ele menciona os mais ilustres, primeiro o nosso Patriarca, depois os mártires da fé, os grandes bispos, os santos confessores, as gloriosas virgens e a multidão inumerável daqueles que celebramos no dia dos santos dominicanos. Todos eles permanecem da Ordem à qual estamos vinculados. Somente os membros apanhados em pecado mortal são separados de nossa corporação pela morte. Mas os santos que Deus recebeu na beatitude estão mais do que nunca entre nós. Eles cuidam de seus irmãos na terra, intercedem por eles, rezam. E Deus nos abençoa levando em consideração seus méritos, assim como suas orações.

Nosso Pai São Domingos o disse quando ele morreu: Serei mais útil para você lá em cima do que aqui embaixo. *O spem miram quam dedisti!* Que esperança maravilhosa você nos deu aqui! Pai, ajude-nos com suas orações... *Pastelaria Dominice, tuorum memorum operum...* Ó doce Pai, mostre-nos seus méritos perante o Juiz Soberano.

As vidas das almas dominicanas que foram favorecidas com visões autênticas podem ser lidas com vantagem. Estes favores são destinados a manifestar o que está acontecendo com todos nós de forma invisível. São Domingos, acompanhados por um ou outro de nossos santos, se mostra a eles. Na maioria das vezes, ele vem buscá-los na sua última hora. As grandes etapas de sua vida espiritual também são marcadas por tais aparições. Às vezes, para a Beata Catarina de Racconigi e Lúcia de Narni, por exemplo, elas até precedem sua entrada na Ordem onde essas almas estão predestinadas a se santificar. E por que não mencionar o caso consolador do Beato Antoine Neyrot? Da apostasia na qual ele caiu entre os muçulmanos, ele se levantou para o martírio, graças a São Antonino, que uma vez lhe deu o hábito religioso no convento de São Marcos e que lhe apareceu do alto da glória para exortá-lo ao arrependimento.

Todos os anos, pecadores que todos nós somos, recitamos, no Ofício de Todos os Santos, e especialmente na festa de todos os santos de nossa Ordem, uma bela responsabilidade, cujo fim é o seguinte: "Que seus méritos nos ajudem, a nós que somos prejudicados por nossos próprios pecados! Que a intercessão deles nos desculpe enquanto nossas ações miseráveis nos acusam! E Vós, Senhor, que lhes concedestes a palma da vitória, não nos negueis o perdão de nossas faltas, para que possamos finalmente ser associados a elas nas alturas.

Várias vezes ao ano, uma absolvição geral nos é dada, seja em fraternidade ou individualmente no confessionário, para completar o trabalho de perdão de nossos pecados remetendo a punição que eles merecem. Devemos esta absolvição a nossos santos no céu. Eles trabalharam tanto aqui na terra, quando tinham tão pouco para se satisfazer, que acumularam um tesouro inesgotável do qual aqueles que se uniram a sua família se beneficiam em primeiro lugar.

Se o Purgatório é necessário apesar de tudo, no final de nossa vida terrena, nossos irmãos no céu e os da terra ainda nos serão úteis através desta maravilhosa colaboração que a doutrina das indulgências nos revela.

A Igreja, de fato, contando com o tesouro dos santos, apegou-se a certas orações e obras de indulgências totais ou parciais que podem ser aplicadas daqui em diante aos próprios falecidos. Este rico meio de ser-lhes útil se soma a todas as obras satisfatórias que podemos oferecer para eles como para nossos irmãos vivos, e aos sufrágios que a Regra determina. Vamos dar-lhes esta bela esmola. Outros nos farão o mesmo serviço mais tarde.

### III Vida em Fraternidade

Se alguém fosse um Terciário isolado no mundo, sem apego a qualquer fraternidade, sem um diretor escolhido entre os Frades Pregadores, ainda haveria um grande benefício em entrar na Ordem de São Domingos, uma vez que todos aqueles benefícios sobrenaturais que enumeramos permaneceriam conosco. Embora separados de qualquer meio dominicano, estaríamos comungando com a grande vida invisível da Ordem.

É por isso que a Regra estabelece que se pode ser admitido na Terceira Ordem sem pertencer a nenhuma fraternidade (I, 4). Mesmo nestas condições, a recepção do hábito confere imediatamente a faculdade de participar de todos os bens espirituais dos irmãos e irmãs da Ordem (IV, 19).

Uma pessoa que vive em um país onde a Fraternidade Dominicana não está estabelecida pode assim aproveitar a visita de um Frade Pregador para entrar na Terceira Ordem de São Domingos. Outro, que vive próximo a uma Fraternidade, pode no entanto ter uma razão especial para não pertencer a ela. Cabe àquele que recebeu os poderes dos superiores da Ordem julgar o valor deste motivo. A Regra baseia-se em sua prudência para a admissão ao hábito, bem como para a profissão que se seguirá, uma vez terminado o tempo de experiência (V, 23).

Mas qualquer um que afirma permanecer um Terciário isolado, quando pode entrar para uma Fraternidade, mostraria que não entende o que é a Terceira Ordem. No Código de Direito Canônico, ele é definido como "uma associação de cristãos". E basta ler a Regra para ver o que ela pede a este respeito. Estes cristãos, que se agruparam a fim de melhor lutar pela perfeição, se colocam sob a orientação da Ordem (I, 1), ou seja, normalmente estão em contato com o convento vizinho dos Frades Pregadores, do qual recebem a direção necessária. Eles têm um Diretor que normalmente pertence a este convento. É diante deste Diretor, que ocupa o lugar do Reverendo Mestre Geral da Ordem, que se faz profissão.

O Mestre Geral e o Prior Provincial têm o direito de visitar cada Fraternidade, por eles mesmos ou por delegação, uma vez por ano, e ainda mais freqüentemente se necessário. O que julgarem oportuno no Senhor, seja conselho, advertência, ordem, correção ou mesmo o depoimento de algum dignitário, deve ser aceito, da Fraternidade e de cada um de seus membros, num espírito de gratidão e humildade (XIV).

O Diretor, instituído pelo Mestre Geral ou pelo Prior Provincial, "pode, em virtude de seu cargo, fazer tudo o que diz respeito à formação e à direção espiritual dos confrades". Uma vez por mês, eles se reúnem para receber suas instruções, as explicações da Regra que ele fornecerá, os conselhos, as repreensões, as punições até mesmo que lhe pareçam úteis, as dispensas também, e finalmente a absolvição das ofensas. Juntos eles participam da missa, rezam pela intenção recomendada e recitam os sufrágios para os mortos (XIV, XVII-XIX).

O Diretor é assistido por um Conselho, que inclui um Prior, um Sub-Prior e um Mestre Noviço, cuja instituição e funções estão previstas na Regra. Todos devem colaborar, cada um à sua maneira, na edificação dos membros da Fraternidade (XV-XVI).

Somente os perfeitos são adequados para a vida solitária, diz São Tomás. Sendo perfeitos, eles podem ser auto-suficientes. Mas os outros têm todo interesse em se associar uns com os outros para receber os ensinamentos, exemplos e correções que são tão úteis para aqueles que desejam alcançar a perfeição espiritual[[34]](#footnote-35).

É porque eles são perfeitos que tal pessoa se abstenha de freqüentar a Fraternidade? Não é antes porque uma certa pessoa, que está no comando, não tem sua simpatia, porque o Padre X. não é mais Diretor? E isto não é, pelo contrário, um sinal notável de imperfeição?

Este Pai não é mais Diretor! Mas "o que importa Pedro, ou Paulo, ou Apolo? Somente Deus, Cristo Jesus e nosso Pai São Domingos são assuntos, e os outros também são apenas seus delegados. Santa Catarina de Siena beijou os passos dos frades pregadores que passavam, sejam eles quem forem.

Você não gosta dessas pessoas? Fazer os sacrifícios que a caridade cristã exige, ali como em toda parte. Ide às reuniões, e quando tiverdes assistido bem à Missa e rezado juntos, não podereis guardar maus sentimentos contra a pessoa que, ao vosso lado, está comungando com o mesmo Cristo, que faz os mesmos sotaques para com o mesmo Pai, São Domingos, e a quem destes o beijo da paz no dia da posse

Nessas reuniões familiares, aprende-se as formas de pensar, rezar e agir que constituem o espírito de nossa Ordem; aprende-se sobre suas memórias, tradições e costumes, todas as coisas veneráveis que os mais velhos transmitem aos jovens; comunicam-se notícias interessantes sobre as manifestações da vida atual; e experimenta-se o que diz o salmo: é bom e doce viver em fraternidade

É lá que se conhece as várias necessidades da grande família dominicana, para qual de suas intenções é importante rezar, como se pode ajudá-la. Cada um oferece sua devoção, cada um trabalha de acordo com suas possibilidades. Estes podem prestar serviços de natureza intelectual, participar do próprio apostolado, catequizar um adulto convertido, por exemplo. Aqueles que mantêm a sacristia, humildemente tricotam as meias, preparam uma venda de caridade, ou o que quer que seja. A devoção é impessoal. Não é para o Padre Fulano de Tal, é para o convento, para o noviciado, para a província... E se o trabalho que se fez passa despercebido, aceita-se com modéstia este auto-anulação, feliz por ter mostrado a São Domingos o reconhecimento a que ele tem direito de nossa parte.

Se chegar o dia em que as necessidades o levarem para longe da Fraternidade, impedi-lo de participar de suas reuniões, privá-lo dos conselhos do Pai que o conduzia, você dirá, como Henrique de Colônia à Jordânia da Saxônia, na lembrança da época em que sonhavam estar juntos (*Stemus simul!* ): "Onde está agora o 'vamos ficar juntos'? Você está em Bolonha, e eu estou em Colônia". No entanto, seguindo o exemplo destes santos, você permanecerá em comunhão espiritual com seus queridos que estão ausentes e encontrará ali um verdadeiro consolo.

Imitarão a Beata Villana di Botti, que tanto amava a igreja dominicana de Santa Maria Novella, onde ela se entregou a Deus e rezou por um longo tempo. Quando ela não podia mais lá ir, subiu ao topo de uma torre de seu palácio para ver de longe a torre do sino. Assim, muitas vezes você retornará em espírito à igreja conventual da qual a vida dominicana brilhou e continua a brilhar em sua alma[[35]](#footnote-36).

## Artigo II A adoração de nosso Patriarca

Para ilustrar as considerações às quais nos aplicamos até agora, escolhi exemplos de nossa família religiosa; estas considerações não são menos apropriadas para todas as Ordens Terceiras. Chegou o momento de deixar para trás as generalidades e determinar o que distingue a família à qual pertencemos dos demais. Agora é uma questão de caracterizar a Terceira Ordem Dominicana.

São Domingos é seu Patriarca. Este é o princípio fundamental. Voltaremos a ele uma e outra vez para saber de que espírito devemos ser. Não é o espírito de nosso Pai abençoado que deve nos animar? Mas acima de tudo, devemos contemplar São Domingos em sua função de Patriarca e dar-lhe a honra que este título exige.

*Honora patrem,* traz o quarto preceito do Decálogo. Este preceito nos infunde o respeito devido a toda grandeza, especialmente quando é santo, a submissão devida a qualquer superior, especialmente quando assumimos o compromisso solene de obedecer-lhe, a piedade filial devida a um pai, especialmente quando ele é nosso pai na ordem espiritual. Não é São Domingos tudo isso para nós? Ele é um grande santo entre todos, é o superior a quem prometemos fidelidade, ele é o pai de nossa alma. Por estas razões, devemos a ele respeito, submissão e piedade filial. Como é doce para nós, particularmente doce neste caso, cumprir o quarto mandamento de Deus!

### A grandeza de São Domingos merece o respeito de todos

Ele era grande entre os homens. De que tipo de grandeza? Grandeza do poder temporal? Grandeza de inteligência e genialidade? Grandeza da virtude e da santidade? Em qual destas três ordens de grandeza, que Pascal nos ensinou a distinguir bem, devemos colocar São Domingos? Por direito de nascimento, o poder temporal era dele. Seu avô tinha construído uma torre de menagem no cume de Caleruega para defender o país contra as invasões dos mouros. Aos pés de sua fortaleza, sob sua autoridade, o povo tinha vindo para se estabelecer e formar uma aldeia sobre cuja administração o senhor de Guzman presidia.

Ele podia, como seu pai, liderar seus homens em uma cruzada contra os mouros que assolavam o sul da Espanha, imitando seu amigo Simon de Montfort, o líder da cruzada contra os albigenses, que infestavam o sul da França. Os religiosos foram até vistos compartilhando a liderança da cruzada com Simon. Vários também foram nomeados para bispados. Estes poderes e honras, apesar dos numerosos pedidos, Dominic os recusou até o final. Quando ele fundou sua Ordem, ele até tentou em várias ocasiões passar suas funções como Superior Geral para outro. Ele desprezou "a grandeza da carne" e tudo o que se assemelha a ela.

Dominic é grande nessa grandeza superior que é a grandeza do espírito. Antes de nascer, Jeanne d'Aza foi favorecida com uma visão que predisse o futuro de seu filho: ela viu um cão carregando uma tocha na boca emergir de seu ventre e viajar pelo mundo para iluminá-lo. Quando jovem, ele aparecerá um dia para sua mãe com uma estrela brilhante na testa. Outros verão esta estrela novamente mais tarde, incluindo a Irmã Cécile. É uma tradição, que Fra Angelico nunca deixou de seguir, para representá-la como o atributo distintivo do rosto claro de nosso Pai.

Que ele conseguiu estes belos símbolos, a história está lá para testemunhar, e encontro a afirmação original dela mesmo no grande dicionário de Pierre Larousse, que pôde escrever: "São Domingos foi na Europa o primeiro ministro da instrução pública. É verdade que, através de si e de seus filhos, espalhados por toda a Europa e até mesmo além dela, ele proveu para a instrução do mundo.

Entretanto, foi sobretudo com a ciência de Deus que ele quis instruir o cristianismo, num momento em que ele estava afundando na ignorância e na heresia. Outros viram apenas armas para trazer os albigenses de volta à verdade católica. Ele tentou fazer isso à luz do raciocínio, em conferências públicas e conversas privadas. A primeira vez que ele encontrou o herege, na pessoa do anfitrião com quem havia ficado em Toulouse, passou a noite inteira convencendo-o de seu erro. Quando o sol saiu, outra luz havia surgido, afugentando a escuridão daquela alma. Foi uma noite famosa quando a vocação de Dominic foi revelada, sua vocação como pregador e fundador dos Pregadores. Os filhos espirituais que ele formaria à sua imagem seriam "os campeões da fé e das luzes do mundo", de acordo com a profecia do Papa que aprovou sua Ordem.

\*

\* \*

O mais magnífico elogio que já foi feito ao nosso Patriarca, Santa Catarina de Siena, ouviu-o do próprio Pai Eterno e pode ser lido em seu famoso Diálogo. Dominic", diz Deus Pai, "assumiu o comando da Palavra, meu único Filho. Ele mesmo foi uma luz que eu dei ao mundo através de Maria. Tenho dois filhos", continuou ele em outra ocasião, "gerei o primeiro pelo ato generativo de minha natureza e o outro por uma adoção cheia de encanto e amor". E o santo viu numa visão Domingos emanar do coração do Pai eterno enquanto a Palavra vinha de seus lábios... Ela contemplou os dois... Mesmo em seu rosto Dominic se assemelhava a Nosso Senhor. Sem dúvida, não foi o rosto de carne de seu Pai abençoado enterrado na morte que o Santo viu, mas o rosto de sua alma, se me é permitido dizê-lo. Por um favor divino, a fisionomia espiritual do santo Patriarca manifestou-se a ela de tal forma que atingiu sua imaginação de forma viva. Meu Filho por natureza", disse o Pai Eterno, "dedicou toda sua vida, todas as suas ações, todos os seus ensinamentos e exemplos, à salvação das almas". Dominic, meu filho adotivo, colocou toda sua paixão, todo seu esforço, em libertar as almas dos laços do erro e do vício. Salvar almas é o fim principal para o qual ele plantou e regou sua Ordem. É por isso que eu lhes digo que em todos os seus atos ele pode ser comparado a meu Filho por natureza.

Na verdade, não sei se algum homem chegou mais perto do que São Domingos do tipo de grandeza que irrompe na vida do Verbo encarnado. Leia os testemunhos coletados sob juramento para o processo de canonização. Vou citá-los apenas palavra por palavra.

*Zelator animarum, zelator maximus animarum, é* assim que uma testemunha após outra descrevem nosso Pai Abençoado. *Zelator salutis generis humani",* disse William de Montferrat, um dos que tiveram maior acesso a ele. Foi para a salvação de toda a raça humana que seu veemente zelo foi aplicado. A todos os fiéis, aos incrédulos e até mesmo aos próprios condenados", diz o irmão Ventura, "ele estendeu sua caridade. Ele chorava profusamente quando pensava neles. Todos os pecados dos quais ele estava ciente o torturaram, *peccata aliorum cruciabant eum.*

Ele passou a maior parte da noite em oração na igreja, *pernoctanos em orações,* e pôde ser ouvido proferindo gritos angustiados que lembram os do Getsêmani. "Senhor, tende piedade de vosso povo! O que será dos pecadores? Para eles ele se flagelou até o ponto de sangue, depois de dar disciplina a si mesmo; e ele começou uma terceira vez para as almas no Purgatório. Então ele retomaria sua oração, inclinando sua testa sobre o altar quando o sono o atingisse.

Todos os dias, no convento, ele exortou seus irmãos com uma pregação comovente. Toda alma que era atormentada pela tentação encontrava nele seu consolador. Quer estivesse em uma casa estrangeira, com um hóspede e sua família, ou no meio dos grandes, dos príncipes ou dos prelados, em todos os lugares ele abundava em discursos e exemplos que provocavam desprezo pelo mundo e amor a Deus. Ao longo das estradas, onde tanto viajou, ele não podia encontrar ninguém sem ter o cuidado de anunciar-lhe a palavra do Evangelho ou de fazer com que ela lhe fosse anunciada. Um dia, quando ele não conhecia a língua de seus companheiros de viagem, seu zelo ardente obteve um milagre do céu para fazer-se ouvir por eles. Enquanto isso, ele estudou os Livros Sagrados que carregava em sua mochila, meditou, gesticulando como se estivesse falando com alguém e, acima de tudo, pensou com amor Àquele cujo papel redentor ele estava perseguindo. Vá em frente", disse ele a seus irmãos, "e pense em nosso Salvador". Assim, ele falou apenas de Deus ou com Deus, seguindo o exemplo de Jesus, e ele queria que esta regra de vida fosse escrita nas constituições de sua Ordem.

Assim viveu São Domingos, identificado de alguma forma com Cristo, com aquele Cristo que o Evangelho nos mostra como incessantemente estabelecido na intimidade de seu Pai, com aquele Cristo cuja preocupação pela salvação de toda a humanidade, que ele incorpora membro por membro, nunca o deixa por um instante. Não menos que o grande apóstolo, ele poderia dizer: "Não sou mais eu que vivo, mas Cristo que vive em mim. Na verdade, ele foi bem nomeado *Dominicus*, ou seja, o homem do Senhor. Como o domingo é o dia do Senhor entre todos os dias, assim Dominic é o homem do Senhor Jesus entre todos os homens. Portanto, todo cristão deve a São Domingos um grande respeito, algo daquele respeito religioso com o qual o próprio Cristo está cercado, já que este grande santo é uma imagem tão viva dele.

### St. Dominic, nosso legislador ,tem direito a nossa submissão

Entre todos os cristãos, eu distingo as almas dominicanas. Estas almas, acima de tudo, deveriam ter dentro de si um verdadeiro culto a São Domingos.

Doze anos após a morte de nosso Pai, o Papa Gregório IX, que tinha estado muito próximo dele, ao saber em que humilde túmulo seus restos mortais foram deixados, reprovou severamente os Frades Pregadores por não terem honrado suficientemente seu Pai. "Conheci este homem como um homem apostólico e não duvido que ele será associado no céu com a glória dos santos apóstolos... Não tenho mais dúvidas sobre sua santidade do que sobre a dos apóstolos Pedro e Paulo", disse ele no momento de sua canonização.

Se nossos primeiros irmãos tiveram a desculpa de ter se deixado guiar pela própria humildade de nosso Pai, eles não deixaram, por outro lado, de submeter suas almas a todas as direções que sua alma lhes havia impressionado. E esta foi uma forma superior de adorá-lo verdadeiramente. Eles continuaram a fazer uma profissão de obediência em suas mãos, se me permitem dizê-lo.

Seguindo-os, dizemos: "Faço profissão e prometo obediência a Deus, à Virgem Maria e ao nosso Beato Padre São Domingos...". Todos nós, que fazemos votos religiosos na Ordem dos Pregadores, falamos assim. Depois de nomear São Domingos, nomeamos o superior visível que o representa no momento. Outros sucederão aquele que nos dá as mãos enquanto emitimos nossos votos. Mas acima desses superiores de passagem, há aquele que permanece para sempre. Superiores sucessivos nos comandarão de acordo com a Regra e as Constituições. Mas esta Regra foi escolhida por São Domingos; estas Constituições foram formuladas por ele primeiro. Se a eles foram acrescentados desenvolvimentos, se até mesmo sofreram adaptações, a substância pelo menos e o espírito permanecem idênticos.

O Conselho Lateranense tinha acabado de proibir a fundação de novas ordens religiosas, quando São Domingos chegou de Languedoc para apresentar seus projetos ao Papa. O Soberano Pontífice foi imediatamente conquistado e convidou nosso Pai a escolher uma das Regras que já existiam. O antigo cânone de Osma escolheu a Regra de Santo Agostinho, o que o deixou livre para acrescentar as Constituições que ele havia concebido.

Com que cuidado ele os escreveu! A concepção foi tão clara que nunca haverá nenhuma discussão séria entre seus filhos sobre a verdadeira idéia do fundador. Outras ordens se dividiram em vários ramos, cada um interpretando à sua maneira a idéia do Pai comum, que considera melhor do que os outros. Nossa Ordem, nos 700 anos de sua existência, nunca experimentou tais cisões. Após períodos de fervor, teve períodos de tibieza. Mas como uma alma se renova no decorrer de um retiro, a Ordem tem cada vez reavivado seu fervor original, penetrando novamente na concepção religiosa de seu legislador, submetendo-se a este superior maior, a quem Deus lhe deu para sempre.

A Regra da Terceira Ordem em si é, pelo menos em espírito, o trabalho de São Domingos. Pois a Regra publicada em 1923, com a aprovação de Pio XI, é apenas uma adaptação ao nosso tempo do texto que o Mestre Geral Muño de Zamora havia publicado em 1285, sob a aprovação de Honório IV, e Muño de Zamora só tinha codificado costumes que vinham do próprio São Domingos.

Para a Terceira Ordem, como para a grande Ordem, São Domingos é a Ordem com a qual sempre temos que lidar. Recordemos a história contada por Raymond de Cápua em sua vida de Santa Catarina de Siena. Encontramos o equivalente na vida da Bem-aventurada Pomba e da Bem-aventurada Stephanie. A jovem Catarina teve um sonho no qual lhe pareceu ver vários patriarcas santos e fundadores de várias Ordens, e entre eles o Beato Domingos. Cada um desses santos a exortou a escolher, para aumentar seus méritos, uma de suas religiões, onde ela pudesse prestar um serviço mais aceitável ao Senhor. Dirigindo seu olhar e passos em direção ao Beato Domingos, ela viu o Santo Patriarca vindo imediatamente ao seu encontro, segurando em uma mão o hábito das chamadas Irmãs da Penitência do Beato Domingos, das quais havia muitas em Siena. Ele foi até ela e a consolou com as seguintes palavras: "Minha doce filha! Tenha coragem! Não temam nenhum obstáculo, pois certamente colocarão o hábito que desejam.

Como ela fez mais tarde, nós mesmos fizemos "a profissão de querer viver de acordo com a Regra e forma de vida dos Irmãos e Irmãs da Ordem de Penitência do Beato Domingos até a morte". Sem merecer o nome de voto, este compromisso é, no entanto, de grande importância, e resulta para nós, como Raymond de Cápua disse anteriormente, em um aumento de méritos e um serviço mais bem aceito pelo Senhor.

Por que isto é assim? Porque nos estabelecemos sob a autoridade de São Domingos para viver de acordo com sua Regra, e a partir daí o valor de nossa vida é aumentado aos olhos de Deus pelo mérito da virtude da obediência e até mesmo da obediência religiosa.

São Tomás expôs os princípios principais da virtude da obediência em um artigo da Suma. Antes de mais nada, ele aponta como os seres naturais se submetem em todos os seus movimentos às grandes forças cósmicas que os governam e lhes retiram vigor e fecundidade. De fato, veja a terra, por exemplo, como ela gira em torno do sol e recebe dela, mais ou menos de acordo com sua inclinação para ela, o calor que lhe dá, por sua vez, o verde, flores e frutas. Os homens devem, portanto, submeter-se às autoridades de quem dependem, entrar em suas mentes e executar sua vontade. É por esta submissão que eles permitem que suas vidas produzam o que Deus espera deles. Parece-me", disse um sábio da Grécia, "ouvir uma harmonia celestial que as estrelas emitem no silêncio da noite, enquanto seguem obedientemente suas leis. Mais encantadora é a harmonia espiritual de uma sociedade humana onde cada um se subordina cuidadosamente à autoridade da qual depende. Esta é a ordem divina em toda a sua beleza.

A Regra Dominicana permite que nossas almas se adaptem o mais perfeitamente possível a esta ordem divina que é exigida em todos os lugares. Ela nos une, no meio da ordem geral criada pela Providência, em uma Ordem especialmente sagrada. *Ordo sacer Prædicatorum.* Sagrada, porque a obediência é reforçada pela religião, a obediência é religiosa. É ao próprio Deus que obedecemos diretamente, e sob o governo divino, é São Domingos que sempre administra esta Ordem sagrada, através de superiores visíveis que só repetem e aplicam a nós seus preceitos e conselhos.

Sabemos como, entre as várias Ordens sagradas aprovadas pela Igreja, a de São Domingos se distinguiu desde o início por aquela amplitude que todos acabaram por ter que imitar. Se a obediência religiosa é delicada e rigorosa, ela não é num espírito de medo servil, mas por um sentimento de amor. Santa Catarina, em uma conhecida página de seu Diálogo, celebrou a prudência de nosso Bem-aventurado Padre na elaboração das Constituições de sua Ordem. O próprio Deus fala a Santa Catarina, que o escuta em êxtase: "Foi assim que seu Pai Domingos arranjou seu barco". Ele não queria que sua Regra fosse vinculativa sob pena de pecado mortal. Fui eu, a verdadeira luz, que o iluminei a este respeito. Minha Providência tinha em conta a fraqueza dos menos perfeitos. Dominic concordou assim com minha Verdade, não querendo que o pecador morra, mas que seja convertido e viva. E assim sua religião é toda ampla, toda alegre, toda perfumada. É em si um jardim de delícias.

Não transformemos, nas palavras do santo, este jardim de delícias em uma charneca não cultivada, negligenciando o cumprimento desta Regra ou distorcendo-a de acordo com nossas concepções pessoais. A fidelidade às Constituições dominicanas, em virtude da obediência, num sentimento de religião e sob a inspiração do amor, é o caminho certo para honrar o grande santo que fundou nossa Ordem e preside seu destino.

### São Domingos, nosso Pai, exige de nós piedade filial

Um dia, então, fizemos uma profissão de obediência a São Domingos. Mas ele poderia ter-nos respondido naquele dia, como Nosso Senhor fez com seus apóstolos: "Não fostes vós que me escolhestes, mas eu mesmo vos escolhi, eu que não sou apenas vosso superior de hoje, mas vosso Pai, vosso verdadeiro Pai, de todos os tempos".

Temos muitos superiores, e de muitos tipos. Mas "se você tem milhares de professores", escreveu São Paulo aos Coríntios, "você não tem muitos pais". Em Cristo Jesus eu vos gerei, trazendo-vos o Evangelho.

À vida dominicana, que é nossa forma pessoal de vida cristã, nós fomos gerados por São Domingos, nosso Pai Abençoado. Foi a partir de sua intervenção secreta que nasceu nossa vocação.

Jordânia da Saxônia estava estudando em Paris há dez anos quando São Domingos chegou. O jovem foi encontrar o fundador dos pregadores e imediatamente recebeu uma impressão indelével dele. Só mais tarde ele tomaria o hábito da Ordem do Beato Reginald, e veria São Domingos apenas uma vez, e muito brevemente. No entanto, ele o chamaria com emoção de "o Pai de sua alma".

São Domingos não é mais deste mundo. Mas ele ainda age para comunicar aos outros, em virtude de uma misteriosa paternidade, a forma de vida da qual ele é a fonte. Eu gostaria de citar este fato da vida do Beato James de Mevagna. Ele ainda era jovem quando São Domingos lhe apareceu: "Realiza, meu filho, o plano que concebeste em tua mente, pois eu te escolhi por ordem do Senhor e estarei sempre contigo".

É assim para cada um de nós. Quando ainda não estávamos plenamente conscientes deste anseio que surgiu em nossos corações e nos dirigiu para a Ordem dos Pregadores, São Domingos estava lá para despertá-la.

A criança só reconhece seu pai em uma fase posterior. Um dia, seu olhar está finalmente fixo em uma figura enérgica para a qual a mãe que o carrega nos braços insiste. Ele acaba dizendo "Papai! No dia em que fizemos nossa profissão dominicana, também reconhecemos nosso Pai, São Domingos.

Ele é mais nosso Pai do que aquele que nos gerou corpóreos. Por mais que a alma prevaleça sobre o corpo, tanto São Domingos prevalece sobre nosso pai terreno.

Na realidade, mesmo em termos do corpo, não somos muito dependentes de nossos pais. Eles não sabem nada sobre a criança que vai nascer para eles. E que espanto, alegria ou dor, quando testemunham o espetáculo desta jovem vida que difere ainda mais da sua própria! Nossa existência está ligada a tantas outras causas além de nossos pais. Isto é tão verdade que eles podem morrer sem afetar nosso capital vital. Em última análise, temos apenas um verdadeiro pai, apenas um pai, no sentido mais completo da palavra, nosso Pai do céu. Se ele desaparecesse, não poderíamos sobreviver a ele nem por um minuto. Toda nossa existência está suspensa na dele.

Esta paternidade imensa, que incansável e generosamente nos carrega a todos em seu seio, fora do qual não há nada, a paternidade divina se associa a homens escolhidos e predestinados que servem de intermediários entre ela e as diversas famílias religiosas. E assim, na inumerável cidade dos filhos de Deus, existem grupos de almas especialmente relacionadas, governadas por patriarcas aos quais Deus confia o cuidado de formá-los. Na videira única são enxertados ramos mestres que dão os pequenos brotos, e de um ramo para outro as flores e os frutos podem variar em qualidade.

Somos ramos que vêm de Nosso Senhor através daquele ramo mestre que é São Domingos, e nossa vida é, desta forma, uma variedade daquela vida cristã, tão complexa que ninguém pode percebê-la em todo o seu esplendor. Somos os filhos do patriarca Dominic, que Deus predestinou ao magnífico papel de formar para ele uma família à parte na grande cidade cristã.

Sim, se toda graça dada aos homens é cristã, para nós toda graça é, além do mais, dominicana. Ela nos molda de acordo com o espírito desta Ordem sagrada que São Domingos concebeu com a ajuda do Espírito de Jesus. Ela nos vem de São Domingos, assim como de Jesus, ambos inclinados para nós com perpétua atenção e dedicação, no mesmo sentimento de paternidade.

É-nos dado abundantemente dentro da Igreja Católica e naquele ambiente dominicano proporcionado pelos conventos e fraternidades de nossa Ordem, assim como uma criança recebe vida e educação de seus pais naquele ambiente social que é chamado de pátria, uma família.

Ai do pobre pequeno que deixa seu ambiente vital antes de ser formado, que escapa dos cuidados do pai que Deus lhe deu para alimentar e desenvolver sua vida! Ai da flor e dos frutos recém-nascidos que se separam do ramo principal através do qual a seiva do vigoroso tronco chegou até eles! Pode parecer que você está se aproximando de Cristo, pode fingir fazer melhor ao sair de São Domingos. À medida que a flor se desvanece, à medida que o fruto verde murcha, uma vez caído aos pés da árvore, a alma que sua vocação enxertou no ramo dominicano vale pouco mais se ela se separar dela.

Feliz, três vezes feliz, aquele que permanece unido a esta fonte de vida, da qual tantos santos se inspiraram. "Pai, como é bom em você", disse uma criancinha surpreendida por uma tempestade no meio do campo e que havia se amontoado sob o casaco de seu pai. Também nós apreciamos, em meio às dificuldades e tempestades da vida, este abrigo dado às nossas almas, esta segurança que a Ordem de São Domingos nos traz, este vigor da vida espiritual, esta doçura do jardim das delícias do qual Santa Catarina de Sena falou e que nos faria acreditar, em certos dias, que encontramos o paraíso terrestre. Mas, tanto em dias difíceis como em dias de alegria, permaneçamos convencidos de que estamos lá.

É lá que, após o tempo de julgamento, encontraremos a felicidade celestial. "Filhos de São Domingos, onde estará nosso lugar no esplendor dos santos? Em Deus, sem dúvida, em Cristo, que será tudo para nós; em Maria, sempre Mãe, lá em cima como ela estava aqui na terra; e então, não hesito em acrescentar, em São Domingos, no próprio coração do glorioso Patriarca. Os dons de Deus são de fato sem arrependimento. As leis por ele estabelecidas se desenvolvem em harmonia e fidelidade garantidas por sua infinita sabedoria. Nossa glória, lá em cima, será a coroação daquela graça na qual fomos predestinados e concebidos. Predestinados em São Domingos, seremos glorificados em São Domingos. A Família Dominicana, desde toda a eternidade querida e organizada por Deus para um fim especial, dentro da imensa família de Cristo, depois de ter cumprido seu papel providencial no tempo, será encontrada lá em cima na integridade de sua primeira predestinação, ou seja, em São Domingos, vivificada por sua graça patriarcal, transformada nas efusões de sua glória, abrigada novamente naquele mesmo coração onde Deus colocou suas origens e onde, depois de ter tirado sua vida no tempo, deve saborear o descanso eterno e, nele e com ele, cantar os louvores sem fim[[36]](#footnote-37). »

Isto era o que o Irmão Éverard, antigo arquiduque de Langres, já estava pensando. Ele havia acabado de ser admitido na Ordem pelo Beato Jordão, quando este último teve que partir para a Lombardia. Ele levou consigo seu discípulo, que estava muito ansioso para ver São Domingos ali. No caminho, no entanto, o irmão Everard adoeceu e logo ficou sem saber o que fazer. É para aqueles a quem o nome da morte é amargo que ele deve ser escondido", disse o moribundo; "quanto a mim, não temo ser despojado deste miserável envelope corporal, na esperança de que eu vá para o céu. Eu só tinha um desejo, de ver o rosto de nosso santo Pai Domingos; mas eis que Deus me chama para Si; eu vou para onde o Pai e os filhos se encontram na presença do Eterno.

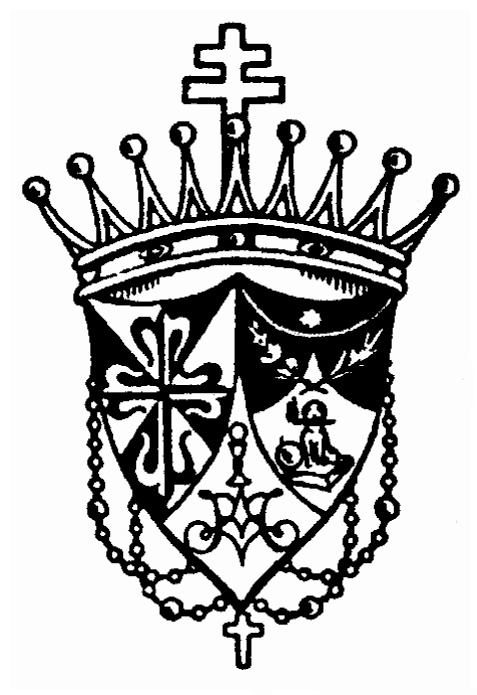
Enquanto esperamos que esta grande esperança se realize para nós, cultivemos em nossos corações uma verdadeira piedade filial para com nosso Pai. À atitude de submissão que temos dito que devemos observar em relação a ele e a todos aqueles que têm autoridade sobre nós, devemos acrescentar um profundo sentimento de amor, veneração e reverência. A piedade filial inclui tudo isso.

A reverência é um grande respeito, misturada com uma espécie de medo. Nosso temor reverencial será que não sejamos dignos de nosso Pai Abençoado, como aqueles religiosos de Bolonha que se desviaram de seu espírito e para quem São Domingos apareceu um dia quando cantavam: *Ora pro nobis, beate Pater Dominice!* - Não me chame de seu Pai, eu não o reconheço mais como meus filhos!

A veneração é um grande respeito que é tingido de afeto. Vimos este belo sentimento muito vivo na alma do irmão Everard, que acabamos de ouvir falar, como na do Beato Jordão e daqueles filhos de São Domingos cujo testemunho citamos no processo de canonização.

Além desta veneração e reverência, devemos dar àquele que é nosso Pai em Deus uma participação especial na caridade devida ao próprio Deus, o Pai que está nos céus.

Portanto, veneremos, veneremos profundamente e amemos com grande afeto nosso Bem-aventurado Pai, São Domingos.



## Artigo III O Espírito de São Domingos

### I espírito de uma ordem religiosa

Se existem Congregações religiosas que se distinguem apenas pelo lugar onde nasceram, ou por uma devoção particular cujo nome levam e que praticam com maior cuidado, a Ordem de São Domingos é uma das que, no momento de seu surgimento, formaram uma espécie verdadeiramente nova na Igreja. É uma ordem muito especial. Sem dúvida, os elementos que entram em sua composição não são todos originais, mas sua organização, pelo menos, é o resultado de uma concepção original.

Esta organização se manifesta plenamente na primeira Ordem, a dos Frades Pregadores. O fim é claramente determinado, embora complexo, e os meios são perfeitamente hierárquicos em vista deste fim. Como toda ordem religiosa, ela tende a alcançar em cada um de seus membros a perfeição da caridade. No entanto, isto toma a forma de contemplação. O amor de Deus impele a alma dominicana a fixar nEle o olhar de sua inteligência. O frade pregador não se aplica a esta contemplação com o único objetivo de fornecer sua pregação. A contemplação é para ele um verdadeiro fim, a ser buscado para seu próprio bem, o mais alto dos fins, a inauguração, já aqui embaixo, da vida eterna.

Mas se a contemplação não é um simples meio de apostolado, se a vida de união com Deus marca o cume da vida dominicana, o apostolado, no entanto, tira dela sua fonte. Nossa contemplação deve ser transbordante e fluir para a ação apostólica.

Compartilharemos, portanto, com outros os frutos de nossa contemplação. Esta comunicação assumirá muitas formas, sendo as principais o ensino da ciência sagrada, a pregação doutrinária e a direção espiritual.

Assim, para nós, contemplação e apostolado são realmente dois fins, não paralelos e fortuitamente unidos, ainda menos subordinados um ao outro, de tal forma que a contemplação é feita para o apostolado, mas fins dos quais o segundo deriva da abundância do primeiro, de modo que a contemplação dominicana se estende naturalmente para o apostolado.

Tudo deve ser submetido a este fim complexo. Pobreza, castidade, obediência, estes três grandes meios fundamentais, aos quais se somam as diversas observâncias da vida monástica e canônica, assumem sua própria nuance em relação a este objetivo, ao qual devem ser adaptados o mais perfeitamente possível e, para isso, ser apertados ou relaxados de acordo com o caso.

Por mais úteis que possam ser, os votos e as observâncias são meios bastante negativos. Eles nos separam do mundo e nos libertam de suas seduções e preocupações. Mas o Irmão Pregador, assim entregue e protegido, se aplicará ao grande meio positivo pelo qual deve trabalhar em direção ao seu objetivo. Estes meios são a oração coral e, acima de tudo, o estudo religioso. Por eles, alcançaremos imediatamente a contemplação e o apostolado a que nos dedicamos.

Em resumo, esta é, em sua perfeição, a vida dominicana.

\*

\* \*

Assim como em todo homem existe um espírito que é a forma substancial do composto humano e que presidiu sua organização, assim também existe um espírito dominicano que formou este complexo todo, mantém as relações corretas entre seus vários elementos e anima toda a nossa vida. Vamos nos esforçar para deixar este espírito claro.

Desta forma, estaremos prestando um serviço especial aos nossos terciários que devem imbuir toda sua conduta deste espírito, a fim de serem fiéis à Ordem da qual fazem parte. Eles terão dificuldade em encontrar em sua Regra a maioria dos elementos que acabamos de enumerar como fins e meios da vida dos Pregadores. Pelo contrário, as várias prescrições desta Regra, tomadas em seu conteúdo material, não diferem sensivelmente das de outra Ordem Terceira ou de certas associações piedosas. Nenhuma destas observações deve surpreendê-los. É pelo espírito que anima todas as suas observâncias que eles devem se distinguir dos outros grupos e se adaptar à grande Ordem de São Domingos.

A Igreja entende ser este o caso e vê uma incompatibilidade entre as diversas Ordens Terceiras, assim como entre a profissão religiosa em uma Ordem e o estado de terciário em outra. Um religioso franciscano não pode ser um terciário dominicano, nem a mesma pessoa pode pertencer tanto à Terceira Ordem de São Francisco como à de São Domingos (II, 9).

O espírito destes vários grupos não é o mesmo, embora seja igualmente cristão. Em Nosso Senhor, o espírito cristão desabrochou em sua plenitude. As diferentes ordens religiosas dão ênfase particular a este ou aquele traço do modelo divino. Cada um dá sua própria nota. De todas essas notas, a Igreja desenha uma rica harmonia que tenta reproduzir a perfeita beleza de Cristo Jesus, que ninguém pode representar inteiramente.

Que ninguém seja tão gordo, tão mesquinho, a ponto de desprezar o papel atribuído aos outros (Será que o olho despreza o ouvido? A boca fala para zombar do pé que sangra nas pedras da estrada?) Mas também que cada um seja fiel ao seu próprio papel e, para cumpri-lo bem, que ele penetre em seu espírito!

O espírito dominicano é formado pelos princípios, máximas, motivos, tendências, sentimentos e gostos de acordo com os quais a pessoa deve se comportar habitualmente na Ordem de São Domingos, a qualquer ramo desta Ordem a que pertença, em qualquer condição de vida que se encontre colocada.

Quão variados são os trabalhos das várias congregações de nossa Terceira Ordem Regular! E quão diferentes uns dos outros são os estados familiares e as profissões civis de nossos terciários! Mas "porque todo espírito possui as prerrogativas da natureza espiritual, que são simplicidade e liberdade (isto é, a possibilidade de se realizar de maneiras infinitamente variadas), quem quer que tenha uma participação em um espírito pode reivindicar a plenitude e total perfeição desse espírito, qualquer que seja o tipo de vida para a qual ele seja chamado. Por outro lado, podemos, infelizmente, realizar todas as atividades externas exigidas por nossa Ordem sem viver seu espírito, ou podemos acreditar que ela está limitada a certas formas, com exclusão de outras, que não são menos dominicanas, no entanto[[37]](#footnote-38).

Ao noviço que a Ordem de São Domingos admitiu em seu seio para assumir o espírito da família que o adotou.

### IIOnde encontrar o verdadeiro espírito de nossa Ordem?

É Deus quem melhor nos revelará este espírito com o qual devemos animar nossa conduta. Portanto, nada pode se comparar com a oração humilde, confiante e perseverante, a fim de proporcionar a nossa alma. As três Pessoas que disseram: Façamos o homem à nossa imagem, também se aconselharam a conceber o espírito especial que deve ser encarnado em todos os membros de nossa Ordem, sem se tornar fixo ou pesado em nenhum deles. Na mente de Deus, somente o espírito dominicano é levado em sua pureza. O Pai a expressa em sua Palavra, ambos a amam em seu Espírito de amor. A visão celestial nos dará a alegria de tomarmos consciência dela e de nos entregarmos a ela.

Aqui abaixo, vamos contemplá-la naqueles seres onde esta idéia de que Deus concebeu foi melhor realizada. E antes de tudo em São Domingos, nosso Pai.

O Sumo Pontífice, Pio XI, escreveu aos Superiores das Ordens regulares em 19 de março de 1924: "Antes de tudo, exortamos os religiosos a considerarem como modelo seu fundador particular, seu Pai legislador, se eles quiserem compartilhar certamente e abundantemente das graças que fluem de sua vocação. De fato, quando estes homens eminentes criaram seus institutos, o que eles fizeram além de obedecer às inspirações divinas? Conseqüentemente, o caráter que cada um quis imprimir em sua sociedade, todos aqueles que pertencem a ela devem carregá-lo dentro dela para permanecerem fiéis a este ponto de partida. Como excelentes filhos, deixe-os, portanto, colocar todo seu cuidado e pensamento em honrar seu Pai que dá a lei, observando suas prescrições e advertências e imbuindo-se de seu espírito.

O espírito de S. Domingos, como nosso Pai abençoado veio a conhecê-lo pouco a pouco e finalmente a desvendá-lo, deve portanto penetrar em nós. Foi somente nos últimos anos de sua vida que vimos São Domingos, finalmente mestre de suas idéias, conceber claramente sua Ordem. Até então, era uma inspiração que Deus havia colocado nele, já dominante e inalterável, sem dúvida, mas misteriosamente escondida nas profundezas da alma do filho de Joana de Aza, do estudante de Palência, do cânone de Osma, do embaixador do Rei da Espanha. O fim ao qual ele chegou por sua docilidade à influência divina coincide com a idéia que Deus teve sobre ele desde o início.

\*

\* \*

Entretanto, como o Pai se expressa em sua Palavra eterna, Domingos teve um filho que formulou seu pensamento com uma precisão e força que nunca será superada. Eu nomeei São Tomás de Aquino, a Palavra de nosso Pai. Não temos escritos de São Domingos. Testemunhas de sua vida no processo de canonização falaram das notas com que ele carregou seus livros, das teses que ele escreveu contra os hereges, das preciosas cartas que ele dirigiu a seus irmãos para dirigi-las de acordo com seus princípios... Tudo isso está perdido, ai de mim! Mas para nos consolar, temos as obras de São Tomás.

O ardor invencível que o filho dos Condes de Aquino, já recebido em uma abadia beneditina, colocou na Ordem de São Domingos, onde o ideal de acordo com seus gostos foi realizado, ele encontrou novamente para defender triunfantemente este ideal ameaçado pelos ataques de Guilherme de São Amour e outros mestres da Universidade, e o preservou até sua morte para vivê-lo com perfeição. Ninguém estava melhor preparado do que este magnífico intelecto para expressar o que nosso espírito deveria ser. Pegue a Summa Theologica, estude a parte moral, que é mais nova, mais poderosa e mais completa que a parte dogmática, e tudo nela acaba por definir a Ordem concebida por São Domingos e que São Tomás coloca no topo da hierarquia das Ordens religiosas[[38]](#footnote-39).

Além disso, ele mesmo, através de seu ensinamento teológico, deixou uma marca indelével no espírito dominicano. Aquele que a Beata Suso chamou de "o querido Santo Tomás, o Mestre, a luz clara" teve uma profunda influência sobre toda a espiritualidade dos Pregadores. O espírito dominicano e o espírito tomístico são o mesmo, de agora em diante, para o mais humilde terciário e para o Mestre de Teologia. Leiamos a vida desta mantellata Sienese do século XIV, "uma das almas mais espantosamente simples que se aproximaram de Deus". "Por mais ignorante que seja, Santa Catarina de Siena está impregnada do mesmo espírito (como São Tomás). Debaixo de sua linguagem ingênua, que se assemelha à do romano de la Rose, o pensamento devoto que ela inculca exala o perfume do mais puro Thomismo[[39]](#footnote-40).

\*

\* \*

Depois de São Domingos e São Tomás, ela é a maior figura de nossa Ordem. Ela veio ao mundo numa época em que a família de São Domingos, como toda a cristandade, estava passando por um notável declínio na vida religiosa, e exerceu uma profunda influência sobre um grupo de pregadores que se tornaram, entre seus irmãos, os promotores de um movimento de reforma. Após sua morte aos trinta e três anos (1380), seu filho espiritual e confessor, Raymond de Capoue, que se tornou Mestre Geral, trabalhou para restaurar a antiga disciplina. Seguindo o exemplo de Raymond de Cápua e seus colaboradores, nós sempre chamamos Santa Catarina de Siena de nossa mãe.

Como comparamos nossa fundadora e nossa grande médica com o Pai e a Palavra, podemos dizer que ela cumpre, na trindade dominicana, o papel do Espírito Santo. O intelectualismo tomístico poderia ser abusado por estar satisfeito com um belo e logicamente construído sistema de abstrações filosóficas e teológicas. Esta humilde mulher de grande coração, que o Espírito Santo preenche com seus favores místicos, nos ajuda a manter no espírito de nossa Ordem o fervor do amor que está ligado à realidade, à realidade divina. É esta realidade divina que devemos conceber, é a ela que devemos nos consagrar, é a ela que devemos dar testemunho diante do mundo. Santa Catarina não pode ser tomada como uma desculpa para colocar em segundo plano a preocupação pela verdade que São Tomás, depois de São Domingos, colocou em primeiro plano. Como eles, ela é soberanamente intelectual e razoável.

Muitos outros santos, pessoas abençoadas e veneráveis, definiram e viveram o ideal dominicano, desde o século XIII até hoje. Citaremos muitas delas no decorrer destas páginas. Mas é sobretudo a estas três grandes almas que devemos recorrer para conhecer as notas características de nossa vida, os princípios e os sentimentos que devem orientar nossa conduta, em suma, o que chamamos de nosso espírito.

### IIIEm que consiste o espírito dominicano?

Uma palavra resume nosso espírito, aquele "grito de armas" que domina a crista marcada com a cruz branca e preta, *Veritas!* Nós somos o cavaleiro da verdade.

Para outros, é *Pax*, é *Caritas*, é *Gloria Dei*. Nada disso deve ser estranho a uma alma dominicana, mas é pelo caminho da verdade que ela chegará lá, é sob o aspecto da verdade que ela considerará tudo. A verdade combina e vivifica os elementos que ela tem em comum com outras espiritualidades cristãs. O gosto pela verdade será o principal sentimento de nossa alma.

Quando cantamos, numa suntuosa ladainha, os louvores de nosso Pai, todas as noites, quando voltamos da procissão para o altar de nossa Rainha, a Virgem Maria, chamamos São Domingos de luz da Igreja, o doutor da verdade, dizemos que ele derramou a bebida da sabedoria e que sua pregação espalhou a graça. E se acrescentarmos que ele foi uma rosa de paciência, um marfim de castidade, isto é apenas o acompanhamento de sua vocação fundamental como homem consagrado à verdade. Ele abraçou a fé como São Francisco abraçou a pobreza[[40]](#footnote-41). Enquanto São Bento queria que "nada fosse preferido ao louvor divino", São Domingos colocou o estudo na vanguarda de sua vida e da nossa. São Bruno deixou as escolas para ir à solidão mais selvagem e se fechou lá; São Domingos fundou seus conventos no meio da cidade, especialmente nos centros universitários, para estudar e ensinar lá. São Bernardo, de acordo com Santo Agostinho, quer que o monge se dedique por muito tempo ao trabalho santo das mãos; São Domingos não terá medo de suprimir completamente este trabalho para que se possa dedicar unicamente ao trabalho do espírito.

Tudo o que ele preserva das antigas observâncias é dominado e regulado pela preocupação com a verdade. Francisco de Assis, colocando a pobreza acima de tudo, repreendeu um jovem discípulo que queria estudar teologia, sob o pretexto de que ele precisaria de livros e que, ao fazê-lo, estaria carente de pobreza. Dominic, por outro lado, concebeu a pobreza como uma libertação das preocupações terrenas, a fim de favorecer a aplicação da mente para estudar, e permitiu que seus seguidores possuíssem, como ele fez, os livros que são os instrumentos da ciência. Dominic, o antigo cânone de Osma, sempre ligado à oração coral, reduziu no entanto o tempo dedicado ao Ofício Divino em benefício do estudo.

O Irmão João de Navarra, que havia conhecido nosso Pai intimamente, testemunhou solenemente no processo de sua canonização que *muitas vezes* recomendava aos frades, oralmente e em cartas, o *estudo constante da* teologia e da Sagrada Escritura. Santa Catarina de Sena, em seu *Diálogo*, escutaria com alegria o Pai Eterno elogiando este amor pela ciência que caracterizou o barco de São Domingos. Nossa Ordem é a primeira", comentou Humbert dos Romanos, "que vinculou o estudo à vida religiosa desta forma, *prius habuit studium cum religione conjunctum* *[[41]](#footnote-42)*.

Não é o prazer de cultivar nossa mente que inspirará nosso trabalho intelectual, é o amor dEle que é a própria verdade, é o amor de Deus. Dominic procura Deus nos livros sagrados onde Ele se revelou. Dominic, sempre nas estradas que levam a Roma, procura Deus perto do infalível Mestre da doutrina sagrada.

"O que é Deus", a pequena criança na qual a vocação dominicana estava despertando, perguntou incessantemente, e que trabalharia até o final de sua vida para construir a Soma do conhecimento humano a respeito deste objeto divino. Nosso espírito", disse São Tomás, "deve tender incessantemente a conhecer cada vez mais a Deus"[[42]](#footnote-43).

Santa Catarina de Siena recomenda que abramos bem os olhos de nossa inteligência sobre Deus, onde encontramos, como aluna, a santa fé. Mesmo os simples terciários devem ser, tudo considerado, mais educados, mais intelectuais do que outros cristãos e, sobretudo, nenhuma alma dominicana digna desse nome preferirá devaneios sentimentais às certezas da fé.

O estudo deve, portanto, nos elevar a Deus e levar à contemplação de suas perfeições, seu governo, sua atividade em nós. Esta contemplação será a suprema realização daquele gosto pela verdade que caracteriza a alma dominicana. Mesmo aqueles que não podem se dedicar a longas e profundas meditações terão que se aplicar a ela. Para ajudá-los, São Domingos inventou o Rosário com sua contemplação dos mistérios cristãos tornados acessíveis a todos. O Pe. Lemonnyer teve o prazer de observar que foram os mestres da teologia que, no século XV, restauraram e propagaram esta admirável devoção[[43]](#footnote-44).

\*

\* \*

Se São Domingos colocou o estudo da ciência sagrada acima de todos os outros meios, ele não quis sacrificar a oração litúrgica a ela. Nisso ele viu com razão o grande método autenticamente fixado pela Igreja de Jesus Cristo para elevar a alma a Deus. Portanto, precisamente por gosto da verdade, ele estava apegado a ela. O Coral, com a Alta Missa no centro, pareceu-lhe ser um conjunto perfeito de ritos e fórmulas extremamente favoráveis ao florescimento daquelas intuições contemplativas que o estudo preparou e que depois é fácil de prolongar em orações secretas. Isto será desenvolvido nas páginas seguintes.

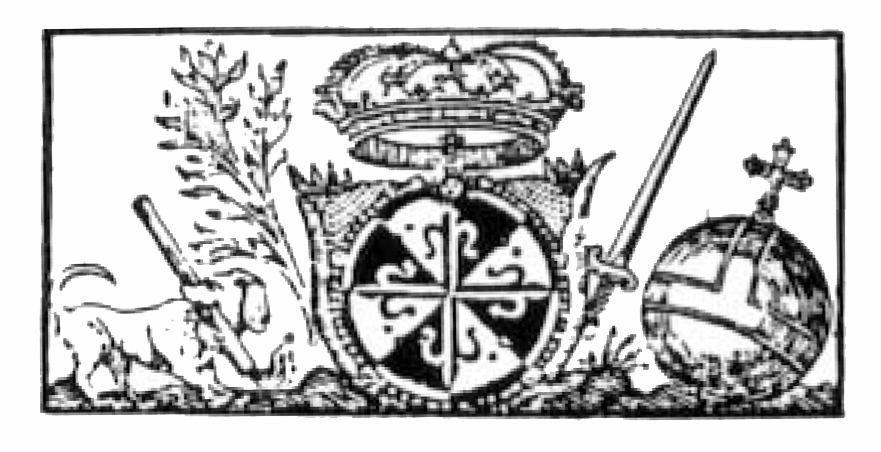
Também será explicado como esta querida verdade, uma vez conhecida e amorosamente contemplada, deve marcar toda a nossa conduta. Para viver a verdade, para propagar a verdade, para defender a verdade, vamos nos aplicar com ardente zelo.

Plenamente ocupada com Deus e seu primado absoluto na ordem da ação, bem como na ordem da oração, e conhecendo-se somente em Deus, segundo o conselho de Santa Catarina, a alma dominicana está atenta a seguir a graça que Deus lhe dá através de Jesus Cristo Nosso Senhor e de Nossa Senhora a Virgem Maria, a fim de realizar a idéia de seu Criador. A virtude intelectual da prudência, da qual São Domingos deu o melhor exemplo em toda sua vida e na organização de sua Ordem, e à qual São Tomás, na Suma, dedicou um longo tratado que contrasta com as poucas páginas deixadas a ela pelos outros moralistas, Esta virtude que Santa Catarina, como digna irmã de São Tomás, também recomendou tanto sob o nome de "santa virtù della discrezione", a prudência, digo, ou seja, a apreciação correta do que deve ser feito para se comportar bem, desempenha um papel capital na vida de uma alma dominicana. "Para fazer a verdade na caridade", estas palavras de São Paulo poderiam ser seu lema.

Seguindo os passos de São Domingos, sempre pronto a pregar a verdade ou defendê-la, e filiado à Ordem dos Pregadores que o Papa, ao aprová-los, chamou de "os campeões da fé e das luzes do mundo", toda alma dominicana, mesmo na Terceira Ordem, se preocupará em iluminar aqueles que estão privados da verdade ou em vingá-la quando for atacada.

Além disso, ninguém pode ser admitido na Terceira Ordem a menos que tenha sido informado com precisão de seus sentimentos ortodoxos e do zelo com o qual ele propaga e defende, de acordo com seus meios, a verdade da fé católica. Na ausência destas disposições, um sujeito não pode ser considerado como tendo uma vocação dominicana. E é desenvolvendo-os que se mostrará um verdadeiro filho de São Domingos (II, 8).

Na hora de sua morte, São Domingos rezou por seus filhos, seguindo o exemplo de Nosso Senhor em sua última noite, e ele também prometeu continuar sua oração em benefício deles lá em cima. Esta oração de nosso Patriarca poderia ser resumida nas palavras da oração suprema de Nosso Senhor: "*Sanctifica eos in veritate:* Santifica-os na verdade!



# Capítulo IIThe fontes altas de nossa vida

## Artigo I A Virgem Maria, santa padroeira dos pregadores

"Toda boa obra vem de Deus, todo dom perfeito tem sua primeira origem lá em cima, com o Pai das luzes, aquele sol supremo que brilha, imutável, em seu esplendor. Deus nos gerou livremente através da palavra da verdade. Esta é a maior fonte de nossa vida dominicana. O que o Apóstolo Tiago diz sobre os cristãos em geral, como poderia não se aplicar especialmente à Ordem Dominicana? Uma Ordem cuja vocação na Igreja é difundir a luz da verdade, e que, tendo florescido em São Tomás, permaneceu agrupada em torno dele por sete séculos para ser iluminada por sua doutrina e iluminar o mundo com ela, tal Ordem, sem dúvida, desce do Pai das luzes cujo esplendor não conhece nem a noite nem o eclipse. Foi gerado e é preservado por sua palavra de verdade. Nossa vida, na medida em que é dominicana, é um fluxo perpétuo da vida divina.

Mas sabemos que desde que o pecado criou um verdadeiro abismo entre Deus e a humanidade, foi necessário construir uma ponte sobre este abismo - Santa Catarina de Siena gostou desta imagem - para permitir que a humanidade se unisse à divindade, um aqueduto através do qual o homem receberia a comunicação da vida de Deus. Nosso Senhor Jesus Cristo, que une Deus e o homem em sua pessoa, é o único mediador. Só nele há salvação. É por isso que São Tomás, compondo a *Summa Theologica*, depois de ter mostrado na primeira parte como tudo procede de Deus, e na segunda como tudo deve retornar a ele, dedicou uma terceira parte àquele que se fez nosso caminho.

Agora, ao lado de Jesus e inseparáveis dele, encontramos a Virgem Maria. Ela se reconhece apenas como a escrava do Senhor: "*Ecce ancilla Domini"*, diz ela. Na realidade, ela é a filha favorita do Pai eterno. O Filho de Deus a tomou como sua mãe quando teve que assumir a natureza humana. E o novo Adão vê nela a nova Eva quando dá sua vida para a salvação de todos os homens.

Ela está ali, sob a árvore da vida, a noiva mística do Redentor. *Amissus uno funere, Sponsus, Parens et Filius",* canta um hino da Igreja. Este crucificado é seu Pai, ele é seu Filho, ele é seu Cônjuge também. O sangue divino flui e se esgota, a semente de todos os cristãos, que ela carregará como no ventre de uma mãe até nascerem na vida celestial. Entre Deus e nós, pobres pecadores, ela dobra docemente a mediação de Jesus, cuja graça primeiro a encheu. Ela abraça todos os seus projetos para a humanidade, pois aceitou conscientemente trazê-lo para o mundo como Salvador. Como mulher e mãe, ela é especialmente encarregada do cuidado da misericórdia e colabora com ele em nossa salvação. Longe de colocar um fim à sua atividade e à sua oração, sua assunção no céu e sua coroação em glória só deram a sua intercessão maravilhosos meios que ela não poderia ter aqui na terra. Nada do que é dito sobre sua intervenção materna na fundação e preservação de nossa Ordem pode nos surpreender. E é respondendo a ela com devoção filial, seguindo o exemplo de todos os nossos santos, que poderemos viver perfeitamente nossa vida dominicana.

### I Intervenção de Maria em favor de nossa Ordem

No início destas deliciosas *Vidas dos Frades*, que são nossos próprios *Fioretti*, recolhidos a pedido do Beato Humbert de Romans, o quarto sucessor de São Domingos, Gérard de Frachet conta como Nossa Senhora obteve de seu Filho a Ordem dos Frades Pregadores.

Essas coisas escapam aos historiadores. Eles registram apenas fenômenos aparentes e a seqüência de eventos visíveis. Eles não conhecem as causas ocultas que presidiram sua seqüência. Os teólogos, iluminados pelas luzes da fé, podem evocar estas influências secretas de um mundo invisível que intervém em nossa história. Às almas santas, também, Deus às vezes deu a visão destes mistérios.

Humbert de Romans e Gérard de Frachet, irmãos e contemporâneos de São Tomás, eram, eles mesmos, excelentes teólogos. Eles também tinham recebido as confidências das almas santas... E esta é a dupla razão que explica o início destas *Vidas dos Irmãos*.

Se examinarmos com diligente cuidado os mistérios das Escrituras divinas", diz o autor, "reconheceremos claramente que Nossa Senhora, a Santíssima Virgem Maria, é com seu Filho o mediador atento e o ajudante mais piedoso da raça humana".

"Temendo que os pecadores pereçam, rejeitados da face de Deus, ela apazigua a severidade da justiça divina pelo patrocínio de suas orações e confere muitas coisas úteis ao mundo pela instância de suas súplicas.

"Entre todas essas graças, a fundação de uma Ordem tão grande e famosa não foi a menos notável. Suas orações a obtiveram da misericórdia de Deus, para a salvação dos homens, como nos é conhecido a partir da revelação de muitos.

Pouco depois da fundação dos Pregadores, um monge santo contou que havia visto, durante um êxtase, a Mãe de misericórdia rezando a seu Filho. Ela implorou-lhe que esperasse que a raça humana fizesse penitência. O Senhor recusou-se várias vezes a atender ao pedido de sua santa Mãe, e como ela continuou a insistir: "Minha Mãe", disse-lhe finalmente, "o que mais posso ou devo fazer pelos homens? Enviei-lhes os patriarcas e os profetas, e eles mal se emendaram; vim até eles, enviei-lhes os apóstolos, e eles os mataram como eu, sem misericórdia. Enviei-lhes mártires, professores e confessores em grande número, e eles permaneceram indiferentes à sua voz. Entretanto, como não desejo negar-lhes nada, enviar-lhes-ei meus pregadores, através dos quais eles serão iluminados e purificados". Uma visão semelhante foi relatada a Humbert de Romans por um cisterciense de grande idade e mérito, que concluiu assim: "A criação de sua Ordem é devida às orações da Virgem gloriosa.

O próprio São Domingos, enquanto estava em Roma para a fundação de nossa Ordem, viu a Virgem apresentá-lo a seu Filho furioso: "Este é meu servo fiel", disse ela, "ele anunciará ao mundo a palavra da salvação".

Lendas, pode-se dizer. Talvez, mas respondo que as lendas muitas vezes transcrevem realidades profundas em símbolos, assim como estas próprias visões, se Dominic e estes dois monges fossem verdadeiramente favorecidos por Deus. Estando preocupada com todas as necessidades do mundo, e especialmente com a aniquilação das heresias (*cunctas hæreses sola interemisti in universo mundo*), como poderia a Santíssima Virgem não ter intervindo num momento crítico em que o cristianismo estava em grande perigo, e não ter levantado esta Ordem para salvar a fé?

Com que cuidado materno a Virgem Maria cercou a Ordem nascente! Ela nunca deixou de apoiar Dominic em seu trabalho, como cantamos no prefácio da Missa de nosso Bem-aventurado Pai: "*Ipse enim Genitricis Filii tui semper ope suffultus".* Apoiado sempre pela Mãe de Deus, ele domou heresias com sua pregação, instituiu campeões da fé para a salvação dos povos, e conquistou inúmeras almas para Cristo.

A esses cavaleiros da verdade, a própria Maria forneceu suas armaduras. Ela lhes forneceu o escudo que deve protegê-los efetivamente e lhes deu a espada que usam a seu lado como o principal instrumento de suas conquistas. Eu falo do escapulário e do rosário. O grande favor feito à Ordem na pessoa do Beato Reginald não pode ser questionado. Jordan da Saxônia, que nos fala sobre isso, foi contado pelo próprio São Domingos. Reginald, a esperança da Ordem nascente, estava prestes a morrer antes de entrar nela. Dominic começou a rezar. Ele viu a Virgem aparecer diante do homem doente e, tendo-o ungido e curado, "ela lhe apresentou todo o hábito da Ordem". A partir daquele momento, nosso escapulário substituiu a sobreposição dos Cânones Regulares e nosso hábito se tornou o que é hoje. *Ordinis vestiaria,* a sacristia de nossa Ordem, é o nome dado à Virgem em memória deste grande evento.

Houve também uma aparição da Virgem Maria a São Domingos na qual ela lhe disse: "Vá e pregue meu Terço"? Sim, de acordo com uma antiga e respeitável tradição. Em muitas ocasiões, em suas encíclicas, Leão XIII repetiu que São Domingos recebeu da Mãe de Deus a missão de difundir pelo mundo aquela devoção salutar à Virgem que se chama o Rosário. Em todo caso, dois fatos são certos. Por um lado, a Virgem Maria apareceu com um rosário nas mãos na gruta de Lourdes para recomendar esta devoção ao mundo. "Por outro lado, esta devoção, diz Leão XIII depois de tantos outros Papas, é propriedade própria da família dominicana. Cabe aos Frades Pregadores ensiná-lo ao mundo católico. Somente o sucessor de São Domingos tem o direito de instituir as Confrarias do Rosário. Se concordarmos com estes dois fatos, devemos reconhecer que nada os retrata melhor do que o quadro reproduzido em todos os lugares, que representa a Virgem Santíssima entregando o Rosário a São Domingos.

\*

\* \*

Estes são grandes benefícios gerais que atestam o patrocínio que Nossa Senhora exerce sobre nossa Ordem. Mas quantos favores particulares são recontados em nossas antigas crônicas, favores que só são conhecidos entre tantos outros que permaneceram em segredo!

Ela desperta as vocações dominicanas. Ela disse ao Tancred, um cavaleiro da corte de Frederick II, "Entre na minha Ordem". Outro, que se acreditava ser Humbert de Romans, pediu-lhe que o dirigisse à Ordem que lhe fosse mais agradável; ele foi levado aos Pregadores.

Em todas as etapas da vida, o religioso tem a garantia de seu apoio. Um jovem irmão, em quem reconhecemos aquele que se tornará Alberto o Grande, é tentado a voltar ao século. Ela o retém. Tomás de Aquino costumava invocar sua assistência. Uma vez ele confiou ao irmão Reginald que Nossa Senhora lhe aparecera para lhe dar a certeza de que sua vida e sua doutrina eram abençoadas por Deus. Pedro de Verona, enquanto discutia com um herege, sentiu a dúvida invadir sua alma. Assustado, ele se voltou para a Santíssima Virgem. "Ela lhe disse: "Peter, rezei por você para que sua fé não falhe". O Breviário menciona outra palavra que consolava São Jacinto em meio a seus imensos trabalhos apostólicos. "O Breviário menciona outra palavra que consolava São Jacinto em meio a seus imensos trabalhos apostólicos: "Alegrai-vos, meu filho Jacinto, porque vossas orações são agradáveis a meu Filho e, por minha intercessão, tudo o que pedis dele será concedido. Gerard de Frachet conta a história de um religioso que foi desencorajado na véspera de partir em missão para os Cumans. Um piedoso recluso o confortava dizendo-lhe que ele tinha visto religiosos de várias ordens atravessando um grande rio pacificamente em uma ponte, e outros nadando dolorosamente, arrastando esquifes carregados de passageiros através da água. Estes outros foram os Pregadores. Às vezes, eles corriam o risco de serem engolidos. Mas a Virgem Maria inclinou-se para eles, apoiou-os e os conduziu à costa, onde desfrutaram de uma alegria inexprimível com aqueles que haviam rebocado.

Vários frades, em várias ocasiões, e São Domingos primeiro, viram a Santíssima Virgem andando pelo dormitório à noite e abençoando os frades adormecidos um a um.

Encantado em espírito diante de Deus, nosso Pai São Domingos viu Jesus novamente sentado, com a Virgem à sua direita, vestida com uma capa cor de safira. Ao redor deles, no céu, ele viu uma multidão de religiosos, mas nenhum de seus filhos. E ele chorou. Mas Jesus o consolou, dizendo: "Eu confiei sua Ordem a minha Mãe". E Maria, abrindo bem o seu manto, mostrou ao seu fiel servo a multidão inumerável de pregadores colocados sob seus cuidados especiais.

É claro que todos os outros religiosos, todos os cristãos simples, desde o momento em que são incorporados a Cristo Jesus, são filhos daquele que deu à luz a sua cabeça. Tendo, pela graça de Deus, colaborado na encarnação d'Aquele que é o chefe, ela continua seu trabalho contribuindo com a mesma graça para a santificação de todos os membros sem exceção. Por tudo o que ela mereceu aqui abaixo. No céu, onde ela teve sua suposição, ela é dotada de um conhecimento que lhe permite abraçar seu mundo com um olhar maternal, e seu coração é suficientemente grande para se interessar por cada um e por todos. É do amor desta Mãe que podemos verdadeiramente dizer:

Todos têm uma parte e todos têm tudo isso.

Mas se ninguém for excluído de sua solicitude, recebemos a garantia particular de ser envolvido por ela. Isto é o que devemos reter para nossa edificação de todas estas características que acabam de ser lembradas e que formam a parte mais tocante de nosso Evangelho dominicano.

A festa do patrocínio da Santíssima Virgem, que nossa Ordem celebra no dia 22 de dezembro, lembra tantos favores notáveis, e a coleta para esta festa tem a seguinte redação: "Ó Deus, que quis que a Ordem dos Frades Pregadores fosse instituída para a salvação das almas sob o patrocínio especial da Santíssima Virgem Maria e que fosse regada com suas bênçãos perpétuas: concedei às nossas súplicas que, celebrando sua comemoração hoje e protegidos por sua ajuda, possamos chegar à glória celestial.

São Domingos, depois desta visão que teve do destino celestial de sua Ordem, "veio a si mesmo", diz Thierry da Apolda, "e deu o sinal para Matins com o sino". Os frades se levantaram imediatamente. Quando Matins terminou, ele convocou os frades para o capítulo e deu-lhes um grande e belo sermão para exortá-los a amar a Virgem Mãe.

"Que amor e louvor não deveríamos dar a esta excelente Virgem, a mais digna Mãe de Jesus Cristo e nossa Mãe mais abençoada! A ela somos confiados pela Majestade divina, sob suas asas somos protegidos, com sua mão somos abençoados; ela nos inunda com o orvalho de suas graças, ela nos expande, nos preserva, nos salva com sua intervenção"!

### II A devoção de nossa Ordem a Maria

Rodrigue de Cerrat, cronista do primeiro século da Ordem, nos conta que São Domingos confiou os cuidados de sua Ordem à Santíssima Virgem e a escolheu como sua padroeira. Os fatos que relatamos não puderam deixar de confirmá-lo cada vez mais em sua idéia e em sua confiança.

Quando o nosso Pai Nosso Senhor, com grande dificuldade, reuniu as freiras espalhadas por Roma em San Sixtus e, para dar-lhes a reforma de que necessitavam, persuadiu-as a abraçar a disciplina dominicana, ele lhes trouxe a imagem da Virgem a quem haviam venerado além do Tibre, a antiga Virgem de São Lucas, a imagem milagrosa que, levada por toda a cidade em tempos de epidemia, havia posto um fim à peste. Então, uma noite, acompanhado de dois cardeais, ele veio buscar a Madonna. Como o povo romano era hostil a este movimento, guardas armados os protegiam, carregando tochas em suas mãos. "Foi uma visão impressionante ver esta procissão noturna com tochas, especialmente ao cruzar o Tibre; Domingos em seu manto branco, em sua pega preta, carregando a imagem sagrada, os dois cardeais em suas vestes vermelhas ao seu redor, todos os três descalços, a luz das tochas refletindo nas águas do rio: São Domingos, o apóstolo da *Ave Maria*, trazendo a Virgem dos Apóstolos, Nossa Senhora do Rosário, a Roma sobre seus ombros[[44]](#footnote-45).

"Jordan da Saxônia, que sucedeu São Domingos, sabendo, diz Gerard de Frachet, a solicitude da Bem-Aventurada Virgem Maria, Nossa Senhora, sobre o progresso e os cuidados da Ordem, destinada a governar somente por sua assistência.

A história tem preservado para nós alguns traços comoventes de sua devoção a Maria. "Ele gostava de rezar à noite diante de seu altar, dizendo *Ave Maria* com freqüência e devagar", escreve o mesmo cronista. O irmão Berthold estava curioso para saber como ele rezava para ela. E o Mestre lhe explicou, entre outras coisas, seu método de honrar a Virgem recitando cinco salmos, cada um dos quais começando com cada letra de seu nome. "Este é um exemplo, meu filho", acrescentou ele. Por que ele não deu outras mais simples? Teríamos sabido exatamente o que era o Rosário naquela época.

Jordan da Saxônia também foi quem instituiu a procissão solene ao altar da Virgem, que fazemos todas as noites enquanto cantamos a *Salve Regina*. Sabemos como cessaram com esta oração de todos os frades que esmagaram a cabeça da serpente, especialmente em Paris e Bolonha, os dissabores diabólicos de que os frades sofriam naquela época. As maquinações diabólicas foram seguidas por radiantes manifestações da Santíssima Virgem para consagrar o costume que havia acabado de ser estabelecido em sua honra.

Quantas lágrimas de devoção", escreve o próprio Jourdain de Saxe, "correram por ocasião deste louvor à Mãe de Cristo! Que doçura não se espalhou na alma daqueles que a cantaram e daqueles que a ouviram! Que corações não suavizaram a dureza nem inflamaram o afeto! É sem razão que atribuímos à Mãe do Redentor o prazer que ela teve com estas canções, o deleite que ela teve com este elogio? Um homem de Deus, um grande religioso e digno de fé, me disse que muitas vezes, quando os frades cantavam *Eia ergo, advocata nostra*, ele via a Mãe do Senhor prostrada diante de seu Filho e orando pela preservação da Ordem. Marcamos estas coisas aqui para que o piedoso ardor dos frades em cantar os louvores da Santíssima Virgem possa aumentar cada vez mais.

O sábado foi inteiramente dedicado a ele. Com algumas exceções, todo o Escritório foi reservado para ele. E Humbert de Romans explica as muitas razões para isto. Uma bela seqüência, que foi cantada naquele dia na igreja, resume-os perfeitamente:

Jubilemus em hac die

Quam Reginæ Cœli piæ

Dicavit Ecclesia.

O sábado é o dia em que o Senhor descansou, e a Virgem é o tabernáculo onde ele descansou. Naquele dia, o trabalho da criação natural foi concluído; em Maria, o trabalho da renovação da natureza pela graça foi realizado.

Até sábado devemos ir de sexta-feira, o dia da penitência, até domingo, o dia da alegria. E assim é somente através da Mediatriz que se pode passar das tristezas deste mundo para as alegrias do céu.

Recordemos aquele grande sábado, quando o pequeno rebanho dos discípulos de Cristo havia perdido sua fé e esperança, e estes haviam se refugiado no coração de Maria.

Finalmente, é um fato que aos sábados ela responde especialmente nossas preces e na maioria das vezes realiza seus milagres[[45]](#footnote-46).

\*

\* \*

Se o sábado era o grande dia da Virgem, todos os dias os frades viviam em uma devoção a ela que os primeiros cronistas gostam de descrever e celebrar. Assim que se levantaram para as Matinas, começaram recitando as Matinas de seu Escritório, de pé no *dormitório.* Então eles correriam para o seu altar para rezar a ela individualmente, diante do grande Escritório. Quando a Matins terminou, eles voltaram novamente, esperando pelo dia. À noite, depois do Compline, que terminou com o Compline de Nossa Senhora, como Matins tinha sido precedido por ela, eles se reuniam no altar de Nossa Senhora. s vezes eles formavam uma tripla fila e rezavam para ela, recitando *Ave* lentamente, acompanhados de genuflexões. Assim, seu dia começou e terminou a seus pés.

Em suas celas eles tinham sua imagem com a de Jesus crucificado, para olhar para ela com freqüência e assim reavivar sua devoção a ela. São Tomás de Aquino, escrevendo suas obras, gostava de escrever freqüentemente na margem: *Ave, Maria,* como todos podem ver no precioso manuscrito da Suma contra os gentios que veio da mão do grande doutor. Nossos pregadores", comenta Humbert de Romans, "não cessam de louvá-la, abençoá-la e pregá-la ao mesmo tempo que seu Filho[[46]](#footnote-47)". Basta ler as lições breviárias sobre a festa de nossos santos e abençoados para ver sua devoção a Maria mencionada repetidas vezes. Vários deles, São Jacinto, por exemplo, e o Beato Aimon, obtiveram a graça que o grande teólogo Cajetan tanto desejava: morrer no dia de sua Assunção.

Nossa Senhora era a Senhora de seus pensamentos. Estes cavaleiros de um novo tipo haviam entrado na Ordem de São Domingos com a intenção de ganhar as boas graças desta incomparável senhora. Somente na Ordem dos Frades Pregadores", escreveu Bernard Gui, "se faz um voto de obediência à Santíssima Virgem Maria". Esta profissão foi a sublimação religiosa da homenagem do cavaleiro à sua dama. Esta dilatação, este ardor pelo combate, esta devoção às causas nobres que os cavaleiros poderiam tirar de tal sentimento, o Irmão Pregador encontrou na consagração que havia feito de si mesmo a Nossa Senhora, a Virgem Maria. O amor terreno, que ele mesmo havia proibido, foi vantajosamente substituído por este fervor superior, que o moveu sem perturbá-lo ou amolecê-lo. O homem de doutrina, curvado sobre seus livros o dia todo, não correu mais o risco de secar sua alma, nem o apóstolo de ser muito rude, muito tenso, muito violento em sua ação, pois a devoção à Virgem, que estava muito viva no fundo de seus corações, deu uma fonte de ternura que nunca cessou de fluir. E foi assim que sua vida espiritual foi criada como um clima benéfico no qual seus sentimentos foram simplificados, acalmados e floresceram.

Além disso, os santos de nossa Ordem rivalizam com nossos santos em sua devoção à Mãe Celestial. Foi com *Ave-Marias* que a pequena Catarina de Sena começou suas práticas piedosas aos cinco anos de idade; foi a Aquele que trouxe Jesus ao mundo que ela pediu a Nosso Senhor para ser seu marido aos sete anos de idade; e mais tarde foi Maria que apareceu com seu Filho e lhe pediu em casamento com fé, apresentando-a com sua mão. Nas vidas de Santa Rosa, Santa Catarina de Ricci, Beata Bojani, Beata Catarina de Racconigi e muitas outras, encontramos traços semelhantes. Para todos eles, Maria é a doce e terna Mãe a quem nunca se cansam de venerar carinhosamente e a quem se submetem de todo o coração.

A venerável Isabel do Menino Jesus, cuja influência espiritual foi grande no século XVII, sendo nomeada priora das Filhas de São Tomás em Paris, proclamou que a Santíssima Virgem seria a verdadeira priora do mosteiro. Como sinal de homenagem, ela colocou nas mãos deste augusto soberano duas chaves de prata e um coração contendo os nomes de todas as suas filhas. Uma imagem devota de Nossa Senhora ocupava, em todos os lugares regulares, o lugar reservado para a Prioresa, pois Madre Isabel queria ser apenas a Subprioressora de Maria, a quem ela pretendia subordinar inteiramente sua autoridade. O *Ano Dominicano* acrescenta que este costume foi preservado em seu mosteiro.

Não importa qual seja a expressão exterior desta submissão, mas em cada alma de um superior de nossa Ordem tal sentimento deve existir. São Domingos, sem dúvida, a teve quando levou solenemente a imagem da Madonna a São Sisto. E o Padre Lacordaire foi penetrado por ela quando, após ter praticado as observâncias da vida dominicana sob os olhos de Nossa Senhora de La Quercia e obrigado diante dela pelos votos religiosos, pediu ao Padre Besson para reproduzir sua imagem: "Faremos dela nossa padroeira", disse ele, "e a levaremos conosco para todos os lugares até o dia em que a possamos instalar em nosso primeiro convento francês". Foi assim que Nossa Senhora do Carvalho tornou-se a padroeira do convento de Nancy.

Quem pode dizer as incontáveis *Ave Marias que* nossa Ordem elevou a Maria! Ele os uniu em séries de 150 para igualar o número de salmos e assim formar o saltério de Maria que é o nosso Rosário. Ele fez deles o acompanhamento da contemplação dos grandes mistérios de nossa salvação, nos quais a Virgem desempenhou um papel tão grande ao lado de seu Filho. Ele agrupou os fiéis em todos os lugares em confrarias para garantir que o Rosário fosse recitado em todo o mundo em público ou em privado, nas igrejas e no lar. Ele organizou uma perpétua vigília diurna e noturna, com almas que se revezam hora a hora para louvar e rezar a Maria por meio do Rosário.

\*

\* \*

Como podemos caracterizar esta devoção a Nossa Senhora, cujas muitas manifestações acabamos de mencionar? Era um culto religioso como só merece esta incomparável criatura, da qual nosso Cajetan pôde dizer que "ela toca os limites da divindade". Não é ela mesma a Mãe de Deus, introduzida na ordem da Encarnação, colocada, diz Leão XIII, "acima de tudo o que é mais belo nas três ordens da natureza, da graça e da glória[[47]](#footnote-48)".

A profunda reverência por esta dignidade única da Virgem Maria foi expressa em todas aquelas *Ave Marias*, acompanhadas de genuflexões, que nossos primeiros irmãos tanto amaram.

A *Ave* era então apenas isso, uma manifestação de profunda reverência, pois ainda não incluía a segunda parte, acrescentada mais tarde.

Mas a tal reverência foi naturalmente acrescentada a submissão total a ela que combinou tal sublime majestade com autoridade soberana sobre as almas. Ao dizer "Nossa Senhora", nossos pais reconheceram que eles eram servos de seu domínio, cavaleiros a serviço de seu Senhorio. Não tinham eles jurado solenemente a ela no dia da profissão, e não foi em seu nome que os superiores da Ordem governaram?

Eu sou todo a favor da dependência

Para melhor depender do Salvador,

cantou nosso Beato Luís Maria de Montfort, que praticou e pregou a santa escravidão de Maria. Com a segunda parte da *Avé* do nosso Rosário, que mais podemos fazer do que nos submeter incessantemente ao soberano do céu e da terra, cuja súplica é todo-poderosa lá em cima para colaborar com Jesus em nossa salvação, agora e na hora de nossa morte?

Além de tanta reverência e submissão confiante, havia piedade filial e intimidade requintada na devoção de nossos santos a Maria.

De piedade filial, porque a Mãe de Jesus é também nossa Mãe, para nós que só somos salvos como membros de Jesus. O beato Louis-Marie de Montfort escreveu algumas páginas poderosas sobre este assunto, nas quais ele sobe ao nível do grande apóstolo Paulo, e que o tornam o doutor da maternidade da graça. Pelo simples fato de ter concebido voluntariamente nosso Salvador, ela concebeu e continua a dar à luz toda a humanidade, que a Cabeça divina incorporou.

Uma intimidade requintada foi unida a esta piedade filial. Se uma mãe, mesmo uma altamente respeitada e dedicada, não é necessariamente amiga de seus filhos, esta Mãe celestial foi verdadeiramente a amiga de eleição para seus filhos, que viveram com ela em comunhão de pensamento, amor e vida, e que nos ensinou, através da contemplação dos mistérios do Rosário, a maneira de imitá-los.

A dileção desta amizade entre Deus e nós, que é caridade, não tem nenhum objeto mais querido depois dele e de nós mesmos do que esta mulher abençoada entre as mulheres, mais próxima do que qualquer outra do Deus a quem nossa caridade é primeiramente dirigida, mais próxima do nosso ser de graça a quem depois amamos com caridade. De todos os lados, ela é a primeira a se oferecer a nossa amizade sobrenatural. *Santa mamma regina",* disse Savonarola, e com mais freqüência ele disse *Mamma mia!*

E esta é a razão profunda de todas estas *Ave Marias*, repetidas por dias a fio. O Padre Lacordaire entendeu isso bem. "O amor tem apenas uma palavra, e ao repeti-la repetidamente, ele nunca se repete a si mesmo.

É através desta complexa devoção que nos colocaremos, como nossos santos, em condições de nos beneficiarmos do patrocínio da Santíssima Virgem Maria sobre nossa Ordem.

## Artigo II O Salvador Jesus, nossa cabeça que dá a vida

Nossa devoção a Nossa Senhora não deve, não pode, diminuir o que Nosso Senhor exige. Só ele é o fundamento de nossa vida. Só Ele é o caminho, e ninguém vem ao Pai senão através dele: depois dele e só nele a Santíssima Virgem é a mediadora; sua mediação procede da de Jesus, que se deu a si mesmo sua Mãe para ajudar na obra de nossa santificação, depois de tê-la escolhido para dar à luz a ele. Esta primeira escolha envolveu tudo o que se seguiu nos planos eternos. Maria colabora assim com ele, nossa Cabeça, na realização deste grande corpo místico composto por todos os membros que vivem pela graça capital de Cristo. Mas ela mesma é a primeira a vivê-la, e sua influência tende apenas a nos fazer aderir bem a esta Cabeça. Se vamos até ela, atraídos por sua bondade - e impelidos por Jesus que nos diz: "Aqui está sua Mãe" - é, em última análise, para ouvi-la repetir para nós uma e outra vez: "Faça o que ele, Jesus, lhe disser".

Consideraremos Nosso Senhor sucessivamente em sua realidade histórica, em sua realidade mística e finalmente em sua realidade eucarística, e veremos qual deve ser nossa devoção a Ele a partir deste tríplice ponto de vista.

### INotre-Seigneur em sua realidade histórica

Acima de tudo, uma alma dominicana quer conhecer Cristo Jesus como ele se mostrou ao mundo. Não está interessado em lendas; é o Cristo da história que procura descobrir, na verdade de sua vida, suas palavras e suas obras.

Daí o culto de todas as almas verdadeiramente dominicanas ao livro sagrado do Evangelho, estudado e meditado com cuidado.

Nossos mestres, liderados por São Tomás, escreveram comentários que nos ajudam a descobrir os tesouros escondidos nestas páginas e a penetrar o segredo das menores palavras.

Para fazer uma representação da existência histórica do Senhor, não falsa, mas real, colocando-a em seu contexto, de modo a melhor evocar o objeto de sua fé e, da mesma forma, para animar sua caridade, vários de nossos bem-aventurados puderam realizar o desejo, comum a todos, de fazer a peregrinação aos Lugares Santos. Ver aqueles horizontes com suas lindas e imutáveis linhas sobre as quais Jesus descansou seu olhar, aquele lago que seu barco atravessou em todas as direções, aqueles campos que ele cruzou enquanto falava com seus discípulos, aquele poço ao lado do qual ele se sentou, aquelas flores, aquelas árvores, aqueles pássaros que foram objeto de suas parábolas, beijar com adoração aquela terra do Getsêmani onde seu sangue correu, aquela rocha onde sua Cruz foi erguida sobre o mundo, a pedra do túmulo onde ele foi colocado para descansar morto... Sem dúvida, tal desejo e sua realização não são apenas nossos. Mas é interessante notar aqui o quanto os dominicanos franceses de nosso tempo foram capazes de ir nessa direção.

Em 1882, o Padre Mathieu Lecomte também foi à Palestina e concebeu a idéia de estabelecer uma casa em Jerusalém onde os veteranos do apostolado pudessem ir para meditar na noite de suas vidas. Uma série de circunstâncias providenciais e a vontade do Soberano Pontífice, Leão XIII, levaram os Padres, reunidos no local do martírio de Santo Estêvão, a perseguir um segundo objetivo, no qual o primeiro fundador não havia pensado. O convento de Santo Estêvão logo se tornou, com o Padre Lagrange, a famosa École Biblique, onde a face autêntica de nosso Salvador é conhecida de todas as maneiras através do estudo convergente de documentos e monumentos. O Pe. Lecomte tinha trazido apenas sua Bíblia de um volume. O primeiro dinheiro disponível foi gasto na compra dos oito volumes que incluem as obras de São Jerônimo. Não queríamos trabalhar em seu espírito e continuá-lo? E, pouco a pouco, a biblioteca foi sendo enriquecida com todos os livros necessários.

A questão bíblica foi levantada contra a Igreja pela ciência protestante e racionalista.

Lagrange e seus colaboradores fizeram por críticas ao que São Tomás havia feito uma vez pela filosofia de Aristóteles. Eles mostraram que, quando usados com discernimento, longe de derrubar qualquer coisa em nossos dogmas, poderiam também se tornar um instrumento admirável para justificá-los. E toda mente independente tinha que prestar tributo a sua busca desinteressada pela verdade.

Logo "percebemos o quanto leve um contato prolongado com o solo, com os restos de antigas cidades e monumentos, com os habitantes, com todo o antigo Oriente, poderia trazer para a interpretação dos Livros Sagrados". Não é o menor dos encantos da *L'Évangile de Jésus-Christ do* Pe. Lagrange que dá a impressão de comunhão prolongada e íntima com a terra de Jesus[[48]](#footnote-49).

Quando a *Revue Biblique* publicou os resultados das escavações em Antônia em 1933, "o Santo Padre não escondeu a profunda alegria que a recuperação destas veneráveis pedras, impregnadas com as lembranças mais comoventes da Paixão, havia dado a seu coração neste ano do Jubileu da Redenção[[49]](#footnote-50)".

Esta preocupação pela verdade histórica na contemplação de Nosso Senhor pode ser dita como tendo estado sempre presente em nossa Ordem. Não há nada que não seja estritamente autêntico nas cenas cuja meditação nos é proposta durante o Rosário. E quando nosso Beato Álvarez de Córdoba, ao retornar da Terra Santa, construiu uma das primeiras Estações da Cruz (no início do século XV), ele teve o mesmo cuidado em estabelecer as diferentes Estações. Estes foram: 1° a agonia, 2° a prisão de Jesus, 3° sua flagelação, 4° sua coroação com espinhos, 5° a cena do *Ecce Homo*, 6° o carregar da cruz, 7° a crucificação e morte, 8° finalmente, Jesus foi tirado da cruz e entregue a sua Mãe.

Mas quanto as obras recentes que acabamos de recordar satisfazem nossa preocupação com a verdade! Se nem todos nós podemos abordar o estudo direto destas grandes obras, não esqueçamos que qualquer comentário sério sobre nossos livros sagrados depende claramente deles hoje em dia.

\*

\* \*

Uma ciência, mesmo bastante avançada, da história de Jesus permaneceria de pouco valor para nossa vida espiritual, se não trouxéssemos em nossa leitura e meditação da Sagrada Escritura tudo o que a fé cristã e o estudo de São Tomás nos ensinam sobre a personalidade e a psicologia de Nosso Senhor.

Este homem, que era o Filho de Deus em pessoa, tinha em sua alma humana, e desde o primeiro momento, a visão da essência divina. E porque nas conquistas da atividade criadora que se desenvolvem ao longo da história não há nada que não diga respeito ao Salvador do mundo e ao Juiz universal, porque não há uma criatura que não esteja sujeita ao Deus-Homem, devemos concluir que Deus lhe deu o poder de descobrir em si mesmo, como em sua primeira causa, todos os seres que foram, que são ou que serão. Eu não insisto nesta verdade incontestável. Não falo sequer daquelas idéias infundidas que o espírito de Jesus recebeu de Deus para conhecer em todo e em detalhe todos os seres de seu reino. É um fato que o divino Mestre, cuja história lemos nos pequenos livros de São Mateus, São Marcos, São Lucas e São João, cujo rastro seguimos na Palestina desde a casa de Nazaré até a colina da Ascensão, já tinha sua mente fixada amorosamente em cada um de nós.

Ele nos esperava, no colo de sua mãe, em seu estábulo em Belém, onde, por sua vez, os pastores e os sábios vieram para contemplá-lo. Ele viu os pastores vindos do campo vizinho, ele viu claramente os Magos em seu país distante que mais tarde partiriam em sua jornada. Muito mais tarde e de muito mais longe, mas sempre sob o olhar de sua alma, nós nos propusemos, nosso rosário nos dedos. Os piedosos Magos", disse São Domingos a seus irmãos, "ao entrar na casa, encontrou o Menino com Maria, sua Mãe". Agora é certo que também encontramos o Homem-Deus com Maria, sua serva. Vamos, portanto, adorá-lo e nos prostrarmos diante dele[[50]](#footnote-51).

Com que devoção nosso Pai São Domingos leu todas as palavras de Nosso Senhor que São Mateus recolheu! Ele nunca se separou deste Evangelho. Ao viajar, ele o tirava de sua bolsa e o abria piedosamente. Ele meditou sobre isso em sua cela. Ele beijou estas páginas que moviam seu coração como uma carta endereçada a ele por seu amigo mais ternamente amado.

Quando Fra Angélico representava nosso Pai Nosso Senhor sentado, com o Evangelho na mão, ao lado do Cristo ultrajado, ou ajoelhado aos pés da Cruz com os olhos erguidos sobre Jesus Cristo que está olhando para ele, ele estava apenas tornando uma realidade espiritual sensível para nós, o encontro do pensamento de Jesus vivendo na terra e o pensamento de São Domingos.

No século XVII, Madre Françoise des Séraphins escreveu: "Falo com Jesus Cristo sobre as palavras do santo Evangelho, segundo o que estas palavras se apresentam ao meu espírito, fazendo meus atos interiores e meus pedidos, segundo o que me levam a fazer... Minha maneira de agir com o Filho de Deus é falar com ele como se ele fosse visível, e tomo como assunto de minhas conversas com ele as palavras de seu santo Evangelho, no qual encontro muita matéria para prolongar minha oração[[51]](#footnote-52).

Se você olhar através dos grandes volumes do *Ano Dominicano, você* verá, em quase todas as páginas, as almas piedosas de nossa Ordem revivendo, no decorrer das estações litúrgicas, toda a vida de Nosso Senhor. Estando consciente do amor que Jesus lhes demonstrou ao realizar estes mistérios, parece que eles estão presentes em pessoa. Em 1232, na noite de Natal, o Beato Jordão da Saxônia escreveu a sua filha espiritual: "Querida Diana, tome coragem, seja consolada no Senhor e na divina Criança que vai nascer para você. E St Louis Bertrand, na mesma data, tendo ido a uma paróquia para pregar no dia seguinte, não teve a coragem de usar uma cama naquela noite. Ele foi para o estábulo e, ajoelhado sobre a palha, permaneceu ali em contemplação.

O retorno do tempo dedicado ao Resgate os move ainda mais. Madre Catarina da Paixão, das Filhas de São Tomás, em Paris, escreve estes sentimentos que todos os nossos santos estigmatizados experimentaram tão profundamente. "Eu quero olhar apenas para Jesus na cruz. Jesus Cristo dobra sua cabeça para dar o beijo de amor; ele é amarrado à cruz para esperar por mim em resignação; seu lado foi perfurado para abrir o caminho para seu coração[[52]](#footnote-53).

Muitas vezes, em favor de nossos santos, Nosso Senhor realizou milagres que atestam esta verdade. Não há mais tempo para separar este Cristo que nasce, morre e ressuscita de seus discípulos do século XIII ou do século XX.

Numa noite de Natal, a Bem-Aventurada Boas-vindas recebe o Menino Jesus em seus braços. Sobre o Beato Tiago de Mevagna que, ajoelhado aos pés do crucifixo, gemendo com medo de não ser salvo, flui uma corrente de sangue do lado de Jesus. À Beata Gertrude de Herckenheim, que ainda derramava lágrimas sobre a Paixão no dia da Páscoa, Nosso Senhor aparece: "Por que você chora no dia da minha Ressurreição e triunfo? Hoje eu realmente ressuscitei da sepultura, e não apenas eu, pois vocês também ressuscitaram para viver eternamente comigo em glória. E sabemos como, no dia de sua Ascensão, Jesus, respondendo ao grande desejo da pequena Imelda, veio para tomar e carregar sua alma em uma comunhão milagrosa.

### II Nosso Senhor em sua realidade mística

Os fatos comoventes que recordamos deixam claro que Cristo Jesus não é para nossos santos uma mera figura do passado, desapareceu depois de ter lançado seu brilho sobre a história. Ele ainda está vivo em sua personalidade fantástica, dominando a raça humana e governando o mundo inteiro.

"O lema de nossa devoção à santa humanidade", disse o Pe. Clérissac[[53]](#footnote-54), "poderia ser 'Ele subiu ao céu para preencher todas as coisas'. Atração, gravitação, todas as forças que, em nosso sistema solar, atuam neste pequeno planeta, não têm mais realidade do que a energia divina que, através das sagradas feridas de Nosso Senhor, chega até nós incessantemente".

Poucos cristãos estão conscientes do grande poder que nosso Senhor tem sobre nós e de nossa dependência dele. Não entendemos o quanto vivemos nele, *em Christo Jesu*. Este é o mistério de Jesus que São Paulo nunca deixou de pregar ao mundo e que São Domingos nosso Pai, que não se separou das Epístolas do grande Apóstolo, assim como não se separou do Evangelho de São Mateus, meditou ao longo de sua vida.

Há duas maneiras de entender esta vida em Cristo Jesus, uma que pode ser chamada de caminho fraco, que esbate e minimiza o ensinamento de São Paulo, e a outra, a maneira forte, a evocada na passagem do Padre Clérissac que acabamos de ler. Não tenhamos medo de ir além da verdade. Com demasiada freqüência ficamos aquém disso.

Sim, ficamos aquém da verdade quando vemos em Nosso Senhor apenas um Mestre para ouvir e um Modelo para imitar. "Por sua dupla grandeza, o Padre Bernard diz de forma excelente, Cristo nos engloba em si mesmo". Ele é único. Ele domina e vivifica todo o seu povo. Pela grandeza de seu ser, que é o próprio ser do Filho de Deus, ele assume em si todos aqueles de sua raça. Pela riqueza de sua vida espiritual, ele é capaz de comunicar-lhes toda sua graça neste mundo, com sua glória no próximo. Para que ele seja realmente tudo em tudo e todos nós sejamos criados nele. Deus, que já tinha composto tudo em seu Verbo eterno, o Cristo preexistente, recompôs tudo em seu Verbo encarnado, primeiro o Cristo mortal e agora o Cristo imortal. Nele estão agora reunidos todos os divinos e todos os humanos. Ele é como um grande ser soberano e como um grande recipiente espiritual. Toda a plenitude habita nele e nós estamos empenhados nessa plenitude. Sem ele não existimos, tanto que foi ele quem reconstituiu nosso destino e mereceu nossa graça. Mas, por outro lado, ele sem nós não está completo, e é para frustrá-lo de uma parte de si mesmo para nos retirar de sua influência, pois nós somos seu complemento, como diz São Paulo, e ele é aquele que se completa em todos os sentidos.

"Para ter esta persuasão e este sentimento profundo de que Jesus Cristo continua em cada um de nós, aqui está o forte e, sem dúvida, a única maneira exata de aderir a Ele. O Apóstolo me ensina... que eu sou um com meu Salvador no modelo de um corpo vivo, natural, físico. Imaginemos um corpo "cheio de membros pensantes". Jesus é a cabeça, mas uma cabeça que está presente a todos os membros de seu corpo através do pensamento muito distinto que ele teve no passado e ainda tem hoje de cada um deles, através da ação que ele exerce sobre eles com ou sem um intermediário e através do cuidado com o qual ele os cerca. Uma cabeça, por assim dizer, espalhada pelo corpo, não só pela presença divina que insinua, mas também pela presença humana que acabamos de delinear. E neste grande corpo místico, que forma o Cristo total, eu, um cristão, sou um membro que não tem ser, vida e movimento a não ser no corpo, através do princípio que o anima e para os fins que persegue[[54]](#footnote-55).

\*

\* \*

Esta doutrina, assim fortemente resumida por um de nossos teólogos contemporâneos, tem sido defendida por todos os nossos teólogos desde o início de nossa Ordem. No tempo do Beato Jordão, quando o diabo atormentava os frades, uma vez ele gritou com raiva pela boca de um frade possuído: "Eis que os encapuzados disputam se Cristo é a Cabeça da Igreja". Peter Lombard, em suas *Sentenças,* foi muito breve sobre este assunto. Mas ao comentá-los, São Alberto o Grande trata a questão com uma insistência que mostra a importância que ele atribui a ela. Recebemos a graça de Cristo não por imitação e semelhança", diz ele, "pois assim poderíamos receber a graça de Pedro e Paulo, mas pela influência que Cristo exerce sobre nós, uma influência semelhante àquela que a alma exerce no corpo[[55]](#footnote-56)...". Finalmente, São Tomás lhe dá (esta pergunta) sua forma definitiva", escreve Padre Mersch, S.J. "Seus sucessores, seus comentaristas, não acrescentarão muito. Os Thomistas, deve ser dito em geral, serão particularmente fiéis em lidar com a graça da Cabeça. Os escoceses, seguindo o médico sutil, muitas vezes não dirão nada sobre isso. Os autores da Companhia de Jesus, quando vierem mais tarde, também serão breves, pelo menos aqueles que são anteriores ao século XIX[[56]](#footnote-57). Como podemos não estar orgulhosos, nós Thomistas e Dominicanos, quando depois lemos, na mesma obra aprendida, as seguintes linhas: "Os autores que têm (no Corpo Místico) as afirmações mais enérgicas: Santo Tomás, Cajétan, Médina, Nazarius"? Todos os quatro são de nosso país.

Agora, o que os teólogos ensinaram desta forma, todas as almas de nossa Ordem viviam. Toda a vida de Santa Catarina de Siena é uma ilustração desta doutrina. Quando Jesus toma o coração de Catarina e o substitui por seu próprio coração, quando ele toma posse da vontade de nossa Santa de lhe dar sua própria vontade, estes são fenômenos extraordinários, sem dúvida, mas só mostram o que está acontecendo nela constantemente, e mais ou menos em todo o "corpo místico da Santa Igreja", para usar os termos que ela também usou. Quando a cabeça de Nicholas Tuldo, o jovem condenado à morte a quem ela está assistindo, cai, é o sangue de Jesus que continua fluindo, e ela olha religiosamente para as gotas dele que jorraram sobre seu manto branco.

Em um momento em que em toda parte há um movimento para retornar a este realismo cristão, nós, filhos de uma Ordem que sempre foi fiel a ela, não devemos nos deixar ultrapassar.

Com a ajuda de nosso Terço, todos os dias e todos os anos ao longo do ciclo litúrgico, quando nos lembramos dos grandes acontecimentos da vida de Jesus, ergamo-nos acima do plano em que se encontram os historiadores, mesmo que respeitem a divindade de Cristo. E vejamos o que realmente existe, uma série de mistérios nos quais tudo foi planejado e desejado. Tudo tem um significado simbólico que devemos saber penetrar a fim de nos conformarmos com ele. Tudo o que precedeu o último suspiro de Jesus tem para nós um valor meritório[[57]](#footnote-58). Finalmente, tudo é para nós uma causa eficiente de vida, mesmo o que se seguiu à sua morte. Estamos enterrados com ele, nossa ressurreição procede da sua, já estamos no céu nele, e através dele o alcançaremos definitivamente. Falando desta forma, estou simplesmente resumindo o ensinamento de São Tomás na terceira parte da Suma.

Aderamos a Cristo, sempre vivo, agora presente à direita do Pai, onde Ele reza por nós, de onde Ele atua em nós, com uma eficácia da qual todos os raios, antes desconhecidos e que a ciência conseguiu captar hoje, fornecem apenas uma imagem fraca. Que vivamos com suficiente recolhimento para sermos perfeitos receptores de todas aquelas ondas que espalham seu pensamento, como nosso venerável Esprito de Jesus, que constantemente ouviu Jesus dizer a ela: "Estou olhando para você"! Que obedeçamos obedientemente a todos os impulsos que seu coração nos comunica, para que cada um de nós, em nosso próprio estado, possa realizar sua idéia sobre nós, e assim trabalhar por nossa parte na realização de seu corpo místico!

Em vez de buscar a perfeição por nossa própria iniciativa e de acordo com um plano pessoal, tentando imitar a virtude de Jesus pela virtude, preferimos o método que se baseia apenas em seu plano e sua graça, e onde nos contentamos em fazer um esforço para ouvir seus chamados e obedecer a todas as suas exigências. Ah, isto não é sem dificuldade! Um exame também é necessário, freqüente e profundo. Qual é a minha posição? Qual é a minha principal preocupação? A ação de Jesus me acha atento, disponível, obediente? Não recusei formalmente, ou pelo menos fui inerte, às suas santas sugestões? Então eu me estimulo, retifico minha intenção, me adapto ao presente trabalho de graça em mim. Tal exame não é apenas uma ou duas vezes ao dia, mas cem vezes ao dia. Sempre que saímos do automatismo para tomar consciência de nossa vida, é de se esperar que o façamos desta forma[[58]](#footnote-59).

### II Nosso Senhor em sua realidade eucarística

A ação de Jesus, da qual falamos, às vezes se faz sensível, chegando até nós por meio de certos sinais sagrados que Nosso Senhor usa para tocar nosso corpo e, através dele, para marcar nossa alma e santificá-la. Refiro-me àqueles sacramentos pelos quais estamos visivelmente incorporados em nossa Cabeça.

Fiéis aqui novamente a toda a nossa tradição dominicana, vejamos nestes sacramentos mais do que meros sinais evocativos dos méritos de Nosso Senhor. Eles são os canais pelos quais sua graça chega até nós. Eles são os instrumentos que ele usa para nos configurar e nos conformar a si mesmo. Gardeil, tendo recebido a Unção Extrema, disse o quanto estava feliz por ver sua incorporação a Cristo concluída desta forma.

Especialmente nos sacramentos que são usados com freqüência e diariamente, é importante não esquecer a presença de Nosso Senhor. Esta presença é apenas virtual no sacramento da penitência. Jesus, entretanto, faz sentir sua influência real, não apenas no sacerdote que absolve e aconselha, mas no próprio penitente.

Examinemos nossos pecados, então, no espírito que dissemos acima, sob o olhar que fixou Pedro, o renegado, na corte do Pretório. A fim de que nossa contrição seja perfeita, unamo-nos ao ódio que Jesus sentia pela culpa de todo pecado, vendo nela uma ofensa contra Deus. Finalmente, unamo-nos à sua vontade de assumir, a fim de expiá-la, toda a punição que estes pecados merecem. Com estes sentimentos em mente, quantos de nossos irmãos, especialmente nos primeiros tempos, recorreram ao sacramento da penitência todos os dias. Hoje, a Regra exige que nos confessemos pelo menos duas vezes por mês.

A cada quinze dias, entramos assim em nosso interior para trazer à luz nossos apetites de honra, prazer, conveniência e preguiça, que buscam uma sombra favorável para seu desdobramento desenfreado. Tomamos consciência de nossas impurezas positivas, de nossos pecados de omissão e de sua causa. Precisamos ver tudo isso com clareza suficiente para relatá-lo a alguém. A pessoa que nos escuta não tem interesse em cometer erros; ele julga sem preconceitos. Além disso, ele é competente e nos ajuda a discernir melhor o mal e a encontrar o remédio. Que exercício salutar! É impossível, nestas condições, deslizar insensivelmente em pecados graves, impossível sobretudo adormecer neles. Temos que acordar de nossa tibieza e avançar em direção à perfeição. Periodicamente, em intervalos bastante curtos, a força da inércia que se oporia ao nosso progresso é quebrada. Estamos sempre atentos para praticar as virtudes.

Este esforço psicológico, que qualquer educador recomendaria, é, não esqueçamos, fortalecido pela graça de Cristo que vem automaticamente na recepção do sacramento da penitência. Ela nos invade com tanto mais veemência quanto mais nos colocamos na presença de nosso Salvador e nos unimos a ele para conhecer melhor nossas falhas, para nos arrepender delas, para expiá-las e para fazer resoluções úteis. Tudo será penetrado por sua inspiração[[59]](#footnote-60).

\*

\* \*

Há outro sacramento que, graças a Deus, podemos nos aproximar mais facilmente do que nossos irmãos mais velhos. A Regra nos encoraja a receber a Santa Eucaristia todos os dias. Ali Cristo Jesus está verdadeiramente presente. Ele entra em contato conosco de uma forma muito real através de sua própria substância. Não é mais a influência distante de antes, como a luz e o calor que o sol nos envia. Quando comungo", disse Santa Rosa de Lima, "me parece que um sol desce em meu peito".

Escondido sob a aparência de um pão, Jesus se torna nosso alimento. Tudo o que os alimentos produzem em nossa vida corporal", explica São Tomás, "o sacramento da Eucaristia confere à nossa vida espiritual". Preserva-o, mantendo-o do pecado mortal. Ele o aumenta, e o crescimento pode ocorrer sem limites para a perfeição da união eterna com Deus. Ele a restaura, reparando a perda de força que os pecados veniais trazem diariamente. Finalmente, ela dá à nossa alma um bem-estar espiritual ao qual a satisfação corporal de uma boa refeição não se pode comparar. E tudo isso pode ser explicado sem metáforas pelo fato de que a Eucaristia estimula em nós o fervor da caridade. Jesus, por seu contato com nossos corações, é como um fogo que acende uma fogueira. Assim, de dia para dia, nossas comunhões podem marcar o progresso de nossa ascensão espiritual, desde o início, quando se trata de lutar contra o pecado para não morrer, até a união transformadora onde, assim como Jesus vive através do Pai e para o Pai que o enviou, também aquele que o come vive somente através dele e para ele.

Sob quais condições estes resultados maravilhosos podem ser alcançados? É na medida em que nos aproximamos da Eucaristia com dignidade, disseram alguns. É na medida em que um se aproxima dele com freqüência, disseram os outros. E a primeira enfatizou as disposições que permitem receber dignamente a comunhão, a segunda a eficácia automática da Eucaristia, que aumenta a graça com cada comunhão, e duas correntes surgiram na Igreja. Os primeiros pareciam triunfar no passado, muito antes dos Jansenistas. Do século IX ao XIII, que viu o nascimento de nossa Ordem, as comunhões se tornaram cada vez mais raras. Os teólogos insistiram na pureza e nas virtudes exigidas de antemão. Uma pessoa se surpreende", diz o Abade Vernet, "ao ler na Regra de Santa Clara, confirmada por Inocêncio IV (1253), que as Clarissas têm apenas sete comunhões por ano[[60]](#footnote-61).

De acordo com a observação do mesmo autor, as Constituições das Irmãs Dominicanas afirmam que elas podem comungar quinze vezes. Isso é um pouco mais. Mas aqui São Tomás elogia a comunhão diária em termos notáveis. Ele ensina que é útil a todos aqueles em quem aumenta o fervor da caridade sem diminuir o respeito. O amor e o medo", diz ele, "estão igualmente relacionados à reverência, o amor que exorta à comunhão diária, o medo que convida à abstenção às vezes; mas o amor e a confiança, aos quais a Escritura nos convida constantemente, devem ser preferidos ao medo[[61]](#footnote-62).

Quando, no século seguinte, Santa Catarina de Sena pediu para receber a Sagrada Comunhão com muita freqüência, o Beato Raymond, seu confessor, acedeu a seus desejos, e à medida que as pessoas murmuravam, ele indicou que ela estava seguindo pontualmente a doutrina de Santo Tomás, recebendo a Sagrada Comunhão quase todos os dias e às vezes se abstendo dela, a fim de se aproximar do sacramento com maior reverência e devoção.

O apelo dos místicos de nossa Ordem que imitam Santa Catarina de Sena, e a autoridade de nossos teólogos fiéis a São Tomás, exercem uma grande influência para o retorno à comunhão freqüente. "Tauler, aludindo ao tempo das antigas irmãs dominicanas, disse que se a comunhão quinzenal tivesse sido suficiente para elas, menos tempos bons e almas menos fortes exigiam mais comunhões[[62]](#footnote-63).

Este movimento, como sabemos, só se concretizou no início do século 20, quando Pio X abriu o acesso diário à Mesa Santa a todos.

\*

\* \*

A segunda das duas correntes que distinguimos é, portanto, triunfante hoje. Por que os resultados não são mais óbvios? É São Tomás que nos explicará isso. Ninguém foi capaz de resolver esta questão melhor do que ele, com todas as nuances desejáveis.

Se o caráter batismal e o estado de graça são suficientes para que a comunhão seja válida e não sacrificial, e para que um certo crescimento sobrenatural nos seja concedido automaticamente, isto é muito mínimo e é reduzido às nossas aptidões, sem chegar ao ato, se recebermos comunhão com distração. Além disso, se a distração for voluntária, há uma falha, e esta falha pode ter conseqüências desastrosas para nossa alma que não são compensadas pelo aumento mínimo da aptidão sobrenatural que acabamos de mencionar. Tal pecado não aumenta em nós as más disposições naturais que podem um dia nos levar a perder a graça? Em particular, nos falta respeito religioso. O medo de Deus diminui pouco a pouco em nossa alma. Quase inevitavelmente, chegaremos a um ponto em que perderemos o capital sobrenatural que foi inutilmente amealhado e que permaneceu em nós quase improdutivo. Então nos veremos privados de tudo e presas de nossas más inclinações. É a isto que anos de comunhão tépida, repetida dia após dia, podem levar. Somos como o jardineiro que enxerta um arbusto e ao mesmo tempo incentiva o crescimento de uma planta silvestre.

O que devemos fazer então? Devemos nos abster da comunhão até que tenhamos adquirido a virtude necessária? Não. Somente o estado de graça é necessário. Não é necessário, como tem sido ensinado por muito tempo, ser desligado de todo pecado venial deliberado. Esta purificação será o próprio fruto da comunhão freqüente, diz Pio X: "É impossível que, tomando a comunhão todos os dias, não se possa ser libertado pouco a pouco dos pecados veniais e do apego a estas faltas. Mas é na condição, diz São Tomás, de que se tome a comunhão com devoção, ou seja, de que se aproximando da Santa Mesa com uma atenção de fé e um anseio de amor, se coloque respeitosamente à disposição de Nosso Senhor para fazer sua vontade. Na medida em que, no momento de receber a Comunhão, você se estabelece nestes sentimentos, a Comunhão traz em você uma verdadeira reforma real e, portanto, produzirá gradualmente os frutos admiráveis que Nosso Senhor e a Igreja esperam dela.

Se você não vê estes resultados em si mesmo, se, por exemplo, você não é capaz de suprimir uma certa ligação desordenada, cuidado, a razão provavelmente é que você está comungando de uma forma rotineira e distraída. Por isso, aplique-se a despertar a devoção em seu coração. Nada contribui melhor para isso do que a meditação sobre a bondade e os benefícios de Deus colocados contra sua miséria e sua necessidade de se submeter a Ele. Na prática, será suficiente seguir bem a Missa desde o início, seja com a ajuda da carta do missal, seja unindo-se de maneira geral à nossa adorada Cabeça que no altar presta sua homenagem a seu Pai e que nos atrai a esta consagração de nós mesmos a Deus através dele, com ele e dentro dele.

Pode ser bom, a fim de quebrar a rotina e despertar nossa alma, abster-se da comunhão às vezes. Tudo o que estimula o desejo sagrado e expande o coração se prepara para uma comunhão fecunda. Para ter a luz", diz Santa Catarina de Siena, "cada um traz sua própria vela, mais ou menos forte". É através do desejo santo, ela ensina, que nossa vela aumenta de volume e recebe uma luz maior". Quanto maior o navio que se leva ao mar", comenta Louis de Granada, "mais água ele traz de volta". O oceano é inesgotável; é nossa capacidade que é limitada, e muitas vezes, por nossa culpa, excessivamente limitada.

A fim de honrar este oceano de graças e fonte de luz, Cristo Jesus verdadeiramente presente na Eucaristia, algumas congregações de nossas Irmãs organizaram em seus conventos uma contínua guarda de adoradores. Pe. Thomas Stella fundou, em 1538, em nossa igreja de Santa Maria da Minerva, a Confraria do Santíssimo Sacramento, que hoje está espalhada pelo mundo. Mas acima de tudo, São Tomás compôs o Escritório de *Corpus Christi*, que é uma obra-prima universalmente admirada, especialmente aqueles hinos que o Papa Bento XIII considerava "incomparáveis e quase divinos". Quando os cantamos em coro em procissões solenes ou na cerimônia mais íntima de uma saudação, quando meditamos silenciosamente em sua *Adoro te*, durante uma visita solitária à Hóstia do Tabernáculo, que a alegria de pensar que estamos usando uma boa família ajude nossa devoção a Nosso Senhor a florescer e crescer constantemente!

## Artigo III A Santíssima Trindade

O próprio Jesus é apenas o caminho. Mas você não pára em um caminho. Passa-se por ela para se atingir a meta. O objetivo supremo ao qual Jesus nos conduz é identificado com o primeiro princípio, do qual ele se propôs a nos buscar: é a Santíssima Trindade. Da Santíssima Trindade à Eucaristia, através da qual Cristo Jesus, verdadeiramente presente na terra, faz com que as pessoas participem de sua vida, este é o caminho pelo qual o amor divino desce até nós. Da Eucaristia à Trindade, este é o caminho ascendente pelo qual o amor divino nos atrai, da comunhão à comunhão, até participarmos da vida dos Três, na bem-aventurança eterna[[63]](#footnote-64).

Se assim for, uma alma cristã deve ter em seu coração uma espécie de nostalgia e uma grande esperança. Como uma criança que nunca viu os pais a quem deve seu nascimento, mas que traz dentro de si a firme confiança de que finalmente os reencontrará, estará preocupada com eles e recolherá cuidadosamente tudo o que o ajudará a formar uma idéia deste Deus em três Pessoas, que está no início de sua existência e no fim de seu destino.

Infelizmente, muitas almas, entre as mais bem intencionadas, se contentam em pensar com medo da Lei divina que nos é imposta como condição de salvação, e não têm prazer em meditar sobre a vida íntima de Deus. Eles falam dele como os judeus antes da vinda de Nosso Senhor, se não como os filósofos dos séculos recentes. Para este último, Deus não é mais do que uma abstração. Para eles, Deus era como uma única pessoa formidável, isolada no trono de Sua eternidade. Mas sabemos que a natureza divina se cumpre em três Pessoas, que são o Pai, o Filho e seu Espírito de amor, e não é possível que nossa conduta não seja afetada por isso.

O venerável Cardeal Mercier, dirigindo-se a seus sacerdotes durante um retiro, reprovou-os por não fazerem "deste mistério da Trindade... o objeto favorito de suas orações, o fundamento de suas vidas, a preocupação dominante de seus ensinamentos[[64]](#footnote-65)". Os sacerdotes pertencentes à nossa Ordem não devem estar sujeitos às mesmas reprovações, nem nossos terciários devem estar sem gosto por tais temas de meditação. Santa Catarina de Siena, nada menos que São Tomás, não os reconheceria mais como seus.

\*

\* \*

Portanto, vamos seguir o divino Mestre com os primeiros discípulos. Deixe-nos vê-lo ao vivo e escutá-lo. Ele manifesta gradualmente o Pai que está nos céus. Ele se revela como um Filho de Deus, bem à parte, o único gerado a quem o Pai comunica tudo. Finalmente, no final de sua vida, ele fala de outro confortador que, junto com o Pai, ele enviará para lembrá-los de seus ensinamentos e para conduzi-los à verdade. "Ide e ensinai todas as nações e batizai-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo".

São Tomás, por sua vez, nos ajudará, por analogia com a vida de nosso espírito, a conceber algo da vida íntima deste Espírito soberano que se torna consciente de si mesmo e se ama a si mesmo. Ele o faz com tanta plenitude que esse conhecimento e amor resultam em pessoas nele semelhantes e iguais em todas as coisas à fonte da qual emanam. De toda a eternidade, Deus se conhece e se expressa completamente em uma única idéia, que é sua Palavra, sua imagem perfeita, seu Filho. E imediatamente o Pai e o Filho, contemplando um no outro sua perfeição indivisível, se apaixonam um pelo outro com um amor em que toda sua substância ainda está presente... Nosso grande médico, ditando seus pensamentos sobre este magnífico assunto, entrou em êxtase e não percebeu que a vela que segurava em sua mão estava queimando seus dedos.

Santa Catarina, a humilde terciária, que nem havia aprendido a ler e escrever, não ditou nada mais claro e fervoroso do que suas elevações à Santíssima Trindade. "Ó eterna Trindade, uma Deidade! Uma Essência em três Pessoas! Você é uma Videira com três ramos, se me permitem dizer. Você fez o homem à sua imagem e semelhança, para que, pelos três poderes que possui em uma única alma, ele pudesse levar o selo de sua Trindade e de sua Unidade. Por estas três faculdades ele não só se assemelha a você, mas também se une a você. Pela memória, ele se assemelha e se une com o Pai, a quem o Poder é atribuído. Pela inteligência, ele se assemelha e se une ao Filho, a quem a Sabedoria é atribuída. Pela vontade, ele se assemelha e se une ao Espírito Santo, a quem é atribuída a Clemência e que é o Amor do Pai e do Filho.

É no segredo da vida trinitária que temos sido conhecidos e predestinados. São Paulo escreveu isto no início de sua carta aos Efésios. São Catarina o diz em outras palavras. No dia em que a Anunciação é celebrada, nossa Santa se expressa da seguinte forma: "Ó incompreensível Trindade, no grande conselho eterno sua sabedoria viu tudo o que era necessário para a salvação do homem, sua misericórdia o quis, e hoje seu poder o fez acontecer. Assim, neste conselho, Poder, Sabedoria e Clemência concordaram em nos salvar...

É no mistério da Santíssima Trindade que somos chamados a viver eternamente para desfrutar da própria bem-aventurança de Deus, associando-nos por nossa inteligência à geração da Palavra e por nosso amor à procissão do Espírito Santo. Depois do grande êxtase de outubro de 1378, no qual Catarina havia recebido tantas luzes e em cinco dias ditou o *Diálogo*, ela gritou: "Ó eterna Trindade, ó Deidade, natureza divina, Deidade que deu tanto preço ao sangue de teu Filho, eterna Trindade, tu és um oceano sem fundo, no qual quanto mais me imerso, mais te encontro, mais te busco novamente. A alma nunca está satisfeita com você; ela se enche de você em suas profundezas, mas sem nunca saciar sua sede, pois ela continua desejando você, ó eterna Trindade, quer vê-lo em sua luz. Enquanto o cervo suspira após a água viva das nascentes, minha alma deseja deixar a prisão escura do corpo para vê-lo em verdade. Por quanto tempo seu rosto ficará escondido dos meus olhos, Trindade eterna?

É participando agora da vida da Trindade, que habita pessoalmente neles para justificá-los, que os predestinados se encaminham para sua glorificação. Sentindo em si mesma a presença vivificante das três Pessoas divinas, a mente de Santa Teresa não estava em repouso, ela nos diz, até que um teólogo da Ordem de São Domingos lhe explicou que verdadeiramente a própria Santíssima Trindade habita na alma em um estado de graça[[65]](#footnote-66). Nossa Ordem sempre teve tais teólogos para explicar esta doutrina em profundidade às almas fervorosas, comentando os artigos de São Tomás sobre Missões Divinas.

Que todos possamos vivê-la, seguindo o exemplo de nossa mãe Santa Catarina, tanto nos atos de nossa piedade privada como nos exercícios de nosso consultório litúrgico!

\*

\* \*

Sobre todo o nosso escritório litúrgico reina a Santíssima Trindade. O Advento é especialmente dedicado ao Pai, que envia seu Filho para nos salvar. Do Natal à Ascensão, seguimos o Filho através de seus vários mistérios. Depois vem o Pentecostes e a missão do Espírito Santo. Finalmente, como uma festa clímatica, chegamos ao Domingo da Santíssima Trindade. E assim como a primeira parte do ano nos leva pouco a pouco, toda a segunda parte está em nossa liturgia dominicana apenas no período após a festa da Trindade.

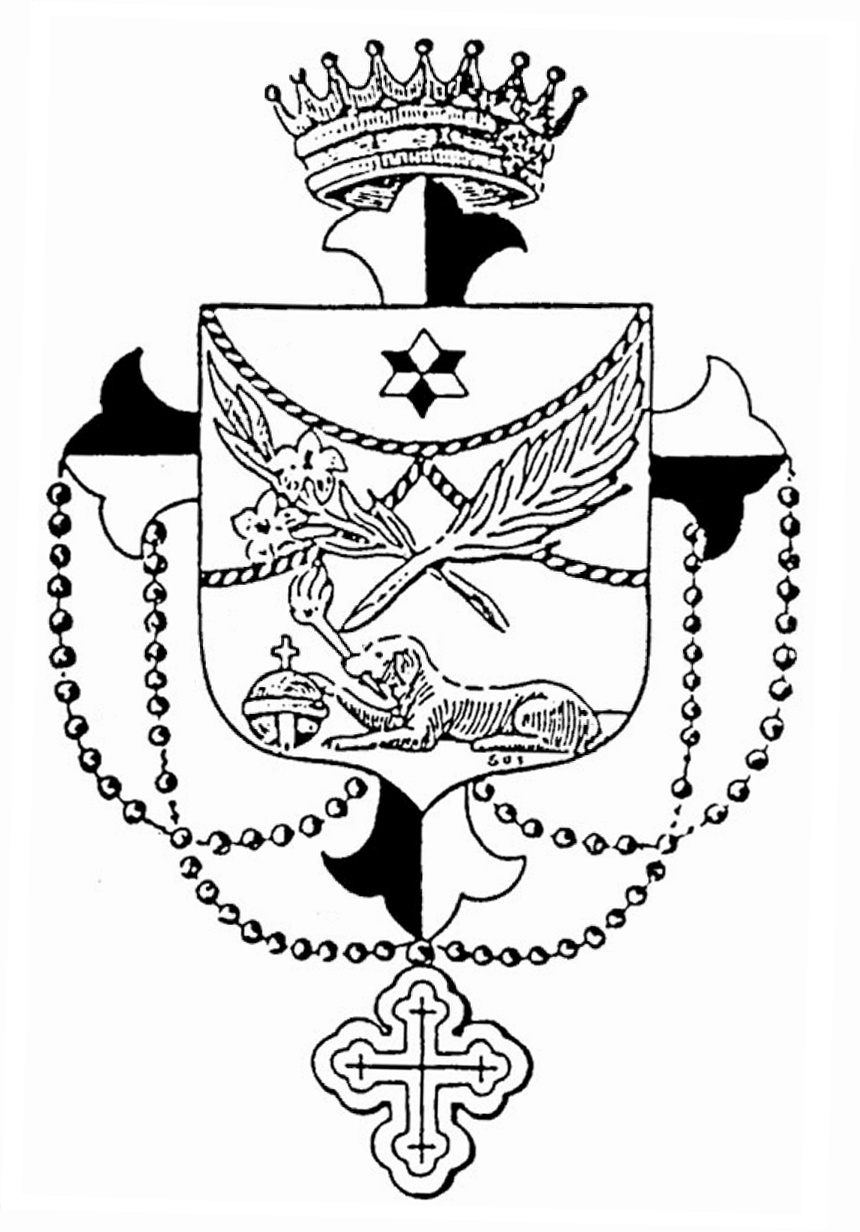
Na vida de nosso venerável Bartolomeu dos Mártires, diz-se que depois das Matinas da Santíssima Trindade, absorvidas na contemplação deste mistério, ele não pôde mais encontrar sua cela. Ele voltou ao dormitório como um cego, repetindo com admirável unção a última antífona de Lauds: "*Ex quo omnia, per quem omnia, in quo omnia, ipsi gloria in sæcula!* Dele todas as coisas procedem, através dele todas as coisas vêm, nele todas as coisas estão contidas. Para ele seja a glória para sempre e sempre!

Duas práticas serão especialmente queridas para nós, e, enquanto as observamos fervorosamente no Escritório Divino, gostaríamos de voltar a elas devotamente em nossas vidas privadas: o sinal da cruz e o *Gloria Patri*.

Pelo sinal da cruz professamos pertencer a Cristo, o mediador único, e nos configuramos a Ele em sua própria atitude de Redentor, mas é agir com Ele em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Que belo gesto de inauguração antes de empreender qualquer ação significativa! Nós nos comprometemos resolutamente com a própria intenção destes três que nos predestinaram e que, presentes em nós, apóiam nossos esforços.

Que fórmula mais bela, para colocar o selo final em nossas obras, do que "Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo"! Nós nos unimos não só a todos aqueles que na Terra louvam a Santíssima Trindade, mas também a glória que Ele encontrou em Si mesmo antes do início das coisas e que Ele ainda encontrará lá quando não houver tempo. É para esta glória que esperamos poder compartilhar no céu.

St. Dominic gostava de fazer o sinal da cruz. Ao viajar, ele podia ser visto de longe, assinando-se piedosamente. Da mesma forma, escreve Thierry d'Apolda, "ele recomendou que os frades se humilhassem diante da Santíssima Trindade quando disseram solenemente: Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo". E esta forma de curvar-se profundamente (que preservamos em nossa liturgia) foi a primeira de suas devoções.



# Capítulo IV Nosso Escritório Canônico

## Artigo I A Liturgia Dominicana

A Regra da Terceira Ordem apresenta a "oração assídua e, na medida do possível, litúrgica" como o principal meio para atingir nosso objetivo de santificação individual e irradiação apostólica (III, 3). E mais adiante, no capítulo sobre a recitação do Ofício, determina que o Ofício da Santíssima Virgem Maria deve ser dito "de acordo com o ritual da Ordem" (VI, 28).

Então a Ordem tem um ritual litúrgico particular? Sim, basta comparar nossos livros do Escritório com os do Rito Romano para ver que eles nem sempre estão de acordo. Da mesma forma, quando se assiste ao Santo Sacrifício da Missa, rapidamente se percebe que os Padres Dominicanos não celebram como os outros padres.

Algumas pessoas se surpreendem com isso. Alguns, que, como nós, não têm nenhuma razão especial para acolher todos os costumes de nossa Ordem com simpatia, estão até mesmo escandalizados por nos verem se afundando desta maneira. Por que não entrar completamente na unidade?

Unidade? Nossa Ordem foi a primeira a sentir a necessidade disso. E é porque o conseguiu primeiro que se destaca dos outros hoje. A Igreja romana, além disso, não quer ver sacrificadas aquelas riquezas que, mesmo no Ocidente, as diversas liturgias que ali florescem, e entre as quais a liturgia dominicana ocupa um lugar de escolha.

No início da Ordem", diz Humbert de Romanos, "havia muita diversidade no Escritório". Os frades que S. Domingos haviam dispersado tão rapidamente, em agosto de 1217, por todos os países da cristandade, tiveram que se adaptar às liturgias dos lugares onde se haviam estabelecido, que variavam consideravelmente de um país para outro.

A Ordem logo sentiu as desvantagens desta diversidade. Os religiosos, por motivos de estudo, pregação ou governo, freqüentemente iam de um convento para outro, de uma nação para outra. Como foi difícil adaptar-se a uma nova liturgia a cada vez! Os frades que se reuniram para um capítulo geral estavam acostumados às mesmas inclinações do coro que São Domingos lhes havia ensinado, mas não os mesmos salmos, nem as mesmas lições, nem as mesmas antífonas e respostas para o ofício. Na missa, havia ainda mais diferenças.

Foi para evitar este inconveniente que foi decidido proceder com a unificação. Os próprios fiéis, aqueles que freqüentavam nossas igrejas, sentiriam uma verdadeira satisfação durante suas viagens ao encontrar em toda parte na casa dos pregadores as mesmas cerimônias que eles conheciam e amavam. Um símbolo vivo da fraternidade católica, mais íntimo entre aqueles que se juntaram à família dominicana.

A unificação não foi fácil, e levou vinte e cinco anos para ser concluída. Segundo o Pe. Mandonnet, "a primeira tentativa certamente foi feita antes de 1235 e provavelmente depois de 1230. Esta primeira constituição da liturgia dominicana continuou sendo a base das reformas subseqüentes, que não parecem ter feito nenhuma mudança essencial a ela[[66]](#footnote-67).

No entanto, o trabalho, como foi produzido, não satisfez a todos. Quem ficará surpreso? O Capítulo de 1245 nomeou quatro religiosos das províncias da França, Inglaterra, Lombardia e Alemanha para corrigir e harmonizar o Escritório. Eles colaboraram em Angers, e os três Capítulos Gerais de 1246 a 1248 aprovaram seu trabalho. Entretanto, como o trabalho havia dado origem a numerosas reclamações dentro da Ordem, o Capítulo de Londres em 1250 instruiu os quatro corretores a se reunirem novamente em Metz para revisar seu trabalho.

Humbert de Romans, provincial da França, que esteve envolvido na revisão da liturgia realizada em sua província e na qual teve que colaborar, foi elevado em 1254 ao cargo de chefe da Ordem e teve o Capítulo Geral comissionando-o com "toda a portaria do Escritório Eclesiástico". No Capítulo de Paris, em 1256, Humbert escreveu sua encíclica anual à Ordem, na qual anunciou a conclusão da reforma litúrgica. Um volume monumental, uma obra-prima da arte parisiense do livro em meados do século XIII, foi composto para ser o modelo ao qual todas as cópias deveriam se conformar. Depositada pela primeira vez no Colégio de Saint-Jacques em Paris, a casa mais importante da Ordem, está agora em Roma, no arquivo geral dos Frades Pregadores.

Em 1267, o Papa Clemente IV aprovou nossa liturgia. Desde então, não sofreu nenhuma mudança importante. Quando São Pio V, em 1570, impôs o Breviário Romano e o Missal a toda a Igreja, ele abriu uma exceção para liturgias que tinham duzentos anos. Esta era precisamente a liturgia dominicana.

\*

\* \*

Foi dito que nossa liturgia foi inspirada pelo Gallican, e mais precisamente pelo Parisian, Office. Tendo sido unificado na França e sob a influência do francês Humbert de Romans, não há razão para ficar surpreso. Mas alguns de nossos costumes que encontramos na liturgia galicana ainda podem ter vindo da antiga liturgia romana. Em qualquer caso, decorre do trabalho do Padre Laporte e do Padre Rousseau que a liturgia dominicana é essencialmente romana. As peculiaridades que encontramos nela são, acima de tudo, usos antes seguidos nas basílicas romanas, e que não foram retidos no breviário e missal próprio da cúria pontifícia, de onde procede o ritual romano de hoje.

Os Frades Menores, buscando também unificar sua liturgia, adotaram este Missal e Breviário da Cúria Romana. Não contentes em adotá-los, eles os adaptaram ao seu modo de vida e os popularizaram em todo o mundo. Estes livros, assim reformulados pelos franciscanos, foram impostos pelo Papa Nicolau III às igrejas de Roma em 1277, até se tornarem obrigatórios em toda parte sob São Pio V. Vários costumes claramente romanos desapareceram assim de Roma, mas permaneceram aqui.

Os ritos da Alta Missa Dominicana em particular "permaneceram muito próximos aos antigos ritos basilicanos e mantiveram sua majestosa simplicidade[[67]](#footnote-68)". A introdução é realmente o canto de entrada. O celebrante e os ministros não se movem em direção ao altar até que o coral tenha assumido a introdução. O celebrante permanece sentado no banco de areia desde as orações até o canto do Evangelho. É lá que, após a epístola, o subdiácon vem para guarnecer o cálice. Na Missa baixa, isto é feito pelo padre assim que ele chega ao altar, antes de começar a Missa com o *Confteor*. O padre oferece tanto pão quanto vinho. Após a consagração, ele reza com os braços estendidos, quase na forma de uma cruz. Várias outras diferenças podem ser vistas ao seguir a missa no missal.

O Escritório também tem suas peculiaridades: por exemplo, os cinco salmos de *Laudato* para as primeiras vésperas das duas primeiras festas, um responsável após o capitular, vários hinos e antífonas, especialmente os da Quaresma Compline, "que a Ordem dos Frades Pregadores soube preservar como tantas outras coisas belas", escreve um liturgo[[68]](#footnote-69). Depois das Laudes no Escritório das Trevas, cantamos invocações dramáticas e comoventes a Cristo em coro. Nossa *Libera* também é aumentada com versos comoventes.

Os dois coros se revezam em pé e sentados durante a salmodia, para nos lembrar que a Ordem é ao mesmo tempo ativa e contemplativa. Este salmodia não deve se arrastar. Breve, sucinto, viril, esta é a maneira pretendida pelo próprio São Domingos. As inclinações profundas retornam com freqüência, especialmente em cada *Gloria Patri*, para prostrar todo o nosso ser diante de Deus e para nos dar o sentimento religioso de sua excelência soberana e de nossa dependência.

Duas pequenas linhas para terminar este artigo. A Beata Catarina de Racconigi, sofrendo por não poder ler, obteve do céu o poder de ler o ofício litúrgico dominicano, mas nada mais, "Nosso Senhor testemunha por esta restrição", diz Jean de Réchac, "que, como era filha da Ordem, não deveria mais usar outras orações e ofícios além dos da Ordem".

O Beato John Dominici, que trabalhou tanto para pôr fim à grande cisão no Ocidente, não acreditava que estava prejudicando a unidade da Igreja ao se agarrar ao nosso ritual particular. E quando o cardinalato lhe foi oferecido, ele aceitou somente na condição de que pudesse manter a liturgia da Ordem.

## Artigo II A missa e o escritório

### O Santo Sacrifício

"Os terciários farão todo o possível para assistir diariamente ao Santo Sacrifício da Missa e para seguir o sacerdote no altar com atenção e piedade. Assim diz a Regra (VII, 33). Retorna a isto em conexão com a reunião mensal da Fraternidade, prescrevendo que a reunião seja usada para ouvir a Missa em conjunto (XVII, 65). Preciosas recomendações cuja brevidade não deve obscurecer sua importância.

O sacrifício é o ato mais belo da religião. E a Missa é o Santo Sacrifício de nossa religião cristã, a continuação e expansão através dos tempos, em todo o mundo, do Sacrifício que nosso Sumo Sacerdote ofereceu a seu Pai ao morrer na Cruz.

Como os primeiros filhos de Adão fizeram, segundo o relato bíblico, como os povos mais primitivos ainda fazem, e como toda alma religiosa em qualquer grau de civilização material que ele tenha alcançado deve fazer, buscamos uma cerimônia simbólica para expressar a Deus nossa religião.

Nós escolhemos o que melhor representa nossa existência, pão com um pouco de vinho. Este não é o produto de nosso trabalho diário? Esta não é nossa alimentação diária? Sim, trabalhamos perpetuamente para ganhar nosso pão, e com este pão mantemos constantemente nossa vida. Depois vamos para os templos que erguemos para nosso Criador. Tendo retirado um pouco desse alimento humano de todo uso profano, nós o consagramos a Ele em um belo gesto de oferenda. Em vasos dourados o padre levanta o pão e o vinho para o céu. E isto significa que nossa existência depende inteiramente somente de Deus e que temos o prazer de reconhecer isto.

Quando o povo pastoral, com os mesmos sentimentos, ofereceu um cordeiro de seu rebanho, chegou ao ponto de imolá-lo e reduzi-lo a cinzas. Este holocausto expresso da melhor maneira possível de que não somos nada diante de Deus. Toda nossa vida é um presente de sua bondade. Além disso, tendo abusado deste dom por nossas falhas, não somos dignos de que ele nos continue a dar. Sim, Deus poderia ter pedido a Abraão que sacrificasse seu próprio filho e a si mesmo. Mas ele se contentava com uma oferta simbólica de queimados.

\*

\* \*

Um dia, porém, uma criança pequena, segurada nas mãos de sua mãe como um altar, entrou no Templo de Jerusalém e se ofereceu a Deus seu Pai, para ser verdadeiramente sacrificada no lugar de todas essas vítimas inferiores. João Batista disse mais tarde sobre ele, apontando para a multidão: "Eis o Cordeiro de Deus, que carrega sobre si todos os pecados do mundo". Como Chefe de toda a humanidade, como Adão, Jesus, desejando salvar o que o outro havia perdido, ofereceu-se em nome de todos nós e derramou todo o seu sangue no altar da Cruz.

Ele conduziu este grande drama como uma liturgia sagrada. "Este é o meu tempo... O que você tem que fazer, faça-o rapidamente... Você está procurando por Jesus de Nazaré, sou eu, deixe os outros irem... Vocês não teriam poder sobre mim, vocês que me condenam à morte, se isso não lhes tivesse sido dado de cima. Ele se entrega aos algozes que são os instrumentos inconscientes de seus desígnios, e ele mesmo oferece sua alma a Deus, proferindo um grande grito que domina todos aqueles cordeiros da Páscoa que estavam sendo sacrificados na mesma hora no Templo Judaico.

Oh, o grito deste sangue derramado, que sobe ao céu, como podemos expressar seu profundo significado? "Pai, aqui estou eu, o verdadeiro Rei de todos estes homens, como está escrito em minha cruz; reconheço que só tu possuis o ser, e que, pecadores, não temos razão de existir; portanto, assumindo todos os pecados, desde o de Adão até o último pecado do mundo, aceito a morte para expiar tudo. Este foi o ato de amor religioso e satisfatório que, elevando-se acima dos crimes dos verdugos e dos sofrimentos de Jesus, foi agradável ao Pai celestial. E foi porque Ele previu isto desde a criação do mundo que Ele olhou com complacência, rolando através da imensidão, para este pequeno globo do qual o perfume de tal incenso subiu até Ele. Todos os outros planetas e todos os sóis não contavam junto a esta humilde terra.

Foi em antecipação a este Sacrifício que Deus acolheu os da antiga Lei; e desde o dia em que este foi consumado, Ele não queria outro senão recordá-lo, perpetuá-lo e difundi-lo.

O próprio Jesus providenciou para isso. Naquela noite, quando ele foi traído", diz São Paulo, "ele instituiu a Eucaristia". Sua morte estava em sua mente, ela inspirou cada palavra e gesto dele. "Eu ansiava por fazer esta Páscoa com vocês antes de sofrer minha Paixão", diz ele no início da Última Ceia, e enquanto Judas sai para consumar seu crime, ele grita: "Agora o Filho do Homem foi glorificado e Deus foi glorificado nele". Então, tomando o pão em suas mãos santas e veneráveis, e olhando para o céu, ele agradeceu e disse: "Este é meu corpo, que é entregue por vocês". Então ele pegou a taça de vinho e disse: "Este é o meu sangue, que é derramado por muitos para o perdão dos pecados". Pesemos todas estas palavras, que fazem o que dizem, e vejamos que Jesus se apresenta a seus discípulos na própria atitude de seu Sacrifício da Cruz. Sob a aparência de pão e vinho, seu corpo é como se sangrasse até a morte de um lado, e do outro, seu sangue é derramado. O grande Sacrifício já é realizado por uma misteriosa antecipação.

Agora, o que a Última Ceia antecipou, a Missa perpetuará, esta Missa que os apóstolos e seus sucessores celebrarão pela ordem que Cristo lhes deu naquele dia: "Fazei isto em memória de mim...". "Proclamareis sempre a morte do Senhor", escreveu São Paulo aos Coríntios uns quinze anos mais tarde. Assim como Jesus, na última noite de sua vida, já havia colocado os discípulos na presença do sacrifício redentor que deveria ser consumado no dia seguinte, também foi na presença do mesmo sacrifício que a consagração eucarística reuniu os coríntios e todos os cristãos de todos os tempos.

A missa, como a Última Ceia, nos leva ao cume do Calvário. O padre é o mesmo na Última Ceia, na Cruz, em nossas igrejas. Ele mesmo é Jesus. Aquele que vemos no altar é apenas seu ministro. Qualificado pelo caráter da ordem para servir a Cristo, ele lhe empresta seu espírito, sua voz, suas mãos. Tudo acontece como na Última Ceia. *Gratias agamus Domino Deo nostro.* E a oração de ação de graças, que deu seu nome à Eucaristia, continua. Sobre o pão e o vinho que trouxemos para o altar, palavras graves são ditas. Por quem? Pelo homem que encontramos na rua, por aquele que chamamos Padre X., Padre Y.... Sim, mas sobretudo por Jesus que fala com sua própria boca e que faz seu próprio corpo a partir de nosso pão e seu próprio sangue a partir de nosso vinho.

Nosso Senhor, verdadeiramente presente em nosso altar, sob o disfarce de uma vítima imolada, continua o mesmo ato de amor que foi tão eloqüentemente expresso em sua morte na cruz. Deus, das alturas de sua eternidade, vê imediatamente o humilde sacrifício da Missa que assistimos e aquele em que seu Filho morreu em verdade, e aplica às nossas almas os méritos que Jesus ganhou de uma vez por toda a humanidade.

Mas é na condição de participarmos desta missa em espírito e não apenas no corpo, que estejamos atentos, acompanhando com devoção no altar o padre que sobe em nosso nome. Quando ele oferece este pão e este vinho, não esqueçamos que é a nossa própria vida que ele representa, apliquemo-nos religiosamente para fazer passar todas as nossas almas por este ofertório, e Jesus tomando o lugar de nossa pobre oblação simbólica, nossas almas serão atraídas por ele, com ele e nele, o todo formando uma única homenagem, magnificado, esplêndido, digno de Deus finalmente e aprovado por ele.

Nossos santos tinham uma noção destes mistérios. O Beato Marcolin, cuja vida havia se tornado de oração contínua e que permanecia incessantemente absorvido em Deus, só recuperaria o uso de seus sentidos para ouvir o sino que tocava no momento da elevação. Então, vindo a si mesmo, ele corria para prostrar-se diante do Santíssimo Sacramento. Nosso Pai São Domingos derramou abundantes lágrimas desde o momento da consagração até a comunhão. Os frades que o serviram na missa os viram deslizando pelas vestes sagradas. "Um não esperou pelo outro. Não menos viril que ele, um St. Thomas, um St. Vincent Ferrier, também chorou enquanto celebrava a missa.

Numa época em que "padres e religiosos não diziam missa todos os dias, São Domingos, por devoção, já havia adotado a prática da celebração diária". Ele foi fiel a ele mesmo quando viajava, e sabemos que ele encorajou este santo costume, pois em 6 de maio de 1221 ele havia obtido do Papa a autorização para que seus frades celebrassem em um altar portátil. O fundador dos Pregadores contribuiu assim de maneira muito eficaz para introduzir o uso da Missa diária na Igreja[[69]](#footnote-70).

Se nossa saúde ou nossos deveres de Estado nos impossibilitam de ir à igreja todas as manhãs, que nossa alma pelo menos vá lá no momento em que o sino adverte o país vizinho sobre o mistério divino que está sendo realizado lá. Mas se pudermos, mesmo que isso signifique levantar-se meia hora mais cedo, não deixemos de assistir ao Sacrifício divino que dará ao nosso dia inteiro sua orientação religiosa.

Imitemos, se nos for permitido este favor, o anseio de nossos primeiros irmãos de servir a Missa. "Foi para quem pediu a honra de assistir o celebrante", diz Gerard de Frachet. O próprio São Tomás gostava de agradecer, servindo outra missa.

Quando participamos da missa como corpo no dia da reunião mensal, é importante que todos nós participemos da sagrada liturgia. Como podemos estar ali como meros espectadores, quando somos os atores do grande drama. Este sacrifício não é apenas do padre, mas também nosso. *Orate, fratres, ut meum ac vestrum sacrificium...* Não somos mais catecúmenos. Nosso caráter batismal nos qualifica para nos unirmos ao ministro sagrado a fim de sermos oferecidos por ele e para nos oferecermos a nós mesmos. Como sinal desta participação, devemos participar da *Confiteorologia* no início e em todo o diálogo que acontece durante a missa, recitando a *Glória*, o *Credo*, o *Sanctus* e o *Agnus* com o padre. Todos nós, membros da mesma Fraternidade, em comunhão com a Santíssima Virgem, São Domingos, todos os nossos santos, e especialmente aqueles que estamos lembrando neste dia, *comunicantes* et *memoriam venerantes*, deixemo-nos levar por Nosso Senhor, nele e com ele, no mais belo movimento de religião e de amor a Deus que pode ser concebido.

Finalmente, após a comunhão eucarística ter selado esta sagrada liturgia, iremos para nossos deveres, que serão como a continuação de nossa Missa. "Eu, que participei do Sacrifício divino, posso permitir-me isto? Não. Então que isto seja excluído da minha vida. Não deveria isto, pelo contrário, ser incorporado a ela? Sim, porque é um sacrifício que Cristo Jesus quer unir-se aos seus e transformar, assim como a gota de água que caiu no vinho se tornou vinho, e o vinho se tornou o próprio sangue de Jesus.

Se não nos for dado, como muitos de nós, para derramar todo o nosso sangue por Cristo de uma só vez, vamos pelo menos oferecê-lo dia após dia e gota após gota. Gerard de Frachet nos conta que um irmão que acompanhava São Pedro de Verona na pregação lhe pediu que lhe ensinasse uma oração. Isto", respondeu ele, "é o que mais me encanta e move: quando levanto o Corpo de Cristo ou o vejo levantado por outros sacerdotes, peço ao Senhor que nunca me permita morrer a não ser pela fé". Eu sempre rezei esta oração.

\*

\* \*

### II O Escritório da Missa

A missa é o centro do culto católico. Houve até mesmo uma época em que ela abrangia todo o culto. Hoje ainda domina e organiza todo o nosso Escritório ao seu redor.

Seria interessante acompanhar o movimento de concentração da liturgia na Missa durante os primeiros dias da Igreja, e depois, ao longo dos séculos, a formação das várias horas canônicas, que são separadas da Missa sem deixar de girar em torno dela. Evocar em algumas páginas toda esta história não será inútil para ajudar nossos terciários a compreender nosso Escritório e a realizá-lo bem.

Os primeiros cristãos em Jerusalém continuaram a freqüentar o templo nos horários oficiais de oração: manhã (à terceira hora), meio-dia (que era a sexta) e noite (a nona). Como os israelitas piedosos longe da Cidade Santa, como Daniel exilado para a Babilônia, eles também subiram ao seu quarto superior para rezar ao mesmo tempo. Um dia, à sexta hora, São Pedro é mostrado orando no terraço de Simão curtidor em Joppa. Novos pensamentos devem ter ocupado sua alma. Não foi a hora em que Jesus foi crucificado, pois nenhuma foi a hora de sua morte, e a terceira a hora da vinda de seu Espírito Santo? Logo, a *Didache* recomendaria recitar o *Pai Nosso* três vezes ao dia.

Os judeus espalhados pelo mundo também se reuniram nas sinagogas, especialmente no sábado. Uma reunião foi realizada pela manhã, outra à noite. A reunião da manhã foi de longe a mais importante. Não houve sacrifício ou oblação como em um templo, mas sim canto de salmos, leituras das Sagradas Escrituras seguidas de um comentário e, finalmente, orações. Jesus tinha participado de tais reuniões em Nazaré. São Paulo foi lá para pregar o Evangelho. A obstinação da maioria dos judeus o obrigou a desistir.

Assim, os cristãos se reuniram na casa de um deles para participar de sua liturgia. Uma liturgia semelhante à dos judeus: salmos, leituras com comentários, orações. Somente os salmos cantados de preferência foram os relativos ao Salvador, e novos hinos foram acrescentados. Aos livros do Antigo Testamento juntaram-se gradualmente novos escritos escritos pelos apóstolos de Cristo Jesus, que foram lidos não menos religiosamente. Os comentários foram inspirados pelo espírito do Senhor. O *Pater era a* oração habitual.

Mas um rito acima de tudo distinguia os cristãos, um rito que se tornaria o núcleo de toda a sua liturgia. Consistia em reproduzir os gestos sagrados que o Salvador havia realizado na Última Ceia: tomar o pão, abençoá-lo e parti-lo, dizendo as próprias palavras de Jesus. Em Jerusalém, nos dizem os primeiros capítulos do livro de Atos, eles fizeram esta *fração de pão* à noite em casas particulares.

Entre os seguidores do cristianismo em todo o mundo, esta foi a grande cerimônia do dia de sábado. Enquanto entre os judeus a assembléia da manhã sempre foi a principal, entre os cristãos a reunião da véspera, que foi a do rito eucarístico, foi naturalmente a mais freqüentada. Logo, por vários motivos, foi o único atendido.

O outro serviço deveria desaparecer? Não, porque foi acrescentada à Ceia Eucarística, que também precisava de preparação. Por outro lado, a refeição, que deu origem a abusos já apontados por São Paulo, foi finalmente suprimida. A mesa tornou-se nada mais do que um altar. Em torno dela, as pessoas cantavam e rezavam enquanto esperavam pela oblação. Foi assim que se formou o antegosto, que em nosso rito dominicano a apresentação do vinho e da água desde o início se soldou ao resto mais completamente, mas que no entanto parece bastante distinto do Santo Sacrifício. Além disso, a reunião foi prolongada até a noite, para comemorar em particular a ressurreição do Salvador, e assim o rito eucarístico passou do sábado para o dia seguinte, que foi chamado de Dia do Senhor, ou domingo. Embora em certos aniversários as pessoas continuassem a vigiar durante toda a noite, logo se contentaram em se reunir antes do amanhecer, como é óbvio.

Assim, o antegosto nada mais é do que o escritório concentrado que é exigido de todos os cristãos todos os domingos de manhã. Se é pecado mortal perder o Santo Sacrifício vindo à igreja depois do ofertório, o pecado, embora venial, não é insignificante se não se chega a tempo de tomar parte nas leituras e orações preparatórias.

\*

\* \*

Veremos agora o Escritório florescer ao redor da Missa. Após as perseguições romanas, quando magníficas basílicas foram construídas, grupos de almas fervorosas foram formados para assistir mais assiduamente à vigília dominical, e até mesmo para fazer esta vigília diariamente. Nas igrejas, os leigos de boa vontade, os "ascetas", as "virgens", se reuniam durante a noite, e os clérigos presidiam a salmodia. A partir do século V, o saltério inteiro foi distribuído durante toda a semana. Um dia, note-se de passagem, foi a mesma preocupação que distribuiu todo o saltério da Santíssima Virgem, ou seja, as 150 *Ave Marias* agrupadas por dezenas, durante toda a semana para os confrades do Rosário.

Depois da Matins, que foi sinalizada pelo primeiro canto do galo, os louvores divinos foram entoados ao nascer do sol (Lauds). Ao anoitecer, quando a estrela Vesper começa a brilhar e a lâmpada é acesa, um novo serviço é realizado (Vésperas ou lucernary). Os monges em seu convento também se encontraram em tierce, sexte e nenhum. Finalmente, foi entre eles que nasceram os exercícios de Prime e Compline, que foram a oração da ascensão e a distribuição do trabalho, a recomendação da alma a Deus antes do descanso da noite. Assim se cumpriram as palavras do salmista na Igreja: "Sete vezes ao dia eu te louvo, ó Senhor".

Durante a segunda metade do século VII, o hábito de unir o Escritório diário da Santíssima Virgem ao ordinário começou a se espalhar[[70]](#footnote-71). Foi composto no mesmo modelo, e também semelhante, em seus diferentes horários, ao gosto antecipado.

As matinas, acima de tudo, contêm os mesmos elementos da antiga vigília do serviço eucarístico, da qual o prefácio é o resumo. Encontramos o salmodia, as leituras do Antigo e do Novo Testamento, a homilia, as responsabilidades e, finalmente, o *Te Deum*, um canto de ação de graças como o prefácio e o cânone da Missa. Tudo o que falta é a consagração. A oração que termina a cada hora também nos traz de volta à oração eucarística, pois é oferecida como ela ao Pai, por Jesus Cristo Nosso Senhor, na unidade do Espírito Santo.

Os dominicanos, homens e mulheres, tendo se levantado para Matins, começaram imediatamente o Ofício da Santíssima Virgem, e foi com este Ofício que eles terminaram Compline à noite, a *Salve Regina* coroando o todo. Nos domingos e dias de festa, e mesmo todos os dias durante o Advento e a Quaresma, os terciários gostavam de vir às suas igrejas para participar deste Escritório. Mas seu próprio Escritório consistia em recitar diariamente *Paters* e *Aves* correspondentes às diferentes horas canônicas. Sendo em sua maioria analfabetos, eles não poderiam fazer melhor.

Para não perder nenhum do precioso tempo necessário para o estudo, São Domingos, segundo o Beato Humbert de Romanos, queria que começássemos a recitar as Matinas da Santíssima Virgem enquanto nos vestíssemos. Hoje as necessidades de estudo aumentaram apenas, e a atividade externa nos ocupa ainda mais, à medida que os trabalhadores apostólicos se tornam menos numerosos. É por isso que Pio X suprimiu, mesmo para nós, a obrigação do ofício diário da Santíssima Virgem, que os padres seculares não recitavam há vários séculos.

Um pensamento deveria nos consolar, e que ao mesmo tempo o nível de educação aumentou entre nossos terciários e que a maioria deles agora prefere recitar o Ofício da Santíssima Virgem em vez dos Patenôtres. Esta é até mesmo a regra em muitas congregações da Terceira Ordem. Será aplicado com muito mais cuidado se se pensar em substituir os Padres nesta função. Assim, graças aos nossos terciários, a Ordem permanece sempre fiel a unir ao grande Ofício o pequeno Ofício da Santíssima Virgem, sua augusta padroeira. Isto é exatamente o que os primeiros frades pregadores recitaram. Um detalhe o prova. A *Ave Maria* no início e no final de cada hora não termina com a *Sancta Maria* que foi introduzida mais tarde e se encontra no Rito Romano.

Deixemos que nossos terciários, como nós, tenham o cuidado de manter todo o seu Escritório em íntima conexão com a Missa. Deixe-os fazer disso o cenário para o Santo Sacrifício. As várias horas canônicas dividem o dia. Matins, Lauds, Prime e Terce preparam gradualmente a alma para a missa. Sext, None, Vespers e Compline são como uma extensão disto. Nos conventos, todo este escritório é cantado ao redor do altar. Quando não pudermos fazer o mesmo, que nossos pensamentos e nossos corações ao menos sejam dirigidos para o tabernáculo, e que toda a seqüência de horas nos ajude a comungar com as disposições do Verbo Encarnado, nosso Sumo Sacerdote, nosso anfitrião salvador, que imola-se diante de nós no Santo Sacrifício e se comunica conosco a fim de nos atrair perfeitamente para sua religião.

Para recompensar Santa Catarina de Siena por viver em tais sentimentos e para penetrá-la mais profundamente, Jesus às vezes vinha visivelmente para dizer as horas canônicas com ela...

### IIIExcelência de nosso escritório

Dizemos "Nosso Escritório", e com isso queremos dizer que de todas as nossas funções, esta é a mais importante. É o nosso Escritório por excelência.

Também é chamado de "o Santo Ofício", porque nossas outras ocupações, por mais importantes que sejam, são mais ou menos profanas, embora todas elas devam ser voltadas para a glória de Deus, mas esta é essencialmente um louvor divino.

Dizemos até "o Escritório Divino". Na verdade, nosso escritório é divino. Deus é então o objeto que ocupa nossa mente e nosso coração. Ocupação divina. O próprio Deus não faz nada maior do que contemplar e amar a si mesmo. Criar e governar o mundo não conta para ele em comparação com este ato que constitui sua vida íntima desde toda a eternidade. Da mesma forma, deve ser dito que criar a mais bela obra de arte humana ou trabalhar para a civilização do mundo é de pouca importância para nós em comparação com este magnífico uso de nossas faculdades. Não podemos aspirar a nada mais perfeito do que apegar-nos a Deus em pensamento e amor.

Isto pode ser feito fora do Escritório, sem dúvida. Mas em nenhum lugar o fazemos melhor do que em nosso escritório. Pois, nesse momento, não somos deixados às nossas faculdades pessoais, ao nosso pobre discurso humano. É o próprio Espírito de Deus que se insinua em nossa alma e o usa como um instrumento bem afinado para o culto divino, é o próprio Espírito de Deus que passa por nossos lábios para celebrar o louvor divino.

O Espírito de Deus encontrou no meio dos tempos, na humanidade do Salvador Jesus, o instrumento perfeito de louvor divino. David, a quem nossos santos tanto amaram e que tantas vezes intervém com Nosso Senhor no noivado espiritual ou outros favores concedidos a nossos santos, David era apenas a figura de Cristo quando expressava em seus salmos os vários sentimentos de sua alma. Então Jesus os fez seus desde sua infância na sinagoga de Nazaré. No templo de Jerusalém, ele gostou de ouvi-los com mais cuidado. Na Última Ceia, ele cantou os salmos do hallel. E suas palavras supremas na cruz foram entoar o salmo *Deus, Deus meus,* que sua alma teve que continuar em tom baixo e que seu estado crucificado percebeu exatamente, como se Davi o tivesse visto com seus próprios olhos morrendo naquelas torturas.

Incorporados a Jesus pelo caráter sacramental que nos dá o poder de participar do culto que ele presta a Deus, tiramos da comunhão eucarística a graça de fazê-lo cada vez mais dignamente. Vamos nos reunir, se não na realidade como nossos irmãos e irmãs na igreja conventual, pelo menos em espírito, ao redor do altar onde o Sacrifício do Calvário é renovado a cada manhã, e, em união com nosso maestro, com a mesma intenção que ele, vamos celebrar o louvor divino.

Há salmos que são adequados somente para ele; e os dizemos como se lhe emprestassem nossa voz, como faz o sacerdote na consagração eucarística. Há muitos mais que são adequados somente para nós; mas ele os diz também conosco, aquele que é o Chefe de todos nós, aquele que derrama seu espírito através de todos os seus membros e os identifica consigo mesmo.

Um padre que foi a honra de nossa Terceira Ordem, o filho espiritual da Madre Agnès de Langeac, M. Olier, escreveu alguns esplêndidos atos para o Santo Ofício dos quais extraio estas passagens Olier, escreveu para o Santo Ofício alguns esplêndidos atos dos quais eu extraio estas passagens: "Meu Deus, que tomais vosso deleite e vossa complacência em Nosso Senhor Jesus Cristo, que só Ele vos dá, pela virtude de vosso Espírito divino com o qual foi cheio, tudo o que os santos profetas e patriarcas, tudo o que os apóstolos e seus discípulos, tudo o que os anjos do céu e os santos da terra vos renderam de honra e louvor; expressai em nossas almas e em toda a vossa Igreja o que só Ele vos dá perfeitamente no céu. Deixai a Igreja, Senhor Jesus, expandir o que Vós encerrastes em vós só, e deixai-a expressar fora de si mesma aquela religião divina que Vós tendes para vosso Pai no segredo de vosso coração, no céu e em nossos altares[[71]](#footnote-72).

A Igreja inteira deve a Deus um tributo de louvor e precisa fazer súplicas a Ele. Mas quão poucos de seus fiéis participam do cumprimento deste grande dever! A maioria deles, mesmo que pensem nisso, tem pouco tempo para isso. Assim, alguns deles são escolhidos, isentos mesmo de cuidados humanos, e consagrados a esta função. Eles representam a Igreja inteira diante de Deus.

Nós, os membros da Ordem de São Domingos, estamos entre eles. Nossas Freiras vivem, como os Padres, sob a Regra Canônica de Santo Agostinho. Nossas freiras, que são realmente canonisas", escreveu o Pe. Lemonnyer[[72]](#footnote-73), "são especialmente representadas pela Igreja para celebrar o Ofício Divino no coro". Mas os terciários? Os terciários devem, na medida do possível, participar do espírito da Ordem. Santa Catarina de Siena, como sabemos, foi a mais atraída pela recitação das horas canônicas. Um número fixo de *Pater tomou o* lugar do Escritório Eclesiástico para os terciários analfabetos. Vimos como o Escritório da Santíssima Virgem era mais do que isso, uma parte real desse Escritório. A Primeira e a Segunda Ordem estavam anteriormente ligadas a ela, e agora é a Terceira Ordem que a executa de bom grado. Santa Catarina gostava de se juntar aos frades de San Domenico, e também gostava de se levantar à noite e começar suas orações quando as deles terminavam e eles estavam descansando.

*Virum canonicum auget in apostolicum,* diz a Igreja de nosso Beato Padre São Domingos. Ele se tornou um apóstolo enquanto permanecia um cânone. Este é o espírito complexo de sua Ordem. E o apostolado ao qual os frades pregadores se dedicam é mais um motivo para participar da grande oração da Igreja. Quando se experimenta de uma vez por todas como a oração é necessária para o verdadeiro sucesso da pregação, compreende-se porque São Domingos, apesar das dificuldades do Coral dos Pregadores, estava absolutamente determinado a preservar esta obrigação para eles, e ele encarregou as Irmãs de colaborar neste apostolado através do mesmo Ofício. É a intenção apostólica de sua oração que acima de tudo merece seu nome de Irmãs Pregadoras. Os terciários também, que têm direito a este nome, têm o dever de contribuir para a santa pregação através do acréscimo do seu Ofício de oração.

Assim, mesmo que estejamos isolados na recitação de nosso Escritório, ele tem uma utilidade pública. A Ordem, a Igreja inteira, louva e reza através de nossa boca. Senhor", podemos dizer como o padre no altar, "não olheis para meus pecados, mas para a fé de vossa Igreja, da qual eu sou o intérprete".

\*

\* \*

Esforcemo-nos, no entanto, para desempenhar este cargo com dignidade, atenção e devoção, seguindo as três palavras de oração que somos aconselhados a dizer no início, *dignas, esperando e devotando*.

Com dignidade, ou seja, em uma atitude marcada pelo respeito diante da Majestade de Deus. Como esta atitude foi regulamentada cuidadosamente pelo cerimonial dominicano! Ajoelha-se, levanta-se, senta-se, levanta-se, inclina-se mais ou menos profundamente em nome da Santíssima Trindade, de Jesus, de Maria, de Domingos, observa-se as pausas no meio dos versos. Estas regras devem ser seguidas na recitação do Escritório em coro. Entretanto, seguindo o exemplo de St. Raymond, deve-se estar em conformidade com eles, mesmo em particular.

Atenciosamente: estejamos o mais atentos possível ao significado das palavras que falamos. "Pensai em vossos corações o que diz vossa boca", recomenda Santo Agostinho em sua Regra. Estejamos atentos sobretudo", diz São Tomás, "ao Deus a quem nos dirigimos[[73]](#footnote-74)". Devemos ter cuidado para não sermos como aqueles sacristas dos quais o Beato Jordão da Saxônia falava, tão acostumados a passar diante do altar que não se dão mais conta. Acordemos nos lugares certos, especialmente na *Glória* e em alguns dos versos mais queridos e saborosos. A Beata Osanna de Mântua, que testemunha em suas cartas um raro conhecimento das Sagradas Escrituras, deve isso sobretudo ao ofício litúrgico com o qual ela alimentou sua mente. Deve-se notar a este respeito que, para a recitação privada do Ofício da Santíssima Virgem, uma tradução para a língua vulgar aprovada pela autoridade legítima pode ser utilizada.

Devoção: ainda mais do que uma inteligência atenta, é preciso trazer para o Escritório um coração fervoroso, uma vontade de prestar homenagem a Deus. Diz-se na Vida dos Irmãos que um deles viu a Santíssima Virgem um dia chamando para o dever aqueles que recitavam descuidadamente suas Matinas: "*Quarenta! Quartilho*", disse ela. "Mais alto! Com espírito"! A venerável Madre Antoinette de Sainte-Croix († 1619), freira do mosteiro de Sainte-Catherine, fundado em Toulouse pelo Pe. Michaelis, foi durante toda sua vida tão cordialmente aplicada a cantar os louvores de Deus que não foi surpreendente encontrar, vários anos após sua morte, sua língua ainda fresca como se ela tivesse acabado de morrer, tendo Deus desejado com esta maravilha mostrar o quanto a devoção desta irmã tinha sido agradável a Ele.

Se for assim bem recitado, nosso Escritório diário nos proporciona um excelente meio de progresso moral. Para provar isso, seria suficiente mostrar seu grande valor meritório. Não é um excelente exercício no amor de Deus e, da mesma forma, uma fonte de vida para todas as virtudes morais que a caridade anima? Poderíamos também nos lembrar de sua eficácia em obter para nós todos os dias as graças reais que estimulam, sustentam e tornam realidade nossos esforços em direção ao bem. Contentar-me-ei em sublinhar uma ajuda muito específica que o Escritório, junto com a Santa Missa, naturalmente nos traz. Com Jesus na Missa, com Maria durante o Ofício, com os santos cuja memória recordamos todos os dias no Ofício e na Missa, somos mantidos em uma sociedade edificante que torna o pecado mais difícil e facilita a prática da virtude.

Charles Péguy havia sonhado, diz-se, com um belo poema que ele não tinha tempo para executar: Um homem tentado a cometer um grande pecado ia escrever uma carta com esta intenção. Mas quando estava prestes a datá-lo, ele consultou o calendário e, vendo que era o dia consagrado a um certo santo, sentiu a odiosidade de sua ação e deu um passo atrás. O dia seguinte foi outro dia de festa, igualmente proibitivo. E assim por diante... Sem mesmo deixar nosso calendário dominicano, também temos santos todos os dias que nos dão seu aviso salutar, desde que conheçamos suas vidas e estejamos atentos para escutá-los.

O que é este livro que você nunca deixa", perguntou o beato Francisco de Capillas, o mandarim que estava prestes a presidir seu martírio e que procurava a fonte da força que o confessor da fé estava mostrando. Leia-nos algumas delas. Francisco a abriu ao acaso e se deparou com o martírio de Santa Catarina de Alexandria, padroeira de nossa Ordem. Pouco tempo depois, ele mesmo escreveria com seu sangue uma nova página em nosso breviário e a primeira no martyrologia chinês.

\*

\* \*

Esta moral que nosso Escritório nos prega todos os dias está longe de ser desinteressante. Há, para aqueles que compreendem, uma beleza incomparável nesta seleção de poemas religiosos, nesta seqüência de elogios e súplicas que evocam as sublimes colóquios entre Deus, Jesus ou Maria, e as grandes almas que são a honra da humanidade.

O lirismo dos salmos nunca foi superado, e apesar da tradução latina, por vezes defeituosa, eles ainda conservam o valor essencial de seu ritmo, pois este ritmo existe sobretudo entre as idéias, os sentimentos, as imagens, que respondem umas às outras em expressões paralelas, que ecoam umas às outras, por assim dizer, como rimas; e, geralmente, a salmodia coral acentua e multiplica o encanto deste paralelismo.

Finalmente, embora os hinos do Ofício da Santíssima Virgem não caracterizem as várias horas com o mesmo cuidado que os do grande Ofício, as partes sucessivas deste pequeno Ofício correspondem, da mesma forma, aos vários momentos do dia e da noite, e, quando são recitados a tempo, com exatidão, pode-se aplicar a eles as palavras do Sábio: "Como um fruto dourado sobre uma placa de prata é uma boa palavra pronunciada na hora certa".

## Artigo III A continuação do Horário

### I O Escritório Noturno

A noite chegou. É a hora de descanso depois de todo o trabalho do dia. Os fiéis que participaram da Compline nas igrejas conventuais ou que se juntaram a ela de longe com sua oração noturna, puderam dizer àqueles a quem a Igreja acusa oficialmente com a oração canônica, este último salmo da liturgia do dia: "*Ecce nunc benedicite Dominum*, cabe a vocês continuar a abençoar o Senhor". Vós que estais na casa de nosso Deus, durante a noite levanteis as mãos para o santuário e abençoai o Senhor.

Os homens e mulheres religiosos, portanto, rezarão no lugar de todos aqueles que aproveitam a noite para descansar na inconsciência e no esquecimento de Deus, sem mencionar aqueles que abusam da noite para ofendê-Lo.

Alguns de nossos conventos acordam apenas à meia-noite, cumprindo à letra a palavra do salmista: "*Media nocte surgebam ad confitendum nomini tuo:* no meio da noite me levantei para louvar teu nome, ó Senhor". Outros vão para o coral às 2 ou 3 horas. Lacordaire teria gostado de marcar o serviço noturno às 4 horas e terminá-lo ao amanhecer com Lauds, o que estaria bem de acordo com a antiga tradição cristã. Em muitos conventos, ao contrário, o tempo de Matins e Lauds é tirado das primeiras horas da noite de descanso.

Os terciários gostam de se juntar a seus Irmãos e Irmãs em oração em diferentes momentos da noite.

A escuridão cobre a terra. O homem é naturalmente invadido por um terror secreto. Ele sente cada vez mais a sua fraqueza. Aqui ele está sozinho, cercado de poderes misteriosos capazes de esmagá-lo silenciosamente. Instintivamente, ele se refugia no pensamento do Criador que segura em suas mãos todas as forças do mundo. O salmo *Venite exultemus* nos convida a confiar no Deus todo-poderoso e bom por quem nossa vida é guiada, ao mesmo tempo em que nos proíbe severamente de desconfiar dele. Se nos permitirmos desconfiar, seremos punidos como os judeus, que não puderam entrar na terra prometida, e perderemos nosso destino eterno.

É mais fácil elevar nossas almas a Deus quando as sombras e o silêncio parecem apagar a realidade de todas essas pobres coisas tão visíveis e barulhentas que formam nosso horizonte estreito do dia. A esta hora, levantando nosso olhar para o céu infinito, somos colocados na presença d'Aquele que realmente existe sozinho. "Os céus declaram a glória de Deus", diz um dos salmos que estamos prestes a recitar. Eles o proclamam durante o dia com mil vozes retumbantes. Eles o repetem em confidência durante a noite. Noite querida para as almas contemplativas. Noite favorável aos segredos divinos sussurrados ao ouvido do coração.

Outro dos salmos de nossas Matinas é o salmo por excelência da noite. David, que era um pastor e tinha cuidado de seu rebanho com tanta freqüência, gritou:

Quando eu contemplo os céus, o trabalho de seus dedos,

A lua e as estrelas que você colocou lá,

O que é homem para se lembrar,

O filho do pó para que você se importe?

Nosso Senhor também desfrutou da atmosfera religiosa da noite. À noite, ele escalou os picos, como se estivesse mais perto do Pai que está no céu. Ascensão simbólica. Subamos ao cume espiritual de nossa alma, unamo-nos a este Cristo transfigurado no Monte Tabor em meio a sua oração, ou desfigurado no Monte das Oliveiras enquanto ele também rezava. Compartilhemos sua intenção de glorificar o Pai celestial infinitamente santo, enquanto clamamos por misericórdia para com o mundo pecador. *Domine, in unione illius divinæ intentionis qua Ipse in terris laudes Deo persolvisti, tem tibi horas persolvo.*

\*

\* \*

Após os versos introdutórios do Escritório, nos curvamos profundamente para dizer *Gloria Patri et Filio et Spiritui Sancto*. Este é o fim do nosso Escritório Divino desde o início, colocado diante dos olhos de nossa alma. Para que possa permanecer sempre em nossa perspectiva, esta *Glória* retornará periodicamente e, em particular, no final de cada um dos salmos. Estes serão os momentos de escolha para reorientar nossa intenção e, se necessário, para despertar nossa alma. É relatado na vida do venerável Bartolomeu dos Mártires, que quando ele disse que a *Glória* sentiu tal ardor em sua alma e experimentou uma alegria tão viva, que a expressão em seu rosto foi completamente transformada.

Então o convidativo determina o objeto de nossa adoração e elogio. *Regem Virginis Filium...* O Rei, Filho da Virgem, venha, vamos adorá-lo! Mesmo que estejamos sozinhos em nosso quarto, fazemos parte de um coro invisível, formado por todos os nossos irmãos e irmãs, e nos exortamos mutuamente a prestar nossa homenagem ao Verbo encarnado no ventre de Maria.

O salmo *Venite exultemus foi* escolhido para desenvolver o invitável. Mas este convite, que se repete após cada uma de suas estrofes como um refrão, não é sem trazer novas determinações para o salmo e aplicá-lo em nosso Escritório. Neste papel preciso que lhe foi atribuído, ele nos inspirará, em sua primeira parte, com um grande desejo de louvar a Deus como Ele merece, e, na segunda, com uma apreensão aguçada de abusar das graças divinas, desempenhando nossa função sagrada com um coração indiferente. As almas dissidentes não entrarão no lugar de descanso divino de que se fala em nosso salmo. Eles não serão agraciados com aquela união mística que é na terra um antegozo do céu.

O hino geralmente expõe o mistério que se celebra, que o convidativo resumiu em uma fórmula curta. Nosso hino, em uma série de antíteses, fixa a atenção de nossa mente e os afetos de nosso coração na encarnação do Deus Todo-Poderoso no ventre da humilde Virgem Maria:

A mãe feliz! Esta é sua função

Para conter no arco de seu ventre

O artesão celestial que segura o mundo

Entre os dedos de sua mão.

\*

\* \*

Os três salmos que formam o corpo de nossas Matinas são retirados da primeira nocturna do Grande Ofício da Santíssima Virgem. No Rito Romano, os do segundo e terceiro são usados da mesma forma. Três a três, eles compartilham a semana. Se podemos lamentar a ausência, em nosso pequeno escritório dominicano, do salmo *Eructavit*, que, melhor do que qualquer outro, está adaptado à Santíssima Virgem, devemos nos alegrar em repetir cada dia estes três salmos, que estão entre os mais belos do saltério.

Os primeiros cânticos do Deus Todo-Poderoso que fez do homem rei da criação. O salmo seguinte celebra o Senhor por ter produzido o sol, que ilumina a natureza material, e por ter dado aos homens sua santa lei, que ilumina as almas. O último salmo também tem um duplo tema: estabelece as qualidades necessárias para a admissão à nomeação que Deus dá aos filhos de Israel em seu templo, e evoca a entrada triunfal de Deus neste mesmo templo. Em Jerusalém, era uma canção processional. Dois coros responderam um ao outro, primeiro subindo as encostas de Moriah, depois de fora para dentro do templo, como fazemos na porta de nossas igrejas no Domingo de Ramos[[74]](#footnote-75).

Além deste significado literal, nossos três salmos contêm um significado espiritual. Ou seja, as realidades significadas por sua própria carta representam realidades superiores que o Espírito Santo tinha em mente quando inspirou o escritor sagrado. Ele mesmo nos assegura disto através de outras páginas da Sagrada Escritura ou através da voz da Igreja.

O homem, a quem Deus havia feito rei do mundo, caiu fora. Mas um novo Adão chegou. Ele é Cristo Jesus. Como diz a Epístola aos Hebreus, ele foi abaixado um pouco e por um tempo abaixo dos anjos. No Jardim das Oliveiras, nesta mesma hora em que estamos orando, um anjo deve confortá-lo. Mas quando sua Paixão termina, ele é coroado de glória e honra, e tudo é submetido a seu império para sempre. E é através dele que, apesar de nossa decadência, nos tornamos capazes de governar o mundo. Tudo é nosso e será vantajoso para nós, se formos de Cristo. Portanto, devemos repetir com todo o coração o refrão desta magnífica canção: Senhor, nosso Senhor, quão glorioso é teu nome no vasto universo!

No salmo seguinte, de acordo com a interpretação da Igreja na liturgia de Natal, o sol simboliza Jesus. Ele emerge como um noivo de sua casa, o ventre da Virgem, onde ele casou com nossa natureza, e toda a raça humana desfruta do brilho de sua luz e força.

O último salmo também tem um significado místico. Celebra a entrada triunfal de Nosso Senhor no céu e, para começar, em nossos próprios corações, onde a glória celestial é inaugurada pela graça. As portas que dão acesso a ele são o intelecto e a vontade. Que sejam abertos na fé, na confiança e no amor, diante do Rei da glória que venceu os poderes do mal! Procuremos agora a face de Deus cuja revelação um dia nos estabelecerá na felicidade eterna. Esforcemo-nos para cumprir as condições de pureza que Deus estabelece para seus favores espirituais.

Depois dos salmos, voltamo-nos para a Virgem Maria. Tornando-se a Mãe do Salvador, ela foi, por esse mesmo fato, a Mãe da Graça. *Maria, mater gratiæ.* Ela é, portanto, nossa Mãe na vida sobrenatural. Ela continua em nós, membros de Cristo, a colaborar para o desenvolvimento da vida que começou em seu ventre no dia da Anunciação.

O Escritório nada mais é do que uma seqüência de louvores e orações à Mãe Divina. É simples, é filial, está se movendo para o nosso coração e para o dela. As lições são especialmente doces e carinhosas para o coração materno, e nosso coração de filho de Maria se deleita com estes pequenos poemas.

Tudo termina com o *Te Deum*, que provavelmente era originalmente uma fórmula de ação de graças que acompanhava a consagração da Eucaristia, algo como o que agora chamamos de prefácio e cânone da Missa. É bem sabido que o cânone não foi fixado invariavelmente no início. Este *Te Deum,* portanto, nos leva de volta aos primeiros séculos da Igreja, quando os cristãos fecharam a vigília litúrgica, que foi a base de nosso escritório noturno, com o partir do pão. Eles foram acusados de serem uma raça que se afasta da luz. Mas sabemos, como eles sabiam, que na noite, o que é propício à lembrança, uma luz mais elevada brilha para nossas almas.

As matinas devem ser para nós como uma missa espiritual, nossa missa da noite, onde preparamos nossas almas para a missa da manhã.

### Oração Matinal IIL

Tornou-se costume unir Matins e Lauds, que juntos formam o Escritório noturno, e a Regra de nossa Terceira Ordem observa que este Escritório pode ser recitado à noite ou pela manhã. A noite é mais adequada por causa da Matins, a manhã é mais adequada para Lauds. Dependendo se se considera a primeira ou a segunda parte deste Escritório, se preferirá um ou outro momento. Mas também é possível separá-los e, tendo dito Matins antes de dormir, voltar a colocar Lauds quando você acordar. Pio X, que autoriza esta separação, observou em sua reforma do breviário como a Matins deve ser concluída com a oração de Lauds neste caso.

Nos tempos antigos, quando, por uma razão ou outra, a Matins terminava antes do amanhecer, as Lauds não começavam até o sol sair. Este é um ponto da Regra de São Bento (cap. VIII), que era especialmente aplicável em longas noites de inverno. São João Crisóstomo já havia elogiado os ascetas e virgens que, permanecendo no mundo, se reuniram na igreja para a vigília santa no primeiro corvo do galo. "Eles louvam a Deus com os anjos, sim, com os anjos, enquanto nós, homens do mundo, ainda estamos descansando ou meio acordados, pensando apenas em nossos planos miseráveis. Somente ao amanhecer descansam, e novamente, assim que o sol nasceu, começam a rezar novamente e a realizar suas Laudes matinais[[75]](#footnote-76).

Uma palavra com a qual um dos salmos começa, pelo menos no texto latino, dá o tom para todo o Ofício: "*Deus, Deus meus, ad te de luce vigilo:* Ó Deus, meu Deus, desperto para ti ao amanhecer. Esta é a palavra que gostaríamos de dizer como uma oração ejaculatória quando sairmos do sono. Saboreá-lo-emos com antecedência para aplicar-lhe toda a nossa alma no momento da salmodia.

\*

\* \*

No Grande Escritório, desde que Pio X interveio, os salmos de Laudes variam de dia para dia. No Pequeno Ofício da Santíssima Virgem ainda recitamos os salmos que, antes desta reforma, tinham se tornado praticamente uma prática diária no Grande Ofício, e que agora são, como nos primeiros tempos, pouco mais que os salmos das Laudes Dominicais. Se há vantagens na variação diária, é difícil, por outro lado, encontrar a cada dia, para elogiar a Deus, uma escolha tão excelente, conforme o caso, como a que temos. Seremos capazes de julgar.

A noite termina. A alma piedosa desperta para os primeiros raios do dia.

Ela toma consciência de todas as criaturas ao seu redor, assim como do Criador que as criou e as está constantemente renovando. Ela se sente reanimada pela atividade dAquele que nunca dorme. Durante toda a noite, Deus a vigiou e a recriou de certa forma.

Uma alma humana já teve a intuição desta grande obra melhor do que qualquer outra, é a alma de Cristo Jesus entrando no mundo, *ingrediens mundum,* segundo a palavra de São Paulo. Ele disse a seu Pai: "Você me deu um organismo corpóreo; aqui estou eu, para usá-lo para fazer sua vontade".

Devemos nos unir a estas disposições de nossa Cabeça, emprestar nossa alma à influência que emana para nós da sua, e celebrar com ele o Deus que reina acima de suas criaturas em sua beleza soberana. *Dominus regnavit, decorem indutus est.*

A estabilidade da terra seca, as oscilações grandiosas e regulares do mar, nos dão uma idéia de sua perfeita imutabilidade, bem como de sua atividade incessante e nunca monótona.

Mas a Igreja, que ele fundou e que nenhuma tempestade pode destruir, nos dá um vislumbre ainda melhor de seu poder e de sua santidade.

O segundo salmo é uma canção de júbilo. A alma, que desperta toda limpa e fresca, mas acima de tudo feliz por sentir Deus presente, grita de alegria. Ela é dirigida ao mundo inteiro. *Jubilate Deo omnis terra.* Três chamados à alegria, motivados por tantas razões, seguidos por um triplo convite a louvar a Deus, igualmente motivado, tal é este salmo. Ela se assemelha ao *Venite exultemus* no início da Matins e desempenha o mesmo papel.

Portanto, aqui estamos nós, com estes dois primeiros salmos, colocados na presença de Deus e convidados a abençoá-lo.

Com o terceiro, temos a expressão perfeita de nossa oração matinal. Ó Deus, Deus para quem fui feito e a quem posso chamar meu, meu Deus, como minha alma te procura! Como tem sede para você! Este anseio está na raiz de toda oração verdadeira; é este anseio que nos leva pela manhã ao santuário para contemplar Deus e dirigir-se à sua misericórdia; é este anseio que nos permite continuar nossa oração através de todas as atividades da vida diária até a hora de descanso à noite.

*Adhæsit anima mea post te.* Minha alma se apegou a você. Graças a você, ele não teme nada.

\*

\* \*

A alma humana não está sozinha. Aqui ele chama todas as criaturas a abençoar e louvar o Senhor com ele. É aqui que o título desta parte do nosso Escritório encontra sua justificativa. Estas são verdadeiramente Laudes. *Laudes* significa elogios.

Uma alma dominicana se lembrará com lucro de Santa Rosa de Lima abrindo a porta da casa de seu pai de manhã cedo para ir ao seu eremitério. Assim que entrou no jardim, ela gritou: "Árvores, plantas, ervas e flores, bendito seja seu Criador! Este zelo agrada ao Senhor, que mostra sua satisfação por um milagre notável. Imediatamente todas essas criaturas insensíveis se agitam e se recompõem pelo seu movimento pela voz que lhes falta. As árvores se contraem, os arbustos dobram seus caules ao chão como se fossem para adorar seu Criador.

Se tentássemos recitar a *Benedita* com o fervor de Santa Rosa.

As criaturas celestes, criaturas terrestres, por sua vez, são convocadas a participar do louvor divino. Nós lhes emprestamos uma alma para celebrar o Senhor, ou melhor, nos fazemos intérpretes daqueles que não têm alma para dar graças a este Criador que eles nos ajudam a conhecer melhor. Mas entre as criaturas há algumas que são inteligentes como nós, algumas ainda mais do que nós, dotadas de várias qualidades que as tornam adequadas para este escritório. A estes, aos anjos do céu, aos sacerdotes da terra, e a todas as almas santas acima e abaixo, pedimos que nos ajudem a dar graças dignas ao Senhor.

Nem flores nem frutas foram mencionadas nas *Benedictos*. Mas aqui, no capitulo, a Santíssima Virgem é designada sob a imagem da videira, cuja flor dá um perfume tão penetrante e que dá os melhores frutos. E este é um belo complemento ao *Laudate* e ao *Benedicite*.

Após o hino à mediadora celestial, o *Benedito* de Zacarias expressa novamente os mesmos sentimentos. Este cântico, que a Santíssima Virgem pode ter ouvido cantado pelo pai do Precursor, agradece ao Deus de Israel por ter cumprido suas grandes promessas. Ele enviou sua luz divina do alto, uma luz que dificilmente pode ser comparada à do nosso sol nascente. O Messias vem para iluminar aqueles que se sentaram na escuridão e na sombra da morte. Ele lidera os passos deles no caminho da paz.

Observemos aqui novamente que no hino à Santíssima Virgem, há pouco, falava-se dela como a aurora que abre a porta para o sol. Tudo é de manhã nestas Laudes.

E você, meu filho", acrescentou Zacarias, olhando para o pequeno João Batista, "irá diante da face do Senhor para preparar seus caminhos, para dar a todos o conhecimento da salvação que o coração sagrado de nosso Deus nos concede".

St. Dominic foi outro grande precursor. Nosso Senhor lhe deu a missão de preparar sua vinda ao mundo. E é com isto em mente que nos lembramos dele aqui, e depois de seus filhos, todos os Santos Pregadores. Portanto, rezamos para que os apóstolos possam permanecer sempre numerosos e zelosos em nossa Ordem, e para que sejamos os primeiros a seguir seus ensinamentos. Também é costume fazer um memorial especial do santo de nossa família religiosa, que é celebrado nesta data, entre São Domingos e todos os nossos santos.

Com Lauds, a parte de nosso escritório que pertence à noite e que é sobretudo contemplativa, chega ao fim. Chegou o dia com todo o trabalho que favorece. Felizes são os pregadores cuja atividade não é senão a saída de sua contemplação, e cuja vocação é revelar Deus às almas para que elas, por sua vez, O possam contemplar facilmente! Felizes até os terciários, se, fiéis ao espírito da Ordem, procuram preservar, através de tudo, a memória e a necessidade da contemplação divina. Lembrando as Laudes da manhã, deixe-os fazer bom uso de cada criatura para continuar em seus vários empregos os *Benedictos* que seus lábios pronunciaram. Caso contrário, os louvores alegres dariam lugar aos gemidos de uma natureza violada pelos pecadores, aqueles gemidos que a alma de São Paulo percebeu.

É para oferecer modelos para nossa atividade que, no grande Ofício de Pregadores, é lido o martirológio, no qual nossos santos e beatos são citados na ordem do dia. A isto se soma a leitura de uma passagem do Evangelho ou da Regra que deve reger toda a nossa vida como ela regia a deles. No Natal, um Pai até faz uma homilia. Este é o último resquício de um costume que existia para muitas festas no início de nossa Ordem[[76]](#footnote-77). Entre os monges antigos, o Abade daria suas piedosas recomendações e distribuiria a cada um o trabalho do dia.

Todos os santos listados no martirológio levaram uma vida cristã perfeita, ou mesmo uma vida dominicana, e a terminaram com uma morte preciosa diante de Deus. Nós os invocamos para nos ajudar a imitar sua coragem, sua paciência, seu trabalho perseverante e, apoiados por eles, pedimos insistentemente a Deus que nos ajude, pedindo-Lhe que dirija acima de tudo nossa atividade durante as horas que se seguem.

Estas duas idéias de invocação e imitação estão entrelaçadas nestas extensões do Escritório que começam com *Pretiosa*. Eles são ditos depois de Prime no ritual romano, como no passado, com os monges. Em nosso país, eles seguem Lauds.

Menciono isto, embora este apêndice não exista no Ofício da Santíssima Virgem, porque no passado, como sabemos, nossos Padres gostavam de permanecer na igreja em silêncio após estas leituras e orações públicas, e nossos Terciários têm uma grande oportunidade de entrar em seu espírito, inspirando-se em *Pretiosa* para a oração mental matinal.

### IIThe Little Hours of the Day

Quando o sol nasce, o homem vai para sua tarefa

Para trabalhar até a noite.

Assim canta um salmo. E o próprio Jesus citou este provérbio: "Você deve trabalhar enquanto é leve". Tanto no inverno como no verão, os antigos dividiam o dia em doze partes, que eram mais longas ou mais curtas de acordo com a estação do ano. "Não há doze horas no dia?" disse Nosso Senhor. Só a sexta hora foi invariável, caindo ao meio-dia. A terceira hora era mais ou menos próxima às 9 horas da manhã, e a nona, às 3 horas da noite.

Para santificar essas doze horas, somos convidados a voltar ao Santo Ofício a cada três horas, interrompendo nossa laboriosa atividade com orações curtas. Estes momentos sagrados são a primeira hora do dia (prime), a terceira (tierce), a sexta (sexte) e a nona (none). Três salmos são recitados a cada momento, como se fosse para santificar cada uma das três horas que esta porção de nosso Escritório comanda. E todos esses salmos são os chamados "salmos graduais", ou seja, os salmos das subidas, cânticos breves e deliciosos que os peregrinos bíblicos cantavam ao subir o caminho de Jerusalém.

Somos todos peregrinos na terra, a caminho da Jerusalém celestial. Nossos pais gostavam muito desses salmos graduais e os mantinham recitados mesmo em certos dias, quando o pequeno ofício diário da Santíssima Virgem era suprimido. Em nosso Rito Dominicano temos todos eles e os iniciamos na hora de Prime, ao contrário do Rito Romano, que os toma apenas em Tierce e assim omite três.

Muitos não têm o lazer de entoar seu escritório exatamente de três horas a três horas. Alguns serão até mesmo obrigados a recitar as quatro partes do dia de uma só vez. Mas, todos vocês que podem fazer isso, levem a peito separá-los de modo a melhor entrar no espírito da Igreja. Aproveite certos momentos de descanso para levar seu pequeno livro de orações. Veja aquelas pessoas que você encontra, em casa, na rua e na plataforma de espera, no carro, no escritório ou na oficina, enquanto eles se jogam no jornal que lhes traz as últimas notícias. Tais notícias monótonas que são quase sempre as mesmas. Enquanto eles estão se dissipando na leitura da crônica do tempo que passa, recolham a vocês mesmos nos pensamentos graves da eternidade. Leia estes três pequenos salmos que renovarão a orientação de sua alma para seu fim final, e chame, tanto para começar quanto para terminar, sua Mãe Celestial em seu auxílio.

Para receber esta ajuda e para renovar esta orientação, temos uma necessidade urgente e repetida. Se fosse apenas uma questão de fazer um trabalho moderado em uma certa lembrança... Mas são negócios, preocupações, cuidados, distrações de todo tipo. Em meio a estas horas cheias de barulho, presas de ambições, cobiças, frivolidades, aborrecimentos, preocupações, devemos inserir um pouco de calma e oração. Não temos mais nossa alma pura e livre de Laudes, mas uma alma que foi apanhada pela agitação do dia e se sente arrastada pelo movimento de uma vida agitada, uma alma agitada e dissipada, cansada e tentada. Poupemos ao menos alguns momentos aqui e ali para trazê-lo de volta à presença de Deus e para invocar a graça necessária.

*Deus in adjutorium meum intende!* Ó Deus, vem em meu auxílio!

\*

\* \*

Desde o início, o cristão teve que enfrentar o mundo, e ele não tem dificuldade em entrar nos sentimentos do salmista: em toda parte da terra eu sou um exilado, entre pessoas que não falam minha língua e não têm meu espírito, em toda parte eu tenho que sofrer e lutar (Sl. 119). Mas enquanto caminho aqui na Terra, confio no Deus Todo-Poderoso que me vigia continuamente e que guardará minha alma de todo o mal (Sl. 120). (Sl. 120) E eu me alegro com o pensamento da Jerusalém celestial, onde finalmente encontrarei a felicidade no final da minha peregrinação. Estes são, em resumo, os salmos de Prime.

A hora do Terceiro Dia já nos encontra envolvidos nas muitas dificuldades que se renovam a cada dia. Então três salmos nos ensinam que atitude nossa alma deve ter em meio à provação: devemos levantar os olhos com fé ao Pai celestial (Sl. 122), dar-lhe graças por nos livrar do mal que nos esmagaria (Sl. I23), e estabelecer-nos em confiança no pensamento de que sua proteção ergue ao nosso redor uma muralha inexpugnável (Sl. 124).

Poderemos saborear o capitular e os responsáveis: a Santíssima Virgem, que descansa lá em cima na cidade santa, desfruta de um poder maravilhoso lá e nos faz beneficiar dele, rezando por nós que a invocamos.

No meio do dia, todos voltam para casa e se reúnem em torno da mesa da família. Uma agradável coincidência: é a hora de Sext. O Salmo 125, uma das jóias do saltério, recorda o retorno do exílio. O Salmo 126 começa: "Se o Senhor não constrói a casa, é em vão que se trabalha para construí-la". E Salmo 127: "Bendito aquele que reverencia o Senhor e caminha em seus caminhos". A partir do trabalho de suas mãos você vai se alimentar. Sua esposa será como uma videira frutífera na casa de sua casa. Seus filhos serão como a prole da oliveira ao redor de sua mesa.

Escusado será dizer que estes salmos também têm um significado espiritual que deleitará os corações consagrados à virgindade, almas que labutam sozinhas na esperança de colher a alegria eterna. Em obediência à vontade divina, eles encontram a fecundidade de seus esforços diários e anseiam por aquela casa do Pai, onde estaremos reunidos em torno da Mãe que Deus nos deu. A esta Mãe celestial e sua grande família espiritual, a capitula e a nota responsorial fazem alusão: "Deus a fez habitar em seu tabernáculo... Para sempre", diz Maria, "eu moro no meio da assembléia dos santos".

Finalmente, aqui está Nenhum. É a hora pesada quando se carrega o peso do dia e o calor. É a hora perigosa em que aquele que os Padres do Deserto chamaram de demônio do meio-dia vem para tentar as almas. E o desgosto toma conta de nosso destino, de nosso dever de Estado. Sonhamos com outra coisa, talvez com prazeres que são muito baixos para nós, talvez também uma tentação sutil, de belas obras que nos superam.

*Sæpe expugnaverunt me a juventute mea!* Oh sim, eles lutaram contra mim desde a minha juventude, esses demônios (Sl. 128)! *De profundis,* do fundo da minha miséria, clamo a Ti, Senhor... Se você observar as falhas, ó Senhor, quem poderá ficar de pé (Sl. 129)? Ó Senhor, meu coração não está exaltado na busca de fantasias. Humildemente, filialmente, eu me abandono à sua vontade como criança desmamada no peito de sua mãe (Sl. 130).

Estas poucas notas são suficientes para evocar os salmos requintados das pequenas horas. Eles podem ser saboreados com a ajuda de uma boa tradução. É melhor, se o tempo for curto, deixar cair uma ou outra destas Horas quando o momento tiver passado do que recitá-las todas apressadamente e a qualquer momento, sem alimentar nossa alma.

\*

\* \*

Em todos os momentos do dia, o mais importante é estar unido ao nosso Senhor. No final do Evangelho de Marcos diz que os discípulos saíram para o mundo e que o Senhor continuou a trabalhar com eles. Cada um tem sua tarefa aqui na Terra. Façamo-lo todos com a ajuda de Cristo, realizando por sua graça o que ele espera de nós para a realização da grande obra cristã. Sejamos suas testemunhas em todos os lugares, "em Jerusalém, na Judéia, na própria Samaria, e até os confins da terra".

Certa manhã, na hora de Prime, nosso Senhor ressuscitado apareceu na margem do lago e disse a seus discípulos, que estavam trabalhando há horas sem sucesso: "Lancem a rede no lado direito do barco! E a rede estava cheia. Graças à ajuda de Jesus para responder à nossa oração, nosso trabalho será frutífero e produzirá frutos eternos.

Ele também, Jesus, havia trabalhado durante sua vida, durante os trinta anos de sua vida oculta, os três anos de sua pregação evangélica, os três dias de sua Paixão. Na hora de Tierce, o trabalhador divino de Nazaré estava sempre trabalhando duro em sua oficina ou com seus clientes. Na hora de Sext, cansado de um recado apostólico, um dia ele se sentou junto a um poço em Samaria e falou sobre coisas celestiais enquanto eles iam buscar a refeição. Na hora de Nenhum, ele terminou dolorosamente seu imenso trabalho: tendo visto que toda sua tarefa estava terminada, entregou sua alma nas mãos de seu Pai.

Qualquer que seja a questão de nosso dever de Estado, vamos aplicar nossa alma a ele para que possamos terminar nosso dia e nossa vida.

### IVV elogioespesperal

Originalmente, o culto dominical começou no sábado à noite e continuou até a manhã seguinte em uma vigília santa, e isto continuou por muito tempo em certas grandes festas, especialmente na Páscoa. Nosso serviço do Sábado Santo, onde o fogo é abençoado pela primeira vez e a grande vela é acesa para iluminar a congregação, traz os traços deste antigo costume. Mas logo, para as vigílias dominicanas comuns, e ainda mais para as vigílias diárias, foi no primeiro canto do galo que o Escritório da noite começou.

É por isso que havia um serviço noturno separado à hora em que a estrela *Vesper* brilha e a lâmpada (*lucerna)* deve ser acesa. Vésperas ou lucerna era o nome deste Escritório.

Mais tarde, São Bento antecipou a hora das Vésperas. Ele queria que a refeição, que geralmente a seguia, fosse tomada à luz do dia. Assim, os monges precisavam de outra oração imediatamente antes de dormir. Assim nasceu Compline, o último Escritório, cheio de contrição pelas falhas do dia. A função das Vésperas era, ao contrário, dar graças a Deus por todos os dons recebidos. Foi a contrapartida das Laudes da manhã, que agradeceram a Deus pelos benefícios da noite. Quando São Bento introduziu o canto dos *Beneditos* em Laudes, ele acrescentou o *Magnificat* aos salmos das Vésperas.

A preocupação de nos unirmos a Nosso Senhor deve nos seguir a cada hora do Escritório. Como devemos responder desta vez? Uma palavra do Evangelho vem à mente aqui, a verdadeira palavra da ocasião, *advesperascit*: "*Mane nobiscum, Domine, quoniam advesperascit".* O dia está minguando, estamos na hora das Vésperas, permaneça conosco, Senhor. Foi a Cristo ressuscitado que os dois discípulos, retornando de Jerusalém para sua aldeia de Emaús, falaram quando chegaram com ele à porta de sua casa.

O dia de trabalho acabou, aquele dia que representa toda a vida de trabalho. Ao líder que terminou seu trabalho na cruz e que nos precede no descanso eterno, pedimos para permanecer conosco, ou melhor, nos esforçamos para permanecer com ele. Queremos estar onde ele está, em vez de ficar onde estamos. Ele se levantou, entrou na casa de seu Pai para desfrutar de sua glória e preparar um lugar para nós lá. Agitamos em nossos corações a esperança de nos unirmos a ele no final de nosso trabalho. E já, em pensamento e desejo, estamos lá com ele, como todos aqueles santos cuja esplêndida atitude nossa liturgia dominicana evoca no comum dos Confessores (3º responsável de Matins). Que nossa alma os imite, especialmente na hora das Vésperas.

\*

\* \*

O primeiro salmo a ser recitado é o familiar *Dixit Dominus,* com o qual começam as Vésperas aos domingos e quase todas as festas. É citado muitas vezes no Novo Testamento, e pelo próprio Nosso Senhor, que o aplicou a si mesmo. Cristo é o filho de David, mas também superior ao próprio David, que o chama de "meu Senhor" (disse o Senhor ao meu Senhor). Pois ele é o filho de Deus que o gerou antes do amanhecer do primeiro dia do mundo.

Uma vez que ele se tornou um filho de David através da Encarnação, Deus o convida a tomar seu lugar, mesmo como homem, à sua direita no céu: *Sede a dextris meis.* A partir daí ele exerce seu reinado sobre toda a terra, sustentando a coragem daqueles que lhe são fiéis, enquanto espera por ele para esmagar seus inimigos. Ele é, portanto, rei, rei de toda a criação, como será gloriosamente manifestado no último julgamento, quando as cabeças daqueles que se levantam contra este governante soberano serão quebradas.

Mas ele é tanto sacerdote quanto rei, assim como Melquisedec, rei de Jerusalém, foi também um sacerdote do Altíssimo. Melchisedec havia oferecido pão e vinho como sacrifício. Sob tais aparências, Cristo ofereceu seu sacrifício na Última Ceia e ainda o oferece através das mãos de seus ministros.

Assim, o primeiro salmo das Vésperas, como o das Laudes, nos coloca na presença do Senhor estabelecido para sempre em seu trono celestial. Agora é a nossa vez de elogiá-lo. *Laudate, pueri, Dominum:* louvai ao Senhor, vós seus servos. Do nascer ao pôr-do-sol, nas Vésperas e nas Laudes da manhã, louvado seja o nome do Senhor! Duas razões para este elogio: sua grandeza e sua misericórdia.

Saber que Jesus cantou este salmo antes da Última Ceia nos facilita dizer isto em união com ele. Deus se inclina para os humildes para elevá-los à sua glória. Ele o fez por Jesus: *exinanivit seipsum, propter quod Deus exaltavit illum.* Ele o fez por Maria, enquanto ela cantava em seu *Magnificat*. Ele o fará por nós.

*Lætatus sum.* À noite, como uma espécie de antecipação do descanso eterno, repetimos o salmo que dissemos pela manhã para dirigir toda nossa atividade para Deus. Que alegria é pensar que iremos à casa do Senhor! Ao redor de Jesus, ao redor de Maria, a cidade dos eleitos é formada.

*Nisi Dominus.* Outro salmo das pequenas horas retorna. "Sem mim, nada podeis fazer", disse Nosso Senhor. É somente com a ajuda de Deus que podemos ter sucesso em viver bem. Mas quão frutífera é a vida de quem segue fielmente as inspirações da graça!

Um novo salmo de louvor para terminar: *Lauda, Jerusalém, Dominum.* Com sucesso, não esqueçamos de quem vem. Glorifiquemos o Senhor. É ele quem nos estabelece agora em segurança e paz; é ele quem nos satisfaz com a flor do trigo através da comunhão. Ele mostra Seu poder na ordem física por tantos fenômenos surpreendentes que são realizados de acordo com Suas ordens. Ele o mostra na ordem moral pelos mandamentos que deu ao seu povo com sua graça de observá-los.

\*

\* \*

Depois de termos saudado e rezado à nova Eva no hino, que colabora com o divino Adão em nossa salvação, tomamos emprestadas as palavras de seu *Magnificat* para completar nossos elogios vespertinos. Que possamos, especialmente, pedir emprestada a ajuda de sua alma. A maioria destas palavras são reminiscências de certos salmos ou cânticos que a Santíssima Virgem costumava cantar como nós cantamos. Mas ao recompô-los, que nova alma foi posta neles por aquela que já era a Mãe de Cristo! Ela afunda mais do que nunca em sua humildade nativa para proclamar que só o Todo-Poderoso fez nela as grandes coisas que levarão, depois de sua prima Elizabeth, todas as gerações a proclamar sua bênção. Só Deus é grande: *Magnificat anima mea Dominum.*

O que ele fez por mim", acrescenta Mary, "ele faz por todos". Se ele manda embora os orgulhosos que pensam que são ricos de mãos vazias, ele enche de bênçãos os pequenos que confessam sua miséria.

No final de nossos dias, especialmente se pudermos ver que fizemos algum progresso, que produzimos algum bem, estabeleçamos nossa alma nesta humildade e expressemos nossa ação de graças a Deus. Vós fizestes o bem em nós, Senhor.

### V Cumprir

Muitas vezes recitamos Compline após as Vésperas, tendo o cuidado de reservar a recitação de Matins para o tempo antes de dormir.

Sabemos como São Bento, antes das Vésperas, teve que inventar o Compline. Quando era hora de descansar à noite, os monges se reuniam em uma grande sala para a leitura espiritual. Muitas vezes as palestras de Cassian (*Collationes*) forneceram o material. Uma pequena bebida, que foi tomada durante esta leitura por aqueles que precisavam dela, é a origem do que é chamado de *colação* em dias rápidos, assim como a pequena lição de Compline no grande Escritório é um resquício desta leitura espiritual.

*Tu autem, Domine, miserere nostri.* Com estas palavras, o leitor concluiu quando o Abade deu o sinal para subir. *Adjutorium nostrum in nomine Domini",* disse ele, e as orações do Compline seguiram imediatamente, começando com o *Pater* e o *Confiteor*.

É assim que termina a colação que é acompanhada por uma leitura espiritual ainda em nossos conventos dominicanos, e como começa o cumprimento do grande Escritório. Os do Pequeno Ofício da Santíssima Virgem foram adicionados a ele sem interrupção, e é por isso que não têm a breve leitura ou o resto do preâmbulo que o Grande Ofício contém. Pareceu-me bom, apesar de tudo, recordar esta história. Todos os nossos terciários devem estar interessados nisso, pois gostam, quando podem, de assistir à nossa Plenária, e se encarregaram de recitar a parte deste Escritório que para nós não é mais obrigatória, a Plenária de Nossa Senhora.

Deixe-os também tomar o cuidado de prover sua alma, não menos do que seu corpo, com o alimento necessário por meio da leitura espiritual. O próprio St. Thomas se encantou com as palestras de Cassian mencionadas acima. Mais uma razão ainda, as almas que não possuem seu conhecimento das coisas de Deus devem recorrer aos livros de espiritualidade.

O Compline of the Little Office não tem nem mesmo o *Confiteor*. No entanto, nossos terciários devem se colocar no estado de espírito que a Confiteorologia exige e *amplia*. O *Converte nos, Deus,* com o qual começa esta última parte de seu Escritório, obviamente pressupõe este estado.

Ai de mim! Somente Deus, na noite dos dias da criação, pôde ver que tudo o que Ele tinha feito era bom! A alegria que um bom trabalhador sente quando realmente terminou uma boa obra, a alegria que uma alma cristã sente quando fez a vontade de Deus o dia inteiro, como raramente a conhecemos! Nós nunca o possuímos perfeitamente! Quantos pecados são cometidos por pensamento, palavra e ação! E quantas omissões! Devemos reconhecer e confessar isto àqueles a quem devemos honra por nossa profissão, a nosso Pai São Domingos, à Santíssima Virgem Maria e a Deus acima de tudo.

*"Converte-nos, Deus...* Voltai-nos para vós, ó Deus, nosso Salvador. - E afaste de nós a sua raiva"!

Como neste dia, nossa própria vida terá sua noite, uma precursora da escuridão do túmulo. Vimos hoje novamente a rapidez com que nos deslocamos das Laudes ao amanhecer para a hora de Sext, que marca o auge da luz, e para Nenhuma, onde já se encontra em declínio acentuado. Logo depois, o Compline é sussurrado na escuridão e precede o sono. Da mesma forma, da infância à meia-idade, depois à decrepitude e à morte, quão curta é nossa vida! Cada um de nós pode dizer a si mesmo que a morte está próxima e com ela aquele julgamento terrível que de repente decidirá nossa vida futura. Nosso Saint Louis Bertrand sempre tremia com este pensamento. Seguindo seu exemplo, estabeleçamo-nos a cada noite com pesar por nossos pecados, mas também com confiança em Deus, que quer nos salvar, *Deus salutaris noster.* Em suma, que nossas almas estejam no clima em que gostaríamos de estar na nossa última hora. Façamos de nosso cotidiano uma preparação, não apenas para nossa noite de sono, mas para nosso descanso eterno.

\*

\* \*

Não temos, no Compline da Virgem, o antífona *Miserere mei, Domine,* com seu tom lisonjeiro e doloroso, que respira com tanta compunção, nem aquele belo ato de abandono à Providência, o salmo *Qui habitat*, que São Basílio havia escolhido para a oração noturna de seus monges e que foi o primeiro núcleo do Compline. Ainda é recitado no Grande Escritório aos domingos e dias de festa. Mas o Pequeno Escritório, no ritual dominicano, é formado pelos três últimos salmos graduais.

O primeiro lembrou aos peregrinos em Jerusalém o voto e a oração de Davi por um templo a Deus no Monte Sião, e a resposta de Deus em abençoar esse voto e cumprir maravilhosamente essa oração com a promessa do Messias. Há muitas adaptações deste salmo ao santuário de nossa alma, aos nossos templos de pedra onde está o tabernáculo da Eucaristia, à Igreja Católica formada de pedras vivas e cuja construção é magnificamente concluída no céu. Gostaríamos de adaptá-la à Ordem fundada por São Domingos, que é como nossa capela familiar na grande Igreja de almas. É um lugar de culto perpétuo a Deus. Que os sacerdotes sejam vestidos de santidade e que todos os fiéis vivam na alegria!

O segundo salmo expressa esta alegria da fraternidade dominicana, na qual a bela fraternidade cristã, da qual a comunidade judaica era apenas uma figura pálida, ainda está sendo fortalecida.

Na terceira, nossos terciários se dirigem a seus irmãos e irmãs da grande Ordem, contando com eles para continuar no meio da noite o louvor divino ao qual as necessidades dos deveres de Estado e de descanso noturno não lhes permitem dar-se a si mesmos. Eles também se dirigem aos nossos santos no céu, que não conhecem mais o sono e nunca interrompem o *aleluia* de que fala São João no Apocalipse.

\*

\* \*

Seria bom se nossos terciários também conhecessem esta seqüência de peças escolhidas: antífonas, maiúsculas, versos, orações, que compõem o incomparável encanto de Compline of the Great Office, e especialmente aquelas antífonas e hinos que só a nossa Ordem preservou para o tempo da Quaresma e da Páscoa. São Tomás não poderia sem chorar cantar a *Media vita*: No meio da nossa vida estamos na morte. A quem podemos recorrer senão a Ti, Senhor, que estás justamente zangado conosco?

Quando nossos primeiros pais prolongaram o cumprimento com orações privadas, estas palavras sagradas necessariamente os inspiraram. Mas eles também foram inspirados pelo pequeno hino à Santíssima Virgem Virgem *Virgo singularis*, e pelo antífona *Sub tuum præsidium*, com sua oração, que foram acrescentados à sua Compline no passado e que continuam sendo o lote dos terciários. Finalmente, o belo cântico de Simeon pertence a ambos os Escritórios e provoca as reflexões mais benéficas.

*Nunc dimittis servum tuum, Domine,* suspirou o velho santo. Ele ia morrer em paz, agora que podia ver com seus olhos a verdadeira luz no meio das sombras que envolvem o mundo. Esta canção noturna, embora tão breve, é um esplendor. Quando pensamos no que dissemos sobre o dia, a imagem da vida e do sono, que nos faz lembrar a morte, o que poderia ser mais comovente do que estas pequenas estrofes na hora de Cumpline!

Quando uma luz foi acesa para iluminar a assembléia litúrgica, logo se adotou o hábito de ver nela o símbolo de Cristo, "nossa luz e nosso verdadeiro dia, que para nós remove a escuridão deste mundo e prefigura já na fé a luz radiante da eternidade". Cito o hino de Quaresma Compline no ritual dominicano. Os gregos cantam um hino todas as noites em honra "da luz alegre da glória sagrada do Pai imortal, o celestial, santo e abençoado Jesus Cristo". Todos conhecem o *Exultet* triunfante da Vigília Pascal no mesmo sentido. A mesma idéia é expressa, todos os dias e em todos os lugares, no último verso do *Nunc dimittis*.

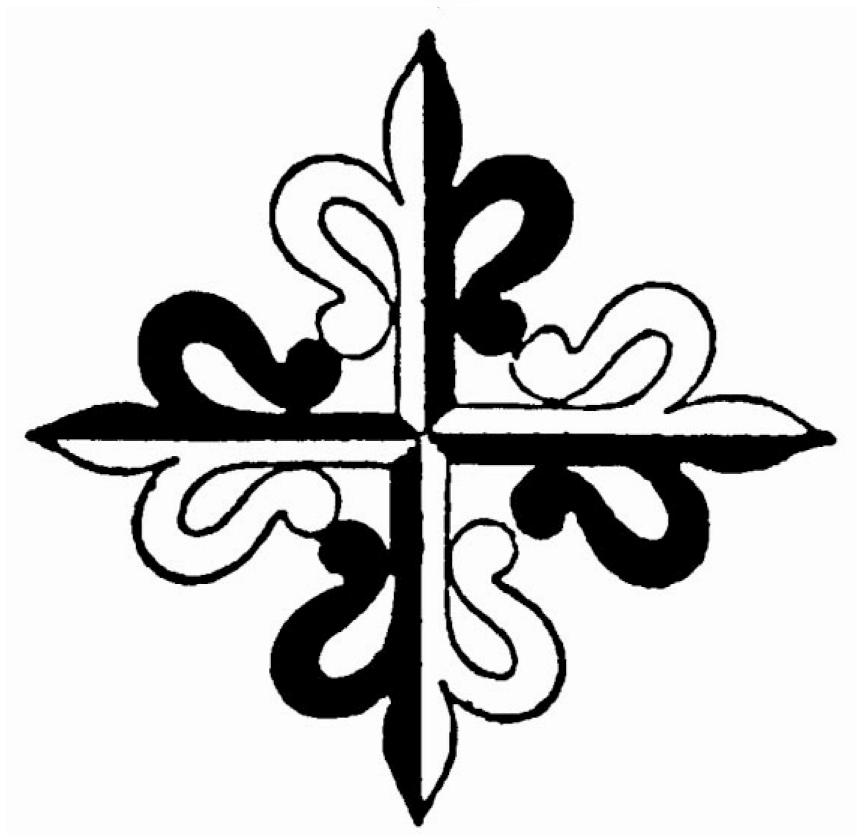
\*

\* \*

Finalmente, a *Salve Regina* fecha o Compline. Em nossos conventos, este é um rito obrigatório. Nossos terciários estão felizes em acrescentá-la ao seu Escritório de Nossa Senhora. O costume de cantar esta antífona remonta à fundação da Ordem. Já mencionamos isto. Uma verdadeira e diabólica perseguição assolou os frades, especialmente em Bolonha e Paris. O Beato Jordão da Saxônia, sucessor de São Domingos, ordenou que a *Salve fosse* cantada todas as noites após o Cumpline. Imediatamente a perseguição parou. Mas a prática foi ainda mais estabelecida. O povo, especialmente os terciários, se aglomeraram nas igrejas dos pregadores para ver os frades saírem do coro e descerem para a nave cantando a *Salve Regina*. Uma canção melancólica como um lamento, mas sem qualquer lamento. Uma séria procissão de almas que vão embora gemendo neste vale de lágrimas, mas que uma esperança celestial consola e conforta. A Rainha do Céu não é uma Mãe de Misericórdia? Ela olha para seus filhos exilados, ela se torna a defensora deles diante de Deus. Um dia, ela lhes mostrará seu Filho. E o pensamento desta visão, que os fará eternamente felizes, já lhes dá uma doçura requintada.

Quando chegam ao altar da Virgem, os frades se ajoelham enquanto cantam *Eia ergo, advocata nostra*. Então um deles se desprende para polvilhar com água benta, todos eles, um a um, assim como a Virgem Santíssima, sob os olhos de São Domingos, contornou as celas uma noite polvilhando cada um dos frades adormecidos. *O clemens, o pia, o dulcis Virgo Maria.* Pronunciando este amado nome, os frades se curvaram profundamente como se um grande sopro de amor filial os estivesse dobrando a todos de uma só vez.

Os terciários que não têm a vantagem e a alegria de participar desta cerimônia conventual gostarão de pensar sobre isso à noite, seja recitando a *Salve* ou tomando um pouco de água benta para assinar eles mesmos antes de dormir.



## Artigo IV Oração pelos nossos mortos

Caros irmãos e irmãs terciários, vocês entraram em uma Ordem que tem o culto dos mortos. Você se beneficiará disso, e a Regra lhe pede, enquanto isso, que contribua com a sua parte. É por isso que quero que você assista às cerimônias que precedem, acompanham e acompanham a morte de um de nossos num convento normal.

Um antigo cortejo do século XIII contém uma prosa com uma bela melodia que foi composta para nossos irmãos gravemente doentes[[77]](#footnote-78). Convida o paciente a aguardar a grande passagem com serenidade, com alegria mesmo: "Ó doce irmão, se você for - que seu coração não sofra".

E a prosa continua. Só podemos nos regozijar", diz ela, "por termos escapado de um naufrágio e chegado ao porto em uma prancha de salvação; todos os nossos irmãos que rodeiam o Beato Domingos se regozijarão lá em cima e acolherão o novo escolhido em seu meio. Os anjos o carregarão e o confortarão na hora da grande passagem. O Deus mais bom enxugará suas lágrimas e, entre as almas santas, o admitirá no paraíso, onde floresce uma eterna primavera...

Fra Angelico retratou tudo isso em um de seus quadros mais doces. Os anjos guardiães aparecem aos recém-escolhidos em espanto, abraçam-nos fraternalmente e os conduzem em uma graciosa rodada no meio de canteiros de flores. São Domingos desliza sobre a grama e se levanta com um movimento nobre, introduzindo um de seus irmãos na luz divina.

"Não se preocupe mais com a ciência - nem com ter que deixar o estudo - pois logo você saberá tudo - considerando-as na primeira causa".

"Talvez para a glória de Deus - vocês esperavam fazer grandes obras, - mas para Sua Providência - vocês não devem se exibir".

"Jesus, quem melhor sabe - o que é certo para os eleitos, - em sua misericórdia fará a você - o que é mais útil para você".

Seria uma pena se não soubéssemos mais saborear estes belos sentimentos, estas evocações arrebatadoras, e encontrar nelas um cordial quando chegar a hora da morte. No entanto, esta hora é terrível, terrível para o corpo que está lutando nas lutas supremas, terrível também para a alma, porque existem outros destinos possíveis após a morte. Ninguém está absolutamente seguro de chegar ao céu. Ao menos existe o Purgatório e suas purificações assustadoras. Uma missa para os moribundos foi introduzida em nosso missal em 1921. É de uma inspiração diferente. É um grito suplicante à misericórdia de Deus para uma pobre pessoa cujos membros estão sofrendo e cuja alma está perturbada. "Senhor Jesus Cristo, que proporcionou à humanidade os remédios da salvação e os dons da vida eterna, olhai favoravelmente para vosso servo cujo corpo está doente e reavivai a alma que criastes, para que, por intercessão do Bem-aventurado José, esposo de vossa Santíssima Mãe, ela possa, na hora da morte, ser apresentada sem a mancha do pecado a vós, seu Criador, pela mão dos anjos"...

Em seu sofá, o homem doente entra em agonia. Imediatamente o sinal é dado no claustro e em todo o convento com a tábua da Semana Santa, e os Irmãos chegam de todos os lados recitando o *Credo*, um ato de fé na vida eterna e em todos os mistérios que nos dão acesso a ela. Os primeiros a entrar começam a recitar as ladainhas dos santos e os outros se unem em suas invocações à medida que se juntam a eles. Nossos santos canonizados são invocados expressamente um após outro para libertar a alma de nosso irmão, que também é a deles, da angústia suprema. Então, se a morte for lenta, o padre presidente pode dizer em nome do moribundo os belos protestos de fé, esperança e contrição contidos em nossa procissão e as admiráveis orações a Cristo morrendo na cruz e a Nossa Senhora compassiva por seu sofrimento. Finalmente, ele pode ler a Paixão, para que o moribundo possa unir seu sacrifício com o do Salvador. Quando chega o último momento, ele diz: *Proficiscere anima christiana...* e recomenda a alma a Deus.

Nossas rubricas não mencionam o venerável e acarinhado costume de cantar a *Salve Regina* ao lado da nossa morte. No entanto, nosso breviário o menciona na festa do Beato Sadoc e seus companheiros. Quando todos os frades do convento de Sandomir foram martirizados pelos Tártaros enquanto terminavam de cumprir com o canto da *Salve*, este costume recebeu sua consagração com antecedência. Esta *Salve Regina*, a santa canção de ninar de nossas almas antes do sono de cada noite, cantamos para nossos irmãos na hora de seu último sono. Um sono aparente que na realidade é o grande despertar. Com mais ardor do que nunca, rezamos à Mãe de Misericórdia, neste último Cumpline, para nos mostrar, no final deste exílio, Jesus, o fruto bendito de seu ventre.

Finalmente, a alma deixou o corpo. O padre diz: "*Subvencionado".* Vinde em seu auxílio, santos de Deus; vinde ao seu encontro, anjos do Senhor; tomai sua alma e oferecei-a na presença do Altíssimo"...

O falecido é enterrado em seu hábito coral, ao qual a estola é anexada se for padre. O escritório da recomendação da alma é completado. Então os irmãos pegam o saltério no início e o cantam perto do morto até o momento em que ele deve ser carregado para a igreja. Entretanto, o sino toca o toque da morte. A procissão de toda a comunidade precede o falecido, que é levado para o meio do coro. Ele é colocado ali, de frente para o altar. Os irmãos continuam a recitação alternada dos salmos, interrompendo somente no momento das horas canônicas.

\*

\* \*

Assim que possível, *quantocius*, dizem as Constituições, as mensagens são enviadas para avisar a todos que devem pagar sufrágio pelo falecido. Pois o falecido não só tem direito ao longo serviço fúnebre que é celebrado solenemente ao redor de seus restos mortais na igreja, como também a todas as belas orações próprias de nossa Ordem que são depois recitadas em sua tumba, à *Libera* que, durante oito dias, após o jantar, é cantada para ele. Cada sacerdote religioso de seu convento lhe deve três missas, e todas as de sua província, uma missa[[78]](#footnote-79). E não estou falando das orações dos irmãos leigos, nem dos salmos recitados pelos clérigos que ainda não são sacerdotes: o saltério inteiro para uma pessoa falecida do convento, os sete salmos da penitência se ele pertence apenas à província.

No mesmo espírito de assistência espiritual, a Regra da Terceira Ordem exige que, dentro de oito dias após ser notificado da morte de um membro da Fraternidade, cada Irmão ou Irmã recite a terceira parte do Rosário, ouça uma Missa e ofereça a Comunhão (XIII, 46).

Isso é tudo? Oh, não! Longe disso! O falecido, a qualquer ramo de nossa família a que ele pertencesse, está agora entre os mortos de nossa Ordem pelos quais nunca deixamos de rezar e celebrar Escritórios e Missas.

Cada ano, cada convento oferece vinte missas, cada sacerdote oferece trinta missas e cada clérigo recita os sete salmos da penitência trinta vezes. Nossas irmãs da Grande Ordem e as da Terceira Ordem Regular também contribuem com sua grande parte de missas e sufrágios para ajudar os falecidos de toda a família dominicana. Quanto aos terciários seculares, eles devem oferecer três missas por ano (XIII, 48).

Toda semana, exceto quatro durante o ano, em todos os nossos conventos, uma missa conventual, seguida de uma procissão, é celebrada por nossos defuntos. A esta missa é acrescentado todo o Ofício dos Mortos, e os superiores são solicitados a consertá-la em uma hora, o que permitirá a todos os frades, mesmo aqueles que normalmente estão isentos do Ofício Coral, participar dela. Aqueles que estão ausentes cumprem suas obrigações individualmente.

Finalmente, todas as noites, após o pôr-do-sol, o sino conventual toca por um longo tempo, convidando as pessoas a rezar pelos mortos. Os terciários não devem deixar passar um dia sem recitar um *Pai Nosso* e uma *Avó,* seguido de um *Requiem* (XIII, 47).

Quando se aproxima o mês de novembro com a festa dos mortos, nós, na grande Ordem de São Domingos, ainda somos obrigados a pensar especialmente em nossos Irmãos e Irmãs, bem como nos Familiares admitidos aos favores da Ordem. Cada sacerdote deve celebrar três Missas por eles, e cada clérigo deve recitar o Saltério, entre o Dia de São Domingos e o Advento.

Acabo de nomear os Familiares. Nossos benfeitores também, como se pode ver nas orações no Escritório e na missa, se beneficiam de todos esses sufrágios. Além disso, todos os dias, antes do jantar e do jantar, lembrando que devemos esta refeição à sua generosidade, recitamos o *De profundis*.

Nossos pais e mães, pelos quais é feita uma oração especial na missa e no ofício, ainda compartilham desses favores espirituais. Parece que eles são considerados um pouco como membros de nossa Ordem uma vez no outro mundo. Assim como a mãe de São Domingos é tratada liturgicamente da maneira dos benfeitores da Ordem, assim nós lhe dirigimos o verso: *ora pro nobis, beata Joanna,* - assim nossos pais foram de certa forma assimilados aos membros falecidos da família dominicana.

Finalmente, todos aqueles que estão enterrados em nosso cemitério - um privilégio uma vez muito invejado - se beneficiam de nossas orações, e em particular do *De profundis* que as Constituições nos pedem para recitar ao atravessarmos o claustro dos mortos.

Cada um desses quatro grupos de falecidos tem um aniversário a cada ano em todos os nossos conventos. Para eles, uma missa é então celebrada com seu escritório, o que obriga seriamente todos os irmãos que seguem o breviário. O aniversário de nossos pais cai no terceiro dia após a Purificação; para os benfeitores e familiares, é o dia seguinte à oitava de Santo Agostinho; para nossos irmãos e irmãs, no dia 10 de novembro; para todos aqueles que se encontram em nossos cemitérios, no dia 12 de julho.

\*

\* \*

E assim é continuamente todos os dias, todos os anos. Não é apenas porque a morte está constantemente reclamando novas vítimas que repetimos estas orações e missas. Enquanto não tivermos certeza de que nosso falecido está fora do Purgatório, oferecemos sufrágio para eles. Todas as manhãs, no coro, o lector nomeia aqueles que morreram naquela data e estão inscritos no martyrologia. Então, depois que ele se juntou a todos os nossos santos desconhecidos (*alibi aliorum plurimorum*), nós celebramos sua preciosa morte diante de Deus. Mas depois vem outra comemoração, a de todos os nossos outros defuntos, à frente dos quais nomeamos os Mestres Gerais da Ordem cujo aniversário é, e rogamos a Deus que eles possam finalmente entrar em descanso eterno com os santos no céu. Para qualquer pessoa não beatificada pela Igreja, para o próprio Humbert de Romans, que morreu em 1263, apesar do título de bem-aventurado que lhe é comumente dado, o *De profundis* ainda é dito.

Sim, é vantajoso morrer na família dominicana, mesmo que se seja apenas um simples terciário, e o provérbio estava correto, que dizia respeito a isso nos círculos religiosos do passado. "Morrer na casa dos Frades Pregadores! Este era o sonho para aqueles que acreditavam firmemente na felicidade eterna e nas condições que ela implicava.



# Capítulo VOração Dominicana

## Artigo I A tradição de nossa Ordem

Desde o início de nossa Ordem, era costume acrescentar à oração coral cantada em "orações secretas" e "meditações sagradas" comuns, onde cada um, livremente, elevava sua alma a Deus.

Nosso Pai Nosso Senhor deu o exemplo, e uma velha crônica, que Thierry d'Apolda colocou como apêndice de sua vida de São Domingos, retrata sua maneira de rezar, conforme observado pelos frades que se escondiam à noite em um canto sombrio da igreja para vê-lo, ou que viajavam com ele e tinham todas as facilidades para observá-lo e ouvi-lo nas estradas ou nas casas de seus convidados.

Sua forma de rezar era muito humana. Deus nos fez de alma e corpo. São Domingos não acreditava, como algumas pessoas agora parecem pensar, que a oração só poderia ser perfeita se a alma se aplicasse a ela em total desrespeito a seu corpo. Sua alma, ao contrário, fez uso de seus membros para se levar a Deus com maior devoção. Os olhares, a leitura e certas atitudes são úteis para excitar a mente e mover o coração. Seu pai, Santo Agostinho, disse-o bem[[79]](#footnote-80). A alma, por outro lado, reage sobre o corpo e o transbordamento de seus sentimentos é derramado e traduzido em palavras e gestos. Além disso, o corpo, assim como a alma, deve prestar homenagem a Deus, e o corpo deve unir-se à alma, para que também ela possa satisfazer dolorosamente os pecados em que participou. Estas são as razões pelas quais São Tomás se desenvolverá[[80]](#footnote-81), e que São Domingos terá obedecido antecipadamente. Acrescentemos que seu temperamento castelhano explica em parte a extraordinária veemência que lhe trouxe, e que ele só se entregou à exuberância da qual citaremos exemplos em solidão e à noite.

Uma de suas maneiras era estar de pé diante do altar, curvando profundamente sua cabeça e ombros à sua Cabeça, Nosso Senhor. Ele considerou sua condição de escravo e a excelência de Jesus Cristo, e mostrou o respeito que lhe era devido com todo o seu corpo. Ele rezava frequentemente em plena prostração, repetindo: "Meu Deus, tem misericórdia de mim, um pecador", ou versos dos salmos como: "Não sou digno de levantar os olhos para o céu. Minha alma está humilhada na poeira. Esta prostração, assim como o arco profundo onde os cotovelos são baixados até o nível dos joelhos, fazem parte, como sabemos, da liturgia dominicana.

Em outros momentos, São Domingos, virando seu rosto em direção ao crucifixo, olhava para ele, dobrando seus joelhos repetidamente, até cem vezes. s vezes, desde a Compline até a meia-noite, ele se levantava e se ajoelhava à vez. Ele implorou a misericórdia de Deus para si mesmo e para os pecadores, às vezes proferindo gritos reais. De repente ele parou, como se surpreendido, encantado com admiração, radiante de felicidade. E suas genuflexões refletiam o ardor de sua alma.

Ele também estava de pé diante do altar em pé, com as mãos estendidas em frente ao peito na forma de um livro aberto, como se estivesse lendo piedosamente. Então, ao que parece, ele meditou em sua oração sobre os oráculos da Sagrada Escritura.

Às vezes ele juntava as mãos e as segurava firmemente diante de seus olhos. Ou ele os guardaria e os seguraria até os ombros, como na missa. Em ocasiões especiais, ele até estendia seus braços e os segurava firmemente em uma cruz como o Salvador do Calvário. Muitas vezes, ele podia ser visto de pé, levantando as mãos acima da cabeça como um tiro de flecha para o céu com um arco bem esticado. Após tal oração, se ele tivesse que corrigir ou pregar, ele parecia um profeta.

Vimos anteriormente como São Domingos misturou alguma meditação com suas orações. Às vezes, a meditação também dominava. Mas era tão santo que ainda merecia o nome de oração. E assim a velha crônica prossegue: "O Santo Padre Domingos tinha ainda outra forma de rezar, bela, devota e graciosa. Após as horas canônicas e a ação de graças que geralmente se segue às refeições, o Pai, sóbrio na comida, mas saciado com o espírito de devoção que havia tirado das palavras divinas cantadas no coro ou à mesa, rapidamente se mudava para um lugar solitário, em sua cela ou em outro lugar, a fim de ler e rezar em silêncio, sozinho consigo mesmo e com Deus. Ele sentava-se em silêncio e abria um livro, armando-se com o sinal da cruz. Então ele lia, e sua alma sentia uma doce emoção como se tivesse ouvido o Senhor falar com ele... Ele subiria da leitura à meditação, da meditação à contemplação.

"Ele também manteve esta mesma forma de fazer as coisas quando, enquanto viajava, passava por alguma região solitária. À frente dos outros, ou mais frequentemente atrás, ele rezava ao longo da estrada e o fogo era acendido em sua meditação. Foi assim que ele adquiriu a plenitude de conhecimento da Sagrada Escritura que foi admirada e que fez a força de sua pregação".

\*

\* \*

Ou no caminho, quando São Domingos lhes disse: "Ide e pensai em Nosso Senhor", ou no convento depois de Matins e ainda mais depois de Compline, enquanto esperavam para ir e descansar, os frades também rezavam e meditavam seguindo o exemplo de seu abençoado Pai.

Eles escolheram um lugar na igreja que lhes conviesse. Este rezava à sombra de um pilar, com os olhos baixos; outro em frente a uma imagem sagrada para a qual olhava para cima. Alguns ficaram de pé. Outros se prostraram por muito tempo ou se genuflectiram. Outros visitaram diferentes altares. Suspiros perfuravam o silêncio... Os negócios regulares da manhã puseram um fim a estas orações. À noite, depois de um certo tempo, o Santo Padre os forçou a todos a irem descansar. Ele permaneceu sozinho para prolongar sua oração.

Estas orações privadas e meditações sagradas são práticas devocionais", diria Humbert de Romans em breve. Eles são assim de duas maneiras. Primeiro, porque não são impostas pela Regra, mas vêm do livre arbítrio de cada pessoa. Em segundo lugar, porque geralmente se baseiam na devoção de afeições sagradas. Deve-se aplicar fervorosamente às orações secretas, pois elas são um sinal manifesto de santidade, e seria difícil encontrar alguém que se perdesse ou não progredisse na religião depois de ter se dedicado a elas[[81]](#footnote-82).

Sim, isto foi uma fonte de devoção animada. É por isso que os primeiros Irmãos se aplicaram assiduamente e é por isso que sempre gostamos de seguir seu exemplo. O uso da oração depois da Compline já era semi-oficial no tempo do Beato Humbert. Uma das principais razões que ele dá para freqüentar o Compline é "o fruto que é colhido nas orações secretas que, segundo nosso costume, são anexadas a ele". Ele até mesmo fixa ao sacristão o tempo que ele deve deixar passar antes de dar o sinal para sair, sobre o tempo que leva para dizer os sete salmos da penitência e as litanias[[82]](#footnote-83).

Foi mais de dois séculos depois, em 1505, para começar, que os Capítulos Gerais regulamentaram a prática da oração mental. Naquela época, um movimento nesta direção estava tomando forma em vários lados, especialmente na Holanda e na Espanha. E este foi o resultado em nosso país. Havia um novo exercício comunitário, feito em silêncio, no coro, duas vezes por dia, durante meia hora de cada vez. A meia hora da noite permaneceu a favorita, e até 1868 era obrigatório que ela seguisse o canto do Compline. Ninguém nunca foi regularmente isento disto. Se alguém, por qualquer razão, não comparecesse, ele teria que compensar por si mesmo, sob pena de não ter participação nos méritos e boas obras da Ordem naquele dia. Somente os viajantes e os doentes foram dispensados. Recentemente, todos os outros que seriam legitimamente impedidos de comparecer foram acrescentados a eles, e o tipo de excomunhão que acabamos de mencionar foi, de qualquer forma, abolido. Mas para o resto, os regulamentos, já com vários séculos de existência, permanecem mais ou menos em vigor. Deve-se notar que é expressamente admitido que a recitação do Terço em comum conta para metade da meia hora de oração noturna.

As diversas Constituições das freiras dominicanas são mais ou menos similares às nossas neste ponto. Para os terciários que vivem no mundo, a Regra simplesmente lhes pede que se apliquem à oração mental na medida do possível (VII, 33).

Mesmo entre homens e mulheres religiosos, apesar das regulamentações acima mencionadas, a oração dominicana sempre mantém uma grande liberdade de ritmo. Cada um ocupa esta sagrada meia hora à sua maneira, que varia de um indivíduo para outro e de um dia para o outro. Nunca houve um método oficialmente recomendado. Existem apenas alguns princípios gerais, que podem ser utilizados de acordo com os vários objetivos que se podem propor, e depois conselhos ditados pela experiência, conselhos particulares sobre certos erros a serem evitados, certos meios a serem tomados, a fim de passar este tempo de silêncio frutuosamente. São Tomás permanece sempre o Mestre a quem se refere, aquele que formulou e trouxe à luz o pensamento dominicano. Só podemos nos beneficiar de consultá-lo diretamente.

Há pelo menos quatro exercícios para ocupar esta meia hora, que podem ser autorizados por ele e para os quais ele estabeleceu claramente as regras, quatro exercícios bastante distintos, que trazem em jogo diferentes funções de nosso organismo sobrenatural e tendem a fins diferentes, embora não sejam alheios e até geram um ao outro. Aqui eles estão em sua ordem progressiva: oração secreta, meditação religiosa, meditação contemplativa, contemplação mística.

A oração secreta é uma elevação de nossa alma a Deus, para pedir sua ajuda, em um pequeno discurso que mais ou menos improvisamos.

A meditação religiosa - ao contrário da meditação moral, da qual também falaremos - introduz nestas orações secretas reflexões prolongadas sobre Deus e sobre nós mesmos, a fim de convencer-nos da necessidade de recorrer a Deus, de convencer-nos a nos colocarmos sob sua autoridade, e assim dar maior valor religioso ao nosso pedido de ajuda divina.

Esta meditação, que anteriormente tinha como objetivo submeter-se a Deus religiosamente, terá então como objetivo olhá-lo com amor sem mais, sabendo que o resto será dado em adição: tornar-se-á contemplativa.

As graças místicas podem prolongar e acentuar aquela contemplação à qual nossa meditação aspirava e que só foi alcançada através de atos muito breves.

Depois há a oração jaculatória que espalha a oração por toda nossa vida.

Finalmente, veremos como o Santo Rosário, que a Virgem Maria nos deu, resume todas estas formas de oração e é, portanto, adequado para todas as almas, qualquer que seja seu estado.

Mas, nas diversas formas que possa assumir, nossa oração só será autenticamente dominicana se for alimentada, por um lado, por uma doutrina sólida e, por outro lado, pela liturgia da Igreja. Isto é o que deve ser estabelecido antes de tudo.

## Artigo II Os fundamentos de nossa oração

### I Um fundo doutrinário

Reservar tempo para a oração todos os dias, apesar das dificuldades que encontramos em nosso ambiente e em nós mesmos, nas preocupações que nos preocupam e nas distrações que nos assolam, em nossa preguiça e indiferença, requer força de vontade. Também é preciso força de vontade para fixar nossa atenção por muito tempo em objetos sobrenaturais: esta é às vezes uma batalha espiritual que tem sido comparada à batalha de Jacob com o anjo.

Mas esta boa vontade não é suficiente. Em vão, para ter sucesso, teria que recorrer a métodos habilidosos, passaria por vários prelúdios, nos levaria de um ponto a outro, aplicaria por sua vez nossos cinco sentidos e nossos vários poderes, todas estas divisões, todas estas indústrias, todas estas receitas não dariam nada de útil, se a mente não fosse primeiramente munida de um fundo doutrinário capaz de alimentar a oração.

Nossas ejaculações em si não passariam de palavras mais ou menos vazias, e nossos buquês espirituais nada mais seriam que flores secas encontradas pela manhã em um livro de meditações, artificialmente variadas de um dia para o outro e sem influência em nossa vida... Tudo isso deve ser a expressão viva e pessoal de um sentimento profundo, provocado por um grande pensamento que nos é caro, que permanece por muito tempo, talvez sempre o mesmo, e do qual toda nossa vida será esclarecida e estimulada.

Mais do que qualquer outro, a alma dominicana deve estar interessada em ser abastecida com estas grandes idéias. Logo que nosso Pai São Domingos reuniu seus primeiros filhos, ele os conduziu aos pés de um mestre da teologia. E conhecemos o lugar que ele dá para estudar nas Constituições, colocando-o no topo da lista dos meios de nossa vida religiosa. Antes de ser uma necessidade do apostolado, é, antes de tudo, uma necessidade de contemplação. Nosso apostolado, além disso, consiste, antes de tudo, em comunicar um objeto de contemplação ao nosso próximo. Partilhamos com ele o que contemplamos, para que ele, por sua vez, possa contemplá-lo: *Contemplata aliis tradere contemplanda.*

*Veritas!* Devemos discernir e aprofundar a grande verdade divina. Este Deus que eu amo e que devo amar cada vez mais, quero conhecê-lo em sua beleza para amá-lo melhor. O que é Deus", perguntou o homem que seria o maior e mais perfeito filho de São Domingos, enquanto ainda criança. E durante toda sua vida ele trabalhou para formular a resposta. Ninguém o superou desde então. É de suas obras que todos nós extraímos, direta ou indiretamente, a fim de conhecer o objeto amado de nossa contemplação.

Lembramos da pintura da Crucificação em San Marco, Florença. Nele, Fra Angelico retratou, entre vários outros santos, atrás de São Francisco de Assis de joelhos e seus olhos banhados em lágrimas, São Tomás de Aquino de pé, seu rosto contraído pelo esforço de um pensamento concentrado. Não contente de ser movido pelas feridas sangrentas do Crucificado, ele penetra tanto quanto possível o mistério do Filho de Deus encarnado por misericórdia para expiar nossas faltas na cruz e nos reconciliar com seu Pai. Nesta visão, ele desenha uma profunda emoção, que se expressa na pungente expressão de suas características. Este é o tipo de nossa contemplação dominicana.

Não é a agitação de muitas idéias que contribui para a excelência na oração. Apenas um pequeno número é necessário. Mas que sejam bem escolhidas e perfeitamente assimiladas, graças à longa ruminação, para que se apresentem à mente de uma maneira muito simples.

\*

\* \*

Do que se trata? Trata-se, em todo caso, de nos colocarmos na presença do próprio Deus, de fazer contato com ele, seja primeiro falar com ele e rezar a ele, ou finalmente nos unirmos a ele afetuosamente. Todas as idéias frutíferas que mencionamos podem ser rastreadas até a tríplice presença divina. Deus está presente de três maneiras: presença de imensidão em todas as coisas, presença de intimidade em nossa alma em estado de graça, presença de unidade em Nosso Senhor Jesus Cristo.

Presença de imensidão. Deus tem sido comparado a uma esfera espiritual cujo centro está em toda parte e cuja circunferência não está em nenhum lugar.

Deus está em toda parte por seu poder, como um rei cujo poder absoluto se estende até os confins de seu reino. Deus está em toda parte por sua presença, como o rei em seu quarto, onde ele vê com seus olhos tudo o que acontece. Deus está em toda parte por sua própria essência, como o rei no trono onde ele está sentado.

Estas são apenas comparações ruins. Deus está mais intimamente presente em todas as coisas do que o rei está em seu próprio trono. Pois Deus não é uma mera justaposição. Deus é espírito e, como tal, inteiramente presente a tudo o que Ele faz, como nossa alma é para todo o corpo que ele anima. E como ele é aquele que constantemente cria e preserva o próprio ser, ou seja, o mais profundo em todas as coisas, Deus é inteiramente o mais íntimo possível de tudo.

Ele está lá com a plenitude de Suas perfeições, todas elas, mais ou menos, se manifestam em alguma reflexão. Para que em tudo, uma alma educada e meditada possa encontrar ocasião para contemplar os vários atributos de Deus, Sua sabedoria, Seu amor, Sua justiça, Sua misericórdia, Sua providência, Seu poder infinito.

Deus está presente em toda parte em sua imensidão, mas ele permite que apenas algumas poucas pessoas desfrutem de sua presença de intimidade. Este é o privilégio das almas em estado de graça, e se realiza gradualmente a partir da condição da criança pequena trazida da fonte e que recebeu em sua alma adormecida a capacidade de unir-se ao próprio Deus, àquele abençoado que chegou ao fim deste maravilhoso destino, que vê Deus como ele se vê e o ama como ele se ama.

Através da atividade da graça, participamos da própria vida da Santíssima Trindade. "Meu Pai lhe revelou isto, ó Simão Pedro, que acaba de confessar sua fé. Sim, Deus Pai estende à nossa inteligência este conhecimento que ele toma de si em sua Palavra eterna, e então participamos através da caridade no amor do Pai por seu Filho e do Filho por seu Pai, este Amor que é o Espírito Santo em pessoa.

Ó Santíssima e adorável Trindade, Pai, Filho e Espírito Santo, tu estás fazendo teu céu em mim, e me bastará descobrir-te lá numa visão clara para finalmente entrar em tua bem-aventurança e encontrar meu céu em mim mesmo. Me atraia cada vez mais em sua intimidade. Dê-me para viver cada vez mais de sua vida.

Uma terceira presença divina é a presença da unidade, que foi conferida a um homem, Jesus Cristo Nosso Senhor. Nele, a natureza humana está unida em pessoa à natureza divina. Deus une todas as coisas por seu poder criador, os justos na terra e os abençoados no céu se unem a Deus e o abraçam de alguma forma, mas somente Jesus é um com Deus, ele é o próprio Deus em pessoa.

Se o Filho de Deus se encarnou, foi para nos incorporar a ele como a uma Cabeça, e é desta forma que esta presença divina nos toca a todos. Recordemos as explicações dadas acima sobre este assunto.

Este Jesus, que deixou na história o vestígio de trinta e três anos de vida na Palestina, pensou em mim desde aquele tempo, pregou por mim, e por mim morreu. Devo ler e meditar seu Evangelho com amor, como uma carta que ele me ditou e que finalmente chega ao seu endereço.

Este Jesus, que deixou a terra para viver em um lugar adaptado a este corpo glorioso que os apóstolos puderam ver e tocar durante os quarenta dias da Páscoa, continua a cuidar de mim como de todos os seus membros que permanecem aqui na terra. Eu vivo sob o seu olhar. Posso dizer que a pulsação do Sagrado Coração envia perpetuamente vida espiritual à minha alma. E sua Mãe, unida a ele no mistério de sua vida terrena, continua na vida celestial a colaborar com ele para minha salvação. O Rosário assume esta doutrina.

A Santa Eucaristia recorda e prolonga entre nós a vida de Jesus na terra e nos dá o meio seguro de nos unirmos à sua vida no céu. É no tabernáculo e na comunhão que melhor podemos desfrutar desta terceira presença divina, que é verdadeiramente única e singular.

Podemos ver como todos os dogmas que geram a vida cristã são resumidos nesta tripla presença divina?

Dê-me uma alma que, através do estudo e da reflexão, tornou estas verdades familiares a si mesma. Quando simplesmente se coloca na presença de Deus, muitas vezes há a quintessência de todas essas verdades de uma só vez na obscura intuição que tem do ser divino, graças à fé viva, graças especialmente aos dons do Espírito Santo, e seu coração se une a Deus em toda sua misteriosa realidade, prolongando o contato e assumindo-o o máximo possível.

Por mais simplificada que seja, esta oração é o florescimento de um rico fundo doutrinário que assimilamos. Em nós, como na Trindade que nos transforma em sua imagem, o amor procede da Palavra, *Verbum spirans amorem*.

### Inspirações IILitúrgicas

Se é bom acrescentar a oração mental ao culto público que rendemos a Deus participando da missa e dos outros ofícios que compõem a liturgia da Igreja, não é apropriado que os dois sejam tão distintos a ponto de serem opostos e excluídos. Pelo contrário, as duas orações devem se unir e se complementar.

O padre que recita voluntariamente seu breviário sem aplicar sua alma a Deus e aos pensamentos que as palavras expressam, satisfaz ao mais estrito grau o preceito eclesiástico. Ele empresta sua boca à Igreja que reza através dele, mas sua própria vida sobrenatural não se beneficia dela, por não ter sabido unir a oração vocal à oração mental. Esta é uma perda diária e, em última análise, incalculável.

Talvez ele se apresse através de seu breviário e depois vá a uma oração mental de sua escolha, acreditando erroneamente que lá ele encontrará apenas uma fonte de vida. Mas a oração mental que é isolada da liturgia corre o risco de perder muito de seu valor de vida. O tema e as fórmulas que a Igreja nos oferece, com toda garantia de ortodoxia e com tanta riqueza espiritual, são geralmente preferíveis ao que encontraríamos pessoalmente.

Fora do ciclo litúrgico, que assunto escolheríamos? Se naquele dia tivemos a oportunidade de fazer um estudo teológico, de ler algum livro que seja benéfico para nossa piedade, se eventos providenciais provocarem em nós reflexões salutares, é possível que um excelente assunto para meditação se apresente naturalmente à nossa mente. Mas normalmente seremos deixados à nossa própria sorte, ou algum manual regulará nossas meditações diárias. E ainda, no ciclo litúrgico, a Igreja Mãe apresenta à nossa contemplação as grandes verdades cristãs em perfeita ordem e traça para nós, através das estações, o caminho seguro de nossa renovação espiritual!

E então nossa piedade deve permanecer homogênea. Direções divergentes seriam prejudiciais à sua vitalidade. Agora, se há dias no decorrer do ano que não têm a marca de um caráter litúrgico bem definido e nos quais nossa alma retém uma certa liberdade de oração, na maioria das vezes esse caráter litúrgico é claramente marcado. Neste caso, para ser fiel à inspiração da Igreja, para participar de seus ofícios com a mente e o coração como devemos, e para celebrar os santos mistérios com dignidade, nosso primeiro dever é despertar em nós mesmos os pensamentos e os afetos correspondentes às leituras, às orações e aos atos que realizamos.

Além disso, na atmosfera desses dias litúrgicos, as cerimônias, a cor das vestes, a decoração, as canções, tudo favorece o florescimento de tais estados interiores. Mas como então podemos colocar em circulação em nossa alma um fluxo completamente diferente de reflexões e sentimentos? Ficaríamos divididos contra nós mesmos. Tal dualismo seria prejudicial à nossa vida de oração, bem como à nossa vida litúrgica. Ambos seriam anêmicos, a menos que um ou o outro fosse sacrificado. Veremos, por exemplo, as almas sacerdotais, que detêm acima de tudo a oração mental de sua escolha, cair na rotina e no formalismo no que diz respeito à liturgia. Para evitar este perigo, fixemos o ritmo de nossa vida de oração ao ritmo da Igreja. A liturgia é, nas palavras de Pio X, "a primeira e indispensável fonte do verdadeiro espírito cristão".

\*

\* \*

A Igreja preparou excelentes fórmulas para nós, assim como um tema de oração. A maioria das almas geme por sua incapacidade de falar com Deus como se fala com os entes queridos na Terra. Eles não sabem como improvisar os discursos que deveriam fazer a este interlocutor invisível e mudo. É para ajudá-los que os livros se multiplicaram tanto desde que a meia hora de meditação entrou nos costumes das almas devotas, apresentando-lhes fórmulas prontas, colóquios piedosos que eles só têm que se apropriar.

Mas houve uma vez, ainda existem dois livros oficiais de meditação na Igreja de Deus, o Breviário e o Missal. Nenhuma das duas supera a outra. O principal dos dois, o missal, é traduzido em todos os idiomas e colocado à disposição de todas as almas cristãs. Ela contém as expressões mais perfeitas que o Espírito Santo inspirou. A Igreja os escolheu com muito cuidado e os organizou harmoniosamente para despertar em nós algo das emoções salutares que tantos santos deles extraíram ao longo dos tempos. Isto sugerirá a nossas almas as atitudes de perfeita correção e os sentimentos de amor que Deus se compraz em encontrar em seus servos e filhos. Este é "o único método autenticamente instituído pela Igreja para assimilar nossas almas a Jesus".

\*

\* \*

Em termos práticos, é apropriado que nossa oração precede, acompanha e prolonga a oração litúrgica, quer isto inclua todas as horas metodicamente distribuídas ao longo do dia desde a Matina até a Missa, quer seja reduzida à Missa, que constitui sua parte essencial.

Antes de tudo, é preciso preparar-se com alguma leitura ou meditação para compreender a importância dos atos que se está prestes a realizar, para entrar no espírito da época ou da festa, para penetrar no significado das palavras e das cerimônias litúrgicas. Este é o momento para ler certos comentários que às vezes são necessários, para ver por si mesmo como as várias partes da Missa se iluminam umas às outras, para buscar a chave destes vários ensinamentos na Coleta que, além do mais, os aplica a nossas almas.

Durante o Ofício, durante a missa, provaremos, contemplaremos, teremos impulsos da alma para Deus, de acordo com a oportunidade que nos é dada à medida que avançamos pelas fórmulas e pelos gestos rituais. Não há nisto um grande sacramento pelo qual a Igreja provoca em nós as disposições que ela tem do Espírito de Jesus? Santo Agostinho nos falou das fervorosas preces que a liturgia inspirou nele. "Como chorei, meu Deus, sob a forte emoção de seus hinos e cânticos, voz melodiosa de sua Igreja! Estes sons fluiram em meus ouvidos, e através deles a verdade foi derramada em meu coração, e deram origem a sentimentos de ardente piedade, e lágrimas fluiram de meus olhos, e estas lágrimas foram uma doce alegria para mim[[83]](#footnote-84).

No passado, após cada salmo, as pessoas paravam por alguns momentos para dar rédea solta à meditação pessoal ou à oração secreta. O *Gloria Patri* e os antífons tomaram o lugar destes silêncios. Quando o padre cantava *Oremus*, era também para convidar a oração silenciosa. *Flectamus genua*", disse o diácono, e a congregação de prostrados rezou mentalmente. Em seguida, o padre pronunciou em voz alta uma breve fórmula que resumia e concluía as orações de todos. O *nariz do Pater* murmurado em silêncio, em um arco, no final das horas, ainda é um resquício dessas práticas antigas.

Que não se pense que a oração mental se tornou impossível hoje durante o Litúrgico. O raciocínio laborioso de certas meditações, sim, mas não aquelas intuições vivazes e oportunas, aqueles olhares afetuosos de fé, aqueles atos de amor e religião que constituem a melhor de nossas orações. Quando o Escritório é cantado por dois coros, cada um tem liberdade suficiente para se aplicar. Quando a Missa é cantada, a melodia e os silêncios, por sua vez, facilitam as efusões da alma. Quem não se comoveu com os insistentes apelos do *Kyrie*, as aclamações da *Glória* e do *Sanctus*, ao participar de uma missa conventual? E se o Escritório é recitado individualmente, se assistimos a uma missa baixa, quem nos impede de parar para saborear um pensamento e encher nossas almas com um sentimento de devoção?

Finalmente, após o Escritório, cujas diferentes horas marcam nosso dia e o santificam, especialmente após a Missa, nossa alma conservará certas impressões que alimentarão nossa contemplação. Os textos que são multiplicados no decorrer do Escritório, especialmente os da Missa, podem ser reduzidos a alguns pensamentos-chave que são frequentemente repetidos em várias formas e que são gravados em uma mente atenta. Um verso essencial talvez permaneça em nossa memória, e nós tomaremos consciência dele novamente de tempos em tempos, e ele saltará novamente em oração jaculatória. Dissemos como, no primeiro século de nossa Ordem, os frades gostavam de prolongar secretamente e livremente, através de ardentes colóquios com Deus, o ofício litúrgico no qual se acendia o fervor de sua caridade.

Louis de Granada, em seu tratamento da oração, nos aconselha a nos prepararmos para ela, recitando algumas orações vocais, e ele com razão observa que estas orações vocais são mais úteis quando são rítmicas. Podemos modulá-las em nossa imaginação e nossa alma saboreará melhor as coisas de Deus graças a este tipo de encantamento. Mas o que é isto, se não um remanescente ou uma imitação da bela liturgia, cuja influência benéfica sobre a vida de oração é mais uma vez sublinhada.

## Artigo III As diversas formas de oração dominicana

### As orações secretas

A oração mental é, pelo menos literalmente, sinônimo de oração secreta. E, de fato, a oração mental prescrita pelas Constituições dominicanas e recomendada pela Regra da Terceira Ordem poderia muito bem ser o que as orações secretas elogiadas na *Vida dos Irmãos* foram, e às quais Humbert de Romans tão fortemente recomendou que fossem aplicadas, orações no sentido preciso da palavra, ou seja, petições dirigidas a Deus e improvisadas com uma certa liberdade, mesmo que se tome como tema alguma fórmula conhecida.

O louvor a Deus, ao qual o Coral é especialmente dedicado", diz o Beato Humbert, "é sem dúvida um grande dever que continuaremos na eternidade, mas aqui embaixo devemos rezar, e é a isto que nos aplicamos principalmente nas orações secretas".

"No Escritório também pedimos graças, mas é mais para as necessidades de toda a Igreja Católica". Nas orações secretas, pensamos mais particularmente em nossas próprias necessidades.

"O canto coral não nos dá o tempo livre para nos deter no que nos move". Orações secretas nos dão a facilidade. Estamos mais à vontade para abrir nossas almas e dizer o que gostamos em um ambiente íntimo do que em meio a uma assembléia.

"Para o Escritório você precisa de livros, muitas vezes leves". Nada é necessário para a oração secreta. Sempre e em qualquer lugar pode-se aplicar a ele, seguindo o conselho do Mestre: *Oportet semper orare* *[[84]](#footnote-85)*.

A oração, diz São Tomás[[85]](#footnote-86), é um ato dessa razão prática pela qual organizamos nossa existência e colocamos ordem em tudo o que nos diz respeito. Nossa razão por si só não é suficiente para realizar esta ordem. É necessário recorrer a outras faculdades, outros seres. A ordem que damos então toma a forma de um comando real quando é dirigida àqueles que estão sujeitos a nós, mas é apenas uma oração quando falamos com pessoas que não têm nenhum comando a receber de nós. E este é de fato o caso de Deus, o Mestre Supremo.

Observemos a diferença entre a oração dirigida a um homem e a oração dirigida a Deus. Minha oração influencia o homem, dispondo-o a vir em meu auxílio, enquanto que diante de Deus, que é imutável, sou eu quem coloco por minha oração na disposição de receber seus benefícios. E é por isso que Deus queria que rezássemos a Ele.

A oração a Deus é um ato da virtude da religião, a mais elevada das virtudes morais, aquela que nos inclina a render nossos deveres ao nosso Criador, e especialmente nosso respeito e submissão. Tudo em nós deve estar diante de Deus em um estado de reverência e dependência. Mas com a oração, é o espírito, a parte mais nobre de nós mesmos, que O reconhece como o Mestre soberano e testemunha sua necessidade dEle.

Outras virtudes também estão envolvidas na oração, em primeiro lugar aquelas grandes virtudes teológicas, das quais toda a vida cristã em última instância procede. É a fé que nos faz conhecer Deus e seu poder misericordioso a quem nos dirigimos. A caridade regula nossos desejos e assim coloca nossas exigências em ordem. A esperança transforma estes simples desejos em esperanças confiantes de serem concedidos e assim nos leva a apresentar nosso pedido a Deus. A virtude da humildade, a virtude da penitência, são então acrescentadas à virtude da religião para fortalecer nossos sentimentos de respeito e submissão a Deus.

\*

\* \*

Como faço para liderar esta oração que quero improvisar?

Antes de mais nada, devo encontrar Deus para falar com Ele, devo me levantar para Ele e invocá-Lo, usando os títulos que se adequam ao meu propósito. Estes títulos são-me sugeridos pelas várias virtudes cristãs mencionadas anteriormente, e encontro belas expressões delas nas fórmulas que o próprio Nosso Senhor ou a Igreja, assistida por seu Espírito, ensinou ao povo cristão: as invocações das litanias, o início das orações litúrgicas, as primeiras palavras da oração dominical: Nosso Pai, que está no céu.

O exordium de um pedido bem formulado destina-se a captar a benevolência daquele a quem rezamos. A boa vontade de Deus é nossa. "Ele nos amou primeiro", diz São João. É em nossos corações que devemos despertar a confiança em sua intervenção. Fazemos isso considerando sua bondade e seu poder. Tu és bom, ó Pai, verdadeiro Pai de quem eu sou uma criança. Vocês são poderosos, vocês que estão no céu, presidindo a evolução do universo material e de todas as forças espirituais!

Este primeiro ponto de nossa oração secreta, que é a elevação de nosso espírito a Deus, é de importância decisiva para tudo o que se segue. É importante realizá-lo bem e, mais tarde, voltar a ele repetidamente, para renovar nosso contato com Deus. É aqui que as litanias são mais eficazes.

Só então exporemos nossos pedidos. Deixe-os estar em conformidade com os desejos que a caridade regula em nós. Na fórmula perfeita de oração que Nosso Senhor nos ensinou, os bens que podemos pedir são listados, por sua vez, na ordem correta. Primeiro, a glória que as criaturas devem dar a Deus: santificado seja seu nome! Então nossa abençoada participação nesta glória: venha a nós o Vosso reino! Após o fim, visto neste duplo aspecto, vem o caminho que conduz a ele, e que é o cumprimento da vontade divina: devemos abandonar-nos ao bom prazer da Providência por todas as circunstâncias em que ela nos coloca, e, nestas circunstâncias, fazer diariamente o que ela significa para nós por seus comandos e seus conselhos. Precisamos de comida para caminhar assim, pão para o corpo, pão para a alma: rezamos ao Pai celestial para nos dar diariamente. É assim que a alma pede a Deus por todos os bens de acordo com sua ordem de valor. Resta rezar a Deus para remover os males que se opõem a eles. O final da oração dominical é usado na mesma ordem. Em resumo, temos aqui o melhor guia para uma oração de petição. É fácil para nós, se quisermos, refiná-lo ainda mais de acordo com nossas necessidades pessoais.

Pelo contrário, podemos reduzir o pedido a uma simples súplica, apelando ao bom Deus para toda a nossa miséria, sem determinar nada. Tenha piedade de nós! Tenha piedade de nós! dizemos nas ladainhas. Da mesma forma, repetimos várias vezes sucessivamente: *Deus, no adjutorium meum intende*, como nas orações de *Pretiosa*. Isto foi o que fez Santa Catarina de Siena.

É até mesmo possível ir mais longe neste sentido e apenas insinuar nosso desejo, apenas exibindo nossa indigência sob o olhar divino. Tal era a delicada oração das irmãs de Lázaro: "Senhor, aquele que você ama está doente".

A estes pedidos mais ou menos expressamente formulados, que constituem a parte essencial da oração, outros tipos de atos podem ser incorporados muito naturalmente como partes integrantes, aqueles agradecimentos e adjeções que São Paulo também recomenda em sua primeira epístola a Timóteo.

O Dia de Ação de Graças, por nada inclina um benfeitor a continuar seus favores como agradecê-lo pelas bênçãos já concedidas. "Dirijo este pedido a Ti, Senhor, que pensaste em mim desde toda a eternidade, que me tiraste do nada e deste tua vida para me redimir, a Ti que ainda me dás esta e aquela graça à qual sou particularmente sensível...

Se, além disso, temos títulos a afirmar para sermos ouvidos, não nos esquecemos de confiar neles para que Deus intervenha. Nossa maior reivindicação, a única no final, é a redenção forjada por Nosso Senhor e toda a série de mistérios que formam seus atos sucessivos. "Através de sua Natividade, livrai-nos, Jesus! Por sua infância..., por seu trabalho..., por sua agonia e sua Paixão..., por sua cruz e pelo estado de abandono em que você estava..., livrai-nos, Jesus! Etc.".

Esta ação de graças, estas adendas às nossas orações decidirão que Deus nos conceda seus dons, ou melhor, porque sempre deve se resumir a isto, nos colocará no estado de espírito correto para que Deus nos conceda seus benefícios.

São Tomás observa que na maioria das orações litúrgicas as quatro partes mencionadas acima podem ser distinguidas. Ele dá como exemplo a Coleta da Trindade. "Deus Todo-Poderoso e eterno (esta é a elevação da alma a Deus), que na confissão da verdadeira fé deu a seus servos o reconhecimento da glória da Trindade e no poder de Sua Majestade de adorar a Unidade divina (esta é a ação de graças); rezamos para que, pela firmeza desta mesma fé, sejamos impedidos de toda adversidade (petição); através de Jesus Cristo nosso Senhor... (aditamento). Temos assim, se necessário, na coleta de cada festa, e especialmente nas belas coleções dos domingos, um tema de oração que é bastante apropriado.

Orações secretas assim entendidas, somadas à oração coral, têm a grande vantagem de nos ajudar a penetrar e saborear as peças mais significativas, as partes mais nutritivas do Ofício celebrado em comum e sobre as quais não temos o lazer de morar, este *Pater*, por exemplo, ou esta *Ave*, que se diz com uma inclinação profunda, mas rápida, no início e no final de cada hora canônica, e tal coleção, tão cheia, que teve que ser ouvida ou pronunciada com movimento ritual.

E esta é uma oração mental que é muito fácil e está ao alcance dos mais humildes de nossos terciários. O próprio Luís de Granada deu este conselho, embelezando-o com uma daquelas pitorescas comparações das quais ele tem o segredo: "Aqueles que, por falta de devoção, não podem conversar com Deus, farão bem em recorrer às sagradas sentenças e palavras que elevarão e guiarão seu espírito, e, como crianças aprisionadas em um pequeno carrinho que as impele a caminhar, encontrarão nestas fórmulas a espontaneidade que não encontrarão em si mesmos[[86]](#footnote-87).

### IILhe Sagradas Meditações

As santas meditações, das quais Humbert de Romanos falou como orações secretas, e que podem até, diz ele, ser incorporadas a elas[[87]](#footnote-88), são no entanto essencialmente diferentes. Pudemos ver isso quando vimos São Domingos se dedicar a ambos.

Aqui, em relação à oração mental, estão as diferenças mais notáveis. As santas meditações são mais rigorosamente *mentais* do que as orações secretas. Mas as orações secretas são mais *orações*, no sentido antigo da palavra[[88]](#footnote-89), sendo pedidos religiosos dirigidos a Deus. As santas meditações, por outro lado, são mais merecedoras do nome de *oraison*, se entendermos por isso, como fazemos hoje, uma elevação de nossa alma para Deus, a fim de contemplá-lo.

Embora fundamentalmente mentais, as orações de nossos primeiros irmãos eram às vezes expressas em palavras vivas que brotavam de seus corações e eram traduzidas em reverências, genuflexões e prostrações. Eles foram influenciados pelo Escritório Divino, que eles prolongaram. As santas meditações, feitas com ou sem um livro, são mais bem conduzidas em silêncio e são melhores encontradas na quietude. Eles são semelhantes ao estudo religioso.

Orações secretas são sobretudo pedidos dirigidos a Deus com todo o respeito e sujeição religiosa que uma alma que se sente pequena e necessitada na presença do Mestre Soberano pode colocar nelas. As meditações também podem ser um exercício da virtude da religião, mas de outra forma, que nos dispõe à oração, aplicando nossa mente para refletir sobre as perfeições de Deus e sobre nossa miséria pessoal, a fim de nos convencer a recorrer a Ele.

Eles também podem vir da virtude da prudência, que examina calmamente o que devemos fazer para levar bem nossas vidas. E é para uma meditação tão puramente moral que a oração mental das almas piedosas é muito frequentemente reduzida hoje em dia, na vida religiosa ou no mundo. As almas dominicanas, que não desconhecem este tipo de meditação, geralmente preferem a meditação contemplativa, na qual exercem sua virtude de fé, refletindo sobre a verdade divina para vir a contemplá-la com um olhar simples e pacífico de amor. Vimos como São Domingos subiu da meditação à contemplação.

Pediremos a São Tomás os princípios que devem reger essas diversas meditações. Comecemos por dizer algumas palavras sobre a mais humilde e moral meditação. Seguir-se-á a meditação religiosa, e depois a meditação contemplativa.

\*

\* \*

A própria meditação moral é útil para a vida contemplativa. Se consultarmos o tratado que São Tomás dedica a isto no final da segunda parte da Suma[[89]](#footnote-90), vemos que depois de um artigo inicial sobre o papel primordial do amor divino na contemplação de Deus, ele pergunta se as virtudes morais também não são necessárias para esta contemplação. Sim, ele diz, a fim de preparar a alma para isso: "São eles que dão a pureza e a paz necessárias". Sem eles, a alma, perturbada por suas paixões dentro de si mesma e pelas preocupações que vêm de fora, é incapaz de descansar no pensamento de Deus. E assim, ao mesmo tempo em que as virtudes morais aperfeiçoam a alma no nível da vida ativa, elas também permitem que ela vá à contemplação.

Que os diretores espirituais anotem bem isto", comenta Cajétan em seu Comentário, "e que eles tomem cuidado para que seus discípulos se exercitem primeiro na vida ativa antes de propor-lhes as alturas da contemplação". De fato, é preciso domesticar as paixões pelos hábitos de gentileza, paciência, etc., de liberalidade, humildade, etc., a fim de poder, uma vez apaziguado, elevar-se à vida contemplativa. Na ausência desta ascese preliminar, muitos que, em vez de caminharem, saltam para o caminho de Deus, encontram-se, após terem dedicado um longo tempo de suas vidas à contemplação, vazios de todas as virtudes, impacientes, irados, orgulhosos, se forem postos à prova. Tais pessoas não tiveram nem o ativo, nem o contemplativo, nem a vida mista, mas construíram sobre a areia. E que Deus conceda que este defeito possa ser raro[[90]](#footnote-91).

Há uma meditação que é uma parte natural desta preparação ascética, e que é a meditação moral.

Não se trata aqui de fazer considerações teóricas, nem de subir a altas contemplações. Devemos usar nossa razão prática e a virtude sobrenatural da prudência para examinar cuidadosamente "a coisa a ser feita, as razões para fazê-la, os meios de fazê-lo". Estas palavras, que vêm de São Tomás[[91]](#footnote-92), resumem este tipo de meditação, que é preferida por tantos escritores espirituais hoje em dia. Seu objetivo adequado é a resolução prática, muito particularizada, imediatamente realizável.

É para conseguir isso que meditamos, procurando adquirir antes de tudo uma firme convicção da necessidade indispensável de tal provisão sobrenatural e uma verdadeira persuasão da necessidade dela.

A fim de chegar a esta firme convicção, consideramos as razões que estabelecem a vantagem desta virtude e mostram a obrigação que temos de praticá-la.

A fim de convencer-nos da necessidade disso, refletimos seriamente sobre nossos sentimentos, nossas palavras e nossas ações. Esta reflexão, se bem conduzida, dará origem em nossas almas a lamentar pelo passado e, para o futuro, um ardente desejo de deixar este estado.

Estas fórmulas são bem conhecidas e excelentes. Seria bom seguir tal método durante certos retiros decisivos; ele poderia ser usado como base para um breve exame diário de uma virtude ou prática particular.

No entanto, uma questão se coloca aqui. Será que esta meditação merece o nome de oração? Pode-se perguntar. Este nome é apropriado na medida em que começa com a adoração de Deus ou de Jesus, o modelo e pregador da perfeição cristã, e na medida em que se recorre à oração para obter de Deus, através de Jesus Cristo Nosso Senhor, uma participação nesta perfeição. É nestes dois aspectos que ela difere dos esforços dos moralistas estóicos do passado ou de hoje. Em si mesma, porém, esta meditação não é uma oração. E não é apropriado sacrificar-lhe continuamente a maior parte do tempo reservado para a oração mental.

É preferível, portanto, anexar a utilidade de tal meditação para cada dia à meditação religiosa que será discutida.

### III Meditação religiosa

Há uma meditação religiosa à qual se pode dedicar o tempo da oração mental. St. Thomas o recomenda expressamente e formulou seus princípios[[92]](#footnote-93). É o trabalho da própria virtude da religião. Ela não nos expõe, como meditação moral prolongada e constantemente repetida, a estarmos muito ocupados conosco mesmos. Pois a virtude da religião tem esta peculiaridade, que faz com que sua excelência esteja acima das outras virtudes morais, que ela se dirige ao próprio Deus. Com ela, não estamos mais preocupados conosco mesmos, a não ser em nos voltarmos para Deus, em reverenciá-lo e submetê-lo a ele. Ele coloca tudo a seu serviço, nossos bens externos e os membros de nosso corpo, mas acima de tudo nosso interior, nossa razão e nossa vontade. Quando rezamos, como já dissemos, é nossa razão que presta homenagem ao Mestre Soberano. E é a nossa vontade, aquela que é mais profundamente pessoal dentro de nós, que se submete a Ele generosamente através do ato de devoção. Este é o ato religioso supremo que levará a todos os outros, e à própria oração, e à adoração corporal, e aos sacrifícios, tudo. A devoção pode comandar toda a vida. Não contente em realizar, em certos dias, em certas épocas, este ou aquele exercício religioso, transformar-se-á em homenagem a todos os atos de uma existência, mesmo os mais comuns. Este é o ideal perseguido por aqueles que são religiosos por profissão. Quer você coma ou beba, faça o que fizer", diz São Paulo, "faça tudo para a glória de Deus".

Quem estimulará esta devoção importantíssima? A principal causa da devoção, responde São Tomás, é Deus, que a dá a quem lhe agrada. Podemos ver de imediato que teremos que rezar. Mas São Tomás fala primeiro da meditação religiosa, que é necessária, diz ele, para que façamos o que depende de nós a fim de estimular nossa devoção e, finalmente, para que possamos melhor pedir a Deus e nos colocarmos em condições de recebê-la dele através da oração.

Nosso Doutor, em um trabalho anterior, já havia falado desta meditação como sendo o meio termo entre a leitura da Sagrada Escritura, onde ouvimos a palavra de Deus, e a oração, onde dirigimos a palavra a Deus. Deus nos fala. Mas para quantas almas sua intervenção é inexistente! Através da meditação, aplicamos nossas mentes e nossos corações a isto. Assim, bem estabelecidos na presença de Deus, podemos rezar melhor a Ele[[93]](#footnote-94). É compreensível que tal meditação deva naturalmente encontrar um lugar em orações secretas, para inspirá-los e aumentar seu fervor.

Em que consiste praticamente esta meditação religiosa? Consiste em fazer considerações úteis para nos convencermos da necessidade de recorrer a Deus e de nos colocarmos sob Sua dependência. Assim como os alimentos não funcionam até que tenham sofrido uma ação energética na boca e no estômago, também as grandes verdades cristãs não serão benéficas para nós até que tenham sido objeto de uma meditação que São Tomás chama de ruminação intelectual.

Dois tipos de reflexões são necessárias, uma sobre o próprio Deus, a outra sobre nós. Estes são os dois pontos, que são inseparáveis, aos quais esta meditação sempre retorna. Nosso Senhor deu o modelo a Santa Catarina de Siena quando lhe disse: "Você sabe, minha filha, quem você é e quem eu sou? Se você tiver este duplo conhecimento, ficará feliz. Você é o único que não é, eu sou o único que é.

Antes de mais nada, refletimos sobre a plenitude do ser e da bondade que é Deus, sobre todos os benefícios gerais e particulares com os quais Ele nos abençoou. Nenhuma dessas considerações sutis que podem ser apropriadas em um curso de alta teologia, mas apenas aquelas que são capazes de excitar a devoção. O pensamento das perfeições da natureza divina o excitaria mais em princípio. Mas nossa pobre mente humana precisa de algo sensato para começar, e portanto a humanidade de Nosso Senhor é o meio prático de nos elevar a um conhecimento comovente do ser divino. Vamos até ele, considerando-o como apareceu em um ou outro dos episódios do Evangelho, ou sob o aspecto que ele assume nesta ou naquela parábola. Ele será o pai do filho pródigo, o bom pastor, o semeador; ou o incomparável Mestre que recebe seus primeiros discípulos nas margens do Jordão e inicia sua educação que continuará por três anos; o grande diretor espiritual que conversa com a mulher samaritana no poço de Jacó e gradualmente levanta sua alma das preocupações terrenas para as mais nobres preocupações; o médico divino que acolhe e cura corpos e almas; o exemplo perfeito de todas as virtudes, tão religiosas, tão puras, humildes, gentis, pacientes, misericordiosos, totalmente devotados ao próximo.

Depois de ter pensado em Deus desta maneira, e sem esquecê-Lo, refletiremos então sobre todas as misérias que são nossas, sobre nosso ser extraído do nada e cair de novo nele por sua própria vontade, especialmente através do pecado, e sobre a necessidade que temos para nosso Criador e Salvador em tudo e para tudo. Ah, somos certamente incapazes de ser auto-suficientes!

Esta meditação sobre nossa miséria na presença da bondade divina termina em uma prostração de nós mesmos diante de Deus, em admiração e louvor de suas infinitas perfeições, e finalmente em oração pedindo-lhe que nos conceda seus dons de salvação. Uma oração que implora a verdadeira bondade, uma oração muito humilde, muito confiante, que insiste com perseverança, uma oração que normalmente será mais eficaz do que se não tivesse sido preparada por tal meditação religiosa. Podemos dizer, com M. Olier, que se trata de uma comunhão espiritual.

\*

\* \*

Então, é apenas uma questão de corresponder, de cooperar com a graça recebida. Sob a influência desta graça, formar-se-á uma boa proposta muito superior à resolução que se teria tomado ao final de uma meditação sobre a única virtude da prudência.

Em que consistirá? Terá como objeto uma prática específica? Será geral a princípio, estendendo-se a toda a vida para fazer homenagem a Deus, exceto que será aplicado depois, conforme a necessidade, para colocar nos detalhes a moralidade suficiente para torná-los dignos de serem apresentados ao Mestre divino. E é aqui que, sempre sob a influência da religião, entra em jogo o governo da prudência e a contribuição das diversas virtudes morais que estão envolvidas em cada caso.

A meditação matinal de uma alma ocupada com o trabalho da vida ativa colocará especial ênfase neste ponto, e fará as resoluções particulares que prevê como necessárias, e sobre as quais às vezes se examinará durante o dia.

A meditação religiosa, se precede os exercícios de adoração propriamente ditos, por exemplo, o ofício cantado no coro ou dito individualmente, nos ajudará a realizá-los de *maneira digna, esperando pela devoção*. Se, sobretudo, como acontece com freqüência, precede o ato religioso por excelência, o Santo Sacrifício da Missa, onde o próprio Cristo vem, em nosso meio e para nós, reconhecer, imolando-se, a soberania d'Aquele que é o único, despertará nossa alma, que corre o risco de se abandonar à rotina das fórmulas e gestos costumeiros, e, graças a ele, tomaremos mais consciência deste augusto mistério e nos associaremos plenamente a ele.

### IVMeditação contemplativa

Já recomendamos dois meios de ocupar a alma durante o tempo de oração: orações secretas e meditação religiosa. Há outros dois que merecem ainda mais o nome de oração mental, sendo melhores elevações de nossa alma para Deus.

Nesses como em outros, a caridade está na fonte. Anteriormente, ela deu o impulso à virtude da religião, que nos fez rezar ou meditar para servir a Deus. Mas agora nossa caridade se torna mais consciente de si mesma e nos adverte que somos servos a quem Deus fez seus amigos. Por isso, contentamo-nos em estimular nossa fé a olhar para o amigo divino a fim de amá-lo melhor. Esta é uma oração muito mais simples, e ao mesmo tempo mais elevada, que merece o nome de oração teológica, por causa das virtudes que são o foco principal da mesma. Se eu escolhi o nome de meditação contemplativa, é porque estas palavras têm a vantagem de marcar a transição entre meditação religiosa e contemplação mística. Além disso, este nome resume exatamente o artigo em que São Tomás dá os princípios deste exercício de vida contemplativa[[94]](#footnote-95).

Na oração da petição, na meditação religiosa, eu estava perseguindo um objetivo prático, estava engajado em um trabalho de vida ativa, estava fazendo algo. Eu estava tentando improvisar um pequeno discurso no qual eu formulava meus pedidos a Deus, estava pensando em me convencer a dedicar toda minha atividade a Deus e a tomar resoluções para este fim. Um trabalho digno, certamente. Mas se é hora de não fazer nada. Se é a hora do descanso sagrado... *"Vacate et videte*... Descanse, diz o Senhor, e olhe para mim. A hora da oração é um momento de escolha para a contemplação de Deus. Que a alma dominicana, filha de uma Ordem que é sobretudo contemplativa, se dedique a ela sem nenhum motivo ulterior. Tanto mais que ao exercer a caridade desta forma, toda a vida religiosa e moral será radicalmente melhorada.

Depois da aparição em que Nosso Senhor fez Santa Catarina de Siena entender o que ela era e o que ele é, houve outra em que ele lhe deu um novo ensinamento: "Minha filha, pensa em mim: se o fizeres, eu pensarei em ti incessantemente"... "A Santa me disse que o Senhor lhe ordenara que guardasse apenas a vontade que a levou até Ele, que excluísse de seu coração todas as outras preocupações, porque qualquer preocupação por si mesma, mesmo por sua salvação espiritual, poderia tê-la impedido de descansar continuamente na mente de Deus. O Mestre havia acrescentado: "E eu pensarei em você", como se ele tivesse dito abertamente: "Não se preocupe, minha filha, com a salvação de seu corpo e de sua alma, eu, que tenho conhecimento e poder, pensarei nela e a proverei com cuidado; aplique a si mesma somente para pensar em mim em suas meditações; nesta é a sua perfeição e seu objetivo final.

Não é mais a simples elevação de nossa alma a Deus, um pré-requisito para qualquer oração digna desse nome, mas uma aplicação de nossa mente a Deus, uma aplicação repetida e penetrante. Eu não me coloco simplesmente na presença de Deus para me convencer, considerando o que Ele é e o que eu sou, para me submeter a Ele, como na meditação religiosa. Eu não estou mais preocupado comigo mesmo, mas com ele sozinho. Olhar para ele é todo meu objetivo, olhar para ele porque eu o amo, e olhar para ele para amá-lo melhor.

Se penso nas criaturas, se observo as maravilhas do universo material, se minha mente procura elevar-se no mundo das idéias, se admiro os esplendores superiores encontrados nas almas santas da terra ou do céu, se tomo consciência do que a graça tem sido capaz de fazer em meu próprio coração, todas essas coisas são para mim apenas passos para elevar-me à causa divina que se manifesta em suas obras. O único objeto ao qual meu pensamento finalmente ascende é Deus, como Ele se mostrou a nós em e através de Jesus Cristo.

Então é Jesus Cristo quem eu considero, nosso Deus feito homem, Jesus vivendo uma vez na terra, Jesus vivendo agora no céu e vivificando sua Igreja composta por todos os seus membros que se estendem pelo mundo, - e é a Santíssima Trindade com as relações das três pessoas e as perfeições da única natureza, como Jesus me revelou.

Quando somos como os anjos no céu, esta contemplação simplesmente acontecerá, continuamente, na visão eterna face a face. Aqui na terra, não é a mesma coisa. Nossa mente deve se engajar em muita pesquisa, observar, refletir, fazer comparações e distinções, e finalmente raciocinar por mais ou menos tempo, a fim de chegar a uma contemplação obscura e curta. Todos esses esforços, que o estudo prévio ou a leitura bem escolhida, para não mencionar a oração, devem ter precedido e facilitado, se resumem na palavra meditação.

Mas, por meio da meditação, gradualmente conseguimos simplificar todos esses passos de nossa mente, a fim de nos elevarmos rapidamente ao olhar contemplativo. Portanto, não percamos agora nosso tempo com todas as considerações anteriores que foram úteis, mas que já não o são. Ao contrário, esforcemo-nos para repetir este olhar de amor, para prolongá-lo através de um colóquio filial no qual nossa alma expressará livremente a Deus seus sentimentos, os afetos que nascem de sua caridade. Por esta razão, muitos autores chamam esta oração de afetiva. Vamos até este ato supremo, que não mencionamos ao tratar das orações anteriores, pois ele não pode ser objeto de um desejo, nem conseqüentemente de um pedido. Consiste em regozijar-se de que Deus é perfeito e infinitamente feliz. Nossa amizade divina nos faz encontrar ali a mais pura felicidade.

Esta oração, em seus estágios iniciais, merece o nome de meditação em vez de contemplação, pois a reflexão requer muito esforço e tempo. Logo será mais uma contemplação do que uma meditação, quando bastará um pouco de lembrança para ver Deus em tal mistério com o qual nossa mente se tornou familiar.

Estes vivos olhares de fé, estimulados e aumentados pela caridade, podem ser repetidos muitas vezes durante a celebração dos santos mistérios, que São Tomás chama de "a principal obra da vida contemplativa[[95]](#footnote-96)". Todo o Ofício Litúrgico, com a Missa no centro, especialmente quando é cantada e cantada em coro, constitui o ambiente mais favorável para a oração que acabamos de descrever, e não é surpreendente que durante os primeiros séculos de nossa Ordem não se tenha sentido necessidade de reservar uma hora separada de oração para toda a comunidade.

Pelo contrário, eles gostavam de prolongar livremente o culto litúrgico com orações individuais. Foi a caridade reavivada pela celebração do Escritório que deu a nossos antigos Padres esta inspiração. Quem agora escolhe o momento após a Missa em que participou de todo o coração e recebeu a Sagrada Comunhão como um momento favorável para sua oração, e que toma como seu guia o *Adoro te* de São Tomás, estaria inteiramente em seu espírito.

Se o nosso Padre quisesse que a oração coral fosse abreviada em favor do estudo, se, nos conventos inteiramente dedicados ao estudo, apenas meia hora de oração mental é obrigatória, é porque o estudo, como as almas dominicanas devem praticar, é aplicado, sob o impulso da caridade, para conhecer cada vez mais a Deus. A partir daí, é uma excelente preparação para a meditação contemplativa e a substitui facilmente, pois leva facilmente àquelas intuições afetuosas que são seu objetivo.

Mas é especialmente à noite, quando o fim do dia evoca o fim da vida, quando o resto da noite anuncia o fim do céu, que é apropriado dedicar-se a esta meditação contemplativa mais ou menos simplificada que prepara, delineia e inaugura nossa ocupação eterna. Que seja nestes grandes pensamentos de eternidade que encontremos o sono. Nossa Ordem, especialmente em seus ramos contemplativos, sempre esteve mais apegada a esta oração noturna e a esta forma de realizá-la.

### Contemplação VMística

Pensar em Deus com amor, aplicar nossa mente e nosso coração a um ou outro dos mistérios de Jesus, deve ser uma preocupação diária para uma alma dominicana, e ela convergirá para este objetivo todos os meios que se apresentam: estudos teológicos, consultórios litúrgicos, leituras espirituais, meditações propriamente ditas.

Mas enquanto ela se esforça para fazer isso, uma coisa a surpreende dolorosamente, e esse é o pequeno resultado que ela consegue. Quão pobre e obscuro é o pensamento que nossa fé tenta fixar em Deus, e quão rapidamente nossa mente é distraída, atraída para objetos inferiores!

Não nos surpreendamos. Já é muito difícil passar do mundo dos sentidos para o mundo das idéias, e raros seres humanos encontram nessas alturas um ar respirável que lhes permite permanecer ali. Se alguém passa do conhecimento filosófico para verdades sobrenaturais, é normal que o esforço seja ainda maior e o sucesso mínimo. Mas um pouco de clareza sobre tais assuntos é melhor do que conhecer todas as notícias no jornal de hoje e ver todas as pessoas passando na rua.

Não desanimemos, continuemos a fazer um esforço, na esperança de que o Espírito Santo nos recompense concedendo-nos uma contemplação superior àquela que podemos adquirir.

Não é uma presunção conceber tais esperanças. O que podemos fazer através de nossos amigos", disse o filósofo grego que São Tomás cita a este respeito, "também podemos fazer através de nós mesmos de alguma forma". Agora Deus habita em nossa alma precisamente como um amigo. *Tu in nobis es, Domine...* Vós estais em nós, Senhor, a quem São Paulo dirigiu sua oração por todos os seus fiéis em Corinto, "pedindo que lhes dês um espírito de sabedoria e de revelação no perfeito conhecimento de ti mesmo, que ilumines os olhos de seus corações...".

Então há olhos no coração do cristão para ver Deus? Sim, além da fé que São Paulo compara mais à audição, *fides ex auditu*, a fé que se baseia na palavra ouvida da boca divina para nos dar a convicção da realidade do mundo invisível, *argumentum non apparentium*, há em nosso coração uma certa possibilidade de visão, graças aos dons intelectuais do Espírito Santo que nos são concedidos a partir do batismo.

Somente estas não são habilidades que podemos exercer à vontade, enquanto abrimos nossos olhos para o mundo sensível, ou enquanto aplicamos o esforço de nossa inteligência sobrenaturalisada pela virtude da fé. Depende de nós exercermos nossas virtudes sobrenaturais, assim como nossas faculdades naturais. A Grace coopera conosco, sem dúvida, mas a iniciativa nos pertence. Para os dons do Espírito Santo, especialmente aqueles que nos permitem contemplar a Deus, a iniciativa pertence ao próprio Espírito Santo. Sua intervenção depende de seu bom prazer.

No entanto, se ele depositou em nós órgãos que aguardam esta intervenção, não é da máxima propriedade que ele os utilize quando chegar o momento? E não chegou esse tempo, quando fizemos o nosso melhor, de acordo com a nossa maneira humana? Eis que colocamos todo o nosso cuidado em praticar as virtudes morais de modo a estarmos em condições de ir à contemplação com sucesso. Eis que nos treinamos o suficiente no esforço de meditação contemplativa. O Espírito Santo vem para prolongar nosso esforço e abrir os olhos de nosso coração para Deus, em um conhecimento de si mesmo que é como uma revelação íntima e pessoal.

\*

\* \*

Se não podemos merecer esta iluminação, a rigor, certamente merecemos a perfeição dos órgãos que a exigem e a acolhem em nós. Pois eles se desenvolvem e se adaptam cada vez mais à sua função, à medida que progredimos no estado de graça. E cabe a nós acrescentar ao nosso insuficiente mérito a eficácia da oração para apressar o advento da contemplação infundida em nós. São Tomás recomenda que aqueles que se dedicam à meditação contemplativa devem rezar para obter o espírito de sabedoria. Ele cita a palavra da Escritura: "Eu rezei, e o espírito de sabedoria veio a mim[[96]](#footnote-97)". São Paulo, como vimos, rezou a mesma oração por seus coríntios.

Oremos humildemente, com confiança e perseverança, enquanto continuamos, sem nos cansarmos, os esforços que dependem de nós. Pratiquemos as renúncias necessárias para que nosso espírito, governando todas as nossas paixões, floresça sem impedimentos. Deixe-nos saber como fazer pausas na vida excessivamente agitada de nosso próprio espírito, a fim de nos recolhermos e fixarmos nosso olhar em Deus em paz. E não tenhamos uma idéia excessiva de contemplação infusa. Ela começa pequena, e não é fácil traçar a linha entre a intuição que é gradualmente alcançada através da meditação bem conduzida e aquela que vem da iniciativa do Espírito Santo. Esta última pode crescer, mas não nos tira das sombras da fé; permanece sempre obscura e misteriosa, e é por isso que é chamada de mística.

Como a própria contemplação ativa, ela procede do amor de Deus. Mas a maneira mudou. Enquanto no passado, em uma resolução de amor, nós nos obrigávamos a pensar em Deus, agora em uma emoção de amor Deus se impõe sobre nossos pensamentos. O amor não é mais o fruto de nosso esforço; não o despertamos em nossos corações por um ato deliberado. Parece-nos recebê-la do nada, como se ela despertasse por si mesma em nós, como o tremor de uma fonte que brota das profundezas onde o Espírito Santo habita. Este amor infundido é o princípio da contemplação mística e constitui seu fundo permanente nas diferentes fases de sua evolução. Se sentimos, especialmente no início, que estamos ansiosamente nos aproximando de Deus que está escapulindo, ou se no final sentimos que estamos desfrutando de sua presença, sempre, pelo menos, em meio a este fervor de amor espontâneo, nos tornamos profundamente conscientes de que Deus é a grande realidade.

Nas coisas espirituais", observa São Tomás, referindo-se às palavras de um salmo: *"gustate et videte*", "um começa por degustar e depois vê". A iluminação emana assim, sob a influência do Espírito Santo, deste sabor de amor que é a base da sabedoria mística. Primeiro de tudo, a experiência assim provada completa nosso conhecimento especulativo sobre o mistério divino. Mas, além disso, alguns insights positivos podem ser obtidos sobre Deus e as verdades que Ele nos ensinou. Acima de tudo, teremos a intuição vívida de sua transcendência absoluta. Sim, de fato, ele supera tudo o que podemos pensar dele, sim, todas as pobres idéias que podemos formar sobre ele o deturpam, esse Deus vivo cuja atração onipotente nosso coração sente e que ele procura abraçar com toda a força de seu amor[[97]](#footnote-98).

### VILes oraisons jaculatoires

O divino Mestre disse que devemos rezar sempre, e São Paulo repetiu: Rezar sem cessar, *sine intermissione orate*.

Sem dúvida, é impossível fazer uma oração propriamente dita, que é absolutamente contínua. Se algumas pessoas privilegiadas podem elevar seus pensamentos e corações a Deus quase sem descanso, a maioria delas tem preocupações aqui embaixo que as preocupam e não lhes deixam a liberdade de espírito necessária para esta oração constante.

Pelo menos devemos sempre manter a disposição fundamental da oração, o estado de espírito do qual procede esta elevação espiritual chamada oração. Esta disposição fundamental, este estado de espírito, consiste no amor de Deus. Qualquer que seja nossa ocupação, o amor divino deve estar na raiz de nossa atividade. Podemos não pensar no bom Deus o tempo todo, mas é necessário que a influência da caridade persevere pelo menos virtualmente através de todas as nossas ações, para que elas mantenham a orientação recebida dela. Isto acontece enquanto não tivermos renunciado à intenção original que nos inspirou a agir por Deus. O homem que vai trabalhar para ganhar pão para sua família, mesmo que não pense no seu próprio, trabalha para eles e assim prova seu amor. Quando há uma pausa, ele naturalmente pensa neles e retorna ao seu trabalho com maior zelo. Da mesma forma, se for real, nosso amor por Deus florescerá de tempos em tempos em oração real. Esta oração, uma vez feita, terá o resultado de nos tornar mais dedicados ao serviço de Deus, e por este mesmo fato nosso trabalho, assim sobrenaturalizado, prolongará mais ou menos a oração. É correto dizer neste sentido: Aquele que trabalha reza.

Por este efeito que vem dele como pelo amor do qual ele mesmo procede, a oração dura sempre de uma certa maneira.

Isto é suficiente para cumprir o preceito do divino Mestre?

Não encontrando esta freqüência suficiente, os primeiros ascetas cristãos, os santos Padres do Deserto, deram orgulho das orações jaculatórias elogiadas por Santo Agostinho e Santo Tomás[[98]](#footnote-99)e que não podem ser muito estimadas.

Na bela carta sobre perfeição religiosa que o Reverendo Padre Ridolfi dirigiu à Congregação de St. Louis na França (1630), ele recomendou acrescentar às duas meias horas regulares de oração mental, freqüentes orações jaculatórias durante o dia e a noite. E neste ponto ele apelou novamente para a autoridade do Beato Humbert de Romanos[[99]](#footnote-100).

\*

\* \*

Em que consistem estas orações jaculatórias? Algumas palavras, ou apenas alguns pensamentos, que de repente partem de nosso coração e explodem, lançados como o dardo (*jaculum) de* outrora, para tocar o coração de Deus.

Estas orações são curtas, muito curtas, e portanto não é necessário ter tempo livre para fazê-las. Eles são tão curtos que não interrompem nem mesmo nosso trabalho comum. Eles ocorrem no meio de uma conversa e nossos interlocutores não se dão conta.

Se tivermos uma mente naturalmente distraída e inconstante, dificilmente poderemos nos aplicar a longas orações mentais, mas estas não serão onerosas. Só é preciso um momento, e o tédio não tem lugar nele. Um simples movimento do coração é suficiente, não é necessário nenhum esforço.

Nós realmente amamos a Deus? Está tudo aí. Se o fizermos, estas orações fluem da fonte. A boca fala da abundância do coração. Ao mesmo tempo em que expressam esse amor, nossas ejaculações o agitarão e manterão nossa vida cristã no caminho certo.

Uma palavra, sempre a mesma, pode compô-las, o nome de Deus, o de Jesus, o de Maria, palavras que são coloridas por sua vez pelos diversos sentimentos de nossa alma, que expressam, conforme o caso, nossa fé, nossa esperança, nosso amor, nossa devoção, nossa oração, nossa gratidão, nossa humildade, nossa contrição, etc. *Jesu, spes mea!"* suspirou a Beata Catarina de Racconigi muitas vezes enquanto trabalhava em sua profissão de tecelã. E Santa Catarina de Siena gostava de dizer estas palavras que terminam todas as suas cartas: Doce Jesus; Jesus ama!

Em outros momentos, será uma frase inteira formulada por nós ou emprestada de alguma fonte pura do espírito cristão. A Sagrada Escritura, especialmente os salmos, as orações litúrgicas, os santos, e especialmente os nossos próprios, nos fornecem muitos que podem nos familiarizar. Vimos como São Domingos variava suas orações jaculatórias de acordo com as diferentes atitudes que ele tomava em oração.

Por exemplo, quando nos levantamos, podemos dizer: "Eis que eu venho, ó Deus, para fazer tua vontade". À noite: "Em tuas mãos, Senhor, eu louvo minha alma. Em momentos de recolhimento religioso: "Eu te adoro, aqui presente, ó Deus oculto... Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo. Em meio ao nosso trabalho ou nas dificuldades de nossos deveres de Estado: "Eu sou seu servo e filho de sua serva". Nas horas de alegria: "Obrigado, meu Deus... O que devo lhe pagar por todas as coisas boas que recebi de você?

Quando nos sentimos fracos e tentados, gostamos de dizer, como Santa Catarina de Siena: "Meu Deus, vem em meu auxílio! Senhor, apresse-se em meu auxílio! Depois de uma falha, esta outra palavra que lhe era familiar: "Eu pequei, Senhor, tem piedade de mim". Ou, com David, "Tenha piedade de mim, meu Deus, de acordo com sua grande misericórdia. Pai Eterno", disse uma humilde freira de nosso tempo, "Eu vos ofereço as feridas de Nosso Senhor Jesus Cristo para curar as de nossas almas".

É preciso citar outros exemplos? Aqui estão os gritos de esperança e amor inspirados pelo Espírito Santo e cheios do fervor dos incontáveis cristãos que os repetiram: "Senhor, Vós sabeis que eu Vos amo... Estar unido a Deus é felicidade para mim... Senhor Jesus, não me permita jamais ser separado de Ti. Você vai me encher de alegria ao ver seu rosto. Vinde, Senhor Jesus, vinde".

Invocamos também a Santíssima Virgem: "Mostre que você é nossa Mãe". Vamos sussurrar-lhe as palavras carinhosas da *Salve Regina: Mater misericordiæ, vita, dulcedo, et spes nostra!* Todas estas palavras são geralmente mais deliciosas no latim conciso, para aqueles que conhecem a linguagem litúrgica.

Que cada um siga a inspiração do Espírito e a inclinação de sua alma. Sinto no fundo da minha alma", disse Madre Françoise des Séraphins, "um certo instinto que me faz elevar para Deus e tender para Ele com muita freqüência, e carrego esta disposição por estado[[100]](#footnote-101)".

Os tempos, os lugares, o que vemos, o que ouvimos, tudo pode nos proporcionar uma oportunidade de elevar nossos corações a Deus. O importante é que nestas orações jaculatórias são expressas as grandes virtudes que estão em nós através da graça divina e que nos ligam às pessoas sagradas das quais depende nossa salvação: a Santíssima Trindade que nos comunica sua vida, o Filho de Deus encarnado por nós e que nos incorpora a Ele para nos conduzir a seu Pai, a Virgem Maria que é nossa verdadeira Mãe na graça divina e São Domingos, o pai de nossa vida religiosa.

Um dos pais mais famosos do deserto, São Macário o Ancião, um dia aprendeu por revelação que após muitos anos da vida mais austera, ele ainda não era tão perfeito quanto duas mulheres casadas que viviam em uma cidade próxima. Ele partiu imediatamente para visitá-los. E encontrou duas pessoas, humildemente ocupadas com suas casas, que, no meio de seu trabalho, frequentemente se voltavam para Deus com orações jaculatórias. Macarius, que já gostava desta prática, dedicou-se a ela com ainda mais cuidado. Ele costumava repetir com freqüência na sinceridade de seu coração: "Senhor, tende piedade de mim como sabeis e quereis: *Domine, sicut scis et vis, miserere mei*.

Aqueles que se engajam neste exercício", diz Louis de Granada[[101]](#footnote-102), "já foram pela metade quando chega a hora da oração, e se lembram sem dificuldade". Como é que na oração alguns estão imediatamente cheios de ardor, enquanto outros têm todas as dificuldades imagináveis para estabelecer a paz dentro de si mesmos? A causa é comumente que os primeiros mantêm o calor da devoção por meio de orações curtas, enquanto que os segundos esfriam no esquecimento de Deus. Assim como se tem o cuidado de não deixar esfriar um forno usado para cozer pão, devido à dificuldade de levá-lo à temperatura necessária no momento do trabalho, assim as almas fervorosas farão bem em manter o ardor da devoção se quiserem evitar a tarefa de acendê-lo cada vez que entrarem em oração.

Finalmente, eu acrescentaria que a meia hora de nossa oração mental poderia muito bem ser uma série de orações jaculatórias mais intensas... Faça uma pequena coleção a seu gosto e experimente-a. Massoulié já deu este conselho[[102]](#footnote-103). Não tenha medo de repetir por muito tempo o pensamento que é benéfico para você. O próprio Jesus nos deu este exemplo em sua oração no Jardim das Oliveiras: *o sermão de Eumdem ditava,* ele repetia a mesma palavra.

### VIThe Holy Rosary, um método de oração

Há uma prática que é cara a toda alma dominicana e na qual o melhor do que acabamos de descobrir nas orações secretas, com seu acompanhamento verbal e corporal, nas meditações sagradas em suas diversas formas, mas sobretudo na forma contemplativa, e nas próprias orações jaculatórias, tem sido gradualmente resumido e fixado. Este é o Rosário.

Seria fácil vê-la como uma oração puramente vocal e mecânica. No entanto, as Constituições dominicanas não hesitam em afirmar que o Terço dito em comum pode ocupar pelo menos parte do tempo que a comunidade deveria dedicar à oração mental. De fato, se devidamente compreendido, o Rosário é um método perfeito de oração.

Pensamos que este Romeu de Lívia, a quem nosso Pai São Domingos treinou para a vida religiosa, não fez uma bela oração, e de quem Bernard Gui nos diz que "nele ardia o fervor da devoção para com a Virgem Mãe de Deus e Jesus, fruto de seu ventre"? Ele usou uma corda atada para contar todas as Ave Marias que recitava todos os dias enquanto "ruminava" em sua alma sobre os mistérios cristãos. Ele morreu em 1261, "agarrando firmemente seu instrumento de oração em suas mãos e inculcando nos irmãos esta devoção à Virgem e ao Menino Jesus".

"Em todos os seus sermões ele falou disso, seja no início, no meio, no fim, ou mesmo durante todo o discurso. Se a Virgem disse a São Domingos e sua Ordem: "Ide e pregai meu Terço", o Beato Romeu de Lívia é um dos primeiros conhecidos por nós a ter recomendado e praticado esta devoção de uma forma muito próxima da forma atual. Hoje, homens e mulheres dominicanos usam contas de madeira dura nas laterais, ligadas por uma corda ou uma pequena corrente de ferro, que substitui a corda nodosa do Beato Romeu. E através da Confraria do Rosário, nossa Ordem se esforça para iniciar todos os fiéis piedosos na vida de oração.

\*

\* \*

Tomamos na mão estas contas do Terço abençoadas pela Igreja, este instrumento de devoção a Nosso Senhor e a Sua Mãe. Mesmo se estamos tão cansados que não podemos fazer mais, este gesto religioso já é uma atitude significativa e significativa diante de Deus. Quando o venerado Pe. Cormier se permitiu ser fotografado, ele tomou seu Terço entre os dedos para ser representado nesta postura piedosa.

Mas este instrumento, feito para a oração, provoca à oração aquele que a segura em sua mão. Estas contas, que a bênção da Igreja encheu de graças, estimulam nossa alma. Eles escapam por nossos dedos e nós recitamos um *Pai-Nosso* e dez *Ave-Marias*, depois outro *Pai-Nosso* e mais dez *Ave-Marias.*.. O Rosário contém tantas *Aves* quantos os salmos para louvar a Deus no Ofício Canônico. Com estes grãos, é fácil calcular nossas saudações à Virgem e ter certeza de que temos todo o número necessário.

Esta é uma daquelas orações que o Senhor condenou no Evangelho como tagarelice inútil! De forma alguma. Longos discursos, nos quais você expõe suas necessidades espirituais e materiais ao Pai celestial que sabe tudo, podem facilmente se tornar tal tagarelice. Mas este não é o Rosário. Estas pequenas saudações que se repetem não exigem um esforço absorvente de nossa parte. Tal ocupação nos deixa livres para elevar nossas almas a Deus, de forma bastante religiosa.

Ele até nos ajuda nesta elevação. Primeiramente, ao estabelecer automaticamente uma barreira sensível entre nossa alma e o mundo exterior, ela encoraja o recolhimento, que é a condição de toda oração verdadeira. Em segundo lugar, pela orientação que nos sugere constantemente para a Virgem Maria e o fruto divino de seu ventre, ela nos atrai e finalmente nos estabelece em sua presença.

Podemos imaginá-los em seus vários estados: vivendo na terra em Nazaré, em Belém, em Jerusalém, - sofrendo a grande dor da Paixão e da Compaixão, - gloriosos finalmente após a Ressurreição, a Ascensão, a Assunção. O Terço nos pede para contemplá-los, por sua vez, nos mistérios que um dia viveram e cuja graça eles agora desejam nos comunicar. Toda a obra de salvação está aí: na redenção que eles trouxeram para toda a humanidade através desta série de mistérios, e na comunicação a cada um de nós da própria graça destes mistérios. Quem os revive em sua mente e cujo coração vibra alternadamente com alegria, tristeza e esperança ao considerar os mistérios alegres, dolorosos e gloriosos pelos quais Jesus e Maria passaram e pelos quais nos conduzem, não está em melhores condições para receber a graça da salvação? As sucessivas festas do ano litúrgico não têm outro objetivo senão o de nos estabelecer nestas condições favoráveis. Com o Terço, é todo o ano litúrgico que resumimos cada semana se cumprimos o mínimo exigido dos confrades do Terço, e cada dia se quisermos ser um terciário dominicano fervoroso.

Nos falta tempo? Lembre-se que, de acordo com a Regra, o Rosário pode servir como um escritório canônico. Portanto, devemos realizar o Escritório e a oração mental ao mesmo tempo. Tendo a faculdade de separar as dezenas, como é fácil para nós encontrar, no decorrer do dia, durante as idas e vindas, durante os momentos de descanso, dois minutos por uma dúzia! Pela manhã e especialmente à noite, que é um momento privilegiado para a oração mental, encontraremos uma maneira de dedicar mais de dois minutos a este exercício e de torná-lo mais frutífero.

A última vez que a Escritura fala da Santíssima Virgem é nos seguintes termos. Depois da Ascensão de Jesus ao céu, "todos os seus discípulos, num só espírito, perseveraram em oração, junto com algumas mulheres e Maria, a Mãe de Jesus". A prática do Rosário já estava tomando forma. A Virgem Maria está lá, que foi a única testemunha em alguns momentos e, de qualquer forma, a melhor testemunha dos grandes mistérios de Jesus dos quais ela participou. Sua simples presença, quando não é a sua história, lembra tudo o que aconteceu, tudo o que ela viveu. E, reunidos em torno dela, os discípulos rezam, pensando sobre isso e desejando a coroação destes mistérios. Na verdade, este não é já o Rosário em sua essência? E que bela oração! Rezemos como uma família, como fez a pequena Igreja primitiva, e como fazem os religiosos e religiosas em nossos conventos dominicanos todas as noites.

Minha filha", disse um dia Nossa Senhora a uma criança que se tornou a venerável Agatha Dominicana da Cruz (1546-1621), "recita o Rosário... Quando fizer esta oração, medite cuidadosamente sobre os mistérios da Vida, Paixão, Morte e Ressurreição de meu Filho. A partir daquele momento, Agatha se dedicou a recitar o Rosário, mas com tal gosto e luz que, tendo começado o *nariz do Pater*, passou dois ou três dias dizendo apenas estas duas palavras. Sua mente e coração estavam nadando na luz e alegria de uma deliciosa contemplação.

Ela tinha alcançado perfeitamente a contemplação para a qual o Rosário eleva a alma e podia parar de recitá-la, bem como de meditá-la. Mas este é um caso excepcional. O Rosário é, para a maioria das almas, mesmo as mais avançadas - e era para ela normalmente - um meio de entrar em contemplação e de se manter ali.

Outra terciária dominicana do século XVII, Marie Paret, escreveu em uma carta: "Depois de meu Terço, quase nunca recito orações vocais; sinto-me bastante atraída a viver na presença de Deus[[103]](#footnote-104). Outras orações vocais muitas vezes se tornam um obstáculo a esta simples oração de recolhimento em Deus. O Rosário não impede, ao contrário, normalmente encoraja esta recordação.

Para as almas místicas, especialmente se elas são de natureza expansiva, como nosso Bem-aventurado Padre São Domingos, o Rosário também será uma expressão daqueles sentimentos intensos que, às vezes, transbordam da alma. Em tal e tal passagem do *Pai Nosso*, da *Ave*, da *Glória*, em nomes de Maria e de Jesus piedosamente pronunciados, o transbordamento de sua emoção será derramado.

Se, por outro lado, minha alma se encontra num estado de secura, incapaz de meditar sobre o mistério, incapaz de contemplar a cena evangélica, pelo menos recairá sobre essas *Ave Marias* e se refugiará nelas em vez de se deixar levar pelo vento das distrações. Ela imitará os aviadores. O que foi a pista terrestre, da qual ela saiu para subir às alturas, se tornará, se necessário, seu local de pouso e seu abrigo.

Aqueles que empreenderam a oração mental em outra das formas que explicamos, e que em certos dias gemem por não conseguirem, bem, naqueles momentos também, deixem-nos tomar seu Terço. É melhor recitar *a Ave-Maria* enquanto reza o terço em atitude religiosa do que dizer ou não fazer nada pelo bom Deus.

Às vezes não estou nem mesmo em condições de tentar outra coisa. Demasiados deveres e ocupações me pressionam para poder juntar meus pensamentos e me recolher. Ou sou obcecado por uma única idéia, uma tentação incômoda de prazer ou raiva, ciúme ou vingança, descrença ou desespero. Mais frequentemente, estou simplesmente cansado, exausto no final de um dia de trabalho, sofrendo no meu leito de doença, incapaz de pensar. Em todas essas circunstâncias, o Rosário ainda é a melhor maneira de acalmar um pouco minha alma na presença de Deus.

Portanto, abençoemos todos e sempre a Santíssima Virgem, que deu a São Domingos e sua Ordem este incomparável método de oração.

## Artigo IV Rumo à perfeita contemplação

Somos todos contemplativos por vocação. Os melhores dotados, os mais privilegiados, nunca conseguem mais que uma contemplação imperfeita aqui na terra. Mas todos nós, sem exceção, Deus nos chama à contemplação perfeita, que é vê-lo face a face e desfrutar de seu amor pela eternidade. Almas livres e pacíficas, que têm o lazer e o gosto de se lembrar em pensamentos elevados ou na doçura do puro afeto, rejubilam ao pensar neste belo destino: ver de uma vez tudo que é verdade e saborear ao máximo a amizade divina.

E vocês, pessoas inquietas, sempre ocupadas, preocupadas com mil coisas, lançadas em preocupações e trabalhos por necessidade talvez até mais do que por atração, pensem no descanso eterno que os espera. Não será a ausência de atividade, mas uma atividade nobre, ordeira e beatificante. A mais excelente de suas faculdades, a inteligência, no mais excelente de seus atos, pura intuição, será fixada no mais excelente dos objetos, o próprio Deus revelou finalmente, e a perfeita felicidade se seguirá, na qual todas as outras faculdades, cada uma em seu próprio direito, encontrarão sua parte de felicidade. Ali descansaremos e veremos", diz Santo Agostinho, "veremos e amaremos, amaremos e louvaremos"... Veremos Deus sem fim, o amaremos sem cansaço, o louvaremos sem cansaço. Este será o escritório, o gosto, o exercício de todos.

Este, então, é nosso fim comum. Quem quer que sejamos, devemos dizer com o salmista: "Eu pedi uma coisa ao Senhor, que é morar na casa do Senhor todos os dias da minha vida para ver as delícias do Senhor".

Mas este fim só será alcançado no céu, de acordo com os méritos obtidos na terra. Se se pode dizer que inauguramos aqui embaixo no estado de graça nosso estado de glória eterna, ele não está no mesmo nível. Temos de fato títulos de posse divina hoje, mas não vamos, a rigor, provar os primeiros frutos desta posse beatificante. O que são esses títulos e o que os torna valiosos? Qual é a fonte de nossos méritos? É a caridade, esse amor que comanda e direciona para Deus toda a atividade de nossa alma. Se alguém me ama", disse Jesus, "meu Pai o amará, e eu mesmo o amarei e me manifestarei a ele". Veremos Deus no céu na medida em que o amamos no momento de nossa morte. É a caridade então estabelecida em nossa alma que regulará a proporção de nossa eterna contemplação.

A caridade mostra sua força através das obras que produz, e estas obras em si aumentam sua força. Daí a importância destes trabalhos, seja para nos ensinar onde estamos em relação ao nosso fim final, seja para nos aproximar progressivamente dele. Tudo nos convida a exercer nossa caridade.

Há duas maneiras principais de fazer isso, dependendo se buscamos em nós mesmos esse Deus que é objeto de nosso amor ou se o descobrimos em nosso próximo. Em si mesmo, onde nada lhe falta, só precisamos contemplá-lo com complacência. O que mais podemos fazer? É suficiente para nosso amor que nosso amigo divino seja perfeito e infinitamente feliz, e temos prazer em pensar sobre isso por muito tempo. Mas, em nosso vizinho, ele apela para nossa caridade. Ali, de fato, Deus é como um intrometido e nosso dever mais ou menos urgente é nos dedicarmos a seu serviço. A caridade também nos exorta a fazer tudo o que for possível para este fim.

E aqui estão duas vidas muito diferentes: a vida contemplativa e seu santo lazer, *o otium sanctum*, diz Santo Agostinho, e a vida ativa e seu justo trabalho, *negotium justum justum*. Duas vidas entre as quais os cristãos estão divididos de acordo com seus gostos e sua vocação. Na própria Ordem de São Domingos, muitos ramos crescem e florescem, alguns deles contemplativos e outros ativos.

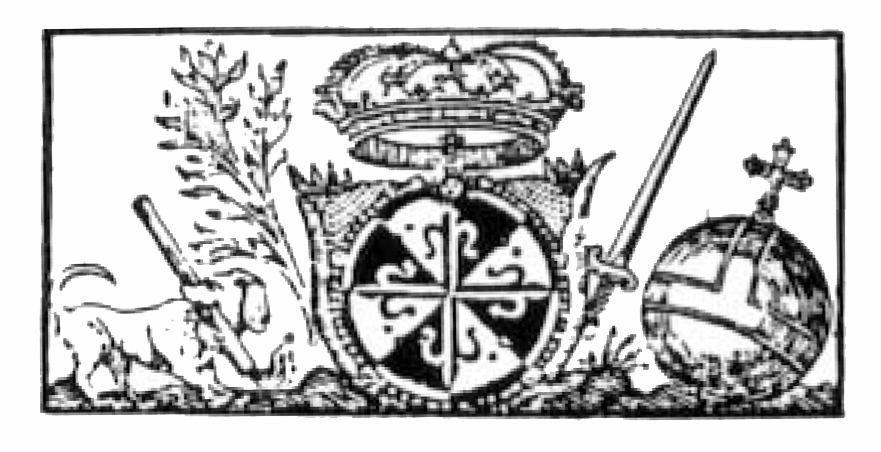
Note-se que em todos os casos a mesma virtude da caridade intervém. É esta virtude que atua e se manifesta nestas obras, que são tão diversas na aparência, e que cresce através de uma ou outra delas. É a tal ponto que, seguindo um ou outro caminho, podemos chegar à perfeição cristã, que é apenas a perfeição da caridade. Digo, além disso, que a união mística da qual falamos em conexão com a contemplação infundida e que é seu elemento fundamental, pode ser alcançada de qualquer maneira. O perfeito da vida ativa, assim como os da vida contemplativa experimentarão o sentido vivo da realidade de Deus naquele impulso interior que atrai a alma para ele ou até mesmo dá a alguém o gosto de sua presença. Se há uma antecipação da contemplação eterna, ela está lá, e somente lá.

Mas só podemos esperar conseguir isso se nossas obras forem genuinamente frutos da caridade. Afirmamos levar uma vida contemplativa. Invocamos complacentemente tal artigo de São Tomás no qual é explicado que "se tomamos as coisas em si mesmas, há mais mérito em amar a Deus do que em amar o próximo". Portanto, o que está mais diretamente relacionado com o amor de Deus é, por sua própria natureza, mais meritório do que o que está diretamente relacionado com o amor do próximo por Deus. Agora a vida contemplativa pertence direta e imediatamente ao amor de Deus[[104]](#footnote-105).

Muito verdade, mas é realmente, é sempre o amor de Deus que o anima? E se a preguiça estivesse envolvida, e se houvesse muito egoísmo de sua parte, uma busca de tranqüilidade para a qual você tenha um gosto temperamental, curiosidade intelectual que o faça encontrar prazer em certas leituras ou estudos, moda e esnobismo? Não é impossível. Duvido que o amor de Deus seja o grande motivo de sua vida, se você não se preocupa com seu próximo e suas misérias, se lhe falta benevolência e devoção para com aqueles que o cercam em sua pacífica casa, se você não faz penitência e reza pelos pobres pecadores que estão no mundo. Pois a verdadeira caridade envolve essencialmente esta dupla corrente de amor, e se uma faltar notoriamente, a outra é apenas aparente. São João não hesita em afirmar isto repetidamente em sua primeira epístola: "Se alguém diz: 'Eu amo a Deus' e odeia seu irmão, ele é um mentiroso. Como pode alguém que não ama seu irmão a quem ele vê amar a Deus a quem ele não vê? E dele recebemos este mandamento: Aquele que ama a Deus, que ame também seu irmão[[105]](#footnote-106).

A pessoa que passa seu tempo no trabalho da vida ativa não está sujeita a cautela? Sim, seu gosto natural ou as necessidades da vida podem explicar suficientemente suas idas e vindas, o trabalho que ele tem em tal e tal assunto, sua devoção a tal e tal pessoa. Pode-se estar queimando com febre à noite depois de um dia de trabalho, pode-se distribuir todos os bens em esmolas, sem que haja uma verdadeira caridade, diz São Paulo[[106]](#footnote-107). E então não tem nenhuma utilidade para a vida eterna. Só existe caridade se o trabalho for feito para Deus. Você às vezes sente a necessidade e o desejo de pensar em Deus, e você o faz na medida do possível? Sim, então eu posso acreditar que você está se gastando por amor a ele. Este desejo revela a caridade que o anima. Além disso, sem uma certa atenção dada intermitentemente a Deus, como poderia a intenção de agir por Ele presidir toda a sua atividade? Impõe-se, portanto, um mínimo de vida contemplativa a todo homem. É um mandamento geral que a mente deve estar disponível às vezes para pensar em Deus. *Vacate et videte quoniam ego sum Deus.*

Uma alma dominicana deve estar especialmente preocupada com isso, mesmo que seja apenas um membro da Terceira Ordem e presa dos cuidados da vida secular. Deixe-a usar todo o lazer possível para elevar sua mente e seu coração a Deus. Pode acontecer", diz São Tomás, "que uma pessoa adquira maiores méritos nas obras da vida ativa do que outra pessoa adquira nas obras da vida contemplativa". Se, por exemplo, acontece que, por uma superabundância de amor divino e com o objetivo de realizar a vontade de Deus para sua glória, às vezes ele suporta ser privado por um tempo da doçura da contemplação divina[[107]](#footnote-108). Portanto, ela merece por toda a eternidade uma contemplação mais perfeita.



# Capítulo V Toda a vida na verdade

## Artigo I A verdade da vida

Não basta estudar a verdade e fazer dela o objeto de nossas meditações, se a contemplamos como uma mera diletante, sem "regular nossa vida de acordo com o que sabemos". Devemos "fazer a verdade na caridade", escreve São Paulo, devemos "andar na verdade", de acordo com uma palavra que São João gosta de repetir. Parece-me que ouço São Domingos emprestando suas palavras para nos declarar: "Não tenho maior alegria do que aprender que meus filhos estão andando na verdade[[108]](#footnote-109)". Nosso Pai nos deu um exemplo admirável desta conduta ao longo de sua vida. Mas antes de vermos isso juntos, gostaria que ouvíssemos São Tomás nos explicar qual é a verdade da vida.

### O grande papel da virtude da prudência

Uma alma dominicana tem um dever ainda maior de evitar mentiras e dissimulações. O que poderia ser mais ilógico e inadmissível quando o lema de uma pessoa é *Veritas* e se afirma ser o Patriarca Dominic, "onde nunca apareceu", disse Jordan da Saxônia, "uma sombra de falsidade ou disfarce"? Simplicidade, retidão, lealdade, franqueza, sinceridade - estas são as palavras que irão caracterizar nossa conduta. Em uma alma dominicana, isto deve fluir como se viesse da fonte. Devemos antes ter cuidado para que a humildade e a caridade temperem o que facilmente seria excessivo nestas tendências. A sinceridade deve se proteger contra exibições vãs de si mesmo. A franqueza evitará a degeneração em rudeza que fere os outros.

Antoine Chesnois († 1685) escreveu a um de seus penitentes: "Diga o que é verdade de forma gentil, diga sem calor, sem culpar ninguém, e renuncie ao amor-próprio. Deixe as pessoas de lado, até mesmo as suas, até as minhas. Devemos defender gentilmente a verdade, pela qual Jesus Cristo morreu, e isto pelo amor de Deus que a preza e pelo amor de nosso próximo a quem é útil".

Se a veracidade é uma dívida moral para com os outros, ela é também, e sobretudo, um dever de fidelidade a si mesmo. Somos dotados de razão, ou seja, ordenados à verdade por nossa própria natureza; devemos a nós mesmos agir em conformidade, ou seja, ser verdadeiros. Agora, esta fidelidade à razão não se impõe apenas em nossas relações com os outros, quando falamos com eles, quando tomamos uma atitude significativa diante deles. É sempre e em todos os lugares que nossa vida deve ter sua marca. Através de nossa razão, cujo escopo é aumentado pela fé, estamos em condições de conhecer os princípios reguladores da vida, e somos assim obrigados a conformar toda nossa conduta a eles. Com esta condição, viveremos de pé. Com esta condição, caminharemos na verdade.

Não estou levando meus leitores por um caminho que é exatamente o oposto daquele que eu os estava levando para baixo? No início deste livro, foi dito que toda perfeição consiste em caridade. Ouvimos São Paulo reduzir todas as virtudes cristãs a esta virtude primordial: elas lhe parecem apenas como manifestações divinas de caridade em uma alma. Será que o amor de Deus não possui um instinto que descobre o que é certo e se afasta do que é errado? *Ama et fac quod vis!* Amem e façam o que quiserem!

Sim, a caridade é o ponto de partida de tudo na conduta cristã, é a fonte fundamental que nada pode substituir. Mas, com São Tomás, temos de sustentar firmemente que isso não é suficiente. Não podemos nos abandonar apenas às inspirações gerais do amor de Deus.

E, antes de tudo, é certo que tal inspiração é o efeito da caridade? Cabe a nós distinguir entre as inspirações autênticas do amor divino e os instintos naturais, que são apenas uma falsificação. Quantas vezes as paixões humanas se misturam com inspirações divinas e até assumem a aparência delas a fim de superá-las! Um dia, alguém virá, e, como o precursor anunciou, ele terá a van na mão para retirar o grão do joio. Mas o Juiz divino nos deu razão para exercermos este julgamento sobre nós mesmos.

Nossa razão é, graças a ela, colocar em posição, pela virtude sobrenatural da prudência, de fazer o discernimento necessário e, além disso, porque é seu papel mais importante, de organizar e dirigir todas as forças que Deus nos deu para o bem. Esta é a nossa faculdade governante. Está imbuído das intenções que o amor divino lhe comunica. Ela se coloca do ponto de vista do próprio Deus, a quem deseja agradar em tudo. Ela tenta sempre se manter naquelas alturas onde a falsa prudência, a prudência da carne, a prudência do mundo e a prudência natural não se elevam. E então, regulamentada desta forma pela caridade, nossa prudência sobrenatural trabalha incessantemente por suas ordens para conformar toda nossa conduta com ela. É por meio desta prudência que as boas intenções do amor divino se tornam realizações nos detalhes da vida. *Veritatem facientes in caritatem.* Na caridade, diz ela, vamos fazer a verdade.

Para isso, busca o equilíbrio certo entre os excessos aos quais as paixões humanas tendem alternadamente.

Não temam que este meio-termo seja confundido com mediocridade. Pois os fins estão sempre lá, os fins magníficos que a caridade impõe. É em relação a estes fins que a prudência escolhe os meios. Para serem proporcionais ao seu objetivo sobrenatural, eles mesmos devem exceder os meios naturais que são suficientes para o homem sábio deste mundo. Que diferença entre a temperança de um filósofo grego ou de um simples homem honesto e a vida deste discípulo de Cristo que "castiga seu corpo para reduzi-lo à servidão", que pratica a virgindade perpétua!

Por outro lado, podemos exagerar no uso dos melhores meios. Nossa razão encontrará aqui novamente a medida certa, nunca perdendo de vista o fim ao qual estes meios estão subordinados. O que torna excelente uma regra religiosa", escreve São Tomás[[109]](#footnote-110), "não é o rigor das observâncias nela praticadas, mas a perfeita adaptação dessas observâncias ao fim perseguido".

"Por exemplo, o valor religioso da pobreza é que ela nos liberta das preocupações terrenas e assim nos permite nos dedicar a coisas divinas e espirituais à vontade. Portanto, a pobreza não é melhor por ser mais rígida, porque não é boa para seu próprio bem, não é o nosso fim. A santa pobreza é apenas um meio, vale a pena na medida em que nos liberta das preocupações e assim nos torna mais disponíveis para exercer nossa caridade contemplativa e apostólica. Da mesma forma, o ideal é não nos sobrecarregar com mortificações, prolongar demais os exercícios de piedade. Que a santa virtude da discrição, da prudência, reine sobre tudo isso.

A aplicação destes princípios nem sempre é fácil. Para ter sucesso, é preciso pensar cuidadosamente nos casos concretos em que se encontra. A retidão é necessária, mas não suficiente. Deve-se lembrar das experiências felizes ou infelizes que já se teve. Se necessário, deve-se pedir conselhos, e é aqui que entra a orientação espiritual. Seria errado ir a um diretor o tempo todo e confiar nele ou ela para tomar decisões por nós. Mas muitas vezes, especialmente nos estágios iniciais da vida interior, ele nos ajudará em nossas próprias deliberações para nos capacitar a julgar e decidir. Se acreditamos ter obtido as luzes do Espírito Santo sem muita reflexão, devemos verificar estas idéias, pois talvez elas não tenham uma origem tão elevada.

Devemos então decidir sobre o curso de ação a tomar, tomando cuidado para que nenhum preconceito ou paixão perturbe o simples olhar do qual o Evangelho fala, e assim distorça nosso julgamento.

Finalmente, uma vez que a decisão tenha sido tomada, você deve se notificar imperiosa e constantemente sobre as ordens necessárias para a implementação prática.

Tantos atos são intelectuais. Sem dúvida, a caridade é sempre necessária, necessária em princípio, como dissemos, e necessária até o fim, porque sem o fervor do amor se negligenciará a tomar a decisão e a aderir a ela, apesar de todas as boas razões que a sustentam. A oração e a comunhão, que estimulam a caridade, são, portanto, de importância primordial. Mas é através de atos de prudência que colocamos a verdade em nossas vidas.

Portanto, planejemos e preparemos nosso dia todas as manhãs; durante todo o dia observemos e regulamentemos implacavelmente o curso de nossa vida; e à noite, em um exame final de consciência, olhemos para trás no tempo que passou, a fim de julgá-lo e fazer os reparos necessários[[110]](#footnote-111).

### II Sob a orientação da Providência

O que eu disse é suficiente para alertar a alma contra os perigos do iluminismo. Mas há uma armadilha bastante oposta que deve ser evitada para que se possa permanecer na verdade da vida. Vou chamá-lo de racionalismo prático. Este defeito não é mais quimérico do que o anterior.

Abundando na doutrina exposta até agora, podemos imaginar que toda perfeição depende de nossas concepções pessoais, de nossos esforços metódicos, de nossos exames bem conduzidos. Mas depois esquecemos que nossa razão não é soberana. Esquecemos que acima de nossa prudência pessoal há uma prudência superior que previu tudo eternamente e que prevê tudo incessantemente. Esta é a divina providência. Esta pequena e limitada providência que é nossa prudência deve primeiro se submeter ao plano da Providência divina. Caso contrário, seríamos como pedreiros que trabalham sem se preocupar com o plano geral que o arquiteto projetou. Seríamos ainda piores, pois o pedreiro pode ter boas idéias e força pessoal, independentemente do arquiteto. E nós, independentemente de Deus, não somos nada.

Aqui novamente, vivamos na verdade. Esta força que nosso ser pessoal representa deve contar com as grandes forças que o permeiam, para agir efetivamente em qualquer ordem. Ela deve contar sobretudo com a força superior que envolve e penetra todos os outros, Deus, sem o qual nada existe, nada pode agir, nada consegue. Não trabalhemos como se tudo dependesse somente de nós. Mesmo se acrescentarmos que devemos rezar como se tudo dependesse de Deus, não corrigimos nosso erro e as conseqüências práticas são desastrosas. Não há necessidade de dizer "como se tudo dependesse de Deus". Na realidade, tudo depende de Deus, antes de tudo.

É ele e somente ele que previu tudo e, embora esteja disposto a fazer uso de segundas causas, é ele, em primeiro lugar, quem providencia tudo. Sua Providência abraça todos os seres sem exceção. Ele carrega em seu poder incansável toda a raça humana e cada um de seus indivíduos. Ele preside com imperturbável sabedoria sobre o início, toda a evolução e o fim de cada vida. Ele penetra nas profundezas de nosso ser, todo o jogo de nossas faculdades, com todos os atos em que elas são implantadas, os atos livres mais do que os fatalmente desencadeados, e os atos sobrenaturais ainda melhores do que os naturais. Pois, na medida em que existe, nessa mesma medida, Deus, a única fonte do ser, deve intervir.

Se ele nos deu nossa natureza e nossas faculdades, mais uma razão é por seu cuidado que passaremos do poder à ação, pois somos mais ricos em ser quando agimos do que quando não agimos.

Se nossa atividade tem o privilégio de ser exercida com esse perfeito domínio, essa indiferença dominadora que caracteriza o ser livre, então nosso Criador deve agir mais intensamente em nós, para salvaguardar e atualizar nossa liberdade como criaturas, pois essa espontaneidade de nossa ação, essa independência de nossa vontade, é do ser superior, que só pode emanar do Ser Supremo.

Que este ato livre deve até mesmo tornar-se sobrenatural e meritório da vida eterna, ou seja, divina de alguma forma, é mais uma razão para reconhecer que Deus é a única fonte dela.

Porque este ato é livre e meritório, não pense, teólogo superficial, que ao realizá-lo estamos ao lado de Deus como uma pequena causa adicional cujo consentimento é acrescentado à graça para torná-lo efetivo, como a criança que une sua pequena mão à do pai para levantar um fardo. A força que, neste caso, levanta a carga emana de dois focos combinados. Mas Deus é a única fonte das obras da graça, e estas vêm de nós apenas como de uma segunda causa, subordinada à primeira causa, todas penetradas por sua influência, todas movidas por sua eficiência. Foi isto que Santo Tomás nos fez entender, e nós da Ordem de São Domingos temos orgulho de ser Thomistas até estas profundezas. Ah, não tememos que o Criador Todo-Poderoso interfira no livre jogo da nossa vontade no exato momento em que ele a realiza plenamente; e estamos seguros de que nossa salvação está nas mãos de Deus, em vez de ser deixada a nós mesmos.

Somente quando nos deixamos ir ao mal e caímos no pecado é que somos os únicos responsáveis, porque então escapamos da força criativa; nosso fracasso é uma queda no nada. Mas, no que diz respeito ao bem, nada em nossa atividade é exclusivamente nosso. Tudo vem do próprio Deus.

Se assim for, se Deus é a única causa primária de tudo o que é bom no mundo, se Ele tem em vista um fim supremo ao qual tudo está subordinado e deve infalivelmente conduzir, as causas secundárias que, em sua bondade, Ele chama a concordar livremente na execução de seu plano não têm outro papel a cumprir senão o de se submeter ao seu plano e se ajustar ao movimento de sua graça.

Estou procurando uma comparação melhor que a do pedreiro que trabalha sob as ordens do arquiteto. Olhe para um agricultor por profissão, realizando o antigo gesto cujo valor séculos de experiência tem provado.

Ele está ali, seus dois pés plantados firmemente no chão, que é o fulcro de sua força humana. Lentamente, seu corpo se eleva, levantando a pesada picareta para cima, ao comprimento do braço, e então a ferramenta, os braços, seu corpo, voltam a cair juntos na terra que os atrai e recebe o golpe. Vocês, citadinos que estão observando, ficam espantados com o quanto ele remove em um quarteirão, após um esforço humano tão mínimo, vocês que labutam com tanta dificuldade para cultivar tão pouco de um jardim. É que você dá muitos golpes que estão errados, enquanto este homem dá apenas um golpe, mas um golpe de verdade. Você age como se tudo dependesse de seu trabalho. Este homem insere seu humilde esforço no movimento da gravitação universal. Ele usa o cosmos inteiro para arar seu campo.

Da mesma forma, quando se trata de semear. Note esta compa-raison da qual nosso Pai São Domingos se inspirará. O sábio agricultor espera pelo momento certo no ritmo das estações, ele leva em conta as chuvas, o grau de temperatura, ele considera o sol, ele até observa o curso da lua. E se a semeadura foi feita na hora certa, o semeador pode ir para casa. Quer ele durma ou observe, a semente germina, a planta cresce. O bom agricultor fez a coisa certa no momento certo para fazer uso de todas as forças do mundo que trazem vida, enquanto sua semeadura será estéril se você não prestar atenção a essas forças. Você pode voltar ao seu jardim todos os dias. Nada cresce lá. Você não terá flores nem frutas.

Em vez de tomar a iniciativa pessoalmente em grandes empreendimentos espirituais e lançar-se neles com o ardor de um conquistador que não resiste a nada, tomemos antes de tudo o cuidado de manter uma profunda humildade, lembrando que de nós mesmos não somos nada, que por nós mesmos não podemos fazer nada. Mas a esta desconfiança de nós mesmos, unamos sempre a confiança em Deus, que nos salvará da pusilanimidade e nos tornará magnânimos apesar de tudo. Confiemos neste Deus infinitamente sábio, infinitamente bom, infinitamente poderoso, que tem em suas mãos nosso destino. O Senhor nos conduz e nos sustenta, o que devemos temer? Observemos os caminhos da Providência com fé atenta e reunamos todos os sinais que ela nos dá. "Como os olhos dos servos estão fixos em seus senhores, assim temos observado o Senhor até que ele teve misericórdia de nós. Separados de tudo, indiferentes a tudo, exceto à santa vontade de Deus, aderiamos antecipadamente com fé, e a amemos no mistério onde está escondida. Amemos novamente e nos conformemos com ela continuamente, enquanto ela nos é revelada dia após dia. Vamos nos oferecer a seu império. Quer seja agradável ou rigoroso, vamos nos entregar a ele com um santo abandono que não conhece restrições ou limites. Isto só pode ser realizado por uma oração quase contínua, que nos coloca de acordo com Deus, sendo a oração, como dissemos, não uma influência exercida sobre Deus para trazê-lo às nossas idéias, mas uma elevação de nossa alma em direção a Ele para nos estabelecer em uma posição de receber suas graças[[111]](#footnote-112).

E é na condição de que também nos banhemos em oração que as reflexões, os discernimentos e as ordens de nossa prudência darão frutos, pois a seiva da graça passará por eles. Não percamos nosso tempo em retornos preocupantes e estéreis ao passado, em preocupações excessivas com o futuro. Mas adaptemo-nos dia a dia aos desígnios de Deus, sigamos, sem antecipar ou retardar, o movimento de sua graça, colaboremos com ele em trabalho consciente e o sigamos até o fim de sua eficácia.

### IISt. Dominic abandonado à Providência

Pode ser dito de nossa Ordem o que foi escrito do próprio Nosso Senhor: *Cœpit facere et docere.* O que nosso grande Doutor ensinou magistralmente, nosso Patriarca tinha conseguido primeiro de uma forma santa. Contemplaremos agora em São Domingos uma maravilhosa ilustração da doutrina tomística.

Se alguém se ajustou à graça, sem antecipar, mas sem atrasar também, é nosso santo Patriarca.

Ele não se antecipou, certamente. Durante trinta e quatro dos cinqüenta e um anos que viveu, ele não sabia sequer que grande obra Deus lhe pediria. Mas ele estava pronto para realizar a idéia divina. Pois Deus teve sua própria idéia sobre esta criança e a mostrou bem no famoso sonho que ele enviou àquele que ainda o carregava em seu ventre. Jeanne d'Aza não entendeu imediatamente o significado do belo cão preto e branco que estava prestes a incendiar o mundo. No entanto, ela cumpriu o plano de Deus levantando seu pequeno Domingos no amor de Jesus e Maria e inculcando nele uma grande pena para todos os infelizes. Esta pena pelos pobres, que o levaria, quando ainda era professor, a vender todos os seus livros caros para comprar pão para eles, esta pena pelos pecadores, que perturbaria seu sono quando ele era um cânone de Osma e que seria o fundamento psicológico de sua vocação ao apostolado, foi-lhe comunicada por sua mãe. Desde sua infância", diz o irmão Pierre Ferrand, "a pena nunca havia deixado de crescer nele. Ele fez suas todas as misérias dos outros. Parecia", acrescenta expressamente Rodrigue de Cerrat, "que esta misericórdia havia passado para ele como se fosse por uma transfusão natural do coração de sua mãe". Pois a misericórdia de sua mãe era extrema. Os exemplos e lições que ela deu à criança amada que estava crescendo perto dela completaram o trabalho iniciado neste coração de carne tenra.

Ele foi também, sem que ninguém pudesse adivinhar, o futuro fundador dos Pregadores que Deus formou por meio de seu tio sacerdote, o digno arcipreste de Gumiel, a quem sua mãe o confiou entre sete e quinze anos de idade. Ele recebeu dele, vivendo com ele no presbitério e na igreja, uma influência religiosa que permeou toda a sua adolescência. Estes oito anos o marcaram para sempre. Dominic será sempre um homem do pano. Ele passou o máximo de tempo possível no lugar santo, ao redor do altar. Suas noites seriam passadas lá.

Ele ainda é o futuro Pai dos Pregadores, o jovem que é enviado a Palência, o único centro de estudos superiores na Espanha naquela época. Esperava-se que ele se tornasse um padre, como seus dois irmãos, Anthony e Mannes. Esta última, no entanto, não tinha recebido tal educação. Em qualquer caso, Dominic obedeceu, dedicou-se por muito tempo ao trabalho intelectual e continuou a se educar, tornando-se um professor. Um gosto pelo estudo para toda a vida, um estudo perseverante das coisas de Deus, será parte essencial da vocação dominicana.

Dominic tem trinta anos de idade. Circunstâncias providenciais o levaram a residir no claustro da catedral de Osma, onde foi nomeado cônego. Permaneceu ali até os trinta e quatro anos de idade, florescendo na vida litúrgica que amava; mas os soluços que lhe escapavam à noite, pensando nas almas que estavam sendo perdidas, davam motivos para acreditar que ele ainda não havia encontrado seu destino completo. Pierre Ferrand diz: "incessantemente, em palavras urgentes, ele implorou clemência divina para se dignar a derramar em seu coração a caridade necessária para trabalhar efetivamente pela salvação de seu próximo. Ele estava obcecado com o exemplo d'Aquele que se havia doado inteiramente para nossa salvação. No entanto, ele permanecerá sempre um cânone, e sua Ordem será canônica por uma parte. Mas desta Ordem de Pregadores e sua complexidade, ele não tem idéia no momento. Deus tem esta idéia e isso é suficiente. Dominic se deixa conduzir pela Providência.

Ele se permite ser conduzido quando seu bispo Diego o leva através da Europa numa longa viagem solicitada pelo rei de Castela, que quer casar seu filho com uma princesa da Dinamarca. O casamento é negociado. Voltamos, depois partimos novamente para encontrar a noiva. Quando chegamos lá, ela está morta, a pequena princesa de longe. Ela terminou de desempenhar seu papel no destino que está sendo preparado. Ela tem sido um pretexto providencial durante dois anos de viagem pela cristandade. Dominic, indo e vindo no meio da Europa, pôde ver a miséria espiritual, o terrível sofrimento em que a Igreja está mergulhada. Os bispos e seu clero não sabem como pregar a verdade religiosa e só estão ocupados com ações judiciais sobre bens terrenos; a imoralidade é triunfante em toda parte e, mais grave do que os pecados da carne, a heresia rasga dos espíritos até mesmo a própria fé, a raiz da justificação. O Papa foi obrigado a chamar os monges cistercienses que viviam longe do mundo para tentar, mas em vão, salvar almas. Caberia a Dominic criar a nova Ordem que teria sucesso onde os cistercienses fracassariam. Mas Dominic ainda não sabe disso.

Ele até pensa em outra coisa. Voltando da Dinamarca, ele convenceu seu bispo a ir a Roma para pedir a permissão do Papa para irem juntos evangelizar os povos selvagens dos Cumans. Se alguma vez houve uma idéia persistente na alma de Dominic, um desejo que estava sendo constantemente reacendido, era esta idéia, este desejo - que ele nunca seria capaz de realizar pessoalmente. O Papa recusou sua permissão. Don Diego não teve dificuldade em obedecer. Sem hesitação, sem murmúrio, Dominic também se apresentou. Mas quanto lhe custou! Enquanto viajava pela estrada espanhola, pareceu-lhe que tudo com que sonhava estava desmoronando. Aqui está ele, despojado de toda sua razão de ser, como se estivesse esvaziado de si mesmo. Acabou tudo!... Sua vida, falhada!...

Pelo contrário, tudo começará, e a história dificilmente conhecerá uma vida tão frutífera como esta. Este desprendimento fundamental, esta disponibilidade total, este abandono a Deus, faz dele o instrumento de grandes obras.

Por trinta e quatro anos ele tem sido preparado sem saber por sua docilidade à orientação providencial, a bela ferramenta está nas mãos do Todo-Poderoso. Chegou a hora em que o grande golpe será dado à terra, que deve sacudi-la até o núcleo; chegou a hora da semeadura maravilhosa. Uma série de circunstâncias imprevisíveis detém nossos viajantes no caminho de volta a Castelnau, não muito longe de Montpellier. Foi lá que São Domingos tomou consciência de sua verdadeira vocação.

### A prudência ativa do IVSt. Dominic

O abade de Cîteaux e os legados papais estão em conferência. A decisão deles seria a de saciar a heresia com sangue, já que outros meios haviam falhado. "O que você acha?", perguntaram os dois prelados espanhóis. Estes últimos responderam, dando, com o fruto de suas meditações perseguidas durante dois anos de viagem, a súbita inspiração que a graça suscita em suas almas: "Mande embora toda esta sumptuosa procissão que você carrega consigo, deixe suas roupas ricas, deixe-nos guardar apenas os livros necessários, e, pobres de tudo o mais, pregaremos com autoridade a estas pessoas que a ignorância e a riqueza dos padres escandalizaram duplamente. Dominic foi o primeiro a fazer o que ele disse. Logo ele seria deixado sozinho para fazê-lo. O velho Don Diego voltou ao seu bispado para morrer. Os cistercienses voltaram para suas abadias retiradas do mundo. Mas Dominic encontrou seu caminho e está fazendo seu trabalho.

Você vê este homem ainda nas estradas ao redor de Fanjeaux, a cidadela da heresia? Ele já percebe em sua pessoa toda a futura Ordem dos Pregadores.

De altura média, magro e rijo, vestindo uma túnica branca e capa preta, ele anda com um livro na mão, como fez na Universidade de Palência, cantando um hino com sua bela voz sonora ou recitando um salmo, como fez em sua catedral em Osma; Mas, além disso, pobre e implorando seu pão de agora em diante, o filho dos Guzmans pratica uma ascese que supera a dos "perfeitos" da heresia, tão admirada pelo povo; ele vai, preocupado sobretudo em evangelizar, em pregar a verdadeira doutrina, em destruir o erro que infesta as almas. Ele desafia os homens que encontra, os colhedores, por exemplo, que trabalham em um domingo. Ele provoca os líderes da heresia às discussões públicas, onde se mostra um polêmico maravilhoso, incansável e irresistível. Os pequenos livros em que ele resume a doutrina são irrefutavelmente lógicos e sua verdade é confirmada por milagres. Não mais que os argumentos dos mestres albigenses, o fogo pode levar a melhor sobre eles. Ele ensina o pobre povo a conhecer Deus como ele se revelou a nós, na carne que assumiu, naquela encarnação que a heresia não quer admitir e que, no entanto, tanto precisamos; ele os faz contemplar toda a vida de Jesus, sua morte, sua ressurreição, na companhia de sua Mãe, a Virgem Maria; ele os ensina a cumprimentá-la religiosamente, a repetir-lhe as *Ave Marias* do Anjo, para que ela os ajude a compreender e a imitar o modelo divino. Em resumo, ele inventou o Rosário.

Assim, Dominic, no momento certo, emprestou-se à graça de Deus, arado e semeado. Ele se tornou famoso. As pessoas queriam fazer dele um bispo. Não", disse ele, "tenho que cuidar da minha nova plantação de pregadores e freiras em Prouille, é o meu trabalho, não vou assumir outro". O que era esta plantação? Um claustro muito humilde, onde as mulheres que ele havia convertido rezavam. Ao lado dele havia um chalé pobre onde ele vivia, entre suas viagens de pregação, primeiro sozinho, depois, após alguns anos, com cinco ou seis companheiros. Isto foi chamado de "a santa pregação de Prouille".

Após dez anos, Dominic ainda tinha apenas quatorze irmãos. Mas o Papa escreveu-lhe estas linhas proféticas: "Considerando que os frades de sua Ordem serão no futuro os atletas da fé e as verdadeiras luzes do mundo, nós confirmamos sua Ordem. Sempre confiante na graça de Deus que sentia sobre ele e fortalecido pela aprovação do Vigário de Jesus Cristo, Domingos, que havia inculcado fortemente seu belo ideal em seus irmãos, julgou que havia chegado o momento de dispersar os irmãos pelo mundo. Sua resolução foi feita. Em vão, Simon de Montfort e o bispo de Toulouse tentaram dissuadi-lo. Nunca", diz Jordan da Saxônia, "o homem de Deus voltou atrás em uma decisão que ele havia tomado". E como ele estava certo, tendo tomado esta resolução nas circunstâncias que podemos adivinhar, e quais são as mesmas para as quais São Tomás estabeleceu as regras no tratado sobre prudência!

O semeador evangélico entendeu que a estação certa tinha chegado. Como a semente é lançada à terra na hora da semeadura, Dominic espalhou seus filhos. Ele mesmo utilizou esta comparação. E Jordan o utilizará novamente para descrever a dispersão que nosso Pai realizará novamente em Bolonha.

Ele enviou metade deles - ou seja, sete - para Paris, a grande cidade universitária, "para estudar, pregar e fundar um convento". Apenas um religioso irá com ele a Roma, onde ele espera encontrar outros sujeitos. Finalmente, quatro irão para Madri, enquanto outros dois permanecerão em Toulouse. De Roma, onde ele viveu perto do Papa, Dominic apoiou seus filhos à distância. Passaram-se alguns meses e, tendo recrutado novas vocações, fundou um convento em Bolonha, o principal centro universitário depois de Paris. Depois de um ano, ele estava nas estradas da Europa, visitando conventos, estabelecendo outros nos lugares certos, revivendo a coragem, impedindo ou corrigindo qualquer desvio que pudesse distorcer o ideal dos Pregadores. Ele se apressou em seu caminho: quarenta, cinqüenta, sessenta quilômetros por dia. Numa manhã deixou Orleans, e no dia seguinte estava em Paris, tendo percorrido cento e vinte quilômetros a pé. A fim de reconquistar a Europa à verdade, logo foram construídos conventos em todos os pontos estratégicos.

E o desejo renasce mais forte no coração do apóstolo Domingos: ir agora além da cristandade para levar a fé aos bárbaros cumanos e morrer ali como mártir. Ele está tão determinado a fazer isso que deixa crescer toda sua barba com essa intenção. Mas ele adoeceu e morreu aos cinquenta e um anos de idade, apenas seis anos após a fundação de sua Ordem. Seus filhos, herdeiros de sua alma, serão missionários em seu lugar. Por mais alguns anos, eles cobrirão o mundo inteiro, e veremos um jovem que será Tomás de Aquino tomar seu hábito. Com ele, a profecia do Papa a São Domingos será inquestionavelmente cumprida. Graças a este esplêndido sol que ilumina as escolas católicas, a Ordem dos Pregadores tornou-se verdadeiramente a luz do mundo, e mesmo que não houvesse mais um dominicano na terra, os livros imortais do Doutor Angélico seriam suficientes até o fim dos tempos para merecer para nossa Ordem o glorioso título que Honório lhe deu de antemão. Acrescentemos que ainda há dominicanos na terra e que outro Papa, Bento XV, poderia escrever à Rme P. Theissling: "A Ordem dos Frades Pregadores deve ser louvada não tanto por ter elevado o Doutor Angélico, mas por não ter se desviado depois de sua doutrina, nem mesmo pela largura de um dedo.

Isto é o que São Domingos conseguiu seguindo fielmente a graça de Deus, sem antecipar, mas também sem atrasar. Que seu exemplo, nada menos que o ensino de São Tomás, seja útil a todos os seus filhos. Aqueles de nós que já são avançados em anos tiveram experiências espirituais, tanto felizes quanto infelizes, o que de qualquer forma confirma o que acabamos de resumir. Vamos rever nossas vidas. Não é verdade que o bem que alcançamos através de nós foi alcançado graças a Deus, que se dispôs de nós como Ele quis e muitas vezes contra nossos próprios desejos? Não é também verdade que nossa impensação, nossa indecisão, nossa inconstância têm sido freqüentemente a causa do aborto em sua flor do fruto ao qual a graça divina foi destinada?

Todas as almas que São Domingos deu à luz na vida espiritual e que São Tomás alimentou com sua doutrina devem ter a preocupação perseverante de realizar plenamente esta verdade da vida. Os teólogos tomistas são especialistas em expor a teoria. As irmãs mais humildes podem ser igualmente avançadas na prática. Cito uma ao acaso: "Sua grande máxima era que não há um único momento da vida no qual Deus não tenha um projeto particular e especial para a santificação de seus escolhidos a fim de aumentar seus méritos, e que em cada ação devemos operar de acordo com a extensão da graça que há em nós[[112]](#footnote-113).

## Artigo II A austeridade da vida

"A Terceira Ordem Secular dos Frades Pregadores ou Ordem de Penitência de São Domingos", assim começa a Regra. Quando se tem tal título de família e, além disso, uma profunda preocupação com a lealdade, é preciso conformar a vida a esta denominação.

Além disso, se a penitência não se une à prudência sobrenatural, que foi o tema do artigo anterior, não estamos vivendo na verdade. Para permanecer sempre fiel à razão, para regular nossa sensibilidade de acordo com suas orientações e para compensar seus excessos, a mortificação é necessária. A graça que nos é dada providencialmente, e à qual nossa prudência deve se submeter primeiro, é normalmente crucificadora, sendo a saída em nós da própria graça da qual Jesus recebeu a plenitude e que o conduziu à cruz. Estas são as grandes razões para a penitência. E na determinação da forma de praticá-la, a Providência e nossa prudência também colaborarão.

Com tal objeto, o artigo que estamos começando é realmente uma continuação do anterior. E ambos se encaixam bem no mesmo capítulo, pois é sempre uma questão de colocar toda a nossa vida na verdade.

### As afinidades de graça e a cruz

A vida é odiosa para morrer. A vida natural, com todas as suas forças, é avesso à cruz.

Mas a vida sobrenatural? Vida sobrenatural também, no estado de inocência. Em Adão não havia afinidade entre ela e a cruz. A graça cumpriu sua grande função de comunicar a vida divina ao homem. Através dela ele viveu em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, e deu glória à Trindade, já desfrutando de sua presença na fé, enquanto esperava desfrutá-la na visão clara. Este gozo de Deus na fé é poeticamente representado por aquelas visitas noturnas que Deus faz ao homem, de acordo com o relato de Gênesis. A graça, portanto, não é em si mesma crucificadora.

Mas a graça cristã, a graça que esta palavra derivada do próprio Cristo especifica, a graça cristã, a única graça que nos é oferecida e que vale a pena para nós, sim, ela está ligada à cruz. Ao mesmo tempo em que nos vivifica e nos une à Trindade, assim como a de Adão e a dos anjos, nos mortifica, nos separa das coisas que são uma só coisa conosco. Nossa fórmula característica, "Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo", é complicada pelo sinal da cruz. Isto é um fato.

Antes de considerarmos esta graça em nós mesmos, vejamo-la em Cristo Jesus, a cabeça de nossa humanidade regenerada. Não há dúvida de que existe na graça cuja plenitude repousa em Nosso Senhor o que nosso grande espiritualista do século XVII, Louis Chardon, chamou de "uma inclinação para a cruz, um peso para a cruz[[113]](#footnote-114)".

São Paulo nos diz que Jesus entrou no mundo dizendo: "Pai, eu vim como vítima". Esta é uma palavra que ninguém ouviu, assim como não se ouve o som da Palavra eterna, mas que, no entanto, expressa a própria verdade. Esta palavra não foi inventada por São Paulo. Se a graça divina é adaptada à vocação de cada homem, sendo a vocação do Verbo encarnado morrer na cruz, sua graça teve que impeli-lo a ela.

Sua missão poderia ter sido diferente. Mas na realidade foi assim. Foi para este fim que Jesus foi substancialmente consagrado pela união hipostática. Essa mesma união, que o elevou acima de todos os homens como Cabeça, foi a fonte da plenitude da graça santificadora com a qual Sua natureza humana foi dotada para desempenhar seu papel.

Leia o Evangelho e você verá Nosso Senhor dominado por esta idéia da cruz. Ele tem, se me permitem jogar com as palavras, a paixão de sua Paixão. Ele aparece, se me permitem uma comparação semelhante, como os filhos dos reis de que se fala em certas histórias, que nada pode distrair do grande amor que eles têm por uma mulher pobre. São Lucas mostra-o cercado por uma multidão ansiosa para ouvi-lo. Eles se esmagam para ouvi-lo. Interrompendo o resto de seu discurso, Jesus exclama subitamente, ao pensar que ele deve derramar seu sangue: "Eu devo ser batizado com este batismo". Infelizmente, a hora ainda não chegou! Como eu sofro por este atraso!

Quando, após muitos meses de convivência e conversas íntimas, ele finalmente leva seus discípulos a confessar que é o Filho de Deus, ele começa imediatamente a mostrar-lhes a necessidade de que ele sofra: é por isso que o Filho de Deus se encarnou. Alguns dias depois, os três primeiros evangelistas notam, ele está no Tabor. Imerso na essência divina, ele participa visivelmente da glória celestial que inunda seu corpo e suas roupas. Mas do que ele está falando? Por que ele anseia? Ouça-o, Peter, James e John, a quem ele conduziu a este espetáculo. Escute-o, o próprio Yawhe o comanda com sua formidável voz... Ele suspira após sua Paixão, ele obriga Moisés e Elias a falar com ele sobre o excesso que ele deve realizar em Jerusalém. É como um eco, em nossa terra e no tempo, do grande decreto eterno que uma palavra de São Paulo revelou: *Proposito gaudio, sustinuit crucem.* A ele foi oferecida alegria: era a cruz que ele queria carregar!

"Ele disse a Pedro, que queria detê-lo no caminho do Calvário: "Volte, Satanás", enquanto a Judas, que apontou para ele e o entregou aos seus algozes, ele disse: "Meu amigo! No dia seguinte, morrendo na cruz, ele grita: "*Consummatum est!* Tudo o que ele tinha vindo a realizar estava terminado. Não há mais nada para ele fazer aqui na Terra.

Isto é o que a graça faz em Jesus. Agora a graça que o santificou é a mesma graça que transborda de sua alma para a nossa. Em outras palavras, nossa própria graça santificadora é apenas uma saída da dele. Desde os primeiros capítulos da *Cruz de Jesus*, Chardon explica, depois de Cajetan e depois de São Tomás, que por graça "as almas santas são uma só pessoa mística com Jesus". É como nossa cabeça que ele morreu na cruz, e é a esta cabeça assim crucificada que nós membros estamos sujeitos. Os membros devem estar em conformidade com a cabeça, caso contrário, eles serão um corpo monstruoso. Também "a inclinação que a alma de Jesus tem para a cruz tem seu exercício nas almas santas que compõem seu corpo místico". E mesmo: "As cruzes são distribuídas às almas santas na medida em que a graça lhes é dada.

Não foi isto que Jesus proclamou desde os primeiros dias em que anunciou seu plano de sofrer? Se alguém quiser vir atrás de mim", acrescentou ele imediatamente, "deixe-o renunciar a si mesmo e carregar sua cruz todos os dias". A cruz! O instrumento de tortura que todos conheciam naquela época e que não tinha outra função. Não havia cruzes ornamentais, não havia cruzes de honra, como existem hoje, mas apenas cruzes que eram levadas ao local de execução pelos condenados à morte. É assim que todo cristão deve carregar sua cruz todos os dias, a fim de morrer nela todos os dias, em uma mortificação que nunca é terminada.

Não é este o ensinamento que São Paulo retomou e que encontramos desenvolvido nas obras de São Tomás comentando o Apóstolo ou expondo a Suma da doutrina cristã? "Fomos enxertados em Cristo como um ramo em um tronco, mas somos enxertados em sua Paixão, dizem eles. O homem é crucificado com Cristo pelo fato de seu batismo.

E isto, sem dúvida, significa que o batismo nos aplica o mérito da Paixão suportada por nossa Cabeça, uma aplicação que os outros sacramentos renovarão ou amplificarão. Mas há mais. Eles nos incorporam em Cristo na cruz para participar da dolorosa realidade de sua Paixão. É por isso que o batismo, que tem a virtude de remover todas as penalidades, não o faz na vida atual. A comunidade de vida estabelecida entre cristãos e Cristo, como entre os membros e a cabeça, exige que os cristãos carreguem a cruz sobre si e sofram com Cristo antes de compartilhar sua glória[[114]](#footnote-115).

### IILhe razões para a mortificação

Se procuramos a razão profunda da mortificação, encontramo-la no pecado. É para reparar o pecado, que contaminou toda a raça humana, que a graça de Cristo recebeu esta inclinação na cruz, que ela preserva ao passar por nós. Ela deve preservar esta inclinação em nós ainda mais porque estamos pessoalmente manchados pelo pecado da raça e por nossos próprios pecados. Como os ladrões crucificados com Jesus, podemos dizer que recebemos o que merecemos, enquanto ele não fez nada de errado.

Tendo tomado sobre si o pecado humano, ele se propôs a repará-lo. O pecado é uma espécie de ofensa infinita, pois ataca a infinita bondade de Deus. Por tal desordem, Jesus sentiu uma profunda detestação que sua personalidade divina deu infinito valor, e nós o vimos em sua Paixão suportar os castigos satisfatórios de todos os tipos que o pecado merecia. Que imensidão de dor nesta humanidade de nosso Cristo! Em Seu corpo, em Sua alma, Ele quis expiar a multidão dos pecados do mundo. E sua satisfação não só foi suficiente para compensar a todos eles, mas superabundante.

Através do pecado, nós nos afastamos de Deus e nos apegamos a algum bem criado. Neste bem miserável, temos buscado indevidamente nossa felicidade, que se encontra somente em Deus. A pena por tal falta é, por um lado, a eterna privação do gozo divino, que é a conseqüência lógica de nosso afastamento pecaminoso de Deus, e, por outro lado, a pena positiva correspondente aos gozos proibidos que exigimos das criaturas.

A primeira punição, sendo infinita, é expiada apenas pela redenção do Deus-Homem. É ele quem nos salva da perdição eterna. A seus membros, o Chefe divino, com quem formamos apenas uma pessoa mística, aplica a satisfação que ele efetuou na cruz.

Mas o outro, a dor do sentido, devemos compartilhar com ele. Como esta desordem é nossa, é normal que contribuamos para repará-la, e a graça de Jesus nos convida a fazer isso. É tanto nosso dever satisfazer que, se não o fizermos aqui na Terra, estaremos condenados a fazê-lo na próxima vida. Só entraremos na beatitude passando pelo Purgatório, onde cumpriremos nossa sentença.

É justo, de fato", diz São Tomás, "que aquele que deu mais à sua vontade do que deveria ter suportado, suporte o que é contrário à sua vontade: assim, o equilíbrio moral será restaurado. Daí a palavra do Apocalipse: "Por mais que ela tenha se glorificado e estado imersa no luxo, por mais que ela tenha se glorificado, por mais que ela tenha dado o seu tormento e o seu luto. O sofrimento aceito compensará o gozo proibido que tomamos.

Muitos de nossos santos e beatos, que eram convertidos, infligiram duras penitências a si mesmos durante toda a vida para expiar aqueles pecados que eles, como Jesus, odiavam e que eles, como ele, abraçaram.

A maioria deles, cuja inocência era impressionante, como o nosso Beato Padre São Domingos e nossa Mãe Santa Catarina de Sena, só tinham pecados veniais a lamentar. Mas, por falhas tão pequenas, que o olho pouco refinado de nossa consciência não pode descobrir, eles se puniram impiedosamente.

Além disso, eles também estavam pensando nos pecados dos outros, em todos os pecados do mundo. Como é verdade que formamos juntos apenas uma pessoa mística da qual Jesus é a cabeça, é normal que todos, mas especialmente aqueles que estão mais intimamente unidos a Cristo, participem de sua dor expiatória pela multidão dos pecados humanos. Assim vemos São Domingos, depois de rezar de joelhos, com as mãos presas aos pés da cruz e o olhar voltado para Cristo, na atitude que Fra Angelico reproduziu, levantar-se subitamente para se flagelar até o ponto de sangue. Ele se flagelou uma vez para si mesmo, outra para os pecadores, uma terceira para as almas no Purgatório. E, como o Cristo moribundo, ele gemeu, angustiado por não poder fazer mais nada pelas almas dos condenados.

\*

\* \*

Mesmo se todos os pecados cometidos fossem perfeitamente reparados, ainda assim seria necessário mortificar-se para impedir seu retorno. O pecado, na medida em que é uma busca desordenada dos bens criados, produziu na alma uma certa disposição, até mesmo um hábito, se ele tem sido repetido com freqüência. Uma vez perdoada a falta, estas inclinações podem permanecer, enfraquecidas sem dúvida pela graça, para que não tenham mais forças para nos dominar, mas ainda assim suficientes para o nosso dever de cuidar delas.

Mesmo aqueles que não pecaram pessoalmente são obrigados a se mortificar. Como resultado da decadência original, nossa sensibilidade é naturalmente desordenada. Deus havia concedido a ela nossa razão de ajudá-la em sua tarefa, alertando-a do mal a ser evitado, conduzindo-a em direção ao bem a ser realizado. Quando nossos apetites sentem a menor atração pelo bem, o menor dano ao mal, eles fazem seu trabalho providencial. O infortúnio é que eles assumiram uma aceleração excessiva em nossa natureza caída, ostentam uma independência inadmissível e até mesmo tendem a estabelecer sua preponderância sobre a razão, que não seria mais do que o servo industrioso dos sentidos. Quantos homens caem assim abaixo do animal! Cabe a nós impor às nossas paixões, a todo custo, a medida racional, a medida sobrenatural. Se não mortificarmos nossa necessidade de prazer e nosso medo da dor pela constante austeridade, nossa alma perderá o controle do corpo que ela anima, e a harmonia espiritual que deve reinar em nosso composto humano estará sempre em perigo de ser seriamente perturbada.

"Desconfio tanto do meu corpo hoje que tenho sessenta e oito anos como se tivesse apenas vinte e cinco, disse o venerável Pe. Hyacinthe de la Haye († 1671). Ele é um patife perverso, cuja revolta, traição e ressentimento eu temo ainda mais porque o venci bem e o alimentei mal".

\*

\* \*

A esta dupla razão, que deve nos inspirar a renunciar aos primeiros passos na vida interior, uma terceira razão será gradualmente acrescentada. Para reparar o passado, para assegurar a perseverança, isto é sem dúvida necessário, mas para participar dos sofrimentos de nosso amado Cristo, isto é o que nos atrairá cada vez mais se formos fiéis. Queremos estar com aquele que amamos, e como aqui na terra é na cruz que ele habita, já que ele só alcança sua presença em nossos templos terrenos renovando misticamente seu sacrifício no Calvário, é lá, na cruz, que nos juntaremos a ele enquanto esperamos pelo céu. Nesta vida quero estar conforme a sua Paixão divina", disse Santa Catarina de Sena a Jesus, que a presenteou com a escolha da coroa de ouro e a coroa de espinhos; "minha felicidade será sempre sofrer com você". E Santa Catarina de Ricci: "Ó minha esposa, ó meu amor, tu sofres por mim, o que eu não sou na cruz! Veja ao menos, Senhor, o quanto eu sofro por você.

Temos a verdadeira explicação desta sede de martírio que devorou São Domingos. Ele exultou de alegria quando viu, na estrada de Prouille a Fanjeaux, alguns sicários que se preparavam para assassiná-lo. Eu só lhe pediria", disse ele, "que não me acabasse tudo de uma vez, mas que cortasse meus membros lentamente um após o outro, que colocasse os pedaços diante dos meus olhos, que arrancasse meu olho direito, depois meu esquerdo, e que me deixasse como um tronco sem forma, banhado em meu sangue. Os sicários foram surpreendidos. "Para que serve jogar seu jogo", disseram a si mesmos? E não executaram seu plano criminal.

Por que, então, se não para se assemelharem ao Cristo sofredor, nossos santos preferem buscar e aceitar de bom grado sofrimentos semelhantes aos dele? De São Domingos ao Padre Lacordaire, eles se flagelam a si mesmos. Henri Suso, que foi desprezado, ouviu uma voz dentro dele dizendo: "Lembre-se de que eu, seu Senhor, não virei meu rosto para longe daqueles que cuspiram em meu rosto. Durante a noite, Santa Rosa de Lima carrega uma grande e pesada cruz sobre seus ombros tenros, ferida pelas disciplinas, que ela arrasta dolorosamente pelos caminhos do jardim de seu pai. Depois, ela passa horas amarrada à cruz em sua cela, unindo sua oração com a de Nosso Senhor que está morrendo. E quando ela sofre em sua alma, durante quinze anos, uma misteriosa agonia que lhe arranca a grande queixa: "Meu Deus, por que me abandonaste", onde ela encontra forças para dizer: "Seja feita a tua vontade", se não em sua união com Nosso Senhor?

Esta união de amor está na raiz dos extraordinários fenômenos de participação espiritual na Paixão e de estigmatização corporal que foram concedidos a tantos de nossos santos. A Ordem de São Domingos é a que mais tem estigmatizado. A Ordem de São Domingos é a que tem os santos mais estigmatizados, cerca de uma centena dos quais pertencem à Terceira Ordem, dos quais cerca de vinte estão listados. Para vários deles houve um julgamento de aprovação da Igreja, e celebramos na Ordem, em 1º de abril, a estigmatização de Santa Catarina de Siena[[115]](#footnote-116).

Sim, Jesus ainda está em agonia nestes queridos membros de seu corpo místico, que prolongam visivelmente sua Paixão redentora na terra e completam o que lhe falta para todo o corpo, que é a Igreja. Irmãos e irmãs de todas essas pessoas estigmatizadas, revivamos, pelo menos em nossas almas, os sofrimentos de Jesus uma e outra vez com amor. É para nos ajudar a fazer isso que, dos quinze mistérios apresentados no Rosário para nossa contemplação, desde a Encarnação de nosso Salvador até a entrada de todos os santos na glória, nada menos do que cinco são dedicados à Paixão.

Por todas estas razões, nós, membros da Ordem de Penitência, devemos nos precaver contra o espírito do paganismo dominante, que nos leva a viver nossas vidas, seguindo nossas inclinações, como se a Cruz não tivesse sido plantada no globo.

Desafiemos até mesmo um naturalismo prático que buscaria erroneamente apoio nos princípios de São Tomás. É claro, nosso Doutor ensina que a natureza não é destruída pela graça. A graça é enxertada na própria natureza para aperfeiçoá-la. Mas se nossa natureza pode assim se adaptar à graça, porque o pecado não atingiu sua constituição, devemos, no entanto, reconhecer que no desenvolvimento de sua atividade ela é afligida por dobras ruins. Está fora de alinhamento. O sinal disso é que o homem não tem mais um gosto natural para seu fim final. Ele deve superar a dificuldade que tem em se submeter a Deus e em se levantar para Ele. Ele deve resistir à facilidade com que pode ser assustado ou seduzido por criaturas. A graça, portanto, exige e opera em nossa natureza ajustes dolorosos.

Finalmente, sob o pretexto de que "a religião de nosso Pai São Domingos é ampla e alegre", não esqueçamos que a compunção é um sentimento fundamental desta religião. "O que você pede?" foi-nos dito à primeira vista. E nós respondemos: "A misericórdia de Deus e a vossa". A alegria dominicana nasce somente da confiança na misericórdia de Deus e na docilidade às renúncias solicitadas, assim como a bem-aventurança prometida pelo próprio Nosso Senhor no Sermão da Montanha.

Como pode um cristão se entregar à alegria vã", disse São Luís Bertrand, "quando sabe que terá de comparecer perante o tribunal de Deus e não sabe o dia nem a hora? E esta palavra de Santo Agostinho lhe era cara, assim como ao Beato Pedro de Jeremias e a muitas outras almas dominicanas: "Senhor, queima e corta-me aqui em baixo, não me poupes, para que me poupes para a eternidade!

### IIThe prática de penitência

Será que não caí em uma falha com a qual me sinto tentado a censurar os biógrafos de nossos santos, dando demasiada importância a certas práticas extraordinárias de penitência?

Acho que não, porque só falei de suas macerações desta maneira para sublinhar o espírito que as guiou, as razões que tinham para se mortificarem. Devemos fazer nossos estes motivos.

Na verdade, é bastante certo que não se pode, em uma hora de exaltação, começar a reproduzir indiscriminadamente qualquer uma destas práticas. Para aqueles que fazem parte das observâncias regulares de uma comunidade, não há perigo. Há pouco espaço para a auto-estima. E os superiores são cuidadosos para evitar qualquer excesso.

Caso contrário, é de se temer que o coração se enche de glória vã. Também é de se temer que se perca a saúde e se torne incapaz de cumprir seus deveres de Estado. É mesmo de se temer, como observou São Vicente Ferrier, que depois de ter pecado em excesso, se venha a justificar não se mortificar em nada.

É por isso que farei minha a observação inspirada a Petitot por Santa Teresa de Lisieux: "A menos que haja uma vocação especial, graças controladas o máximo possível por vários diretores autorizados, experientes e prudentes, mortificações excepcionais: disciplinas sangrentas, cadeias de ferro, práticas dolorosas não previstas pela Regra, devem ser absolutamente proibidas, particularmente em nosso tempo em que a saúde está debilitada.

Esta recomendação não é novidade para nossa Ordem. Sabemos que Santa Teresa do Menino Jesus apelou para a história de nosso Beato Henrique Suso, do qual falaremos mais tarde. O próprio São Domingos apareceu à Beata Bienvenue, que, como ele, se açoitava com disciplina de ferro três vezes por noite; ele a repreendia severamente por não ter revelado essas macerações ao seu confessor. O confessor, finalmente advertiu, tirou os instrumentos de penitência da Bienvenue.

Foi também porque ele temia que o exemplo do Santo Patriarca fosse abusado nesse sentido que o Beato Jordão da Saxônia, ao contrário de tantos hagiógrafos que se deleitam em tais detalhes, não tenha dito uma palavra sobre suas terríveis disciplinas ao relatar a vida de nosso Beato Padre[[116]](#footnote-117)? Curiosamente, em suas cartas de orientação à Beata Diana e a suas irmãs no convento de Bolonha, ele nunca faz a menor alusão a esta prática de penitência. Ele fala apenas de jejuns, abstinência e vigílias. Freqüentemente ele até retorna a ela. Mas por quê? Para evitar qualquer exagero por parte dessas jovens freiras, cheias de ardor e sem experiência.

Ele se preocupa com os excessos materiais aos quais isto pode levar. Mas sua preocupação tem uma razão mais profunda. Essa falta de moderação o aflige porque é um sinal de que suas filhas carecem daquela grande virtude de discernimento pela qual uma alma dominicana deveria ter estima e devoção especial, a virtude da prudência.

"A este respeito, muitas vezes os exortei, agora por palavras, agora por cartas, a evitar mortificações excessivas e indiscretas; e portanto, se qualquer pessoa imprudente entre vocês, depois de ter sido avisada tantas vezes sobre isto, fosse além da medida, ela seria culpada de uma negligência mais grave.

Esta virtude da prudência deve, além disso, buscar seu apoio na direção da Providência divina, como sabemos. Seu papel não é preceder, mas seguir, não tomar a iniciativa, mas receber o impulso divino e corresponder a ele fielmente. Jourdain reclama que Diana e suas irmãs ainda não entraram nesse espírito que nosso Bem-aventurado Pai encarnou perfeitamente e cujos princípios São Tomás logo definirá definitivamente. Ele escreve para Diana: "Não quero que você apresse seu fim por excesso de compunção e mortificações". Aquele que se apressa demais sente falta do seu pé, disse Salomão. Portanto, peço-lhes que não corram com tanta pressa, para que não caiam no caminho. Pelo contrário, se você correr, que seja, como diz o Apóstolo, tão uniformemente que você ganhe o prêmio. E que seja nosso Deus abençoado que se digne nos atrair atrás dele para que, suavemente, com alegria, possamos correr no perfume de seus perfumes; que ele nos conduza de acordo com sua vontade. Com toda a humildade, com toda a paciência, saiba esperar. Como o agricultor espera pacientemente pelo precioso fruto da terra, assim vocês, cultivando suas almas sem esgotar seus corpos, esperam pacientemente pelo precioso fruto, o fruto bendito do ventre da gloriosa Virgem Maria.

O Beato Jordão deseja abafar o gosto pela mortificação em suas filhas espirituais? Não, mas para virá-lo para a serena aceitação e o paciente suporte das tribulações externas e internas que a vida lhes traz sob a orientação da Providência divina. Separação prolongada dos entes queridos, febres freqüentes, perda de um olho, em conexão com tudo isso, do qual ele sofre entre outras coisas, vemos Jourdain dizer a Diana que é atormentada: "O Trabalhador divino sabe que purificações seu vaso precisa; o que importa para nós é submeter-nos em todas as coisas à sua vontade e abandonar a conduta de nossas vidas em suas mãos[[117]](#footnote-118).

Ao nosso Beato Henrique Suso, que se dedicou por muito tempo a terríveis mortificações, Deus lhe pediu um dia para jogar todos os seus instrumentos de tortura no Lago de Constança: "Você já freqüentou as pequenas escolas por tempo suficiente, quero levá-lo à escola mais alta que existe... Nesta escola secundária eles ensinam a ciência do auto-abandono perfeito. Examine-se interiormente, e você verá que ainda tem muito autocontrole; você notará que com todas as mortificações que fez, ainda é incapaz de suportar qualquer aborrecimento estrangeiro. E como o criado se regozijava com a perspectiva de se divertir a partir de agora, foi-lhe dito: "Você terá que lutar ainda mais. Até o momento, você já se bateu e parou quando quis. Os estranhos vão bater em você. Você verá um colapso de sua reputação. Uma vez admirado, quando você se mortificou, agora você será trazido para baixo... Você ainda tinha uma natureza terna e amorosa. Acontecerá que onde você pensou que encontraria amor especial e fidelidade, você encontrará apenas infidelidade... Abra a janela da sua cela, olhe e aprenda. (Um cão estava brincando no meio do claustro com um pedaço de tapete.) Este tapete está sendo abusado em silêncio, faça o mesmo.

Quer seja, como nos casos que acabamos de mencionar, doenças graves e dolorosas e grande sofrimento moral, ou mais simplesmente todas as dificuldades da vida diária, esta é nossa primeira penitência. Tem como tema o exercício de todas as virtudes morais exigidas por nossa condição. Hugues de Saint-Cher comparou a penitência a uma lira, cujas cordas devem ser firmemente feridas para criar uma harmonia sem nenhuma dissonância para com o Senhor.

Somos absolutamente obrigados a realizar as mortificações necessárias para evitar os pecados aos quais nosso próprio temperamento e nossas relações com os outros nos conduzem. Cada um de nós e todos nós juntos", disse Santo Agostinho, "somos seres pobres e frágeis, carregando embarcações de barro". Avançamos apenas com dificuldade e no caminho um do outro. Devemos ser pacientes conosco mesmos, indulgentes com nossos irmãos e irmãs que se chocam conosco, evitando ocasiões em que eles nos fariam cair.

As faltas que cometemos, que cometemos todos os dias, nos causam muitos problemas, muita humilhação. Embora estivéssemos naturalmente inclinados a murmurar contra essas conseqüências, esquecendo o que as causou, odiemos nossas falhas, ao contrário, e aceitemos todas as tristezas que se seguem a fim de repará-las. É necessário, é indispensável.

O cumprimento de nosso dever de Estado causa mais ou menos tensão e fadiga. Esta é outra penitência que temos que suportar diariamente.

Finalmente, que o prazer nunca seja a razão final de nossas ações. Ela pode acompanhá-los e nos apoiar no cumprimento de nosso dever. Mas nunca é por causa dele que agimos. A austeridade fundamental e constante de nossa vida deve ser colocada ali. A Regra implica isto quando pede aos terciários que se abstenham de saídas desnecessárias e simples curiosidade (IX, 38).

A todas essas mortificações, que se auto-impõem, somam-se aquelas que a Regra marcou positivamente (VIII, 37): três jejuns em preparação para nossas três grandes festas, de Nossa Senhora do Rosário, de nosso Pai São Domingos e de Santa Catarina de Sena. Além disso, a fim de permanecerem fiéis, se puderem, à antiga Regra, são aconselhados a jejuar toda sexta-feira do ano. A alusão é feita, sem especificar nada, a outras práticas às quais os Irmãos podem se submeter, mas com o conselho do Diretor ou de um confessor discreto. A antiga Regra exigia, em certos dias e durante o Advento e a Quaresma, levantar-se à noite para a recitação de Matins. Ainda é altamente recomendável que se levante cedo para assistir à missa todos os dias antes de assumir as obrigações do Estado (VII, 33).

Se alguém pode ser dispensado dos jejuns e abstinências que a Igreja ordena sob pena de pecado grave, mais uma razão será dispensado das penitências ordenadas por nossa Regra. Mas, para estes como para aqueles que são preceitos na Igreja, uma alma inteligente e fervorosa realiza pelo menos tudo o que pode reter, o que é compatível com sua saúde e seus deveres de Estado. Incapaz, por exemplo, de fazer um jejum completo, ele pelo menos fará com que ele imponha alguma privação a si mesmo.

Sobre este assunto, Pe. Rousset, comentando a velha Regra, cuja austeridade nos assusta hoje, escreveu estas justas observações: "Não falta força para o serviço do mundo; e, sem falar dos jejuns forçados dos pobres, das fadigas e privações do trabalhador, dos trabalhos e vigílias dos ambiciosos, a quantas mortificações dolorosas não se submetem as mulheres mais delicadas todos os dias, em nome do mundo e da vaidade! Entretanto, se um confessor tentar impor-lhes uma pequena parte para o serviço de Deus, imediatamente serão ouvidos para chorar exagero e impossibilidade; e estas saudáveis, que resistiram a tantas noites sem dormir passadas à noite, em bailes e shows, não podem mais, sem serem alteradas, suportar o corte de meia hora de descanso, a fim de dedicá-la à oração e meditação.

Podemos continuar neste tom e acrescentar outros detalhes. Para estarmos vestidos de acordo com a moda do dia, e para preservar toda a elegância possível, a que incessante desconforto nos recusamos a nos sujeitar? Mas para manter o escapulário de lã branca sobre si mesmo, para correr o risco de perder um pouco de distinção, para desistir da clivagem dos socialites por causa disso, infelizmente! é necessário dizer que há alguns terciários que não têm coragem.

Mas entre essas almas degeneradas e a gloriosa falange de nossos mártires e ascetas, há, graças a Deus, a multidão daqueles que, por sua vida de simples austeridade, fazem honra à Ordem da Penitência, e que São Domingos reconhece como seus verdadeiros filhos.

\*

\* \*

## Artigo III A fecundidade da vida

Que alma dominicana acreditaria que é suficiente possuir a verdade pessoalmente, imbuir a própria conduta com ela e fazer todos os sacrifícios necessários para esse fim? Não estamos isolados na terra. Como membros de uma família, de uma profissão e de uma paróquia, de um país e da raça humana, sabemos que ninguém é um estranho para nós. De todos eles, na medida em que estão próximos a nós, devemos ter uma preocupação mais ou menos urgente. "Não diga: eu quero me salvar, mas quero salvar o mundo", exclamou o Padre Lacordaire. Portanto, trabalharemos para fazer brilhar a verdade que salva em nosso entorno e até os confins da terra. Seremos caridosos com a verdade. As formas desta caridade são muitas, como veremos. Mas o espírito é o mesmo em todos os lugares, como também veremos.

### Trabalhos múltiplos

"A Ordem, desde seus primeiros dias, foi especialmente instituída para a pregação e salvação das almas, dizem as Constituições primitivas dos Frades Pregadores; os esforços de seus membros devem ser dirigidos principalmente, ardentemente e soberanamente, para serem úteis ao seu próximo. São Domingos quis realizar a "santa pregação universal", para evangelizar todas as almas, em todas as formas.

Agora, "a Terceira Ordem de São Domingos participa da vida apostólica da Ordem dos Pregadores". Nossa Regra diz isso em seu primeiro parágrafo. O objetivo da Terceira Ordem", acrescenta, "é a santificação pessoal de seus membros, mas também a salvação das almas a serem promovidas".

"Para atingir este objetivo, os meios propostos incluem, além da oração assídua e da prática da penitência, cuja eficácia em favor de outros já conhecemos, obras de apostolado a serviço da fé e da Igreja, e obras de caridade de acordo com a condição de cada pessoa" (I, 1-3).

A oração e a penitência são especialmente a sorte das Irmãs Dominicanas puramente contemplativas, que fortalecem a Ordem dos Frades Pregadores neste aspecto. Quanto às obras de apostolado e caridade, cabe a nós, terciários, dar nossa contribuição à Ordem.

Mesmo antes de serem admitidos na Terceira Ordem, os postulantes devem dar provas de seu zelo apostólico (II, 8). Uma vez entrados na família dos Pregadores, "que todos os terciários, seguindo os passos do Patriarca Apostólico Domingos e da Virgem Seráfica Catarina de Sena, passem e continuem a passar suas vidas com um coração ardente e generoso para a glória de Deus e a salvação das almas" (XI, 40).

As formas do apostolado na grande Ordem eram diversas desde o início. A invenção da impressão e as necessidades do nosso tempo apenas as multiplicaram. A Terceira Ordem permitiu e está permitindo que mais e mais novas sejam acrescentadas, primeiro a Terceira Ordem Regular, depois a Terceira Ordem Secular.

Em tempos recentes, foram publicados trabalhos sobre "as congregações dominicanas da Terceira Ordem Regular[[118]](#footnote-119)". Somente em nosso país, o número dessas congregações nos surpreende, assim como a variedade de misérias que elas ajudam.

Algumas delas combinam várias obras de misericórdia. Outros são claramente especializados. Muitos nascem das mesmas necessidades sentidas ao mesmo tempo em diferentes partes do país.

Quando o Estado educa jovens sem princípios religiosos e lhes dá apenas conselhos morais vagos sem qualquer fundamento espiritual, como não sentir pena das crianças católicas? As filhas de São Domingos se apresentam aos pais ansiosos para dar a essas crianças a educação completa necessária para enfrentar a vida com dignidade e para cumprir todas as suas obrigações.

Há órfãos infelizes ou pequenos pobres cujos pais os negligenciam. Para eles, muitas casas dominicanas foram abertas. No meio das Irmãs, elas encontram a santa família que as criará.

Existem vários outros conventos que são um refúgio para moças cujo caráter difícil e certas tendências precoces exigem uma reeducação moral e religiosa.

É uma verdadeira reabilitação que outros precisam. As irmãs dominicanas são dedicadas a isto. Para aqueles que caíram e que o mundo despreza depois de ter sido a causa de sua queda, para aqueles que a prisão manteve dentro de suas paredes, eles abrem sua casa de Betânia. Lá, Madalena, arrependida, se levanta gradualmente. Ela compartilha a vida de sua irmã que não falhou e, depois de alguns anos, pode vestir o mesmo hábito e levar a mesma vida religiosa.

O coração de São Domingos não foi movido apenas pela miséria moral. E as filhas do homem que vendeu seus amados livros para ajudar os pobres se tornaram hospitaleiras para os miseráveis. Eles até se especializaram no cuidado de algumas das mais lamentáveis enfermidades, aqui os cegos, ali os leprosos.

Eles também vão para a casa para cuidar dos pobres doentes, para fazer as tarefas domésticas da mãe acamada, para cuidar das crianças, para preparar a refeição do trabalhador.

Outros abriram bons albergues, albergues para jovens trabalhadores, pensionatos, onde as almas, nada menos que os corpos, encontram o descanso, a alimentação e o conforto necessários. E é uma boa parada no caminho da vida.

Há muito tempo eles têm sido auxiliares do clero através do catecismo e do mecenato, especialmente nas cidades. As fundações recentes destinam-se a substituir os padres que faltam no campo, onde o mesmo pároco não pode ser suficiente para evangelizar cinco ou seis paróquias sozinho. Graças a eles, o Santíssimo Sacramento será adorado em seu tabernáculo, as crianças serão instruídas em religião, os doentes serão preparados para os sacramentos e tudo estará pronto quando o padre vier para celebrar a Santa Missa. E não tenho falado daqueles que seguem os apóstolos nas missões distantes.

Em nosso tempo, quando o espírito feminino tem novas exigências e quando as mulheres desempenham cada vez mais um papel na sociedade semelhante ao dos homens, a árvore dominicana dá naturalmente novos rebentos: e aqui estão as Irmãs que tentam reproduzir ao máximo a vida estudiosa e o apostolado intelectual dos próprios Frades Pregadores.

Os vários ramos desta árvore complexa viverão em harmonia fraterna, cada um dando os frutos que São Domingos espera dela para a glória de Deus. Entre as diferentes Congregações, como entre os Padres que se dedicam a trabalhos diferentes, mas todos com a mesma inspiração dominicana e qualidades complementares, é necessário saber entender, simpatizar e ajudar uns aos outros. Ninguém pode estar tão em sintonia com sua própria vocação que venha a apreciar pouco ou até mesmo desconsiderar outro trabalho, igualmente aprovado.

Anna de Wineck, uma contemplativa no mosteiro de Unterlinden, queria ser ao mesmo tempo uma irmã hospitaleira. Incapaz de fazê-lo, ela construiu três albergues em seu coração, um para os pecadores, outro para os moribundos, o terceiro para as almas no Purgatório. Dia e noite ela os visitava.

O que as irmãs contemplativas não podem fazer por conta própria, as irmãs da Terceira Ordem Regular podem fazer. E os Terciários Seculares também trabalham a seu próprio modo. Misturado na massa do mundo em uma extensão desconhecida para os religiosos que vivem mais ou menos separados dela, é tarefa deles ser o bom fermento que deve imediatamente penetrá-la e transformá-la.

\*

\* \*

Em primeiro lugar, os terciários não negligenciarão nenhuma de suas obrigações familiares sob o falso pretexto de cumprir as da Terceira Ordem. Isso seria demonstrar uma falta de compreensão e escandalizar as próprias almas que eles devem edificar. Não há melhor maneira de ser fiel à própria profissão como terciário do que cumprir com seus deveres familiares até a perfeição, não há melhor maneira de fazer honra à Ordem da Penitência do que esquecer-se e sacrificar-se pelos próprios.

Será que nossos terciários ficarão satisfeitos com esta influência familiar? Eles não têm o direito de fazer isso. A Regra lhes pede que, a fim de permanecerem fiéis às tradições de nossos anciãos, coloquem sua atividade e sua palavra a serviço da verdade da fé católica, da Igreja e do Romano Pontífice. Que eles sejam sempre intrépidos defensores de seus direitos. Que também dêem seu apoio às obras do apostolado, especialmente as da Ordem. Que se dediquem também a obras de caridade e misericórdia, na medida do possível. Finalmente, que sejam bons auxiliares de seu pároco (XI, 41-43).

Este é o programa estabelecido na própria Regra da qual fizemos profissão. Era assim que São Domingos queria sua Terceira Ordem.

Talvez no decorrer do tempo, este ideal tenha se tornado menos importante. Vimos que ela encolhe a ponto de não ser mais do que um conjunto de práticas individuais para terciários isolados, e para outros consistir apenas em reuniões fechadas, sem influência religiosa, sem eficácia social. Este não deve mais ser o caso. P. Gillet, nosso Mestre Geral, já disse várias vezes: Nosso programa não deve ser inspirado por falsificações, mas deve realizar a própria idéia do Patriarca de quem viemos e as prescrições da Regra que determina nossa conduta.

Nosso Santo Padre Pio XI, que não tem nada "mais querido e precioso" do que a organização do apostolado laical sob o nome de Ação Católica, teve o prazer de lembrar, em 6 de março de 1935, que São Domingos, ao fundar sua Terceira Ordem, já havia chamado os leigos para colaborar no apostolado. Ele também assinalou que, desde as origens da Igreja, encontramos precursores desta Ação Católica naqueles cristãos ativos cujos nomes foram preservados nas Epístolas de São Paulo.

O sacramento da confirmação não faz de um adulto aquele que o batismo já deu à luz a vida cristã, dando-lhe poder e graça para defender sua fé e militar em seu favor? Mas enquanto houvesse homens suficientes entre os cristãos com os poderes do sacerdócio, pouco se pensava em chamar aqueles que tinham apenas esses poderes reduzidos. Eles os exerceram somente em casos excepcionais e, na maioria das vezes, individualmente. Mas tendo em vista a falta de sacerdotes e a dificuldade, para aqueles disponíveis à Igreja, de penetrar em certos meios, foi necessário pedir a ajuda desses sacerdotes confirmados e convidá-los a formar um grupo para torná-lo efetivo. Leão XIII, Pio X, Bento XV e, especialmente, Pio XI, previram isto. De agora em diante, é dever dos próprios leigos organizarem-se para participar com toda sua energia no apostolado e recristianizar seu ambiente. Cada um em sua própria posição, lutarão para restaurar o cristianismo às células sociais perdidas em meio a um mundo paganizado. Obviamente, eles continuam sujeitos à hierarquia católica e recebem suas orientações, mas estão agrupados e seus líderes são, eles mesmos, leigos. É nestas condições que, pela vontade de Pio XI, foi estabelecida a Ação Católica. Nosso Santo Padre o Papa foi capaz de dizer ao Cônego Cardijn: "A Ação Católica não é um pensamento mestre, mas o mestre pensou em nosso Pontificado. Ele já havia declarado: "Nós o definimos consciente e deliberadamente, pode-se até dizer que não sem inspiração divina". De agora em diante, portanto, "a participação dos leigos no apostolado hierárquico" deve ser considerada uma parte essencial da constituição da Igreja.

A Terceira Ordem não é, em si mesma, um órgão da Ação Católica. Somente por exceção, quando uma Fraternidade é bem especializada - como pode acontecer em certas grandes cidades - será possível que ela se dedique como tal a esta Ação. Mas, em todo caso, quem está melhor preparado do que o Terciário da Milícia de Jesus Cristo para se tornar um militante do apostolado leigo? Todo verdadeiro cristão, sem dúvida, toda pessoa confirmada e consciente do que é, deve juntar-se aos grupos da Ação Católica. Mas não se pode pedir a todos eles que se comprometam de maneira especial, como o Terciário, com uma certa forma de vida que facilite a perfeição cristã postulada por seu caráter confirmado, postulada também pelo exercício do apostolado que deriva deste caráter. Da mesma forma, não se pode exigir de todos os sacerdotes que professem os três votos de religião, embora estes sejam chamados por seu caráter sacerdotal e os colocariam em melhor posição para cumprir seus deveres. Mas se os padres emitem os três votos aderindo a uma Ordem, tornando-se, de uma forma ou de outra, verdadeiros religiosos, a Igreja se regozija e se beneficia. Da mesma forma, a Ação Católica se beneficiará felizmente da filiação de seus membros à Terceira Ordem, especialmente quando esta Terceira Ordem se une, como a nossa, à preocupação com a perfeição pessoal, a preocupação especial do apostolado. Sem dúvida, entre os militantes da Ação Católica há almas que, sem pertencerem à Terceira Ordem, excedem em santidade pessoal e influência apostólica os terciários, assim como há sacerdotes seculares que são inquestionavelmente superiores aos religiosos; Mas não é menos verdade que os votos de religião e, em menor grau, a profissão de terciário, estabelecem a alma em uma situação favorável para resistir ao mal predominante, para permanecer tenso em relação ao único necessário e para irradiar o espírito cristão em torno de si mesmo. É desta forma que a Terceira Ordem, em grande medida, dará à Ação Católica a força necessária para ser aquela linha de frente da Igreja que está constantemente lutando para penetrar na sociedade humana.

A Terceira Ordem é, portanto, um centro da Ação Católica. Se o próprio apostolado é realizado fora dele, é dentro dele que nossos terciários são fornecidos para se tornarem, cada um em seu próprio meio, verdadeiros militantes. Eles mantêm a iniciativa de determinar a melhor maneira de empregar seu zelo e de se alistar para este fim no exército da Ação Católica. Eles encontrarão, entretanto, orientação da Ordem e do Diretor da Fraternidade. E mesmo no Congresso Nacional da Terceira Ordem, realizado em Bolonha em maio de 1935, o Mestre Geral de Roma escreveu à margem dos votos: "Que o Prior de cada Fraternidade tenha o cuidado de se colocar em contato com o líder da Ação Católica para o melhor uso das energias espirituais da Fraternidade em vista das necessidades locais, e para evitar a dispersão de forças ou a duplicação de iniciativas.

Não há limites geográficos para o apostolado de nossos terciários. No mesmo Congresso Nacional de Bolonha, o Pai Rm, "prescreveu que a cada ano houvesse um dia missionário organizado pelos terciários, que em todas as Fraternidades fosse nomeado um delegado especial para coordenar a atividade da Fraternidade em favor das missões".

### IIEspírito

Quaisquer que sejam as obras em que exerçam sua caridade, os terciários dominicanos o farão com esse espírito que deve animá-los a todos igualmente e que caracteriza toda a nossa Ordem. O que é isso? Nós sabemos o que é. A preocupação de comunicar a Verdade ao mundo, este é o espírito, idêntico em todos eles, que irá presidir estas múltiplas obras.

Quanto mais próximo e mais direto o trabalho contribuir para a comunicação da Verdade, mais ele parecerá estar em conformidade com a vocação dominicana. Se, por razões pessoais ou por necessidades particulares, houvesse motivo para dedicar-se a outros trabalhos que só remotamente estão relacionados a isso, a alma dominicana, no entanto, se dedicaria a eles no mesmo espírito. No pobre doente, inútil em seu quarto, como na freira em seu recinto, a necessidade de espalhar a verdade está sempre viva e fermenta no fundo de seus corações, como um fermento que tende a levantar o mundo.

Qualquer pessoa que não experimentasse isto teria que duvidar da qualidade dominicana de seu espírito. A alma dominicana está, de fato, pela própria natureza de sua vocação, ansiosa para difundir a verdade que possui e contempla com amor. Isto se deve à sua essência. As essências são idênticas em todos os lugares e permanecem eternas. As circunstâncias podem frustrar ou modificar seu desenvolvimento, mas não mudá-lo fundamentalmente. Sob qualquer céu, em qualquer terra, em suas raízes, em seu tronco vigoroso, em seus ramos e em suas folhas, o carvalho é sempre o carvalho e a alma dominicana é sempre apostólica.

Um filho de Dominic não pode desfrutar tranquilamente da verdade, enquanto houver homens no mundo que ainda não possuam essa verdade necessária para a salvação. Como se pode sentar despreocupado em uma mesa bem servida e desfrutar de uma boa refeição, quando se vê pessoas pobres que não têm pão por perto? Nosso Pai Nosso Senhor experimentou esta pena pelos pobres que estavam famintos por comida material, e experimentou ainda mais profundamente a pena pelos infiéis, pelos hereges, pelos pecadores. Conhecemos o rugido de sua alma ao emergir de suas contemplações noturnas, prelúdio à visão eterna da Verdade divina. "E os pecadores! O que será dos pecadores? Pobres condenados, para sempre privados da Verdade"... Sabemos como, cansado de uma longa jornada, ele passa a noite inteira sem dormir para converter o herege que descobriu em seu anfitrião em Toulouse... E sabemos de seu desejo sempre renascido de ir e levar a fé aos cumanos infiéis.

A freira dominicana em seu recinto, a dominicana terciária que está reduzida à impotência por doença ou algum outro impedimento, lembrará que seu Pai, por seus desejos, suas orações, seus sofrimentos, contribuiu efetivamente para a expansão da Verdade no mundo. Nosso Senhor, que disse: "Se eu estou no mundo, é para dar testemunho da verdade", será que ele esqueceu esta razão de sua encarnação durante os trinta anos de sua vida oculta, e especialmente durante o dia de sua Paixão silenciosa? Na Cruz, ele morreu pela Verdade e para atrair todas as almas para ela. Desde Nosso Senhor, e graças a esta Cabeça que une todos os membros do grande corpo místico, qualquer um destes membros pode trabalhar por auto-sacrifício para a redenção dos outros. A Comunhão dos Santos não é uma palavra vazia.

"Não choreis por mim, mas por vós mesmos e por vossos filhos", disse Jesus, ao ascender ao Calvário, àquelas mulheres que sentiam pena de sua dor corporal e que não pensavam que o destino de todas elas, além da Verdade que salva, era de outra forma triste. Aleijado e sofrido, o dominicano fiel a sua vocação esquece sua própria miséria para pensar na miséria infinitamente maior de todas aquelas pessoas infelizes que ele conhece pessoalmente ou que ele pode facilmente imaginar ao seu redor sendo infeliz por toda a eternidade. E esta emoção de seu coração pelos pecadores, com todos os sentimentos, todas as orações, todas as ofertas de sua própria dor feitas a Deus por suas almas, merece para eles graças de luz e conversão.

Não são apenas grandes sofrimentos ou sacrifícios sangrentos que podem ter esta eficácia. Senhor", disse uma dominicana do mosteiro de Töss, tão famoso por seu fervor no século XIII, "tenho a firme confiança de que você me concederá uma alma para cada fio que eu girar.

Assim, quem quer que sejamos, a qualquer humilde dever de Estado que possamos dedicar nossos dias, devemos ter a intenção de voltar todos os méritos de nossa vida para o apostolado, e o pensamento de colaborar frutuosamente em tal trabalho deve nos tornar mais atentos para fazer tudo bem.

Por mais escondida que seja nossa vida, desta forma ela tem valor apostólico.

\*

\* \*

Nossa existência não é tão obscura que sua luminosidade não possa ser vista. As pessoas do mundo sabem que estas freiras se fecharam ali voluntariamente; têm alguma idéia de suas ocupações; e é uma luz e um encorajamento para elas pensar que são lógicas o suficiente em sua fé para tirar tais conseqüências e sacrificar tudo à única coisa necessária. Eles chamam à ordem aqueles cristãos que estão envolvidos em preocupações terrenas e que podem esquecer o que sua crença requer. Por causa deles, a grande questão do destino humano surge na consciência dos próprios incrédulos.

Mais visível, e portanto mais edificante, será a vida do Terciário, que, diante dos olhos de todos, nas condições em que a Providência o colocou, conduz sua bela vida cristã.

Ele não prega como seus irmãos da grande Ordem, talvez nem sequer seja capaz de dedicar-se às obras que contribuem diretamente para o apostolado, mas, segundo a observação do Abade Huvelin, "faz-se muito menos bem pelo que se diz e pelo que se faz do que pelo que se é", e ele é um cristão. Seu exemplo serve como uma lição. As realidades espirituais vividas por sua alma são encarnadas em sua atitude e se tornam visíveis para todos em suas ações. Ele não faz seu trabalho como os outros. Uma virtude emana dele, a própria virtude de Cristo passando por este membro visível que está tão intimamente incorporado a ele. Ninguém que vive perto dele escapa de sua influência benéfica. A alma deste verdadeiro terciário dominicano ilumina as almas ao seu redor[[119]](#footnote-120). Isto é natural, a propósito. É quando, entre os membros de sua família, no meio do povo de seu bairro, no exercício de sua profissão, um terciário não exerce essa influência, que se escandaliza com ele.

Simplesmente pelo seu comportamento em uma cerimônia religiosa, os terciários podem fazer um bem imenso. Deixem-nos permanecer com grande respeito nas igrejas", diz a Regra, "especialmente na época dos cultos, servindo de exemplo para todos os fiéis" (VII, 35).

Por sua delicada modéstia, por sua evidente pureza, por sua bondade, sua doçura, sua paciência, seu espírito de sacrifício, seu culto ao dever, uma pessoa humilde de nossa Ordem Terceira provará que a verdade está nele, já que produz tais frutos, e sua conduta será um apologético vivo para trazer convicção nas almas tentadas pela dúvida.

Os professores com alma dominicana ensinam apenas matemática ou geografia, mas o fazem com uma preocupação tão religiosa com o dever de Estado, e com um senso de alma de seus alunos, que essas jovens almas se sentem tocadas, comovidas, confiantes, e sua vida espiritual recebe uma impressão inefável.

Os enfermeiros têm uma maneira dominicana de cuidar dos corpos. Seus cuidados caritativos vêm de uma alma que é iluminada pela verdade, e através dos corpos eles buscam almas para comunicar-lhes a luz. A aflição levaria os infelizes a duvidar de Deus e a blasfemar de Sua justiça e bondade: a chegada da irmãzinha, que é a guardiã doentia dos pobres, detém a blasfêmia nos lábios e fortalece a fé em um Deus bom. A doença e a proximidade da morte tornam a vaidade da vida corporal e dos bens terrenos sensíveis ao espírito humano: a irmãzinha chega no momento certo para colocar neste espírito liberado a verdade eterna que transborda de sua própria verdade.

\*

\* \*

Pio II escreveu no ato de canonização de nossa Madre Santa Catarina de Siena: "Ninguém se aproximou dela sem retornar melhor e mais conhecedor.

Santa Catarina de Siena não se contentou em rezar e fazer penitência na privacidade de seu quarto, em cuidar das necessidades e dores materiais da maneira como acabamos de lembrar, ela exerceu o dom que Deus lhe havia concedido em grande parte de ensinar a verdade. Ela era por palavras, por suas cartas, por seus livros, uma Irmã Pregadora em toda a força da palavra. Todo terciário deve ver o que pode fazer neste sentido, como escreveu Nosso Real Padre Geral em uma carta encíclica aos Irmãos e Irmãs da Ordem Terceira: "O terciário não entendeu plenamente sua missão se não se exercitar, na medida do possível, no apostolado; muitas vezes, sem dúvida, esta medida excederá o que ele pensava ser possível no início...".

"Em primeiro lugar, no círculo familiar... Sem se impor, respeitando como deve a liberdade devida a cada alma, ele é capaz de dar a conhecer a vida da Ordem, de ajudar cada um discretamente a estabelecer sua fé, bem como sua piedade sobre os sólidos alicerces que ele abençoa Deus por tê-lo dado, ou no decorrer de uma conversa, ou lendo algumas páginas de um livro que ele fará com que as pessoas queiram perseguir, ou ainda realizando um encontro com um Pai; Quantas crises dolorosas um pai ou uma mãe não evitará ou aliviará por este meio! Eles permitirão que a luz brilhe nas mentes perturbadas pelo vinho fumegante da juventude, bem como pelos sofismas do mundo.

No Congresso Nacional de Bolonha, em 1935, nosso Padre Geral também expressou o desejo de que "o chefe terciário da família restabelecesse o belo hábito de recitar o Terço em comum à noite, e que ele sugerisse a seus amigos e subordinados que fizessem o mesmo". Se no decorrer de uma semana se dissesse apenas um Terço, que apostolado doutrinário seria exercido por esta lembrança e meditação de todos os grandes mistérios de nossa fé! Eis uma "pregação" ao alcance dos mais humildes entre os "Terciários da Ordem dos Pregadores": difundir a prática do Rosário, conquistar almas para a Confraria do Rosário, inscrevê-las no Rosário vivo ou no Rosário perpétuo.

Na paróquia, "cabe a cada um examinar", diz a encíclica, "as obras às quais ele deve dar sua preferência; a menos que haja uma que, sob a ameaça de perecer, exija imperiosamente sua ajuda, os terciários dominicanos devem reservar o melhor de si para aqueles cujo objetivo direto é o apostolado, seja para ensinar catecismo a crianças ou adultos, para fazê-lo a todo um grupo ou a um único catecúmeno em particular: uma alma é, por si só, um grande público, disse o Pe. Lacordaire. Haverá conferências de todos os tipos, ensino, documentação, mais especificamente católica ou de interesse mais geral, com o objetivo de atrair pessoas indiferentes às quais, na mesma sessão, uma palavra mais apostólica será dirigida; e essas pessoas indiferentes não são mais encontradas apenas entre os homens, mas também entre as mulheres.

"Que ninguém aproveite o pretexto de não ser suficientemente instruído nas verdades da religião, ou de não saber como expô-las ou desenvolvê-las, para desculpar sua abstenção: ele as aprenderá e praticará dando conta delas.

O Padre Geral Rme assinala também que nestes mesmos trabalhos pode-se desempenhar um papel mais modesto, mais voltado para si mesmo, e dedicar-se de forma útil a sua administração e organização.

Quem também não pode trabalhar para propagar as publicações de todos os tipos pelas quais nossos Pais procuram espalhar a Verdade por toda parte?

Finalmente, além da paróquia, o mundo inteiro está aberto à nossa ação. "Como possuidores de verdade e caridade, e como certos de que possuímos ambos, temos o direito de fazê-los penetrar onde forem necessários, ou seja, em todos os lugares: na vida pública, na vida social, na vida econômica, na vida internacional.

\*

\* \*

Mas tudo isso pressupõe que a verdade e a caridade estejam em nós, autênticas e ativas. Sua posse é exigida de diferentes maneiras de acordo com as diversas formas de apostolado que acabamos de considerar, mas nenhuma alma dominicana pode ficar sem eles se quiser que sua vida seja frutífera.

Antes de mais nada, a verdade autêntica. É de Deus que nós o temos. Nosso divino Mestre o revelou à humanidade, e ele dá a cada um de nós a fé para apropriar-se de seu conhecimento divino. Esta fé, que está nos olhos de nossa inteligência como um aluno sobrenatural, segundo a palavra de Santa Catarina, nos capacita a acreditar na verdade que Deus vê. Uma alma dominicana deve se apegar mais à sua fé do que ao pupilo de seus olhos de carne. Nossa Ordem teve seus inquisidores com ciúmes da ortodoxia da fé. Vários morreram por isso, Pedro de Verona na liderança, feliz por assinar seu *Credo* Católico com seu sangue. É dentro de nós mesmos que faremos as inquisições necessárias para manter nossa fé sempre pura, apesar deste modernismo ambiental onde tantas heresias estão concentradas hoje em dia. Imitiremos nosso Pai Nosso, cuja vida sempre foi um movimento duplo: ir a Roma, onde reside o infalível depositário da doutrina revelada, e depois, deste centro, irradiar para todas as partes do mundo para semear as sementes de uma doutrina testada. Esta imitação de nosso Pai Nosso Senhor é solicitada expressa e repetidamente por nossa Regra (II, 8 e XI, 41).

Nenhum de nossos terciários, ativistas, e especialmente nossos padres, deveria desconhecer as encíclicas papais que periodicamente recordam as grandes verdades de nossa fé, indicam as preocupações atuais da Igreja e dão à nossa atividade apostólica a direção mais oportuna e eficaz.

Mas o ensinamento que a Igreja propõe a seus fiéis em nome de Deus deve ser o objeto de nosso estudo, se quisermos assimilá-lo o suficiente para poder comunicá-lo a outros. Foi porque São Domingos nunca deixou de estudar e meditar sobre a doutrina cristã, dia e noite, em casa e em suas viagens, que ele estava sempre pronto para pregá-la de forma útil. Quando perguntaram ao Beato Jordão da Saxônia que Regra professou, ele respondeu: "A Regra dos Frades Pregadores, e é nisto que consiste: viver virtuosamente, aprender e ensinar". O grande teólogo Cajetan, que era Mestre Geral de nossa Ordem, chegou ao ponto de dizer que um Irmão Pregador que não se aplicasse para estudar durante quatro horas por dia dificilmente seria desculpado do pecado mortal. Os sacerdotes de nossa Ordem Terceira vão meditar, como nós, sobre estas palavras, que talvez sejam demasiado severas, mas que provocam reflexões salutares. O Pai Dominicano que guiou a Beata Clare Gambacorta nos caminhos da santidade recomendou-lhe "que ninguém jamais a levasse a negligenciar seus estudos". E ele acrescentou esta advertência solene: "Não se esqueça disto: muito poucas pessoas em nossa Ordem se tornaram santos que não fossem ao mesmo tempo estudiosos". O diabo deve se dar conta disso. Foi enquanto Santa Rosa de Lima fazia sua leitura espiritual nas obras de Luís de Granada que ele voou com raiva contra ela, arrancando o livro de suas mãos e tentando destruí-lo. As Vidas dos primeiros Irmãos contam vários incidentes semelhantes, nos quais vemos o diabo buscando, com o belo pretexto da pobreza ou da religião, afastar os Irmãos do estudo.

Nem todos podem levar este estudo tão longe. Entre Santa Rosa meditando sobre Luís de Granada e Cajétan comentando a Suma de São Tomás, há uma margem. Mas a tradução da Suma foi publicada em pequenos volumes portáteis, nos quais os professores de nossa Ordem colocaram à disposição do público instruído, em notas doutrinárias e informações técnicas, a substância assimilável de nossos grandes comentaristas. E para aqueles para quem o próprio Luís de Granada ou nossos mais modernos autores espirituais não seriam utilizáveis, há as palestras dadas na reunião mensal da Fraternidade, onde o Diretor Padre deve visar dar a todos a doutrina necessária para o apostolado, bem como para a santificação individual. Estamos obviamente longe da idéia de que as pessoas venham a esta reunião apenas para fazer algumas costuras para os Padres, para aprender as últimas notícias da Ordem e para recitar algumas orações juntas. Todas as coisas excelentes, sem dúvida, mas não o suficiente.

Se, em nossa Ordem, estamos tão interessados em estudar a verdade, é por caridade, por amor ao nosso Deus, a quem queremos conhecer melhor para contemplá-lo em sua beleza, e por amor às almas a quem queremos torná-lo conhecido para que venham a contemplá-lo conosco na vida eterna. Se é apenas uma questão de nossa contemplação pessoal, é sem dúvida apropriado entrar em maior profundidade em nosso estudo de Deus, mas de pouco adianta nos sobrecarregarmos com conhecimentos adicionais. Almas puramente contemplativas devem evitar a curiosidade intelectual como um excesso que é prejudicial à sua lembrança interior. Mas aqueles que devem exercer um apostolado eficaz, perto de mentes perturbadas pela dúvida, precisarão estender seus estudos, especialmente nos campos apologético, exegético e histórico, "para estar em condições, como São Paulo pediu, de exortar segundo a sã doutrina e refutar aqueles que a contradizem".

Diz-se que São Domingos uma vez quis vender-se como escravo aos mouros a fim de libertar um prisioneiro. Com a mesma caridade, ele se entregou ao estudo da ciência sagrada; e todo dominicano, na medida do possível, se condena a ela perpetuamente para salvar os infelizes que o diabo mantém acorrentados no erro e na ignorância. Esta é a grande angústia, que pode tornar-se eterna para todas estas almas, se não trabalharmos para tirá-las de lá. Antes de toda caridade, queremos dar-lhes caridade para a verdade. Não há mais bela obra de caridade. Em qualquer caso, é nossa vocação dar esta esmola. O estudo, entendido como já dissemos, é o meio de nos enriquecermos a fim de poder dar aos outros. Mas o livro que deve ser estudado primeiro para ter a coragem de estudar os outros sem descanso e para fazer bom uso dele, é o livro da caridade. Meu filho", disse São Domingos, "tenho estudado principalmente no livro de caridade, que ensina tudo.



# ApêndiceAs cores dominicanas

Os terciários têm direito a um hábito preto e branco como os irmãos e irmãs da Grande Ordem. Se forem estabelecidos na vida normal, eles podem usá-lo o tempo todo. Se, vivendo no meio do mundo, eles usam apenas um rudimento deste hábito no pequeno escapulário de lã branca[[120]](#footnote-121), a vestimenta total, no entanto, retém para eles seu valor simbólico que eles devem se esforçar para realizar todos os dias. E é por isso que eles podem ser vestidos após sua morte com o hábito completo da Ordem (III, 12-16).

Alguns terciários gostam tanto destas cores que não as abandonam nem mesmo por vestes seculares. Outros querem ao menos vestir, sobre uma peça de vestuário que se distingue apenas por uma modéstia de bom gosto, a pequena cruz branca e preta que caracteriza nossa Ordem.

A todos vocês, portanto, com diferentes graus de rigor, posso terminar abordando uma espécie de endereço de código de vestimenta, que visa resumir os ensinamentos deste livro, relembrando o significado de nossas cores.

\*

\* \*

Primeiro você está vestido todo de lã branca. Em seguida, além de todo aquele branco, é jogado um grande chapéu preto. Por que isso é feito? Há muitas razões. Thierry d'Apolda já menciona alguns deles em seu livro sobre São Domingos, e o Beato Raymond de Cápua insiste neles com complacência em sua vida de Santa Catarina de Siena.

O branco aparece para todos como o símbolo da inocência. Aos recém batizados, a quem a graça do sacramento purificou completamente, é dada imediatamente uma veste branca, pela qual a Igreja pretende significar que ele ou ela está perfeitamente limpo de toda sujeira. *Accipe vestem candidam.* No passado, os neófitos usavam o traje branco de seu batismo por oito dias, do sábado santo ao domingo *em albis*. Para você, você o guardará até a morte.

Mas ao seu manto branco será acrescentada esta capa preta que a Igreja não dá aos recém batizados. Por que eles colocam isso em você? É porque não é possível passar nesta terra os dezoito anos necessários para iniciar a vida dominicana sem mais ou menos sujar o manto do batismo. O cabo preto simboliza a penitência, sem a qual não se pode recuperar a inocência perfeita. Na esperança de finalmente recuperá-la, você entra na Ordem que São Domingos fundou e da qual a penitência é uma das características.

\*

\* \*

Se, não contente com a profissão de terciário, você um dia fizer aquela profissão religiosa na qual São Tomás, com toda a tradição, reconhece verdadeiramente um segundo batismo, mesmo assim, embora sua alma seja purificada naquele dia de todo pecado e da totalidade das penas devidas ao pecado, você sempre reterá em seu manto branco este manto preto.

Seu vestido branco também indica sua preocupação especial em evitar a mais leve mancha. Aquele que quer fazer um trabalho sujo sem medo não usa branco. A mais leve mancha aparece e ofende o olho.

Qualquer pessoa que valorize a brancura de sua roupa deve, portanto, evitar qualquer contato que possa prejudicá-la. Você conhece a lenda do ermine branco, que aparece nos braços da Bretanha? Conto isso com mais prazer porque o dominicano Albert de Morlaix, em sua história dos santos da Bretanha, afirma que São Domingos é descendente de um senhor bretão, e que a cruz em nosso brasão é composta de quatro cabeças de ermineiros voltadas uma para a outra. Isto é dificilmente credível. Em todo caso, aqui está a bela história do ermine. Durante horas, ele estava fugindo de um caçador. Ao entrar sorrateiramente nos arbustos, ela gradualmente o superou. Mas depois ela chegou à beira de um pântano. Nada poderia ser mais fácil do que atravessá-lo e assim escapar do caçador. Ela teria sujado sua bata branca, sem dúvida. Mas para salvar sua vida! Bem, não! Eu preferia morrer! E o pequeno ermine parou na beira do pântano, onde o caçador logo se juntou a ela e a furou com sua flecha. *Potius mori quam feudari*, em vez de morte em vez de impureza! Este é o lema da Bretanha, e será seu. "Estas vestes brancas de salvação, mantenham-nas puras e imaculadas.

Mas esteja ciente disso, o que o cabo preto, o protetor de sua túnica branca, lhe lembrará constantemente: a preocupação de permanecer puro de toda mancha deve ser acompanhada, para ser sério e verdadeiramente eficaz, por uma preocupação igual com a mortificação. A penitência é necessária, como eu disse, para expiar os pecados passados. A mortificação é indispensável para evitar futuros pecados. A peça de vestuário preta anuncia a morte. São as tendências malignas que tendem a viver sempre de novo em sua alma que devem ser mortificadas sem nunca se cansar.

\*

\* \*

Coragem e confiança! Pois seu hábito ainda representa, especialmente em suas partes brancas, as graças de pureza que a proteção especial da Virgem Maria lhe concederá. Foi ela, em circunstâncias memoráveis, que, sob os olhos do próprio São Domingos, curou o Beato Reginald e lhe mostrou "todo o hábito" que ele devia vestir. O escapulário, que estava faltando até então, tornou-se "a parte principal de nosso hábito como Pregadores". É o penhor do amor materno que a Bem-Aventurada Maria, Mãe de Deus, nos traz do céu, que nos tomou e nos protege sob suas asas. Sob sua sombra você encontrará um doce frescor contra o ardor das paixões, e até o momento de sua morte servirá como escudo e defesa contra os ataques do diabo e os perigos desta vida.

Pensemos naquela proteção todo-poderosa que nosso vestuário evoca constantemente. Não nos deixemos hipnotizar pelos perigos e pela nossa fraqueza. Nossa Mãe celestial está lá, a mulher verdadeiramente forte que teceu para nós este manto de brancura. Ela tornou nossos santos puros entre todos. Você já notou como, no Escritório, gostamos de enfatizar sua virgindade radiante? Este é o presente de Maria.

Lembre-se da história daquela mulher piedosa da Lombardia, mencionada em nossas antigas crônicas. Estava no início da Ordem. O bom devoto viu pela primeira vez dois desses novos religiosos "vestidos com um hábito muito limpo e belo". Ela começou a duvidar de sua virtude. "Ela disse para si mesma: "Eles nunca poderão manter sua pureza! Na noite seguinte, a Virgem apareceu a ela com um rosto austero. Na noite seguinte, a Virgem lhe apareceu com um rosto severo: "Você me ofendeu na pessoa destes religiosos que são meus filhos", disse-lhe ela. Você acha que eu não posso ficar com eles! E, abrindo seu manto, ela lhe mostrou uma multidão de irmãos, entre os quais estavam os dois transeuntes do dia anterior.

Quando você coloca este hábito branco todas as manhãs, diga à Santíssima Virgem com respeito: "*Monstra te esse matrem, fac ut monstrem me esse tuum filium...* Mostre-se minha mãe, e deixe-me mostrar a mim mesmo seu filho. Então beije seu escapulário com uma veneração semelhante àquela com a qual você cercada a santa túnica sem costura que Maria teceu para seu Filho. Você também, como o Santo dos Santos, recebeu esta vestimenta dela.

Mas se você quiser se beneficiar da proteção efetiva de Maria, permaneça humilde, muito humilde. *Humilibus dat gratiam.* É aos humildes que a graça é dada. O Pluvial Negro lembrará repetidamente a indispensável humildade. "Receba este cabo preto, um símbolo da humildade que lhe convém". No dia em que você esquecer que sua pureza é um presente de Maria, no dia em que você tomar o crédito por ela, você logo a perderá. É notável o quanto os Padres da Igreja, que nos deixaram sermões dirigidos às virgens cristãs, insistem nesta virtude da humildade. Se você souber entender a linguagem dos símbolos, seu chapéu preto lhe dirá repetidamente o que Santo Ambrósio e Santo Agostinho uma vez pregaram às virgens cristãs.

\*

\* \*

Nosso hábito tem ainda outro significado, mais especialmente o dominicano. Todo o ideal de nossa Ordem foi resumido na palavra *Veritas* e naquela fórmula perfeita de São Tomás: *contemplari et contemplata aliis tradere*. Como nosso hábito branco representa bem esta verdade clara à qual a Ordem de São Domingos se dedica, a luz da contemplação e o brilho do zelo apostólico! Tem o mesmo significado que aquele esplendor arrebatador que vimos brilhando na testa de nosso Pai Abençoado.

Somente para manter uma fé pura, para possuir um profundo conhecimento da verdade, para aplicar amorosamente o olhar da contemplação, para poder difundir o brilho da verdade e o brilho da boa edificação em torno de si mesmo, há condições a serem cumpridas, que o cabo preto simboliza. Enquanto o branco é a mais radiante de todas as cores, o preto é a mais absorvente de todas. Nosso espírito deve primeiro absorver a luz que lhe vem de Deus, o autor da revelação, da Igreja que nos propõe em seu nome, de nossos professores que nos explicam isso. Todas as nossas faculdades devem se absorver em oração, estudo e meditação, ruminando e assimilando a verdade. E para ter sucesso nisso, devemos evitar toda dissipação, conter nossa sensibilidade e saber como nos recolher. Sempre o símbolo do chapéu preto.

Você sabe aquele belo quadro onde Fra Angelico pintou São Domingos como um jovem maravilhoso, sentado com um livro em seu colo. Ele está drapeado em sua pega preta. Seu queixo descansando levemente sobre sua mão direita, ele está lendo, meditando, contemplando; seu rosto se ilumina, uma auréola brilha ao redor de seu rosto, a estrela brilha acima de sua testa. Será bem diferente quando ele se levantar para falar de Deus às almas. Seus braços se estenderão em um gesto generoso, revelando a todos a brancura de sua túnica, agora em grande parte escondida sob a túnica negra. Depois de absorver a luz, ele a espalhará ao seu redor.

Cada uma de nós, mesmo as Irmãs Pregadoras, devemos imitar nosso Pai, espalhando luz ao nosso redor com nossas palavras ou nossos exemplos, e nos preparando para isso em memória e com as austeridades necessárias.

\*

\* \*

Uma última característica deste rico simbolismo que estou tentando explicar. As peças de vestuário brancas significam alegria. É assim aqui embaixo, e assim, ao que parece, acima. Nosso Senhor, no dia de sua Transfiguração, desejando dar a seus discípulos uma idéia de sua glória e bem-aventurança eterna, mostrou-se revestido de uma veste de brancura brilhante. Nenhum mais completo poderia fazer o mesmo. A neve em si não é mais branca. Depois de Nosso Senhor, no céu, caminhai personagens vestidos de branco que São João viu e nos descreve em seu Apocalipse. Quem são eles e de onde vêm? No início da festa de todos os nossos santos, nossa liturgia toma emprestada esta pergunta de São João: "*Hi qui amicti sunt stolis albis, qui sunt et unde venerunt?* Todos aqueles que hoje celebramos na brancura de suas roupas, quem são eles e de onde vêm"? A resposta é clara. Não há necessidade de expressar isso. Estes são os que uma vez receberam a veste branca de São Domingos, o símbolo aqui embaixo da alegria eterna.

Não tiveram eles uma antecipação desta alegria do céu na terra, na caridade que as santas observâncias de sua Ordem facilitaram, na contemplação da beleza divina em que sua caridade floresceu à vontade, e na certeza que esta contemplação estabeleceu para eles que seu Deus amado era infinitamente perfeito e que tudo, em última análise, foi realizado de acordo com Seu bom prazer? Foi aqui que o coração de nosso Pai Nosso Fundador despertou a alegria que iluminou seu rosto, segundo o Beato Jordão. A Irmã Cecília notou que ele sempre parecia alegre e sorridente. Santa Catarina de Siena nos assegura que "sua religião é toda alegria; é um jardim de delícias". Aos noviços que ele tinha acabado de apresentar a esta religião e que estavam rindo durante o Compline, Jordan da Saxônia disse: "Riam, riam, meus queridos", e ele repreendeu um irmão mais velho que não podia suportar o riso destes jovens.

Cuidado, porém, que nossa alegria dominicana deve ser velada pela melancolia, já que nossa túnica branca está coberta com a capa preta.

Se a Irmã Cecília, cuja vida santa consolou seu abençoado Pai, o encontrou, quando ele veio ao convento, para ter um rosto normalmente cheio de alegria, ela mesma acrescenta, "exceto quando ele ficou comovido por alguma aflição de seu próximo". Isso aconteceu com freqüência, e ainda mais porque a alma de nosso Pai apreciou o valor dos vários tipos de aflições e sentiu as misérias espirituais com mais intensidade do que qualquer outro. Os defeitos persistentes de suas próprias filhas religiosas o crucificaram, nos dizem. Quando ele viu de longe os telhados lotados de uma cidade, o pensamento das misérias dos homens e seus pecados o mergulharam em reflexos tristes que escureceram seu rosto. À noite, ele chorava alto sobre os pecados da raça humana.

Santa Catarina também sofreu com a miséria do mundo. Ela acreditava ser a causa de todos esses males e terminou suas orações dizendo: "Eu pequei, Senhor, tenha piedade de mim! Ela exortou seus discípulos a terem esse conhecimento de si mesmos e de sua miséria, pedindo apenas que não o separassem do conhecimento das misericórdias divinas. Sobre lágrimas ela compôs todo um tratado, e foi dito que "seus filhos espirituais foram criados em uma escola de lágrimas; tristeza, mas tristeza cristã, é como a marca familiar daqueles que foram os filhos de seus votos e orações[[121]](#footnote-122)".

Se o Beato Jordão da Saxônia aprovou os noviços risonhos, foi dando-lhes a seguinte razão: "Vocês têm boas razões para se expandirem em alegria, pois aqui vocês são libertados da servidão do diabo que os prendeu em suas correntes por tantos anos. E Gérard de Frachet termina este pequeno relato dizendo: "As almas dos noviços ficaram muito consoladas com estas palavras, mas aconteceu que a partir daquele momento todo riso inoportuno se tornou impossível para eles.

Em uma palavra, o Beato Jordão os tinha estabelecido na verdade. E esta verdade, que coloca alegria em nossos corações, tempera-a com compunção. Tendo sido libertados do diabo, ainda temos a memória de ter estado em suas mãos; ainda há a possibilidade de cair de novo nela, e sabemos, infelizmente, que um número incalculável de nossos irmãos ainda permanece lá. Estamos alegremente unidos a Deus, mas nas sombras da fé. Não o vemos, não o conhecemos bem, participamos apenas de forma imperfeita de sua felicidade. Nossa alegria é acima de tudo uma alegria de esperança, como diz São Paulo, *spe gaudentes*.

*Suspiramus, gementes et flentes em hac lacrymarum valle.* Estas palavras que cantamos todas as noites não podem ser palavras vazias. Suspirando após o fim de nosso exílio, ansiamos por aquela pátria celestial, onde a Virgem Maria, tão misericordiosa, tão boa, tão gentil, nos concederá ver seu Filho, nosso Deus.

Há apenas uma tristeza", foi dito, "e que é o fato de não sermos santos". Sim, há apenas um motivo válido para ficar triste. Mas como ela se impõe! Tristeza por ainda não ser um santo beatificado no céu; tristeza, para melhor, por ser tão pouco santificado na terra; tristeza para muitos, por não ser santificado em absoluto. "Santa Maria, Mãe de Deus, rogai por nós, pobres pecadores, agora e na hora decisiva de nossa morte". Oh, que direito temos de repetir esta oração cento e cinqüenta vezes ao dia!

E como é apropriado aqui embaixo véu em preto a roupa branca que nos cobre internamente! Em alguns países, os dominicanos são chamados de "os Padres Negros".

Mas chegará o dia, esperamos, em que a alegria reinará plenamente, e "caminharemos com Jesus Cristo, vestidos de branco, no reino celestial". Desejo esta alegria perfeita para todos vocês, assim como para mim, queridos irmãos e irmãs que, como eu, usam o hábito preto e branco de São Domingos.

\*

\* \*

# Tabela de conteúdo

[Prefácio7](#__RefHeading___Toc272754852)

[Prefácio17](#__RefHeading___Toc272754853)

[Regra dos Irmãos e Irmãs da Terceira Ordem Secular de São Domingos17](#__RefHeading___Toc272754854)

[I- Natureza e objetivo da Terceira Ordem17](#__RefHeading___Toc272754855)

[II- Recepção terciária e requisitos18](#__RefHeading___Toc272754856)

[III- Hábito dos Irmãos e Irmãs19](#__RefHeading___Toc272754857)

[IV- Modo de recepção na Terceira Ordem e bênção do hábito20](#__RefHeading___Toc272754858)

[V- Noviciado e Profissão20](#__RefHeading___Toc272754859)

[VI- Recitação do Escritório21](#__RefHeading___Toc272754860)

[VII- Confissão, comunhão e outros exercícios de piedade22](#__RefHeading___Toc272754861)

[VIII- Jejum22](#__RefHeading___Toc272754862)

[IX- Que se evite sair e os prazeres do mundo23](#__RefHeading___Toc272754863)

[X- Respeito devido aos prelados e eclesiásticos23](#__RefHeading___Toc272754864)

[XI- Obras do Apostolado e da Caridade23](#__RefHeading___Toc272754865)

[XII- Visitar e ajudar os doentes24](#__RefHeading___Toc272754866)

[XIII- Morte dos irmãos e sufrágios24](#__RefHeading___Toc272754867)

[XIV- Governo da Terceira Ordem24](#__RefHeading___Toc272754868)

[XV- Dignitários da Fraternidade25](#__RefHeading___Toc272754869)

[XVI - Gabinete do Prior e outros dignitários da Fraternidade26](#__RefHeading___Toc272754870)

[XVII- Reunião dos Irmãos27](#__RefHeading___Toc272754871)

[XVIII- Correção dos Irmãos27](#__RefHeading___Toc272754872)

[XIX- Isenções27](#__RefHeading___Toc272754873)

[XX- Obrigação desta Regra28](#__RefHeading___Toc272754874)

[Decreto29](#__RefHeading___Toc272754875)

[Capítulo I: A Terceira Ordem30](#__RefHeading___Toc272754876)

[Artigo I: A finalidade da Terceira Ordem30](#__RefHeading___Toc272754877)

[I- É para levar à perfeição30](#__RefHeading___Toc272754878)

[II- Onde está a perfeição?33](#__RefHeading___Toc272754879)

[III- O dever de realizar a caridade perfeita36](#__RefHeading___Toc272754880)

[Artigo II: A profissão terciária40](#__RefHeading___Toc272754881)

[I- É uma verdadeira profissão40](#__RefHeading___Toc272754882)

[II- A obrigação contratada42](#__RefHeading___Toc272754883)

[III- Riscos e recompensas espirituais45](#__RefHeading___Toc272754884)

[Artigo III: Um estado religioso48](#__RefHeading___Toc272754885)

[I- O caráter sacramental e a virtude da religião49](#__RefHeading___Toc272754886)

[II- A virtude da religião e as virtudes teologais52](#__RefHeading___Toc272754887)

[III- A virtude da religião e as virtudes morais no estado religioso56](#__RefHeading___Toc272754888)

[Capítulo II: Nossa família religiosa61](#__RefHeading___Toc272754889)

[Artigo I: Uma verdadeira família61](#__RefHeading___Toc272754890)

[I- A Ordem de São Domingos61](#__RefHeading___Toc272754891)

[II- Solidariedade dominicana65](#__RefHeading___Toc272754892)

[III- A vida na Fraternidade71](#__RefHeading___Toc272754893)

[Artigo II: A adoração de nosso Patriarca74](#__RefHeading___Toc272754894)

[I- St. Dominic, por sua grandeza, merece o respeito de todos75](#__RefHeading___Toc272754895)

[II- São Domingos, nosso legislador, tem direito a nossa submissão78](#__RefHeading___Toc272754896)

[III- São Domingos, nosso Pai, exige de nós a piedade filial82](#__RefHeading___Toc272754897)

[Artigo III: O Espírito de São Domingos87](#__RefHeading___Toc272754898)

[I- Qual é o espírito de uma Ordem religiosa87](#__RefHeading___Toc272754899)

[II- Onde encontrar o verdadeiro espírito de nossa Ordem?90](#__RefHeading___Toc272754900)

[III- O que é o espírito dominicano?](#__RefHeading___Toc272754901)

[Capítulo III: As altas fontes de nossa vida98](#__RefHeading___Toc272754902)

[Artigo I: A Virgem Maria, santa padroeira dos Pregadores98](#__RefHeading___Toc272754903)

[I- A intervenção de Mary em favor de nossa Ordem100](#__RefHeading___Toc272754904)

[II- A devoção de nossa Ordem a Maria104](#__RefHeading___Toc272754905)

[Artigo II: O Salvador Jesus, nossa cabeça que dá a vida111](#__RefHeading___Toc272754906)

[I- Nosso Senhor em sua realidade histórica112](#__RefHeading___Toc272754907)

[II- Nosso Senhor em sua realidade mística117](#__RefHeading___Toc272754908)

[III- Nosso Senhor em sua realidade eucarística121](#__RefHeading___Toc272754909)

[Artigo III: A Santíssima Trindade127](#__RefHeading___Toc272754910)

[Capítulo IV: Nosso Escritório Canônico133](#__RefHeading___Toc272754911)

[Artigo I: A Liturgia Dominicana133](#__RefHeading___Toc272754912)

[Artigo II: A missa e o escritório137](#__RefHeading___Toc272754913)

[I- O Santo Sacrifício137](#__RefHeading___Toc272754914)

[II- O Escritório da Missa143](#__RefHeading___Toc272754915)

[III- Excelência de nosso Escritório147](#__RefHeading___Toc272754916)

[Artigo III: A continuação do Horário153](#__RefHeading___Toc272754917)

[I-Escritório Noturno153](#__RefHeading___Toc272754918)

[II- Lauds da Manhã158](#__RefHeading___Toc272754919)

[III- As Pequenas Horas do Dia163](#__RefHeading___Toc272754920)

[IV- Louvor Vesperal167](#__RefHeading___Toc272754921)

[V- Conformidade171](#__RefHeading___Toc272754922)

[Artigo IV: Oração por nossos defuntos175](#__RefHeading___Toc272754923)

[Capítulo V- Oração dominicana182](#__RefHeading___Toc272754924)

[Artigo I: A tradição de nossa Ordem182](#__RefHeading___Toc272754925)

[Artigo II: Os fundamentos de nossa oração187](#__RefHeading___Toc272754926)

[I- Um fundo doutrinário187](#__RefHeading___Toc272754927)

[II- Inspirações litúrgicas191](#__RefHeading___Toc272754928)

[Artigo III: As diversas formas de oração dominicana196](#__RefHeading___Toc272754929)

[I- Orações secretas196](#__RefHeading___Toc272754930)

[II- As Santas Meditações200](#__RefHeading___Toc272754931)

[III- Meditação religiosa204](#__RefHeading___Toc272754932)

[IV- Meditação contemplativa207](#__RefHeading___Toc272754933)

[V- Contemplação mística211](#__RefHeading___Toc272754934)

[VI- As orações jaculatórias214](#__RefHeading___Toc272754935)

[VII- O Santo Rosário, um método de oração219](#__RefHeading___Toc272754936)

[Artigo IV: Rumo à perfeita contemplação223](#__RefHeading___Toc272754937)

[Capítulo VI: Toda a Vida em Verdade228](#__RefHeading___Toc272754938)

[Artigo I: A verdade da vida228](#__RefHeading___Toc272754939)

[I- O grande papel da virtude da prudência228](#__RefHeading___Toc272754940)

[II- Sob a orientação da Providência232](#__RefHeading___Toc272754941)

[III- São Domingos abandonados à Providência236](#__RefHeading___Toc272754942)

[IV- A prudência ativa de São Domingos239](#__RefHeading___Toc272754943)

[Artigo II: A austeridade da vida242](#__RefHeading___Toc272754944)

[I- Afinidades de graça e a cruz243](#__RefHeading___Toc272754945)

[II- Os motivos para a mortificação246](#__RefHeading___Toc272754946)

[III- A prática da penitência252](#__RefHeading___Toc272754947)

[Artigo III: A fecundidade da vida257](#__RefHeading___Toc272754948)

[I- Trabalhos múltiplos257](#__RefHeading___Toc272754949)

[II- Uma única mentalidade264](#__RefHeading___Toc272754950)

[Apêndice Cores dominicanas274](#__RefHeading___Toc272754951)

1. Rme P. M.-S. Gillet, Saint Dominique (Les grands cœurs), pp. 11-12, Flammarion, 1942. [↑](#footnote-ref-2)
2. Ibid, p. 37. [↑](#footnote-ref-3)
3. Ch. v, in t. IX of the Œuvres du R. P. H.-D. Lacordaire, Poussielgue, 1872, p. 152. [↑](#footnote-ref-4)
4. R. Bernard, Année Dominicaine, 1937, p. 116. [↑](#footnote-ref-5)
5. Ibid. [↑](#footnote-ref-6)
6. Ir. Paul Jamot, T.O.P., em *L'Année Dominicaine*, junho de 1932, p. 175. [↑](#footnote-ref-7)
7. Texto da Regra de 1923. (Nota do editor). [↑](#footnote-ref-8)
8. Diálogo, cap. 158 (trans. Hurtaud, vol. II, pp. 269-270). [↑](#footnote-ref-9)
9. Cf. M.-C. de Ganay, Les Bienheureuses Dominicaines. Vocês encontrarão os traços que citarei, seja nesta obra, seja no grande Ano Dominicano, republicado por nossos Padres da Província de Lyon e que contém em doze fortes volumes, correspondentes a cada mês do ano, avisos sobre todos os santos, pessoas abençoadas e veneráveis que ilustraram nossa Ordem do século XIII ao século XVIII. Não confundir com a revisão mensal que aparece com o mesmo nome em Paris e à qual também me referirei. [↑](#footnote-ref-10)
10. S. Thomas, De perfectione spirituali, cap. 1. [↑](#footnote-ref-11)
11. I Coríntios, XIII, 2. [↑](#footnote-ref-12)
12. I Joan, IV, 16. [↑](#footnote-ref-13)
13. I Cor, XIII, 4-7. [↑](#footnote-ref-14)
14. Col, III, 14. [↑](#footnote-ref-15)
15. S. Thomas, IIa IIæ, q. 184, a. 1, sed contra. [↑](#footnote-ref-16)
16. S. Thomas, Ia IIæ, q. 186, a. 2, ad 2. [↑](#footnote-ref-17)
17. Humbert de Romans, Ópera, ed. Berthier, vol. II, p. 46. [↑](#footnote-ref-18)
18. IIa IIæ, q. 186, a. 9. [↑](#footnote-ref-19)
19. Em IIam IIæ, q. 186, a. 9, § VI. - Cf. I.-M. Tonneau, O. P., L'obligation "ad pœnam" des constitutions dominicaines, in Revue des Sciences philosophiques et théologiques, fevereiro de 1935. [↑](#footnote-ref-20)
20. Thomas, IIa IIæ, q. 105, a. 1. [↑](#footnote-ref-21)
21. IIa IIæ, q. 186, a. 10. [↑](#footnote-ref-22)
22. IIa IIæ, q. 88, a. 6; q. 189, a. 2. [↑](#footnote-ref-23)
23. IIa IIæ, q. 104, a. 4. [↑](#footnote-ref-24)
24. Cf. Summa Theologica, IIIa, q. 63. [↑](#footnote-ref-25)
25. Prov, III, 6; Sl XV, 8; Gen, XXVIII, 16. [↑](#footnote-ref-26)
26. Summa Theologica, IIa IIæ, q. 81, a. 1, ad 5. [↑](#footnote-ref-27)
27. IIa IIæ, q. 186, a. 1. [↑](#footnote-ref-28)
28. Ver Littré, Dictionnaire de la langue française. [↑](#footnote-ref-29)
29. IIa IIæ, q. 81, a. 1, ad 1. [↑](#footnote-ref-30)
30. Ver em particular o Capítulo IX da Regra da Terceira Ordem. [↑](#footnote-ref-31)
31. IIa IIæ, q. 81, a. 8, c. e ad 1. [↑](#footnote-ref-32)
32. Jac, I, 26-27. [↑](#footnote-ref-33)
33. IIa IIæ, q. 81, a. 8, corp. e ad 1. [↑](#footnote-ref-34)
34. Summa Theologica, IIa IIæ, q. 188, a. 8. [↑](#footnote-ref-35)
35. Nossos terciários, especialmente se vivem isolados, encontrarão em certas revistas dominicanas um vínculo com sua família religiosa. Cada província francesa tem sua própria revista mensal onde podem ler artigos de piedade ou história, conselhos úteis e notícias sobre a Ordem. A L'Année Dominicaine foi fundada em Paris em 1859. Toulouse publica La vie dominicaine desde 1935, e Lyon tem sua Courrier dominicain. [↑](#footnote-ref-36)
36. T. Vayssière, Carta à Província de Toulouse por ocasião do sétimo centenário da canonização de São Domingos, 1935. [↑](#footnote-ref-37)
37. R. P. Couturier, em L'Année Dominicaine de julho de 1934, p. 206. [↑](#footnote-ref-38)
38. IIa IIæ, q. 188, a. 6. [↑](#footnote-ref-39)
39. Estas são as justas palavras do RR. PP. Rousselot e Huby, S. J., em Christus, p. 1133. [↑](#footnote-ref-40)
40. Dante, Paraíso, XII, 61. [↑](#footnote-ref-41)
41. Humbert, Ópera, vol. II, p. 29. [↑](#footnote-ref-42)
42. "Mens humana debet semper moveri ad cognoscendum de Deo plus et plus secundum suum modum" (De Trinitate, q. 2, a. 1, ad. 7). [↑](#footnote-ref-43)
43. Les Frères Prêcheurs, Letouzey, p. 103. [↑](#footnote-ref-44)
44. R. P. Petitot, Vie de saint Dominique, p. 381. [↑](#footnote-ref-45)
45. Humbert de Romans, Ópera, vol. II, pp. 72-74. [↑](#footnote-ref-46)
46. Ibid, p. 71. [↑](#footnote-ref-47)
47. Leão XIII, Encíclica de 12 de setembro de 1897, em nossa coleção, The Rosary of Mary, p. 181. [↑](#footnote-ref-48)
48. R. P. M.-L. Dumeste, Le Père Lagrange et l'École biblique et archéologique de Jérusalem, in La Vie Dominicaine, Saint-Maximin, 1935, p. 124. [↑](#footnote-ref-49)
49. Ibid, p. 218. [↑](#footnote-ref-50)
50. Thierry of Apolda, Book on the Life and Death of St. Dominic, Parte 8, cap. 24. [↑](#footnote-ref-51)
51. Les Filles de Saint-Thomas, Paris, 1927, pp. 157, 160. [↑](#footnote-ref-52)
52. Ibid, p. 217. [↑](#footnote-ref-53)
53. P. Clérissac, L'esprit de saint Dominique, p. 175. [↑](#footnote-ref-54)
54. Rogatien Bernard, Our Bond with Jesus Christ, em L'Année Dominicaine,  
    fevereiro de 1932, pp. 47-48 [↑](#footnote-ref-55)
55. Citado pelo Padre Mersch, Le Corps mystique du Christ, vol. II, p. 160. [↑](#footnote-ref-56)
56. Ibid, pp. 161-162. [↑](#footnote-ref-57)
57. "A Paixão de Cristo causa a remissão dos pecados por meio da redenção". A Paixão que ele suportou por caridade e obediência é como um prêmio: pois por ela, como ele é nossa cabeça, ele nos redimiu, seus membros, de nossos pecados; assim como um homem, por um trabalho meritório feito com suas mãos, se redimiria de um pecado que cometeu com seus pés. Pois assim como um corpo natural é um todo composto por uma diversidade de membros, assim também toda a Igreja, que é o corpo místico de Cristo, é uma pessoa com sua cabeça, que é Cristo" (IIIa, q. 49, a. 1). [↑](#footnote-ref-58)
58. Estas reflexões são desenvolvidas em nosso trabalho, Par Jésus-Christ Notre-Seigneur (Desclée de Brouwer), livro III, capítulo 2. [↑](#footnote-ref-59)
59. Gostaria de me referir novamente a um trabalho que publiquei sob o título: Aux sources de l'eau vive (Desclée de Brouwer). Nele você encontrará desenvolvidas as idéias que estou apenas esboçando aqui sobre os sacramentos da penitência e da Eucaristia. [↑](#footnote-ref-60)
60. Eucharistia, por Bloud e Gay, 1934, p. 253. [↑](#footnote-ref-61)
61. IIIa, q. 80, a. 10. [↑](#footnote-ref-62)
62. Vernet, em Eucaristia, pp. 257-262. [↑](#footnote-ref-63)
63. R. P. Bernadot, Da Eucaristia à Trindade. [↑](#footnote-ref-64)
64. Cardeal Mercier, The Interior Life, p. 309. [↑](#footnote-ref-65)
65. Santa Teresa, Vida por ela mesma, cap. XVIII, fim. [↑](#footnote-ref-66)
66. R. P. Mandonnet, Les Frères Prêcheurs et le premier siècle de leur histoire, 1918, 12ª lição. [↑](#footnote-ref-67)
67. R. P. Lavocat, em Liturgia, Bloud et Gay, p. 862. A bibliografia do assunto é dada ali. [↑](#footnote-ref-68)
68. Padre Molien, do Oratório, em Liturgia, p. 591. [↑](#footnote-ref-69)
69. R. P. Petitot, Vie de saint Dominique, p. 461. [↑](#footnote-ref-70)
70. Le Petit Office de la Sainte Vierge, de Fr Lavocat, em L'Année Dominicaine, maio de 1933. [↑](#footnote-ref-71)
71. Olier, The Christian Day, Parte 1. [↑](#footnote-ref-72)
72. No apêndice do livro de G. Lorber, Les Filles de la Croix, p. 234. [↑](#footnote-ref-73)
73. IIa IIæ, q. 83, a. 13. [↑](#footnote-ref-74)
74. Estou apenas resumindo os comentários do Padre Hugueny em seus Salmos e Cânticos do Ofício da Santíssima Virgem. [↑](#footnote-ref-75)
75. St. John Chrysostom, Hom. XIV em I Tim. 4 (PG, vol. 52, col. 575-577). [↑](#footnote-ref-76)
76. Humbert de Romans, Ópera (ed. Berthier), vol. II, p. 258. [↑](#footnote-ref-77)
77. O Pe. Barge deu-o como apêndice ao seu Cantus O. P. [↑](#footnote-ref-78)
78. A este respeito, não esqueçamos que "todas as missas celebradas por irmãos e irmãs falecidos são privilegiadas sempre e em toda parte" (Analecta S. O. P., Januar. 1923). [↑](#footnote-ref-79)
79. Carta à Proba, cap. 9. [↑](#footnote-ref-80)
80. IIa IIæ, q. 80, a. 12. [↑](#footnote-ref-81)
81. Humbert, Ópera, vol. 11, pp. 86, 91. [↑](#footnote-ref-82)
82. Ibid, p. 248. [↑](#footnote-ref-83)
83. Santo Agostinho, Confissões, l. IX, c. 6. [↑](#footnote-ref-84)
84. Humbert de Romans, Ópera, vol. II, pp. 91-93. [↑](#footnote-ref-85)
85. IIa IIæ, q. 80. [↑](#footnote-ref-86)
86. L. de Grenade, Le Mémorial, trans. Bareille, p. 178. [↑](#footnote-ref-87)
87. Humbert, Ópera, vol. II, p. 231. [↑](#footnote-ref-88)
88. O significado que permanece em "oração dominical", "orações litúrgicas". [↑](#footnote-ref-89)
89. IIa IIæ, q. 180, a. 2. [↑](#footnote-ref-90)
90. Cajetan, em IIam IIæ, q. 182, a. 1, § VII. [↑](#footnote-ref-91)
91. De Veritate, q. 14, a. 4. [↑](#footnote-ref-92)
92. IIa IIæ, q. 82, a. 3. [↑](#footnote-ref-93)
93. IV Sentença, d. 15, q. 4, a. 1, qla 2, ad 1. [↑](#footnote-ref-94)
94. IIa IIæ, q. 180, a. 3. [↑](#footnote-ref-95)
95. IIa IIæ, q. 189, a. 8, ad 2. [↑](#footnote-ref-96)
96. IIa IIæ, q. 180, a. 3, ad 4. [↑](#footnote-ref-97)
97. Estas páginas são apenas um resumo de nosso livro intitulado: Mystical Contemplation after St Thomas Aquinas (Contemplação Mística depois de São Tomás de Aquino). [↑](#footnote-ref-98)
98. IIa IIæ, q. 83, a. 14, com citações de Santo Agostinho. [↑](#footnote-ref-99)
99. Ver Ano Dominicano, maio, p. 866. [↑](#footnote-ref-100)
100. As Filhas de São Tomás, p. 165. [↑](#footnote-ref-101)
101. Sobre a oração, 2ª parte, cap. II, § V. [↑](#footnote-ref-102)
102. Muitas almas o seguiram em nossa Ordem. Ver, por exemplo, L'Année Dominicaine, janeiro, pp. 36, 40-41, 45; fevereiro, pp. 288-291, etc. [↑](#footnote-ref-103)
103. Bremond, Histoire littéraire du sentiment religieux, vol. VI, p. 417. [↑](#footnote-ref-104)
104. IIa IIæ, q. 182, a. 2. [↑](#footnote-ref-105)
105. 1 Joan, IV, 20-21; cf. III, 17. [↑](#footnote-ref-106)
106. 1 Cor. xiii, 3. [↑](#footnote-ref-107)
107. Ia IIæ, q. 182, a. 2. [↑](#footnote-ref-108)
108. Phil, III, 16; Ef, IV, 15; II Joan, 4; III Joan, 4. [↑](#footnote-ref-109)
109. IIa IIæ, q. 188, a. 6, ad 3; III Gent, c. 133 vel 134. [↑](#footnote-ref-110)
110. Cf. P. Gardeil, La vraie vie chrétienne, Le gouvernement personnel et supernaturel de  
     soi-même. [↑](#footnote-ref-111)
111. P. Piny é um excelente professor para estabelecer nossa alma no santo abandono. Todos os seus trabalhos tendem para este objetivo. [↑](#footnote-ref-112)
112. A venerável Madre Anne Raviot, do mosteiro de Sainte-Catherine-de-Sienne em Dijon (1604-1677). [↑](#footnote-ref-113)
113. O Abade H. Bremond revelou a sublimidade de Chardon ao público em geral no Volume VIII de sua Histoire littéraire du sentiment religieux en France, e o Padre Florand estudou esta doutrina à luz dos ensinamentos de São Tomás (La Vie Spirituelle, 1935 e Introduction à l'édition nouvelle de La Croix de Jésus, publicado por Éditions du Cerf). [↑](#footnote-ref-114)
114. Em Rom, VI, 4-5; IV Gent, LXXI; IIIa, q. 69, a. 3; IV Gen, LV; IIIa, q. 49, a. 3, ad 3. [↑](#footnote-ref-115)
115. Cf. R. P. Alix, Manuel du Tiers-Ordre, p. 153, e Année Dominicaine, abril, na festa dos Estigmas de Santa Catarina de Siena. [↑](#footnote-ref-116)
116. Sabemos que São Domingos se açoitava três vezes por noite até sangrar, segundo o testemunho do irmão João da Espanha no processo de canonização. [↑](#footnote-ref-117)
117. Cf. as cartas de Blessed Jourdain, editadas por M. Aron, e o estudo que o Pe. Lemonnyer lhes dedicou em L'Année Dominicaine, junho de 1926. [↑](#footnote-ref-118)
118. Veja, sob este título, uma obra de R. Zeller, publicada por Letouzey, e Les Dominicaines, de M.-M. Davy, publicada por Grasset. [↑](#footnote-ref-119)
119. "Falaram-me de um caso recente de uma jovem de vinte anos, uma terciária e um membro do YCW, que, torturada por uma terrível doença da medula espinhal, deitada em seu leito de hospital o dia todo, estava fazendo o mais frutífero apostolado. Sem sequer falar, sem ensinar a verdade em palavras, simplesmente por estar ali, toda santa, abandonada a Deus, radiante em seu sofrimento, pregando a verdade crucificada, ela foi uma pregadora de nossa Ordem - como foi também, antes dela, aquela bendita mulher que celebramos no dia 28 de maio, a doce, adorável e triste Marie-Barthélémie Bagnesi. E assim como o funeral da bendita dominicana foi um triunfo, reunindo toda a cidade de Florença, quase provocando um tumulto porque todos queriam se aproximar de seu corpo santificado, assim este pequeno terciário dos subúrbios de Paris fez com que uma grande multidão de almas afluíssem a seu funeral, as de suas irmãs e irmãos dominicanos, de suas irmãs e irmãos YCW, e todas elas, com um único impulso, subitamente entoaram o Magnificat na igreja. (P. B., O Ano Dominicano, maio de 1936, p. 164) [↑](#footnote-ref-120)
120. A indulgência plenária é concedida àqueles que morrem com o hábito, ou pelo menos com o escapulário, quer estejam usando-o ou simplesmente o tenham na cama. [↑](#footnote-ref-121)
121. The Dominican Year, fevereiro, p. 776. [↑](#footnote-ref-122)